CARDIAL ALEXIS HENRI M. LÉPICIER, O. S. M.

O MUNDO INVISIVEL

UMA EXPOSIÇÃO DA TEOLOGIA CATÓLICA PERANTE O ESPÍRITO CONTEMPORÂNEO

Não deixeis que haja entre vós quem procure saber a verdade por intermédio dos mortos.

Deut. XVIII, 10-11.



1937

LIVRARIA TAVARES MARTINS - PORTO

O original desta obra intitula-se

THE UNSEEN WORLD

Tradução portuguesa de

EDUARDO PINHEIRO

1.ª edição: 1940

2.ª edição: 1945

3.ª edição: 1957

SUMARIO

3.ª PARTE

OS FENÓMENOS ESPÍRITAS

4.ª PARTE

HIPNOTISMO E TELEPATIA

NOTA — No fim do volume encontra-se uma sinopse cómpleta do conteúdo desta obra.

CARTA DE APROVAÇÃO
do Papa Benedito XV

Ao nosso amado filho
Alexis Marie Lépicier
da Ordem dos Servos de Maria.

BENEDITO XV, PAPA.

Amado filho, saúde e bênção apostólica:

Se o ardor da vida cristã vai evidentemente esfriando entre as nações; se as leis da justiça são tão amiudadas vezes violadas, não só na sociedade, mas até no próprio seio da família; se os homens correm àvidamente atrás dos bens terrenos — a ponto de muitas vezes se apoderarem deles indevidamente — é manifesto que tal estado de coisas não pode ser atribuído senão ao esquecimento em que a humanidade se encontra da recompensa eterna que todos deviam procurar alcançar, e do eterno castigo do Supremo Juiz, que igualmente todos deviam procurar evitar.

E, desde que o abandono ou desprezo da nossa Santa Religião induz ordinàriamente os homens às mais vãs superstições, não será difícil calcular quanto é grande o número daqueles que, irreflectidamente, são arrastados pelas teorias do espiritismo, deixando-se assim incautamente enganar pelo demónio.

É por esta razão que os livros por vós publicados recentemente são eminentemente oportunos.

Num deles tratais pormenorizadamente, de acordo com os princípios e métodos escolásticos, da doutrina católica sobre os «Quatro Novíssimos do Homem» (1), *fornecendo assim aos oradores sagrados amplo e apropriado material para que eles possam tocar os corações dos fiéis.*

Noutra obra tratais do «Espiritismo», examinando cuidadosamente, à luz da Teologia, tudo quanto diz respeito a este assunto.

No presente trabalho definis, com extrema clareza, e de harmonia com os princípios da fé, a condição e acções da alma, depois que se liberta dos laços da carne, e mostrais as fraudes do inimigo do género humano, que tão prejudiciais são, nos nossos dias, para a salvação de muitos homens.

Estes dois livros, juntamente com outras obras, por meio das quais tendes constantemente procurado defender a fé e avivar a piedade dos fiéis, são na verdade para nós motivo de grande regozijo. E o nosso prazer é ainda maior pelo facto de que, como é vosso hábito, tomais por guia e mestre a S. Tomás de Aquino.

Por este motivo gostosamente vos outorgamos os bem merecidos louvores a que esta dupla manifestação do vosso saber, zelo e piedade vos dará direito. E, para que do vosso trabalho possa resultar aquela abundância de frutos salutares que tanto é para desejar, e como penhor das graças celestes e sinal da nossa paternal benevolência para convosco, Nosso Amado Filho, afectuosamente vos concedemos a Bênção Apostólica.

Dada na Basílica de S. Pedro, Roma, aos 30 dias do mês de Abril, 1921, sétimo ano do Nosso Pontificado.

(assinado) Benedito XV, Papa.

---

(1) ***Este livro, escrito em latim, tem o título de*** **Tractatus de novissimis.**

CARTA DO CARDIAL GASPARRI

Secretariado do Estado de Sua Santidade

Número 10.051

Do Vaticano

Novembro, 11, 1922

Reverendíssimo Padre:

Tenho o prazer de comunicar que o Santo Padre recebeu com a maior satisfação o exemplar da valiosa obra que Vossa Reverência publicou com o título de «O Mundo Invisível — Uma exposição da Teologia Católica perante o moderno espiritismo».

Observa Vossa Reverência no prefácio da primeira edição que o livro é, pròpriamente falando, um estudo científico do espiritismo. Isto não impede, contudo, que ele seja também uma fonte de ilustração para os que são dotados de uma cultura rudimentar, como se vê pela aceitação que teve da parte do público. O facto de que a edição se esgotou ràpidamente é a mais eloquente prova da sua oportunidade.

Mais nos devemos ainda regozijar, se atendermos a que há um grande número de publicações sobre este assunto, todas mascaradas com um falso verniz de ciência, e que servem apenas para fomentar a superstição entre os leitores de ambos os sexos, fazendo estiolar neles todos os sentimentos de fé e de religião.

Por aqui se vê a manifesta utilidade, para não dizer a absoluta necessidade, de um guia seguro e inspirado pelos verdadeiros princípios da Teologia Católica. Foi, portanto, da parte de Vossa Reverência, um apreciável serviço reeditar o livro numa edição aumentada.

Por estas razões, o Augusto Pontífice recebeu com o maior prazer o citado volume, como testemunho de homenagem. Ao apresentar os Seus mais sinceros agradecimentos, Ele felicita fervorosamente Vossa Reverência pelo zelo com que, não só na presente obra, como em outras publicações de não menor importância, se tem esforçado por defender os princípios da fé e livrar as almas das armadilhas de perversas e perniciosas inovações.

Desejando ardentemente que tão valioso livro possa ter uma larga difusão, e que, por intermédio dele, se possa ceifar uma abundantíssima colheita de bons resultados, Sua Santidade concede a Vossa Reverência, de todo o coração, a Bênção Apostólica.

Ao comunicar estes benevolentes sentimentos do meu Augusto Soberano, tenho o maior prazer em me confessar mais uma vez, com as minhas saudações e respeitos,

Afeiçoadamente Vosso em Nosso Senhor

P. Cardinal Gasparri.

Ao Reverendíssimo Padre Alexis Marie Lépicier, O. S. M. Roma.

PREFACIO

O leitor não desconhece por certo o grande interesse que tem despertado ùltimamente no espírito público o assunto versado nesta obra, devido principalmente às muitas e variadas práticas do espiritismo, agora tanto em voga.

De facto, a comunicação com os espíritos atingiu tais proporções e espalhou-se de tal maneira nas cidades, e até nas aldeias, que bem pode dizer-se que passou a ser um passatempo familiar.

Esta prática, em vez de afrouxar, assume cada vez maiores proporções, e os homens de ciência lançam-se afanosamente à procura de verdadeira solução de um problema que, dia a dia, desperta mais interesse. De estranhar é, porém, que a maioria das muitas teorias trazidas a público recentemente ignorem, ou pelo menos finjam ignorar, que a Igreja Católica tem uma doutrina tradicional sobre este assunto, doutrina essa que, por uma forma admirável e verdadeira, explica satisfatòriamente a razão de cada fenómeno espírita, quer antigo quer recente.

É exactamente esta doutrina da Igreja que nos propomos apresentar no presente tratado, que outra coisa não é

senão uma reedição aumentada de uma obra por nós publicada há alguns anos, e que se espalhou largamente no Velho e no Novo Mundo.

Sabendo que estas questões de espiritismo estão intimamente ligadas aos mais profundos dogmas da teologia e da filosofia católicas, reconhecemos que não é tarefa fácil tratar tal assunto por uma forma que se torne acessível a toda a gente. Seria mesmo absurdo pretender que qualquer leitor pudesse apreender, sem uma prévia preparação filosófica, um assunto que estuda as múltiplas actividades do mundo angélico nas suas relações com as funções das faculdades do homem e com as forças dos agentes naturais.

Este livro destina-se, portanto, àqueles que não sejam leigos em ciências sagradas. Os que não forem versados em teologia, ou que desconheçam os princípios da filosofia católica, contentar-se-ão com ouvir da boca dos seus amigos mais cultos nesta matéria as conclusões a que eles possam chegar. E essas conclusões não são, de facto, senão a doutrina do catecismo católico.

O autor deseja desde já pôr o leitor de sobreaviso contra os dois extremos em que fàcilmente poderá cair, ao inteirar-se da exposição que se segue sobre doutrina católica. Por um lado, as conclusões a que vamos chegar não devem ser tomadas como dogmas formalmente definidos pela Igreja e, por outro lado, não devem também ser julgadas como a expressão de teorias de qualquer ou determinada escola teológica.

O que a Igreja tem definido sobre espiritismo e sobre tudo quanto com ele se relaciona é muito pouco e escasso. Pode a matéria teológica, tal como é apresentada neste trabalho, não estar de harmonia com outra escola admitida no seio da Igreja, mas está de tal forma baseada em princípios certos e verdadeiros que não poderá deixar de ser aceite por

qualquer espírito bem-intencionado. E, assim, teremos de pôr de parte a doutrina de qualquer outra escola, mesmo que ela não esteja formalmente condenada pela Igreja.

É por este motivo que a Igreja tem sido sempre muito reservada nas suas definições. Ela tem muito respeito pelo pensamento humano para lhe impor novas definições, sempre que a razão natural é reputada como guia suficiente para a descoberta da verdade. Considerando que as decisões da Igreja são o único guarda infalível da verdade revelada, não é para admirar que ela tenha, de tempos a tempos, de fazer algumas definições, e só nos devemos admirar de que tenha feito tão poucas.

A razão desta reserva explica-se pelo facto de que a Igreja conhece a sua missão, e procura, não coarctar as nossas faculdades ou restringir as nossas actividades, mas, pelo contrário, auxiliar e guiar os nossos passos na pesquisa da verdade natural e revelada. A autoridade de que dispõe deve ser empregada em suprir e não em suplantar os nossos esforços.

Não deixará também de ser oportuno frisar neste lugar que a presente obra nada tem com a escatologia pròpriamente dita. As ocorrências extraordinárias, que se dão ocasionalmente por ordem de Deus e que são vulgarmente designadas com o nome de milagres, estão fora do seu âmbito. Temos de considerar apenas a ordem natural das coisas. Numa palavra: os milagres dizem respeito à escatologia cristã, ao passo que as práticas espíritas nada têm que ver com ela.

No entanto, quando afirmamos que as almas dos que morreram não têm poder algum sobre os elementos da matéria e, por isso, não podem aparecer aos vivos, de forma alguma queremos negar que tal facto possa acontecer por ordem de Deus, e desde que Ele confira a essas almas um poder extraordinário.

É este o caso do aparecimento de Moisés e Elias com Nosso Senhor, no Monte Tabor.

O fim principal desta obra é, pois, investigar a natureza do espiritismo, nas suas relações com as leis físicas e com as faculdades da alma humana, a fim de descobrir quem são os autores reais dessas extraordinárias manifestações a que as práticas espíritas dão origem, e determinar se tais práticas são lícitas ou não.

Pelo que diz respeito às afirmações feitas nas sessões espíritas, é certo que algumas verdades, por vezes, ali têm sido ditas. Contudo, é preciso ter em consideração que a sinceridade das pessoas que nelas intervêm nem sempre está acima de toda a suspeita. Com efeito, é de crer que as afirmações verdadeiras feitas pelos espíritos evocados sejam um meio de induzir à crença em outras afirmações de natureza diversa, afirmações essas que são, na maior parte das vezes, contrárias às máximas do Evangelho e à tradicional doutrina da Santa Igreja. Procedem os espíritos desta maneira ùnicamente com o fim de captarem a simpatia pelas práticas por cujo intermédio tais afirmações são obtidas.

Assim, lemos nos Actos dos Apóstolos que S. Paulo se indignou porque certa rapariga, que tinha o espírito de Píton, seguia os Apóstolos, gritando: «Estes homens são os servos de Deus Excelso que vos pregam o caminho da salvação» (1). *Esta afirmação era, incontestàvelmente, verdadeira. No entanto, é evidente que era feita por inspiração de qualquer espírito mau, a quem S. Paulo ordenou, em nome de Deus, que abandonasse o corpo da rapariga.*

Se, como estamos vendo, estas revelações obtidas por intermédio das práticas espíritas são muitas vezes acompa-

---

(1) *Acts. XVI, 17.*

nhadas de fraude e erro por parte dos espíritos com os quais se está em comunicação, e se estas mesmas práticas são frequentadas com um grave perigo para o corpo e para a alma, por certo que o investigador bem-intencionado não pode, em caso algum, deixar de ter bem fundamentadas dúvidas sobre a legitimidade de tais práticas.

E, se atentarmos no facto de que, de acordo com os mais autorizados ensinamentos, todos estes fenómenos atribuídos a almas dos mortos devem ser imputados à intervenção de espíritos superiores à alma humana em poder e em agudeza de espírito, mas de ignóbil moralidade, somos obrigados a admitir que a Igreja Católica tem toda a razão para reprovar a prática do espiritismo, como ofensiva a Deus e perigosa para o homem.

Nunca, na história da humanidade, Satanás trabalhou tão afincadamente para arrastar para o erro e para o caminho da perdição os filhos dos homens. «Sabendo que tem pouco tempo» [1]*, procura arrastar os sábios para o caminho da heresia: quanto aos simples, engana-os com as suas fraudes nas sessões espíritas. Tem, pois, toda a oportunidade o aviso de S. Paulo: «Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra principados e potestades, contra governadores das trevas do mundo, contra os espíritos de malícia espalhados por esses ares»* [2].

Quer no Velho, quer no Novo Mundo, as práticas espíritas são já um lugar-comum epidémico. Os estudantes recorrem ao «Ouija board» para passarem nos seus exames. «Planchette» tem a maior popularidade entre as senhoras que frequentam as reuniões mundanas. O público é cordialmente convidado a assistir às sessões nas maiores cidades.

---

(1) *Apoc. XII, 12.*
(2) *Efésios, VI, 12.*

Os pais vão ter com o médium para indagar do destino dos filhos que a morte lhes levou. E é triste dizer que igual facto se deu com muitas pessoas que, durante a Grande Guerra, perderam algum ente querido.

Para as auxiliarem a descobrir o paradeiro de criminosos escondidos, as próprias autoridades policiais não desprezam as informações de novas pitonisas, *e o número de homens de negócios que consultam as almas dos mortos a respeito de assuntos que se prendem com as suas profissões é também importante.*

Dia a dia, a literatura espírita aumenta assombrosamente. Estão constantemente a aparecer no mercado livros que ensinam a evocar os espíritos; grossos volumes registam as respostas obtidas em diversas sessões, *ao mesmo tempo que as revistas nos informam periòdicamente do movimento espírita. Os próprios jornais diários não encontram outro meio para entreter os seus leitores senão com o relato das* sessões *espíritas e das respostas obtidas por intervenção dos médiuns.*

Desnecessário será mencionar como são surpreendentes algumas das respostas obtidas por intermédio do espiritismo. Não é raro que essas respostas venham lançar por terra tudo quanto até agora tinha sido acreditado universalmente.

Em vez da tradicional doutrina sobre a imutável felicidade ou miséria das almas dos mortos, o espiritismo apresenta-nos um quadro alegre e cheio de fantasia, que parece ser o produto da imaginação dos poetas pagãos, e transporta-nos para densos e sombrios bosques, por onde deslizam fontes de água cristalina.

Palácios sumptuosos, concertos, danças, jogos, diversões sem limite completam todo este quadro. A outra vida é apenas um lugar onde os prazeres dos Campos Elísios se juntam às diversões dos teatros e cinemas. Trata-se, por assim dizer, dum conjunto de todas as emoções dos divertimentos modernos.

E o mais interessante é o facto de que homens que tiveram nomes ilustres no mundo científico, tais como o Professor Camille Flamarion, Frederick Meyers, Sir Oliver Lodge, Sir William Crookes, Charles Richet, Professor Lombroso e Sir Arthur Conan Doyle permitem que os seus nomes andem ligados com os dos mais famosos médiuns, e emprestem assim a sua reputação mundial aos estranhos fenómenos do espiritismo. Procedendo desta maneira, estes homens colocam as suas autênticas descobertas mecânicas, físicas ou químicas ao lado de supostas revelações filhas do espiritismo, revelações essas que se supõe dizerem respeito à religião do futuro e ao futuro estado do homem.

Quando se verifica que, quer no pensamento dos partidários das práticas espíritas, quer na intenção dos espíritos comunicantes, estas práticas visam especialmente a introdução de uma nova doutrina e de um novo culto, e quando se pensa que essa nova doutrina e esse novo culto são destinados a substituir a doutrina e o culto que Cristo ensinou e que a Igreja sempre tem conservado e pregado ao homem, então a importância de um completo conhecimento deste problema, complexo como é, torna-se manifesta. Este conhecimento só é adquirível, por uma forma segura e completa, à luz da teologia católica, ajudada pelos dados das ciências naturais.

Nesta nova edição, acrescentamos, depois de um cuidadoso exame a todas as nossas anteriores afirmações, algumas explicações adicionais, de forma que o leitor possa melhor compreender as sublimes verdades teológicas que servem de apoio aos nossos argumentos. Todas as nossas afirmações são confirmadas por uma precisa exposição das próprias práticas espíritas, e tivemos o cuidado de introduzir também citações que podem ser de grande utilidade para aqueles que queiram consultar as fontes das nossas informações. Propositadamente nos abstivemos da quase obsessão de alguns escri-

tores que, ao tratarem deste assunto sempre atraente, se julgam plenamente documentados pelo facto de encherem as suas obras com a citação de factos extraordinários, muitas vezes de autenticidade duvidosa. Tal método de tratar de fenómenos espíritas serve mais para dar pasto a uma curiosidade doentia do que para iluminar os espíritos sequiosos de verdade.

Há-de verificar-se também que admitimos a realidade objectiva das manifestações espíritas como dimanando realmente, em muitos casos, dos espíritos do outro mundo, e não meramente como resultado duma fraude ou de uma prestidigitação. Parece ter sido moda, ùltimamente, reduzir todos os fenómenos espíritas a uma autêntica burla por parte dos médiuns. Embora, de facto, assim seja na maior parte dos casos, pretender marcar esses fenómenos todos com o labéu da desonestidade é um processo altamente anticientífico, como se mostrará no decorrer da presente obra.

É nosso desejo que este livro sirva para desiludir muitas almas sinceras, mas talvez incautas, que se deixaram miseràvelmente envolver nas malhas do espiritismo, e que se encontram ameaçadas pela ruína temporal e eterna.

Oxalá que a simplicidade e a sublimidade da doutrina cristã as traga de novo para a luz pura da fé católica, e as livre das garras do mais irreconciliável inimigo do homem.

Oxalá que essas almas conheçam a verdade que «as há-de libertar» [1].

---

(1) *Evang. de S. João, VIII, 32.*

INTRODUÇÃO

1 — As tentativas para entrar em comunicação com os habitantes do mundo invisível não são, como alguns imaginam, uma prática privativa dos tempos modernos. Tais tentativas já foram feitas antes que os gregos consultassem Apolo no seu templo de Delfos por intermédio da célebre Pitonisa, e antes que os romanos consultassem os oráculos sibilinos em Cumas e em Tibur; foram também vulgares na Índia e na Caldeia, e existiram, desde tempos imemoriais, entre os chineses e os egípcios.

A descrição que se segue, de uma prática espírita muito parecida com as actuais, é feita pelo historiador Ammianus Marcellinus e poderá interessar o leitor (A. D. 371).

Haviam-se reunido alguns conspiradores para derrubar o imperador Flavius Valens e desejavam conhecer o nome do sucessor a quem deviam eleger. Para esse fim, recorreram à realização de certas práticas de magia que um deles, de nome Hilário, nos descreve minuciosamente.

Começaram por fazer, com varas de loureiro entrelaçadas, uma pequena mesa com a forma da trípode de Delfos e, por meio de repetidas fórmulas místicas, fizeram a sagração da referida mesa, com o fim de a consultarem sobre assuntos secretos.

Colocaram-na depois no meio de uma sala que tinha sido cuidadosamente purificada com perfumes da Arábia. Sobre a mesa foi colocado uma espécie de prato redondo, na borda do qual estavam gravadas as vinte e quatro letras do alfabeto, a uma distância regular umas das outras. Suspenso do tecto por um delgado fio, havia um pequeno anel que se balouçava de um lado para o outro, devido ao movimento que lhe era incutido por uma pessoa iniciada neste sagrado rito. Com este movimento, o anel caía sucessivamente sobre diversas letras, compondo assim versos heróicos e dando respostas metódicas, semelhantes às dos oráculos de Pítia.

Por este meio, os referidos conspiradores chegaram a saber que o nome do sucessor de Valens era composto pelas letras gregas Θ, E, O, Δ, que um dos assistentes interpretou como sendo o nome de Teodoro [1].

Este costume de recorrer à prática da magia para saber coisas secretas e obter resultados extraordinários estava largamente espalhado no mundo pagão, nos primeiros tempos do Cristianismo, como confirmam os Padres da Igreja, especialmente o notável bispo de Hipona, Santo Agostinho.

Mesmo nos tempos em que a fé estava mais acesa, este misterioso desejo de comunicar com o outro mundo tomara grande incremento entre vários povos, como se pode depreender das leis severas, quer civis quer eclesiásticas, que foram promulgadas com o fim de refrear, tanto quanto possível,

(1) Ammian. Marcellin. I, XXIX, c. I.

essas estranhas práticas, que eram consideradas como uma perigosa e nociva superstição.

Seja dito ainda que tal prática não estava limitada às raças cultas e civilizadas. Também o homem selvagem, na sua cabana solitária de uma ilha deserta, teve, em todos os tempos, o hábito de evocar os espíritos, quer acreditasse que esses espíritos eram génios dispostos a favorecer e beneficiar a humanidade, quer estivesse convencido de que eram demónios, que só praticavam o mal, ou mesmo as almas dos mortos que procuravam descanso nas suas antigas cabanas ou nos arredores.

2 — Se examinarmos estas práticas espíritas quanto à sua natureza, havemos de chegar à conclusão de que é sòmente no método empregado para proceder à evocação, e nas circunstâncias que as rodeiam, que se pode estabelecer alguma diferença entre a prática dos tempos antigos e a dos tempos modernos. Há uma perfeita identidade no fim que umas e outras têm em vista — obter respostas a perguntas formuladas e procurar a solução de problemas mais ou menos difíceis ou embaraçosos — ou, numa palavra, entrar em comunicação com as substâncias espirituais que povoam o outro mundo, sejam elas quais forem. Mas é precisamente com respeito à natureza dessas substâncias que a opinião dos antigos magos difere da dos modernos espíritas.

Enquanto, no passado, os fenómenos verificados eram atribuídos a seres duma natureza puramente espiritual, isto é, a seres que de modo algum tinham ligação com a matéria, esses mesmos fenómenos são agora atribuídos às almas dos mortos, isto é, a seres que já habitaram a Terra e estiveram encarnados em corpos materiais, como nós ainda o estamos.

Agora, portanto, a questão respeitante à identificação das almas separadas dos corpos, que, segundo os moder-

nos espíritas, são os verdadeiros agentes destas práticas, é que constitui o principal objecto do nosso estudo neste tratado.

A diferença entre os antigos e modernos espíritas consiste, portanto, no seguinte: os primeiros não queriam saber se, com as suas práticas, entravam em comunicação com espíritos puros, chamados demónios, ou com as almas dos que tinham morrido; os segundos, ainda que ignorando a existência de substâncias angélicas, pretendem evocar, com as suas práticas, apenas as almas das pessoas que já viveram na Terra. Desta maneira, o espiritismo moderno pode, mais pròpriamente, chamar-se nigromância, isto é, a adivinhação por meio dos mortos.

3 — O espiritismo, como se pratica hoje, não surgiu repentinamente, mas foi-se gradualmente desenvolvendo das várias formas do ocultismo, num entrelaçamento de prodígios preternaturais com os fenómenos devidos à actividade de agentes físicos.

Em 1774, Mesmer, um médico alemão († 1815), pensou ter descoberto no corpo humano um fluido muito subtil, a que deu o nome de magnetismo animal, capaz de receber ou de transmitir, como um médium ou outro meio transmissor, qualquer espécie de impressão possível nos seres humanos, a uma distância ilimitada e sem necessidade de agentes intermediários. Juntamente com as práticas de Mesmer, nas quais o *mesmerista* obrigava a pessoa *mesmerizada* a cair num sono artificial, foram-se associando, pouco a pouco, misteriosas intervenções por parte de espíritos invisíveis.

Por esse tempo, mais ou menos, Swedenborg, um filósofo místico sueco, pretendeu ter recebido de Deus poder divino para explicar o sentido espiritual da Sagrada Escritura e para obter comunicações do outro mundo, enquanto estivesse em êxtase. Os seus sequazes realizaram sessões

regulares em Estocolmo, nas quais, por meio de médiuns escolhidos, entravam em comunicação com os espíritos do outro mundo. Com o decorrer do tempo, o «mesmerismo» e o «swedenborgianismo» deram origem a grande número de práticas ocultas, que levantaram grande celeuma no século passado.

4 — As coisas estavam neste pé, quando, nos princípios de 1848, uma família americana chamada Fox, que tinha há pouco tempo mudado para a aldeia de Hydesville, no estado de Nova Iorque, começou a ser incomodada por uns ruídos estranhos, que foram sucessivamente aumentando, a ponto de não a deixarem dormir. Dentro em pouco, alguém se lembrou de consultar os agentes invisíveis que, por meio de pancadas, deram algumas respostas acertadas e, em grande parte, verdadeiras. Chegou-se então a saber que naquela mesma casa tinha sido assassinado um homem e, depois de buscas minuciosas, foram encontrar os seus restos mortais escondidos na adega, por baixo do soalho.

A mania de obter dos espíritos invisíveis respostas a várias perguntas, por meio de pancadas convencionais, espalhou-se com uma rapidez maravilhosa na América do Norte. A senhora Fox e as suas duas irmãs tornaram-se médiuns profissionais, realizando sessões públicas nas principais cidades e pondo assim os assistentes em comunicação com os espíritos do outro mundo. Parece, contudo, que estas práticas não eram levadas a efeito sem determinadas fraudes.

Da América, o movimento passou para a Europa, começando pela Escócia, de forma que, por volta de 1852, uma verdadeira epidemia de mesas que se moviam invadiu as principais cidades do velho mundo, dando origem a uma copiosa literatura espírita, a ponto de em 1887, se venderem nos quiosques cerca de cem jornais e revistas espíritas.

5 — É necessário observar agora que, sendo próprio do erro não se deter em qualquer ponto particular, mas tomar sempre novas formas e aspectos, não nos devemos surpreender pelo facto de o espiritismo, aparecido pela primeira vez nos meados do século passado, ter dado origem a novas espécies de ocultismo, tais como o hipnotismo, a telepatia, a clarividência e outras práticas análogas, como veremos mais tarde.

6 — O objecto deste livro é mostrar, tão clara e concisamente quanto possível, quais são os ensinamentos da teologia católica a respeito de tão difícil assunto, e mostrar a senda segura que deve ser seguida, não só pelos católicos, mas por todos aqueles que acreditam no Cristianismo histórico e dogmático. É só na fé cristã e histórica que se encontra o verdadeiro padrão por onde podem ser devidamente aferidos os momentosos problemas apresentados pelo moderno espiritismo.

O nosso objecto será, pois, descobrir se, de acordo com este padrão, podemos racionalmente acreditar que, por meio de práticas espíritas, estamos, de facto, em comunicação com as almas dos mortos, e se de tais práticas alguma coisa de novo e verdadeiro poderá resultar para a vida do corpo ou da alma, para o progresso da história ou da ciência, ou para o bem-estar moral e intelectual do género humano.

7 — Muitas das chamadas manifestações espíritas citadas em livros e jornais, depois de submetidas a um exame minucioso, não podem ser consideradas senão como resultado de meras imposturas e fraudes. Devemos, porém, admitir que há certos fenómenos que, depois de atento exame, não podem ser considerados como tal, e seria um processo arbitrário e altamente anticientífico negar a interferência do mundo espiritual e invisível em tais fenómenos. Dessa maneira, poderíamos tapar o caminho que nos leva à aquisição de

conhecimentos mais profundos a respeito de seres que estão ocultos à nossa vista, mas que, na verdade, não são menos reais do que os agentes materiais e visíveis, cuja existência e acção são constantemente testemunhadas pelos nossos sentidos.

Admitindo, portanto, a objectividade dos fenómenos em geral, o nosso fim será investigar a sua própria causa, para assim podermos obter um conhecimento mais perfeito da sua natureza e da relação que eles têm com a ordem geral e moral do Universo.

8 — A primeira questão que se apresenta ao nosso espírito, relacionada com o estudo que queremos fazer e de cuja solução depende todo o problema do espiritismo, é a seguinte: «São estes espíritos invisíveis todos de uma só espécie, ou há, além dos espíritos dos mortos — ou, para usar de outra expressão, das almas separadas dos corpos — outros espíritos que, embora pouco conhecidos devido à subtileza da sua natureza, possam ser responsáveis pelos fenómenos em questão»?

E, no caso de sermos obrigados a admitir a existência de tais espíritos e de lhes devermos atribuir os fenómenos espíritas, nova questão se nos apresenta: «Que devemos pensar acerca da extensão do conhecimento destes seres e acerca da legitimidade das práticas espíritas»?

Resolvidas estas questões, passaremos a investigar qual o estado da alma humana depois da morte: — procuraremos saber até que ponto se estende o seu conhecimento dos negócios terrenos, assim como o modo e natureza da sua actividade, e tentaremos depois determinar a qual destas duas classes de habitantes do mundo espiritual devem ser atribuídos os fenómenos que geralmente ocorrem nas sessões espíritas, isto é, se devem ser imputadas às almas dos mortos ou aos espíritos puros a que chamamos anjos.

Por último, examinaremos duas espécies de práticas ocul-

tas, chamadas respectivamente hipnotismo e telepatia, visto que uma e outra são análogas ao espiritismo e dão origem aos mais estranhos fenómenos, tais como a sugestão, a clarividência, a clariaudiência e outros semelhantes.

9 — Como a exposição dos ensinamentos da teologia católica sobre este assunto tem de ser breve, abster-nos-emos de trazer a lume quanto a tradição teológica tem acumulado no decorrer das idades. Tão-pouco citaremos pormenorizadamente os muitos escritores antigos e modernos que têm tratado dos fenómenos espíritas, embora não deixemos de mencionar os principais de entre eles, sempre que para isso se ofereça ocasião.

Muitos volumes seriam necessários para citar todos os autores que se ocuparam destes assuntos e, além disso, sairíamos do âmbito desta obra, que tem de ser doutrinária e concisa.

É nosso mero intento ir buscar à filosofia e à teologia apenas aqueles elementos que forem necessários para o nosso fim, sem deixarmos por isso de fazer alusão aos ensinamentos correntes dos modernos espiritistas e aos vários sistemas de interpretação que, especialmente nos nossos dias, têm sido elaborados para explicar os estranhos fenómenos espíritas, que se vão multiplicando dia a dia extraordinàriamente.

10 — Devemos também desde já declarar que, embora liguemos a maior importância aos resultados a que têm chegado as recentes investigações científicas, não estamos dispostos a adoptar certos termos empregados por alguns espíritas, num sentido totalmente diferente da significação natural e primária que lhes deve ser atribuída. O uso dessa terminologia, tão vaga e convencional no que se refere a este assunto, parecer-nos-ia prejudicial à causa que temos em vista. A teologia católica tem uma terminologia própria, que foi sancionada pelo decorrer dos tempos e que é

perfeitamente adequada para definir e descrever as coisas que se encontram fora do alcance dos nossos sentidos. É essa terminologia que nos propomos adoptar, adicionando-lhe quaisquer explicações para o leitor leigo, e para que aos argumentos que apresentamos não falte a devida clareza e concisão.

Foi por isso que nos abstivemos sempre de empregar o termo *espiritualismo*, embora ele seja geralmente adoptado, quando se trata de fenómenos desta natureza. Como a nossa alma é uma substância espiritual e o próprio Deus é um espírito puro, o termo *espiritualismo* deve ser pròpriamente empregado para significar as nossas operações intelectuais, as invisíveis manifestações de Deus, ou ainda o Seu trabalho interior na alma humana.

11 — Devemos também observar que, enquanto as manifestações espíritas estão ao alcance das faculdades sensitivas, as suas causas devem ser procuradas na ordem invisível, visto que nenhuma representação sensível é suficiente para nos dar uma ideia precisa do que elas são em si mesmas.

Trata-se, pois, de um problema que priva o leitor de qualquer fundamento sensível, sobre o qual ele fixe a sua atenção, e que, por isso, necessita de um cuidadoso exame de todo o campo da filosofia e da teologia católicas e supõe, consequentemente, um invulgar conhecimento das operações tanto naturais como de ordem espiritual. A falta de tal conhecimento é precisamente a causa por que muitos espíritos superficiais não acreditam nos ensinamentos da Igreja sobre tal assunto, ou rejeitam esses ensinamentos.

Confiamos, porém, que todos aqueles que, de boa fé, procuram a verdade, saberão remover as dificuldades que possam encontrar.

12 — Esforçar-nos-emos por demonstrar nestas páginas o mais fiel e claramente possível, quais são os ensinamen-

tos dos Padres e dos Doutores, de harmonia com o espírito da Igreja Católica, sobre este importantíssimo assunto. Todas as nossas deduções serão tiradas daqueles princípios fundamentais sobre os quais assentam as leis do Universo, submetendo cada uma das nossas afirmações ao julgamento da Igreja, que é «o pilar e o fundamento da verdade» [1].

Os fenómenos resultantes de recentes experiências são, como é bem conhecido, muitos e admiráveis, e os problemas originados por eles são também da maior importância e do mais alto significado. Só um sério estudo, à dupla luz da razão e da fé, pode conduzir o espírito investigador ao verdadeiro conhecimento dos agentes reais responsáveis pela sua produção, e só esse estudo nos habilitará a solucionar a questão da legitimidade e moralidade das práticas espíritas.

Temos presentes as solenes palavras de Nosso Senhor: — «*Vede que não vos engane ninguém: porque virão muitos em meu nome dizendo: Eu sou Cristo; e enganarão a muitos*» [2].

---

(1) I Tim. III, 15.
(2) Mat. XXIV, 4, 5.

PRIMEIRA PARTE

O MUNDO ANGÉLICO

1 — Os estranhos fenómenos do espiritismo, que têm despertado e continuam a despertar o maior interesse entre todos os povos, tornaram-se, nos últimos tempos, objecto de um aturado estudo por parte dos intelectuais. De facto, os cientistas de todas as crenças estão sèriamente empenhados em explicar a natureza de tais fenómenos e em descobrir as causas a que os mesmos devem ser atribuídos.

As pesquisas efectuadas levaram-nos a formular várias hipóteses que podem, de uma maneira geral, agrupar-se debaixo de dois pontos de vista. Enquanto uns se esforçam por explicar todas as manifestações pela acção de agentes naturais e materiais, dotados de um carácter muito subtil e complexo, atribuem-nas outros à intervenção de uma ordem de seres imateriais e espirituais, dotados de inteligência, tais como a alma humana depois da morte.

Com relação à primeira hipótese, os cientistas admitem a existência de certo fluido nevrótico, magnético ou radiante, de natureza material, mas sem possuir nenhuma das propriedades da matéria. Tal fluido, dizem eles, não pode

ser visto nem sentido, nem pode ser submetido a qualquer exame adequado, mas é dotado de extraordinários poderes, cujo conhecimento é, ainda hoje, bastante imperfeito.

A outra hipótese associa os fenómenos espíritas com a alma dos mortos, que se supõe ter adquirido, depois que se separou do corpo, nova condição e um poder superior que tinha no seu primitivo estado, a ponto de se tornar capaz de ocasionar no mundo sobrenatural efeitos muito mais notáveis do que os que podia produzir, enquanto se encontrava unida ao corpo.

2 — Mas, por muito clara e plausível que esta dupla hipótese pareça ser à primeira vista, precisamos de ver se ela reúne todas as probabilidades do caso a estudar e se não poderá haver, além destas duas espécies de agentes produtores dos fenómenos, uma terceira, à qual estes extraordinários efeitos devam, com verdade, ser atribuídos.

Esta questão forma a *raison d'être* da primeira parte deste trabalho. Vamos investigar se há, na ordem invisível, espíritos puros, isentos de matéria e distintos em espécie das almas separadas dos corpos, e no caso afirmativo, qual o conhecimento das coisas materiais que poderão tais seres possuir e, finalmente, que poder sobre os elementos do mundo visível lhes podemos atribuir.

1

EXISTÊNCIA E NATUREZA DE ESPÍRITOS PUROS

1 — Nada é mais vulgar e frequente na linguagem humana do que a alusão a alguns espíritos desconhecidos e invisíveis, distintos das almas dos mortos, que, segundo se crê, nos rodeiam e exercem certa influência sobre o curso das nossas vidas. É principalmente nas obras dos poetas que esta crença popular tem encontrado a sua mais completa exteriorização. A questão que agora temos a considerar é se tal crença tem, de facto, qualquer fundamento, e se realmente existem, além das almas dos mortos, outros agentes espirituais que nunca tivessem estado unidos a um corpo material e que, consequentemente, sejam duma espécie distinta das mesmas almas.

2 — Procurando responder a esta pergunta, devemos primeiramente investigar o que a razão natural nos poderá dizer a tal respeito e, em segundo lugar, procurar saber se os fenómenos extraordinários que se verificam nas sessões espíritas podem fornecer prova suficiente para a existência desses espíritos puros. Só depois exporemos o que a Igreja nos ensina a tal respeito, e, apoiando-nos nos seus indiscutíveis ensinamentos, mostraremos como tais espíritos puros diferem das almas humanas, e diremos qual é a sua verdadeira natureza.

§ I — *Harmonia entre o mundo visível e o mundo invisível.*

1 — A primeira dúvida que surge no nosso espírito sobre este assunto é se, guiados só pela luz da razão, poderemos obter qualquer conhecimento certo da existência de espíritos

puros, isentos de matéria e pertencentes a uma categoria essencialmente superior à nossa. A isto devemos imediatamente responder que, sem o auxílio da revelação, é absolutamente impossível chegar a qualquer conclusão irrefutável, quanto à existência de espíritos puros.

É verdade que os filósofos da Grécia e os retóricos de Roma acreditavam na existência de semideuses, de génios e demónios. É também fora de dúvida que a crença em seres de natureza invisível, exercendo uma influência boa ou má sobre os homens, existiu em todos os tempos e em todos os países. Mas é igualmente verdade que os sábios da antiguidade frequentes vezes cometeram erros, e que uma crença, por muito espalhada que esteja, não tem em si prova suficiente que a torne aceitável sem que haja possibilidade de dúvidas.

Partindo deste ponto, não poderemos, portanto, chegar com toda a segurança à solução do problema de que nos estamos ocupando, isto é, se, de facto, existem esses seres espirituais de categoria superior, aos quais chamamos anjos.

2 — Por outro lado, um exame geral à constituição deste mundo e a cada uma das suas partes, embora seja insuficiente para demonstrar por uma forma concludente a existência de tais seres invisíveis, distintos de nós próprios e também superiores a nós, servirá para nos predispor a aceitarmos tal crença e, desde que essa crença seja apoiada por uma autoridade legítima, seremos levados a aceitar o facto como uma verdade fundamental.

No nosso próprio interesse, teremos de nos deter um pouco sobre este ponto.

Pelo que diz respeito a nós próprios, a nossa natureza, embora indivisa, é constituída por um corpo e por uma alma. Pelo corpo, ocupamos uma categoria superior a todos os seres de ordem inteiramente material. Por que motivo, quanto à alma, não deveremos então ocupar o mais baixo lugar entre

os seres inteiramente espirituais na sua essência? Por que não havemos nós de formar uma espécie de elo entre o mundo material e o imaterial, entre a substância visível e a invisível, entre o corpo e o espírito puro? Não haveria assim, nesta ininterrupta cadeia, uma larga esfera para a manifestação, numa variedade de formas, da semelhança divina, semelhança essa que, acima de tudo, é o fim de toda a criação?

Além disso, como o homem é a cúpula da criação, não é contrário à natureza das coisas procurar o complemento dessa perfeição espiritual, que nele está apenas delineada, numa classe de seres de ordem superior, isentos de toda a matéria, por muito subtil que a concebamos.

3 — De facto, um exame à natureza dos nossos poderes intelectuais leva-nos à conclusão de que a existência de substâncias inteiramente espirituais é compatível com a harmonia do Universo.

Consideremos, por um momento, as nossas faculdades intelectuais. Sabemos, por experiência própria, que são muito estreitos os limites dentro dos quais o nosso intelecto trabalha. A sua esfera de acção está de tal forma limitada às coisas terrenas que, para fazermos uma ideia dum ser imaterial, e muito especialmente de Deus, temos necessàriamente de recorrer às imagens sensíveis. Mas, embora essas imagens sensíveis nos permitam fixar a atenção sobre coisas duma ordem superior, estamos sempre inibidos de as ver com clareza e nitidez. Quando queremos olhar para o Sol, servimo-nos dum vidro fosco que, amortecendo a sua luz brilhante, nos permite fitar o disco solar, mas não nos deixa contemplá-lo com todo o seu esplendor glorioso. E, exactamente como podemos idealizar outros seres materiais dotados do poder de olhar directamente para o Sol sem pestanejar, podemos também imaginar substâncias espirituais inteligentes, que têm uma percepção mental superior à nossa, isto é,

que não necessitam de imagens sensíveis, e que são dotadas de uma luz espiritual, em comparação da qual a nossa é a duma criança acabada de nascer.

Tais são, portanto, as provas que um exame ao Universo nos fornece da existência de espíritos puros, diferentes em espécie da alma humana. Devemos, no entanto, observar que estas e semelhantes considerações, embora plausíveis em si, não provam irrefutàvelmente a existência de tais substâncias espirituais. A única conclusão que podemos tirar é que a existência de espíritos puros é admissível e natural, embora não seja absolutamente necessária ou, por outras palavras, que a existência de espíritos diferentes das almas — isto é, espíritos que nunca estiveram unidos a um corpo numa unidade de natureza (como estão as almas na presente vida) nem têm qualquer relação com o corpo (como a nossa alma continuará a ter depois da morte) — está de harmonia com a ordem do mundo.

4 — Mas o ponto em questão aqui não é simplesmente a possibilidade da existência de tais espíritos, mas a sua realidade objectiva. Esta, porém, não pode ser estabelecida sòmente à luz da razão, desde que a ordem geral do Universo e as mútuas relações das suas partes não são para nós perfeitamente conhecidas.

As criaturas visíveis que povoam o Universo, a sua dependência mútua, a ordem e a harmonia que ligam as diferentes partes do mundo, são para nós prova suficiente da existência de Deus, que é o Autor de todas as coisas, porque a observação do Universo leva necessàriamente o espírito ao conhecimento de uma primeira causa e à existência de um Ser uno na sua essência, infinitamente bom e perfeito. S. Paulo diz [1]: «*As suas perfeições invisíveis*

---

(1) Romanos, I, 20.

tornaram-se conhecidas depois da criação do mundo, compreendendo-se, pelas obras que foram feitas, o seu eterno poder e a sua divindade». Mas toda a criação material é insuficiente para nos fazer chegar à conclusão de que espíritos puros, distintos de Deus, existem realmente. Na verdade, enquanto neste mundo a semelhança de Deus se manifesta em todo o seu esplendor, mostrando que ele é a obra de suas mãos, a semelhança desses espíritos puros não se nos manifesta da mesma forma impressa no Universo, de modo que tenhamos a certeza da sua existência. O mundo não foi feito por eles, pode continuar a existir sem eles e não temos necessidade de recorrer à sua intervenção para as manifestações que o mesmo mundo nos apresenta.

Enquanto, por isso, os argumentos acima apresentados tendem a mostrar que é admissível e compatível com a harmonia do Universo que espíritos, superiores a nós próprios e distintos de Deus, possam existir, esses mesmos argumentos não nos permitem afirmar o facto da sua existência por forma a não deixar dúvidas. A existência de espíritos puros, povoando o mundo invisível, seria para nós um problema insolúvel, se não houvesse a tal respeito uma especial revelação de Deus, como veremos mais tarde.

§ II — *Os fenómenos espíritas não são prova suficiente da existência de espíritos puros.*

1 — Dissemos que, ùnicamente à luz da razão, não nos era possível chegar com certeza ao conhecimento da existência objectiva de espíritos puros, isentos de matéria, superiores à alma humana e distintos de Deus. Contradizendo a nossa asserção, poderá alguém argumentar que os fenómenos vulgares do espiritismo, tanto antigos como moder-

nos, são prova suficiente da realidade objectiva da existência de tais espíritos.

Com efeito, pela história do espiritismo e pelas recentes investigações dos cientistas, sabemos o que tais fenómenos são, e devemos acrescentar que as leis naturais são suficientemente conhecidas por nós para nos habilitarem a declarar que esses fenómenos não podem ser devidos à acção de qualquer agente visível.

Por outro lado, do estudo dos poderes da alma humana, devemos concluir, como veremos mais tarde, que ela, quando separada do corpo, não pode ter qualquer acção sobre os elementos da matéria. De tudo isto não podemos, pois, inferir a existência de certos agentes espirituais, inteiramente invisíveis, superiores à alma humana mas distintos de Deus, que, pela sua natureza particular e pela sua actuação, possam ser considerados como os produtores de fenómenos espíritas, que não nos parecem poder ser atribuídos a outros agentes?

A esta pergunta devemos responder negativamente. Estas manifestações são insuficientes para estabelecer, com certeza absoluta, que existam espíritos distintos da alma humana quando separada do corpo. Na verdade, admitindo que tais efeitos ultrapassem os conhecidos poderes da natureza, podem contudo ser explicados sem necessidade de invocar a intervenção de substâncias inteiramente espirituais. Deus podia, inegàvelmente, em virtude do seu infinito poder, produzir esses efeitos sem a cooperação de causas segundas e, nesse caso, a sua acção imediata seria a única responsável pelos mesmos efeitos.

2 — Objectar-se-á, talvez, que todas essas manifestações não podem ser atribuídas a Deus, desde que algumas delas produzem maus resultados, como, por exemplo, o enfraquecimento dos poderes mental, moral e físico, e isso equivaleria a considerar Deus como autor do mal. Mas nós

responderemos que a maior parte desse mal resulta do abuso, mais que do recto uso de tais práticas. Outros dirão que algumas dessas manifestações são de um carácter moral muito baixo, como acontece quando se fazem afirmações manifestamente contraditórias, ou quando se verifica uma acentuada instigação ao pecado, mas, ainda neste caso, responderemos que, embora todas essas circunstâncias indiquem claramente a intervenção de agentes imateriais dotados de uma natureza perversa, distintos da personalidade de Deus, que é a infinita bondade, tais factos não constituem prova suficiente para fundamentar a crença geral na existência de substâncias puramente espirituais. Factos isolados nunca serviram de prova irrefutável de uma crença que está espalhada entre os homens.

3 — Podemos acrescentar que, embora esses sinais possam ser tomados como uma conjectura a favor da conclusão de que agentes invisíveis, diferentes das almas que abandonaram este mundo, estão actuando, seria necessário mostrar o que esses espíritos são, e averiguar se outros espíritos, duma natureza mais benévola, povoam o mundo invisível. As muitas e variadas teorias postas ùltimamente a circular pelos estudiosos, com o fim de explicarem os fenómenos que se observam durante as sessões espiritas, são ampla prova do que nós aqui afirmamos, isto é, que, só com a ajuda da natureza, não podemos concluir, irrefutàvelmente, a existência dos espíritos puros, tais como são os anjos.

§ III — *A prova adequada da existência de espiritos puros.*

1 — Do que até aqui temos exposto, podemos concluir que a razão natural e a experiência dos sentidos são insuficientes para provar a existência de um mundo espiritual, distinto do mundo visível.

2 — Esta insuficiência foi suprida pelos ensinamentos da Igreja Católica na definição que se encontra no quarto Concílio de Latrão ([1]): *«Deus, pelo seu imenso poder, criou no princípio todas as criaturas espirituais e corpóreas, isto é, angélicas e terrenas e, a seguir, criou o homem, como qualquer outra criatura, composto de corpo e alma»*.

3 — Esta definição não implica qualquer novo aditamento em matéria de fé, porque a referência à existência de seres espirituais encontra-se, não só nas obras dos Padres da Igreja, mas também na Sagrada Escritura, tanto no Novo como no Velho Testamento, pois ali se fala de grande número de espíritos que povoam o mundo invisível, dispostos por uma ordem admirável, como um exército em linha de batalha. Bastará mencionar as seguintes palavras: *«Adorem ao Senhor todos os seus Anjos»* ([2]) e *«Os seus anjos nos Céus sempre estão vendo a face de Meu Pai que está nos Céus»* ([3]).

4 — De acordo com a doutrina católica, estes espíritos puros são perfeitamente distintos, em espécie, das almas dos homens, quer estas estejam unidas a um corpo na vida terrena, quer estejam separadas dele pela morte, como na vida futura. Deste assunto, porém, temos de tratar mais pormenorizadamente.

---

(1) Cap. I Firmiter.
(2) Ps. CXVI, 7.
(3) Mat. XVIII, 10.

§ IV — *Distinção especifica entre os espíritos puros e as almas dos homens.*

1 — Alguns antigos escritores foram de opinião que os espíritos puros, a que nos estamos referindo, eram primitivamente da mesma espécie das almas dos homens. Aqueles que sustentaram esta teoria chamavam-se Origenistas, pois diziam que a sua doutrina provinha de Orígenes (¹), grande doutor de Alexandria. Sustentavam eles que tais espíritos foram criados muito antes da formação do corpo humano ou, melhor, muito antes de existir a matéria, e nenhum deles, de harmonia com a primitiva intenção divina, era destinado a ser unido a um corpo material. Como aconteceu então que alguns desses espíritos viessem depois unir-se a corpos materiais?

De acordo com os mesmos partidários de Orígenes, foi, em consequência do pecado, que tal união se decretou para alguns deles; os que se conservaram em estado de santidade continuaram a ser puramente espirituais. Daqui provém que a distinção entre a alma humana ligada ao corpo, como ao complemento da sua natureza, e os puros espíritos, isentos de tal ligação, é uma distinção em hierarquia de grau e não em espécie. A linha divisória entre as almas dos homens e os espíritos puros, de que falamos, marcaria assim uma diferença acidental e não substancial.

2 — É deveras estranho que esta opinião dos origenistas coincida com as teorias correntes dos mais notáveis e modernos espíritas e teosofistas. Tais teorias são, porém, rebatidas pela teologia católica, que sustenta que o espírito puro é tão essencialmente diferente da alma humana que não pode

---

(¹) Veja-se o 1.º livro περὶ Ἀρχῶν ou *De principiis* de Orígenes, cap. V, VII, etc.

unir-se substancialmente a um corpo, ao passo que a alma é recebida dentro do corpo, que ela anima desde o primeiro momento da criação, constituindo com ele não só uma espécie distinta, mas também uma única individualidade. Ora, é impossível que a alma humana ultrapasse os limites da sua própria natureza para se tornar da mesma espécie de um espírito puro, mesmo que este seja da ordem mais inferior. Ainda depois da morte, a alma continua a ser o que foi nesta vida, em relação ao corpo para o qual foi criada.

Em resumo: assim como uma alma é, numèricamente, distinta das outras almas, assim também é, especìficamente, distinta em natureza dos espíritos puros, nem pode transformar-se em qualquer desses espíritos.

3 — De facto, qualquer evolução ou transformação da alma humana numa natureza angélica é não só contrária aos ensinamentos da Igreja, mas é também um facto contraditado pela própria voz da natureza. Todos sentimos dentro em nós um anseio constante pela perfeição e pelo desenvolvimento, mas dentro da esfera da nossa própria actividade, porque seria inconcebível querermos mudar a natureza que nos é própria.

Esta transformação, a poder-se realizar, implicaria a verdadeira destruição da própria alma, visto que ela não poderia atingir uma forma específica superior sem sofrer uma mudança *substancial* e, consequentemente, uma prévia destruição. A evolução de qualquer ser para uma espécie substancialmente distinta é contrária não só à teologia católica, mas também a toda a sã filosofia.

É nossa intenção tratar mais adiante da natureza da alma humana, quer unida ao corpo, quer separada dele. Por agora, vamos tratar da natureza dos espíritos puros, considerando-os especìficamente distintos da alma humana.

§ V — *A natureza dos espíritos puros.*

1 — É difícil para nós, na vida presente, compreendermos claramente a natureza de um anjo. Estorvados pelo ambiente material que nos cerca, obrigados a fazer acompanhar de imagens sensíveis e materiais todas as concepções do nosso espírito, não podemos, excepto com grande dificuldade, chegar a obter uma noção exacta do que seja um espírito puro. Apenas nos é permitido formar uma ideia aproximada do que seja uma substância espiritual e, se o não conseguirmos, teremos de desistir de prosseguir nas nossas investigações sobre o poder de acção da mesma substância, pelo que diz respeito ao mundo visível.

2 — Com a expressão *espíritos puros* queremos significar seres inteligentes, completamente isentos de matéria, por muito pura ou etérea que se possa imaginar. Esses seres são, portanto, imperceptíveis ao mais apurado e mais perfeito dos nossos sentidos, e ultrapassam toda a ordem do mundo material e visível. Seria, pois, um erro considerá-los como seres pertencentes a uma classe intermediária entre os seres que são dotados de forma corpórea e os que o não são, como acontecia com os silfos da idade média, que eram considerados como substâncias de natureza semelhante à do ar e com o poder de se deslocarem velozmente. Isto era apenas uma ficção poética, embora tenha sido adoptada e espalhada — facto deveras estranho — pelo moderno espiritismo. Os seres de que estamos a falar não são de forma alguma compostos de matéria, e devemos concebê-los, não só intrìnsecamente isentos dela, mas também sem qualquer ligação ou relação com a mesma matéria.

3 — A imaterialidade dos seres de que nos estamos ocupando é a razão por que eles são denominados pròpriamente espíritos, visto que o termo *espírito* implica uma

ideia de alguma coisa que está acima da matéria e livre de qualquer relação com ela. Por esse motivo, não deve tal termo, com a devida propriedade, ser usado para designar a alma humana. Embora esta seja de natureza espiritual, desde que é destinada a animar um corpo e constitui com ele uma única substância individual, não é um espírito senão na mais larga acepção da palavra e, em caso algum, poderá ser chamada um *espírito puro*.

4 — Desde que os espíritos puros, como veremos mais adiante, são dotados de uma percepção mental muito superior à nossa, são também designados com o nome de intelectos ou inteligências. Para falar com toda a precisão, devemos notar que tal designação é mais metafórica do que própria, visto que estes termos, na sua verdadeira acepção, são usados, não para designar a substância, mas a faculdade que têm os espíritos de apreender a verdade. No entanto, como é vulgar empregar-se a parte para designar o todo, por inteligências queremos usualmente significar, não o poder de compreender, de que são dotadas as substâncias espirituais, mas essas mesmas substâncias.

5 — Mas, por que motivo se dá a essas substâncias o nome de anjos? A resposta é manifesta. A condição natural desses espíritos torna-os mais próximos de Deus do que quaisquer outras criaturas, e coloca-os, por assim dizer, entre o homem e a Divindade. São, portanto, empregados por Deus como enviados especiais, encarregados de transmitir ao homem as mensagens divinas; esta é a razão de se lhes chamar anjos (1). Mas há anjos bons e anjos maus, como a seu tempo veremos.

---

(1) Do grego ἄγγελος, mensageiro. A palavra ἄγγελος é também algumas vezes empregada com referência às forças cegas da natureza, atendendo a que elas obedecem às ordens de Deus. É neste sentido que

Um anjo é, portanto, um espírito puro, isto é, um ser não composto, como os homens, de duas substâncias diferentes — corpo e alma ligados numa unidade de natureza — ou substancialmente unido ou necessàriamente relacionado com um corpo, como acontece à alma. Nada há nos anjos que se possa considerar material, nem neles existe a mais leve sombra de corpo, por muito subtil e imponderável que imaginemos esse corpo. Um simples ponto é já demasiadamente material para representar a simplicidade de um anjo; o relâmpago que brilha instantâneamente no céu é insuficiente para dar uma ideia do seu vigor e energia, e a força irresistível duma intensa labareda não pode ser comparada com o poder destes prodigiosos espíritos (1). Deus criou todas as coisas deste mundo como manifestação das suas infinitas perfeições, e os anjos são, pela sua natureza, os mais belos espelhos e os que melhor reflectem a espiritualidade do Supremo Criador.

6 — Um anjo é, contudo, um simples ser criado e, portanto, finito e nisto consiste a distinção entre ele e Deus, que é um espírito puro, de infinita grandeza e cuja essência contém todas as perfeições imagináveis. Por isso, enquanto Deus, em virtude da sua imensidade, enche todo o Universo, e sabe e conhece todas as coisas, o anjo é limitado, e o campo do seu conhecimento, assim como o da sua acção, têm limites determinados, para além dos quais não se estende nem o seu poder nem o seu conhecimento. Uma coisa é, porém, falar da limitação do conhecimento do anjo e outra é falar do limite do seu poder, como teremos ocasião de ver.

---

devem ser tomadas as palavras do Salmo CII, 4 ὁ ποιῶν τοὺς ἀγγέλους αὐτοῦ πνεύματα, embora S. Paulo, ao citar estas palavras (Heb. I, 7), evidentemente as aplique aos espíritos puros de que estamos tratando.

(1) S. Tomás, *Summa Theol.* 1, Quaest. L, art. 1, 2.

Tratando-se de resolver o problema respeitante aos agentes reais dos fenómenos espíritas, temos agora de procurar saber primeiramente o grau de conhecimento e, em segundo lugar, o poder que as substâncias angélicas têm sobre o mundo invisível.

2

O CONHECIMENTO ANGÉLICO

1 — Como muitos dos fenómenos que ocorrem nas sessões espíritas revelam que os seus autores possuem um grau de conhecimento natural muito elevado, a questão que agora se nos apresenta é a seguinte: a quem devem ser atribuídos tais fenómenos? Mas só poderemos responder a esta pergunta depois de sabermos qual é a natureza do conhecimento de que são dotados os espíritos puros ou anjos.

Qual é, pois, a propriedade e qual é a extensão do conhecimento que os anjos possuem e como podem eles adquiri-lo? O conhecimento dum anjo difere do que possui outro anjo? Quais são os objectos que caem debaixo da alçada do conhecimento dum anjo? Podem os anjos conhecer o futuro e os nossos pensamentos secretos? Poderemos nós, na vida presente, entrar em comunicação com o mundo dos seres angélicos?

A resposta a todas estas perguntas não se nos afigura fácil, porque o mundo dos espíritos jaz completamente para além do campo da experiência sensível. Mas a teologia católica, devido às aturadas investigações dos Padres e dos Doutores da Igreja, está desde há muito habilitada a responder a tudo quanto aqui se perguntou, e todas as asserções que não estiverem de acordo com os seus ensinamentos devem ser consideradas como insuficientemente provadas ou, até, como falsas.

2 — Para alguns leitores, as explicações que vamos dar parecerão talvez um pouco forçadas, e outros considerá-las-ão mais como engenhosas conjecturas do que como realidades objectivas. No entanto, todas essas explicações se baseiam nas necessárias leis da verdade e da dedução e, por

isso, não poderão, de ânimo leve, ser postas de parte. Além disso, devemo-nos lembrar de que qualquer explicação demasiado fácil e óbvia sobre o conhecimento e poderes de seres que estão fora da nossa própria esfera é já de per si pouco aceitável. Quanto mais transcendentes for a verdade a estudar, menos trivial e mais complexa tem de ser a explicação da mesma. Deve, pois, o leitor estar preparado para aceitar as explicações que a teologia lhe dá, por muito subtis que lhe pareçam; se assim não for, melhor será desistir de chegar a ter qualquer noção sobre o conhecimento que os anjos possuem.

3 — Deve também observar-se desde já que o nosso principal intento é tratar aqui do conhecimento natural dos anjos, isto é, daquele conhecimento que é proporcionado à sua natural condição. A teologia católica ensina que, além do conhecimento natural, possuem alguns anjos também um conhecimento sobrenatural, que consiste na imediata visão da Essência Divina, que não é comum a todos os anjos, mas concedida apenas aos bons. Sendo o nosso fim a investigação da natureza e das causas dos fenómenos espíritas, que podem apenas ser atribuídos ao conhecimento e poder dos anjos, conforme a sua condição natural, não será necessário que nos ocupemos por agora do conhecimento sobrenatural desses seres, embora reconheçamos que será conveniente não desprezar inteiramente este aspecto da questão. Trataremos resumidamente deste assunto um pouco mais adiante, quando nos ocuparmos da iluminação angélica que, como havemos de ver, deriva da visão da Essência Divina.

§ I — *Natureza e extensão do conhecimento angélico.*

1 — É, incontestàvelmente, muito mais fácil formar uma ideia precisa do conhecimento que é adquirível pelas variadas formas da vida sensitiva, do que daquele que é próprio das substâncias angélicas. Ora, o erro em que estamos arriscados a cair neste caso é o oposto ao que nos poderá esperar ao examinarmos o conhecimento dos animais. De facto, enquanto a íntima ligação entre as nossas faculdades sensitivas e racionais nos induz, muitas vezes, a exagerarmos a extensão dos poderes sensitivos dos seres irracionais, assim também a ausência de qualquer guia, quando se trata de substâncias angélicas, nos leva a não avaliarmos devidamente o seu valor intelectual, visto que tendemos sempre para medir esse valor com o estreito compasso das nossas faculdades mentais.

2 — A diferença entre o poder de compreensão da mente humana e o da mente angélica é imensa. Sem medo de errar, podemos afirmar que há uma diferença imensamente maior entre o poder intelectual de um anjo de ordem inferior e o do homem mais inteligente, do que entre o poder intelectual do homem mais erudito e o do mais ignorante camponês. E, embora o intelecto de um anjo não seja a sua própria substância, como os nossos intelectos não são também a nossa própria substância, ele possui, entretanto, tal penetração que é capaz, de relance, de abranger todo o campo da ciência que esteja aberto à sua percepção, exactamente como nós, com um simples olhar, podemos abarcar todo o campo de uma visão material exposto à nossa vista.

3 — Mas, para chegarmos a uma melhor compreensão da extensão do conhecimento angélico, imaginemos três esferas concêntricas, nas quais se movem, respectivamente,

três espécies de espíritos. A primeira é a esfera do intelecto humano, cujo raio é pequeno e limitado à natureza dos objectos materiais, visto que o homem é também material e incapaz, portanto, de compreender devidamente a natureza de seres espirituais como os anjos. Este facto, contudo, não nos impede de fazermos as nossas investigações a tal respeito, da mesma maneira que um astrónomo faz uso dos seus instrumentos para examinar o firmamento e estudar os corpos celestes, embora os conhecimentos que adquire não sejam tão perfeitos como ele desejava.

Para além desta esfera, e circunscrevendo-a, está a esfera na qual se move o intelecto angélico. Esta esfera é imensamente maior que a primeira, e abarca não só as coisas do universo material, mas também os objectos puramente intelectuais do mundo invisível. O intelecto angélico, contudo, não entra na posse desta esfera de conhecimento por um processo gradual e trabalhoso, como sucede com o homem na sua própria esfera. A mente humana, na infância, está, por assim dizer, adormecida e só gradualmente vai acordando para as coisas deste mundo, até que por fim descobre que, para além do mundo material, há um outro mundo que apenas está aberto ao seu pensamento. O intelecto angélico, pelo contrário, não precisa de passar por tão trabalhoso processo de desenvolvimento intelectual. Desde o primeiro momento da existência é capaz de abarcar os objectos que se encontram dentro da sua esfera e fixa neles a sua atenção, sempre que lhe apraz, e sem que para isso experimente qualquer fadiga ou pena, movendo-se na maravilhosa luz desse mundo intelectual com a maior facilidade e agilidade.

Para além desta segunda esfera, há ainda outra de uma extensão infinita, que abarca as duas primeiras e as excede num grau incomparável. É a esfera da Mente Divina. Desta, porém, não é nosso intuito falar presentemente.

§ II — *Como os anjos entram na posse do seu conhecimento.*

1 — Com o fim de podermos compreender mais adiante qual é a natureza do conhecimento angélico, é preciso que examinemos primeiramente a forma particular como o intelecto dos anjos adquire o conhecimento peculiar à sua condição. Esta forma difere muito da que a experiência nos ensina ser própria da nossa natureza. *Nós* passamos, gradualmente, do estado de ignorância ao de conhecimento. *Os anjos*, ao contrário, possuem, desde o primeiro momento da sua existência, todo o conhecimento natural que é peculiar ao seu estado.

2 — A alma humana está ligada ao corpo e, até certo ponto, não pode prescindir dele para as suas operações, de forma que tem de servir-se dos sentidos externos e da imaginação, para chegar ao conhecimento da verdade. Este processo não é instantâneo, mas gradual, e por isso temos primeiramente de apreender os objectos externos, antes que a nossa mente possa chegar a um conhecimento geral das coisas, e se torne capaz, por uma reflexão interior, de distinguir uma coisa da outra.

Por isso, a ignorância de uma criança deixa sòmente de existir, quando os seus sentidos estão suficientemente desenvolvidos para a tornarem capaz de apreender a natureza ou essência das coisas, que a rodeiam, na sua realidade objectiva. E, mesmo assim, este conhecimento não é perfeito, como se verifica pelo facto de que ela conhece apenas os termos gerais com que deve designar os diferentes objectos da sua apreensão. É só à medida que os anos vão passando e o seu entendimento se vai desenvolvendo, que ela fica apta a designar cada objecto pelo seu próprio nome. O intelecto de uma criança, portanto, em virtude da união do corpo

com a alma, segue o curso que observamos, por exemplo, no crescimento das plantas. A semente, depois de se ter aberto à acção geradora da terra, do sol e da água, vai crescendo devido a uma misteriosa e poderosa assimilação dos elementos vitais, até que, finalmente, se torna uma planta completa e produz o fruto apropriado à sua natureza.

3 — Com os anjos, porém, não sucede assim. Tendo sido criados num estado de plena perfeição da sua natureza, a mente angélica nem se desenvolve por um crescimento sucessivo, nem está sujeita a qualquer enfraquecimento. Está sempre na posse completa da sua própria luz e do seu próprio conhecimento, sem que tal conhecimento tenha que passar por evoluções sucessivas, desde a neblina da manhã até ao esplendor de um meio-dia deslumbrante, e sem que essa luz desapareça com as trevas da noite ou esteja mesmo sujeita ao esmorecimento do crepúsculo.

4 — Como poderemos nós, portanto, formar uma ideia da natureza e da origem do conhecimento angélico? Lembrando-nos, antes de tudo, de que, assim como as coisas deste mundo saíram das mãos de Deus quanto à sua natureza e ser, assim também toda a luz espiritual — em virtude da qual as criaturas inteligentes foram feitas à sua imagem e semelhança, conhecendo-se a si próprias, conhecendo as coisas deste mundo e, acima de tudo, conhecendo Deus, criador de todas as coisas — procede do próprio Deus, que é essencialmente luz. E é em consequência desta luz que as criaturas inteligentes têm uma semelhança especial com Deus, enquanto se conhecem a si próprias e às coisas deste mundo e, acima de tudo, conhecem a Deus, Criador do Universo. Esta luz é de duas espécies: uma original e subjectiva — a própria faculdade intelectiva; a outra, actual e objectiva — a que ilumina os objectos e os torna actualmente inteligíveis.

Ora os anjos são, por um lado, superiores a nós na natureza e, por outro, não têm sentidos externos com os quais se ponham em contacto com o mundo exterior, nem possuem aquela faculdade que se chama o *intellectus agens* que, no nosso caso, ilumina os objectos do nosso conhecimento e os torna inteligíveis.

Daqui se conclui que não só os anjos receberam de Deus, no princípio, além da sua original faculdade intelectual, que é muito mais poderosa do que a nossa, uma maior abundância de luz divina do que nós possuímos, mas também a receberam imediatamente de Deus, suprema luz do mundo; e essa luz vai iluminar todos os objectos capazes de serem conhecidos por eles, tornando-os logo percebidos pelos mesmos anjos.

5 — E que é essa luz que os anjos receberam imediatamente de Deus na sua criação? Não é meramente o poder de compreender nem a capacidade de conhecer as coisas. A luz de que aqui falamos agora consiste nas imagens mentais que são a representação dos objectos externos materiais ou espirituais, para os quais o intelecto angélico se volta para conhecer e compreender as coisas deste mundo representadas por elas. O intelecto angélico é assim um verdadeiro quadro ou, melhor ainda, um espelho vivo que o anjo precisa apenas de contemplar para conhecer as coisas naturais deste mundo. A posse do conhecimento nos anjos não é, portanto, o resultado dum prolongado esforço ou aplicação, nem a sua aquisição envolve qualquer fadiga da sua parte, como sucede connosco, que não nos pomos em contacto com o mundo exterior senão por meio dos sentidos externos e da aplicação do nosso poder imaginativo, ao mesmo tempo que o *intellectus agens* procura iluminar as representações mentais, extraindo delas espécies inteligíveis. A operação intelectual dum anjo consiste numa calma observação das repre-

sentações ou imagens que existem na sua mente, desde o primeiro momento da sua criação.

6 — Existe, no entanto, um alargamento no conhecimento dos anjos. De facto, desde que eles não conhecem os acontecimentos futuros, como adiante teremos ocasião de ver, é necessário que o seu conhecimento possa aumentar, sempre que esses acontecimentos se realizam. Pode também acontecer que lhes sejam feitas certas revelações, ou por Deus ou por outros anjos, e até mesmo pelo homem, visto que os pensamentos secretos dos anjos e dos homens não são mentalmente conhecidos senão por Deus. Mas este alargamento não é o resultado de novas imagens que se formem na mente angélica, visto que as imagens que ali foram impressas desde o princípio são suficientes para tal fim, e representam os acontecimentos à medida que eles se vão desenrolando no decorrer do tempo, de forma que os anjos estão aptos a conhecer esses novos acontecimentos, com todas as circunstâncias que os rodeiam.

§ III — *Como o conhecimento dum anjo difere do conhecimento de outro anjo.*

1 — Depois de termos assim mostrado qual é a origem do conhecimento angélico, passaremos agora a examinar a diferença que existe entre o conhecimento de um anjo e o conhecimento de outro.

Embora haja, como já tivemos ocasião de ver, para todos os anjos um modo comum de apreensão (isto é, basta-lhes reportarem-se às imagens das coisas que se encontram impressas nas suas mentes), há, contudo, uma diferença no *grau* dessa apreensão. E essa diferença é determinada pelo grau de perfeição que o anjo originàriamente possui. Não havendo dois anjos exactamente iguais, o poder de com-

preensão e o consequente uso desse poder variam naturalmente em tantos graus quantos são os anjos.

Ora, em que consiste essa diferença de compreensão com respeito ao conhecimento natural das coisas? Consiste na diferença de imagens ou representações dos objectos que, como já dissemos, estão impressas no intelecto angélico desde o princípio, porque essas imagens estão em proporção com a perfeição da mente ou do intelecto do respectivo anjo. E essa diferença entre as imagens ou representações gravadas na mente dos anjos de hierarquias diversas em que consiste?

2 — A diferença consiste em que, nos anjos de hierarquia superior, tais imagens são mais universais e, consequentemente, de mais vasto alcance, ao passo que, nos anjos de hierarquia inferior, são mais particulares e com um campo mais restrito. Portanto, enquanto o conhecimento natural de um espírito superior tem mais unidade e simplicidade, o de um espírito inferior é mais dividido e, por assim dizer, fragmentado em diversas partes. Exactamente como o sol, na perfeição da sua luz transcendente, pode dizer-se que contém todas as diferentes luzes artificiais que o engenho do homem produz na terra, assim o conhecimento de um espírito superior contém, nas suas imagens universais, aquelas imagens fragmentadas que estão gravadas na mente dos espíritos de uma hierarquia inferior.

3 — Um estrangeiro, chegando pela primeira vez a uma cidade, só a poderá conhecer depois de percorrer, separadamente, cada uma das suas ruas e praças. Mas, se subir a uma torre elevada, poderá abarcar, com um simples olhar, não só a mesma cidade, mas até os seus arredores. Assim, um anjo de categoria inferior pode abarcar numa só imagem apenas um limitado número de objectos, enquanto um anjo superior pode, ao observar o mundo, ter um campo de visão muito mais extenso.

4 — Tudo isto está de acordo com a lei geral do Universo, pois, assim como as criaturas superiores, estando mais perto de Deus, partilham da perfeição divina num grau mais elevado e, ao mesmo tempo, por uma forma muito mais simples do que as criaturas inferiores, assim também as imagens das coisas que irradiam de Deus, centro de todo o conhecimento, devem passar para o intelecto dos anjos com uma perfeição inversamente proporcional à distância a que cada intelecto se encontra naturalmente afastado do mesmo Deus, que é a Infinita Sabedoria e fonte de toda a luz espiritual.

§ IV — *Iluminação angélica.*

1 — O conhecimento de que os anjos são dotados e do qual estamos a tratar é o conhecimento das verdades naturais que todos os anjos possuem, apesar de ser diferente o grau individual de compreensão. Mas há, além destas verdades naturais, outras verdades de ordem sobrenatural, tais como os mistérios da fé, e outros factos, como as diversas maneiras de actuação da graça de Deus na alma dos justos. Estas verdades e estes factos são conhecidos pelos anjos quando eles contemplam o Verbo Divino, isto é, na sua maravilhosa visão, face a face, da Essência Divina; e este é um privilégio que pertence própria e exclusivamente aos anjos bons.

2 — Há, contudo, uma diferença entre a visão da Essência Divina e a das Operações Divinas. Estas são apreendidas mais ou menos inteiramente em Deus, conforme o anjo se encontra mais ou menos próximo d'Ele. Mas a caridade de um anjo para com o seu companheiro não consente que ele guarde para si tudo aquilo que viu; por consequência, o anjo superior, que vê melhor do que o inferior as Operações Divinas, ilumina-o, avivando a sua luz natural e instruin-

do-o nos mistérios da graça e da glória. É este facto que origina a maravilhosa comunhão entre eles, conhecida teològicamente com o nome de iluminação angélica e a respeito da qual diremos algumas palavras, de harmonia com os ensinamentos que nos foram deixados pelos Doutores da Igreja a tal respeito. Embora se não trate de assunto absolutamente necessário para o estudo que estamos fazendo, ficaremos a conhecer melhor a natureza e a forma de entendimento dos maravilhosos espíritos angélicos que chamam presentemente a nossa atenção.

3 — Que devemos, pois, compreender por iluminação angélica? Por iluminação angélica devemos compreender o acto pelo qual um anjo superior dá a conhecer a um inferior alguma verdade de ordem sobrenatural, que foi conhecida pela anjo supremo, graças à imediata revelação do Verbo de Deus, e que esse anjo vai comunicar aos espíritos angélicos inferiores, por uma forma inteligível.

De facto, desde que estas verdades sobrenaturais dependem inteiramente da vontade de Deus, e a manifestação das mesmas está sujeita à sua livre escolha, não podem ser apreendidas pelo poder natural do anjo. Para a manifestação destas verdades a um intelecto angélico torna-se necessária uma revelação especial de Deus. Assim, por exemplo, Deus manifesta directamente ao anjo superior o facto da incarnação do seu Divino Filho, mas, como em todos os seus actos Ele se serve de causas segundas, deixa ao anjo iluminado imediatamente por Ele o encargo de iluminar os anjos inferiores, a respeito deste e de semelhantes mistérios.

4 — Exactamente como, na produção dos seres inanimados e dos seres vivos, Deus pôs em acção causas materiais, assim também, na manifestação destas verdades sobrenaturais, a sua Sabedoria dispôs que, enquanto a mais alta inteligência era directamente iluminada por Ele, essa mesma

inteligência devia ao mesmo tempo actuar como um agente intermediário, para imprimir as imagens nas inteligências que lhe fossem inferiores. Há assim, descendo a escala da inteligência espiritual, uma influência quer activa quer passiva, em cada espírito separadamente, de forma que o primeiro espírito, enquanto ilumina os outros, é directamente iluminado por Deus, ou antes pela alma de Cristo, que está acima de todos os anjos e que é directamente iluminada pelo Padre. Por outro lado, o último ser na escala espiritual das inteligências não transmite a iluminação que recebe, a não ser ao homem.

5 — A maneira como se realiza esta iluminação é semelhante à que adopta um professor, quando quer transmitir qualquer conhecimento científico a um aluno. O professor tem de adaptar o ensino à capacidade intelectual do aluno. Para isso, procura expor, por meio de exemplos e verdades particulares e conhecidas, aqueles princípios universais que essas verdades particulares representam e que a sua própria inteligência abarca num momento. Assim também um anjo de hierarquia superior acomoda-se à capacidade daquele que lhe é inferior, apresentando-lhe ao intelecto, por uma forma circunscrita, aquelas verdades universais de que ele próprio tem uma compreensão mais universal e, por consequência, mais simples e indivisa. Por isso, o raio da divina luz, emanando de Deus, fragmenta-se e torna-se, por assim dizer, menos intenso, à medida que chega às substâncias espirituais menos perfeitas, isto é, às que estão mais afastadas da fonte da luz divina e da verdade.

6 — Do exposto podemos tirar a confirmação do que anteriormente dissemos, isto é, que o conhecimento, quer natural quer sobrenatural, possuído pelos diferentes anjos, não é igualmente perfeito, da mesma forma que o conhecimento do aluno é necessàriamente inferior ao do profes-

sor. Há, contudo, uma diferença entre os dois processos. No aluno, a aquisição da verdade é devida a um desenvolvimento gradual ou assimilação, enquanto no anjo a aquisição se faz instantâneamente. Além disso, pode algumas vezes acontecer que o aluno chegue a ultrapassar o mestre nos seus conhecimentos; um anjo inferior, porém, nunca poderá alimentar a esperança de alcançar a perfeição de conhecimento que possui outro anjo de categoria superior à sua. Tal facto seria uma derrogação da ordem estabelecida por Deus. Ora, uma derrogação de tal natureza não pode ser admitida na hierarquia angélica, como também não é admissível que um anjo inferior ilumine um superior.

7 — Por último, devemos declarar que tudo quanto se tem dito sobre a iluminação angélica se refere apenas aos espíritos bons, visto que os maus são excluídos desta comunhão espiritual, porque se encontram fora da ordem sobrenatural e da amizade de Deus. Podem, é certo, comunicar entre si os seus pensamentos e desejos, e assim o fazem, em forma de perguntas e respostas, e podem até receber qualquer revelação especial dos anjos bons, mas esse facto não poderá, em caso algum, ser considerado como uma iluminação no sentido próprio da palavra, visto que tal comunicação não leva estes espíritos caídos para mais perto da fonte da verdade, que é Deus. Os anjos maus estão totalmente separados de Deus e, por isso, nunca mais podem aspirar a qualquer reconciliação com Ele [1].

[1] O Doutor Angélico trata do assunto da iluminação angélica na 1.ª parte da *Summa Theologica*, Quaest. CVI.

§ V — *Alcance do conhecimento angélico.*

1 — A iluminação angélica pertence exclusivamente, como dissemos, à ordem sobrenatural, e nós temos de nos ocupar neste estudo mais particularmente do conhecimento natural dos anjos, cuja essência já descrevemos. Examinemos, pois, quais são os objectos compreendidos neste conhecimento e vejamos se ele é limitado a certa classe de objectos ou se todos os ramos do saber estão abertos aos anjos.

Não é fácil determinar minuciosamente qual seja o campo do conhecimento angélico, atendendo a que esse conhecimento difere do nosso, tanto em natureza como na origem. No entanto, podemos afirmar com toda a segurança que o montante do conhecimento possuído por um anjo da mais baixa hierarquia ultrapassa imensamente o possuído pela mais perfeita mente humana. Nenhum homem, por exemplo, se poderá notabilizar em mais do que um ramo de saber, e o estudo aturado e prolongado servirá apenas para lhe mostrar que, nessa ciência, aquilo que ele desconhece excede muito o que ele sabe. Sucede ainda que, por vezes, a aquisição de um novo conhecimento nos obriga a modificar opiniões que já tínhamos formado e a corrigir noções anteriormente adquiridas.

2 — Tais imperfeições não existem no conhecimento infundido nas substâncias espirituais. Nestas, as imagens a que nos referimos nos anteriores parágrafos são não só representativas de princípios gerais que regulam cada ciência particular, mas encerram também, distintamente, todos os pormenores virtualmente contidos nesses princípios, de maneira que uma e a mesma imagem informa a mente angélica das particularidades de cada ciência. Não poderá,

pois, haver confusão na mente angélica, quando ela passa da observação de um objecto para a observação de outro.

3 — Para a exemplificação do que dizemos, imaginemos um anjo voltando a sua atenção para a imagem representativa das ciências naturais. Ali poderá ele ler não só os grandes princípios que a experiência não nos revela, mas também todos os pormenores dos nossos conhecimentos de Geologia, Astronomia, Botânica, Zoologia ou Arqueologia Histórica, pormenores esses que nós só conhecemos ao cabo de um estudo paciente e assíduo, pela observação dos fenómenos naturais.

Da mesma maneira, esse anjo podia, com igual facilidade, observar tanto os princípios como os pormenores das várias artes, conhecendo imediata e minuciosamente, sem qualquer esforço da sua parte, as várias combinações de notas que entram no arranjo de uma composição musical, ou a proporção das cores necessárias para a pintura de um quadro, e assim por diante.

Além disso, o homem tem de despender força e energia para poder obter um conhecimento pormenorizado de qualquer espécie determinada ou de qualquer indivíduo dentro de certa classe, com as suas características e propriedades. Mas um anjo, com um simples olhar à imagem que representa — digamos — o reino animal, conhece não só as várias espécies de animais existentes, mas também cada indivíduo que exista ou tenha existido dentro de cada espécie, assim como as suas propriedades particulares e os seus meios de acção. E o mesmo sucede com o conhecimento de qualquer objecto, seja ele qual for, que se encontre no reino da natureza, seja orgânico ou inorgânico, material ou espiritual, visível ou invisível.

4 — Por aqui se pode ver que a ciência humana é muito excedida pela ciência da mente angélica, tanto em extensão como em precisão, embora haja diferença no conhecimento

dos vários anjos, como já mostramos. Esta diferença consiste no facto de que poucas imagens bastam para os anjos superiores, ao passo que grande número delas é necessário para os anjos de mais baixa hierarquia.

Além disso, como o espírito angélico não é limitado pelo tempo ou pelo espaço, e como nenhuma distância, por maior que seja, serve de obstáculo ao seu conhecimento, fácil será compreender quanto o conhecimento destas substâncias espirituais ultrapassa o nosso, não só em extensão, como também em compreensão, exactidão e instantaneidade.

No entanto, por muito grande que possa ser a extensão do conhecimento angélico, duas coisas temos de excluir da sua esfera de apreensão:

(1) acontecimentos futuros dependentes de uma causa livre e

(2) os pensamentos secretos.

Sobre estes dois pontos teremos de fazer um estudo mais completo, visto que eles são de uma importância capital para determinar a relação existente entre os fenómenos espíritas ou telepáticos e o mundo angélico.

§ VI — *Os anjos não conhecem os acontecimentos futuros nem os nossos pensamentos secretos.*

1 — Quando afirmamos que os acontecimentos dependentes de uma causa livre e os pensamentos secretos não podem ser conhecidos pelos anjos, queremos significar que não podem ser conhecidos por eles sem uma revelação especial por parte daquele de quem uns ou outros respectivamente dependem. Ora, os acontecimentos futuros dependem de Deus e os pensamentos dependem de Deus ou das criaturas racionais. A revelação dos primeiros pode, portanto,

ser feita apenas por Deus e a dos segundos poderá ser feita por Deus ou pelos seus respectivos autores.

2 — Queremo-nos referir àquele conhecimento certo e verdadeiro que exclui toda a possibilidade de dúvida. Admite-se, na verdade, que os anjos, graças à agudeza do seu intelecto, possam conhecer os acontecimentos futuros dependentes das leis físicas, e isto com relativa certeza. Assim como o livro da natureza está aberto à mente angélica e as leis mecânicas que governam o universo lhes são também conhecidas, assim como conhecem as propriedades das coisas e as suas mútuas relações. Os anjos podem, portanto, sem receio de erro, predizer acontecimentos que dependem das forças naturais dos elementos, tais como tempestades, furacões, terramotos, erupções vulcânicas, quedas de meteoros; podem, também, com certo grau de probabilidade, prever os acontecimentos dependentes dos fenómenos apontados, tais como mortes, destruição de cidades, fome e peste. Além disso, a constituição física de cada homem é perfeitamente conhecida pela inteligência angélica, de forma que ela pode prever, com mais ou menos precisão, o futuro estado de saúde de uma pessoa, assim como a duração da sua vida, excepto no caso de acontecimento imprevisto.

3 — Mas os acontecimentos que dependem inteiramente da livre vontade de Deus ou das criaturas são totalmente desconhecidos pela inteligência angélica, porque a mente de Deus não é conhecida por nenhum ser criado, e a vontade e a mente do homem apenas a Deus estão abertas.

É por esta razão que a predição de acontecimentos futuros dependentes de causas livres e a revelação de pensamentos secretos, quer dos homens quer dos anjos, têm sido sempre consideradas como sinais de imediata intervenção de Deus, e, consequentemente, como verdadeiros milagres realizados para manifestação da ordem sobrenatural da graça.

4 — Referindo-nos ainda a acontecimentos futuros dependentes de causas naturais, devemos dizer que o conhecimento angélico pode atingir uma certa probabilidade, mas nunca uma certeza absoluta. De facto, este conhecimento pode por vezes ser deficiente, atendendo a que os anjos não podem observar casos de modificações acidentais que Deus, a quem o Universo inteiro está sujeito, pode ocasionalmente decretar, de acordo com a sua Providência que abarca todas as coisas. Ele pode mesmo, se assim o desejar, transformar as próprias pedras em filhos de Abraão (1). Por certo, nenhuma inteligência angélica podia ter previsto certos acontecimentos, como, por exemplo, o desmoronamento dos muros de Jericó, ao som da trombeta dos judeus (2) ou a purificação de Naaman, banhando-se sete vezes no rio Jordão (3).

5 — Sendo, portanto, o conhecimento dos anjos limitado, pelo que respeita a acontecimentos futuros dependentes de uma vontade livre, assim como pelo que se refere a pensamentos secretos, conclui-se que quaisquer afirmações a tal respeito devem ser consideradas como hábeis suposições por parte deles ou, melhor ainda, devem ser atribuídas a espíritos dotados de um carácter imoral, sempre que são apresentadas como verdades indiscutíveis, visto que apresentar como verdadeiro o que não passa de mera conjectura é sinal de depravação moral.

Portanto, em respostas dadas a perguntas desta natureza, temos de reconhecer, sem medo de errar, a intervenção de anjos de inferior categoria moral, porque nenhum anjo bom, assim como nenhum homem honesto, mesmo pouco escrupuloso com a verdade, será capaz de afirmar

(1) Mat. III, 9.
(2) Jos. VI, 20, 21.
(3) IV Reis. V, 14.

como verdadeiro aquilo de que não tenha um conhecimento seguro. Devemos ainda lembrar que os vaticínios sobre tais assuntos, feitos antigamente pelos oráculos da Pitonisa e da Sibila, admitiam grande variedade de interpretações, o que é certamente uma prova evidente do carácter imoral da fonte donde dimanavam tais vaticínios.

Tal é, contudo, a subtileza dos espíritos-inteligências que, ligando as coisas que realmente conhecem e misturando-as com certas conjecturas que são capazes de formular em virtude do seu profundo conhecimento da natureza, podem conseguir os melhores resultados, quando pretendam enganar os homens, dando-lhes a impressão de que têm um conhecimento certo do futuro e dos pensamentos secretos, quando não têm nem podem ter tal certeza.

6 — Pelo que respeita a acontecimentos futuros dependentes de uma causa livre e a pensamentos secretos, os anjos estão precisamente nas mesmas condições em que nós nos encontramos: é-lhes impossível conhecer, com certeza, o que Deus ou qualquer criatura fará, excepto em virtude duma especial revelação d'Aquele de quem todos esses acontecimentos dependem e que tem um domínio imediato sobre a vontade de todas as criaturas. Mas, pelo que se refere a pensamentos secretos, há, entre os homens e os anjos, uma diferença de que vamos tratar mais desenvolvidamente no parágrafo seguinte.

§ VII — *Maneira como nós entramos em comunicação com os espíritos puros.*

1 — Se desejarmos compreender claramente como poderemos entrar em comunicação com os espíritos do mundo invisível, manifestando-lhes os nossos pensamentos secretos, devemos primeiramente atentar no que se passa com a nossa

maneira de comunicação com os outros homens, durante esta vida.

Para que eu possa conhecer o que outro homem está a pensar, não basta que ele queira pôr a descoberto os seus pensamentos. Há entre nós uma parede divisória constituída pelo corpo, que é o invólucro da alma e que impede a comunicação livre entre as nossas mentes. Este impedimento é remediado pelos sinais de que nos servimos para manifestar as nossas ideias, isto é, falando, escrevendo ou gesticulando. Sem tais sinais, falando duma maneira geral, é para mim impossível saber o que vós pensais, nem vós podereis adivinhar os meus secretos pensamentos.

2 — Mas, no caso dos anjos, não há tal impedimento. A sua forma de comunicação é muito mais simples. A única coisa necessária para estabelecer a comunicação entre inteligências espirituais é que uma esteja disposta a manifestar os seus pensamentos e que a outra concentre sobre eles a sua atenção.

3 — Esta forma de comunicação observa-se ainda no caso dos seres humanos com os espíritos puros, porque para estes o corpo não serve de impedimento; por isso, se quisermos pôr os nossos pensamentos a descoberto a um ser angélico, basta que o desejemos fazer e que o anjo lhes preste a sua atenção. O mesmo não se poderá dizer dos pensamentos dos anjos com relação aos homens. O homem não pode directamente ler na mente dum anjo, embora este esteja disposto a manifestar-lhe os seus mais íntimos pensamentos. Não podemos ter compreensão de qualquer coisa nesta vida sem a intervenção das imagens materiais, chamadas representações mentais, que produzem no cérebro uma modificação especial correspondente à representação dos objectos que vão ser concebidos. Mas esta modificação do cérebro pode ser operada por um anjo que, como mais adiante veremos, tem o poder de modificar a matéria à

medida do seu desejo, e de dar ao cérebro aquela disposição especial necessária à compreensão dos correspondentes objectos.

4 — Esta verdade deve ser especialmente retida no nosso espírito, embora não se possa deduzir dela que, pelo facto de a modificação do cérebro ser conhecida dos anjos e corresponder aos objectos que temos em mente, os nossos mais recônditos pensamentos, mesmo contra nossa vontade, se tornem manifestos às inteligências angélicas. Um anjo pode muito bem conhecer a modificação do nosso cérebro e todos os movimentos do sistema nervoso mas, no entanto, ignorar os nossos pensamentos. O pensamento está acima da matéria e, embora no presente estado de vida não possamos pôr em actividade o nosso intelecto ou as nossas faculdades mentais sem auxílio da natureza sensível, há muitas maneiras de fazermos uso de uma e da mesma modificação orgânica; a nossa livre vontade pode dar às operações mentais tantas formas e orientá-las para fins tão variados, que está completamente acima do poder dos mais perspicazes entre os seres angélicos conhecer, contra nossa vontade, e a não ser que o próprio Deus lho revele, qual é a nossa actual intenção ou qual é o rumo das nossas operações mentais.

Assim, por exemplo, uma modificação do nosso cérebro pode originar um pensamento em Deus. Mas de quantas formas podemos nós pensar em Deus! Podem uns figurá-lO como o centro de todo o bem e amá-lO; vê-lO-ão outros como castigador dos pecados e hão-de temê-lO; e ainda outros O hão-de considerar como seu último fim e suspirarão por Ele. Pensarão alguns até em Deus para O odiar ou, como doidos, para desejar a sua não-existência. «*O louco disse no seu coração: não há Deus*» (¹). Assim,

---

(¹) Salm. XIII, 1.

embora os anjos possam saber que o homem habitualmente pensa em Deus, ser-lhes-á impossível adivinhar, sem o seu consentimento, com que fim ele o faz; filosòficamente falando, não conhecem a razão formal desse pensamento do homem.

5 — Este é também o caso relativo aos anjos entre si. Os anjos, como dissemos, compreendem por meio de imagens ou espécies impressas sobre eles por Deus no princípio, e estas imagens ou espécies são perfeitamente inteligíveis para os outros anjos. Mas, como o intelecto angélico pode fazer o uso que desejar dessas imagens ou representações, em cuja contemplação consiste o seu conhecimento, para um bom ou mau fim, e isto por um número ilimitado de processos — bem pode dizer-se que a mente de um anjo é um livro fechado para os outros anjos, a não ser que ele queira manifestar-lhe os seus pensamentos.

É precisamente esta determinação moral da vontade que constitui esses pensamentos secretos próprios das criaturas racionais. Só Deus, sendo o autor de todas as coisas e, por consequência, da mente angélica e da mente humana, assim como de cada uma das suas manifestações, conhece todos os nossos pensamentos e penetra no íntimo do nosso ser: «Ele é o pesquisador dos nossos corações e afectos» (1) e «todas as coisas estão nuas e descobertas a seus olhos» (2).

É por isso verdade que os anjos não podem, com absoluta certeza, saber quais são os nossos mais recônditos pensamentos nem, naturalmente falando, podem conhecer o estado moral das nossas almas. De acordo com os ensinamentos católicos, a inteligência angélica não pode, por exemplo, pelo seu poder natural, conhecer se nós estamos

---

(1) Salm. VII, 10.
(2) Heb. IV, 13.

em estado de graça e amizade com Deus, ou se estamos em pecado mortal e separados da fonte de todo o bem. Estas coisas ultrapassam a capacidade angélica, e por isso os anjos não podem, sem uma revelação especial de Deus, diferençar o justo do pecador, embora possam, por sinais externos, fazer conjecturas quanto ao estado da alma. A nossa mente e o nosso coração são uma fortaleza inexpugnável, contra a qual nada valerá, sem nossa permissão, a perspicácia angélica.

6 — Mas, se tal permissão lhes for dada, quer por sinais explícitos quer por uma forma implícita, que grande alcance pode ter o conhecimento angélico! Não só os acontecimentos distantes, os factos ocultos e as verdades científicas se tornam manifestos a estes misteriosos seres, por motivo da intuição que eles têm das coisas naturais, mas também os pensamentos secretos, os desejos e as intenções dos homens se lhes podem tornar conhecidos. E, como eles podem comunicar este conhecimento ao homem, por motivo do poder que possuem sobre os elementos do mundo em geral e, particularmente, sobre o cérebro humano, é fácil concluir que as mais extraordinárias revelações poderão ser feitas por intermédio das substâncias angélicas — revelações essas que ultrapassam tudo quanto se possa conceber. Tudo isto, contudo, se tornará mais claro, quando tratarmos da extensão do poder dos espíritos sobre a matéria e sobre as faculdades do próprio homem.

7 — O que podemos concluir destas considerações é que, sendo o conhecimento angélico de tão vasto alcance, não há, entre as manifestações intelectuais ou psicológicas que se observam nas sessões espíritas, uma só que não possa ser atribuída à intervenção destas substâncias imateriais a que chamamos espíritos puros ou anjos.

Resta-nos, pois, daqui por diante, investigar se tais manifestações não só *podem*, mas também *devem* ser atri-

buídas a estes espíritos-inteligências e, como a teologia nos diz que existem duas classes de substâncias angélicas — as da mais elevada moralidade que designamos com o nome vulgar de *anjos* e as de carácter depravado que chamamos *demónios* — teremos ainda de determinar a qual destas duas categorias se devem imputar os fenómenos espíritas que nos tempos presentes prendem a atenção de tantos cientistas.

3

O PODER DOS ANJOS NO UNIVERSO

1 — Dissemos que, embora as substâncias angélicas sejam isentas de toda a matéria, possuem, no entanto, certo poder natural sobre os elementos deste mundo e sobre o próprio homem. Agora, como neste facto temos de encontrar a explicação de todos esses fenómenos espíritas que, à primeira vista, parecem tão extraordinários, torna-se de uma importância capital que estabeleçamos sólidos alicerces para tal asserção. Devemos, portanto, investigar a natureza e a extensão deste poder, com o fim de averiguar, sem sombra de dúvida, se os vários fenómenos que se observam durante as práticas espíritas podem ser atribuídos à acção dos espíritos puros.

2 — As questões que, neste momento, se nos apresentam são as seguintes: Os anjos têm realmente poder sobre a matéria cósmica? Pode um anjo criar matéria ou alterar substancialmente um corpo? Será um anjo capaz de mudar os corpos de um lugar para outro? Qual é a extensão do poder de um anjo sobre a matéria corpórea? Pode um anjo assumir forma corpórea e, uma vez dentro dum corpo, exercer todas as funções vitais? Que poder terá um anjo sobre as faculdades do homem, sobre o seu intelecto e sobre a sua vontade?

Mas, para não sermos levados a acreditar que um anjo pode fazer quanto lhe apraza, com o homem ou com a matéria, devemos também determinar os limites da sua esfera de acção no que diz respeito aos surpreendentes resultados obtidos por meio do espiritismo. Para conseguirmos isso, temos de estabelecer uma comparação entre os factos que transcendem o poder da natureza, e que chamamos mila-

gres, e as obras que são próprias das substâncias angélicas. Finalmente, fecharemos este capitulo com um estudo especial desses extraordinários fenómenos conhecidos como «penetração dos corpos», para que possamos determinar, com certeza, a diferença entre obras angélicas e milagres pròpriamente ditos.

3 — Ao discutir estes pontos, que evidentemente se relacionam com as questões mais subtis da metafísica, temos de nos precaver contra dois extremos igualmente perigosos — ou exagerarmos ou depreciarmos a extensão da interferência angélica na ordem do Universo.

É preciso notar que tudo quanto aqui dissermos a tal respeito se baseia no facto de que os espíritos puros são agentes de Deus e seus ministros no governo do mundo, e que, sem de maneira alguma interferirem na acção dos agentes físicos, regem o Universo como instrumentos do infinito poder de Deus, de maneira que as forças cegas da natureza e a sábia direcção dos espíritos puros se combinam para levar o mundo ao fim que lhes foi designado pela Divina Sabedoria.

Temos de começar por estabelecer os alicerces do poder angélico sobre a matéria e mostrar que tal poder é real e eficiente.

§ I — *Poder dos anjos sobre a matéria corpórea* [1].

1 — Os antigos filósofos, bem como os Doutores e Padres da Igreja, ensinam que a ordem física do Universo, juntamente com as suas diferentes partes materiais, está sujeita ao governo de seres espirituais. A razão disso encon-

---

[1] Para melhor compreensão, veja-se a *Summa Theologica* de S. Tomás, I parte, *Quaest.* I e seguintes, e *Quaest.* CVI.

tra-se no princípio geral de que, neste mundo, há unidade e ordem, e essa ordem exige que os elementos inferiores estejam subordinados a seres de categoria superior, exactamente como sucede com o governo das sociedades. Sob a jurisdição de um magistrado supremo, que tem a autoridade máxima, estão dispostos, por uma forma ordenada, outros agentes que têm também certa autoridade, de harmonia com a sua categoria e dignidade, sobre determinado número de indivíduos. Da mesma maneira, o mundo material é inferior, em natureza e perfeição, ao mundo espiritual e, por isso, é perfeitamente natural que aquele seja governado e dirigido por este.

2 — Não será, contudo, exacto dizer que o governo do Universo natural foi o fim objectivo de Deus, ao criar os anjos. Estes nobres espíritos foram criados com o fim de reflectirem a perfeita espiritualidade de Deus e de Lhe darem, no seu próprio ser e na sua linguagem, louvores e glória sem fim. Mas esta glória podem eles também dar--Lha, governando, de acordo com o plano delineado pelo mesmo Deus, os elementos da matéria e as partes componentes deste mundo. Por isso, devemos declarar que o governo do Universo natural foi apenas o fim secundário da criação dos anjos.

Julgamos que não poderá haver muitas dúvidas sobre a exactidão desta asserção, pois é evidente que em nós, que somos compostos de corpo e alma, é a alma quem dirige as operações do corpo. É, pois, perfeitamente natural pensar que o mundo material é governado pelas substâncias angélicas, da mesma forma que um ser inferior é governado por um superior. Tanto a tradição filosófica como a eclesiástica reconheceram, nos espíritos angélicos, o poder de superintendência sobre os elementos da matéria.

Esta doutrina, contudo, não deve levar-nos à convicção de que cada indivíduo — planta ou animal — seja obra de

um anjo separadamente. Nos últimos anos tem ganhado terreno, entre os partidários do espiritismo, a opinião de que o mundo é o trabalho material de um número infinito de almas imateriais que, colectivamente, formam a única e grande alma do Universo.

3 — Considerando o facto de que muitos milhares de espécies vegetais são todas formadas dos mesmos elementos, isto é, oxigénio, carbono e potássio, com a mistura de sódio, quando se trata de plantas marítimas, pensam eles ser impossível que esses poucos elementos se possam combinar de maneira a formar a grande variedade de organismos que nós todos conhecemos. A habilidade artística com que cada ramo de árvore rebenta do caule gerador e, por sua vez, dá origem a outros ramos mais delgados que produzem as folhas como órgãos da respiração, tudo isto sem que qualquer parte duma árvore vá prejudicar ou obstruir os outros órgãos, parece-lhes ser um indício seguro da existência de individualidades imateriais que, segundo eles, trabalham atarefadamente em cada produção separada, desde as formas geométricas dos cristais até aos mais complexos tecidos do reino animal.

4 — É preciso observar que este *pampsiquismo*, que está em voga entre os modernos espíritas, tem uma certa afinidade com a bem conhecida teoria de Kant, segundo a qual a alma humana, ainda nesta vida, está em íntima comunicação com todos os seres imateriais do mundo dos espíritos nos quais produz e dos quais recebe recíprocas impressões, facto este de que não nos apercebemos geralmente, enquanto permanecemos com boa saúde física.

5 — O ensino da teologia católica difere largamente de tudo isto. A matéria, não possuindo de si própria nenhuma qualidade, teve, no princípio, de receber de Deus, que a criou, aquelas propriedades subtis, cujas operações haviam de produzir, com o decorrer do tempo, todas as transforma-

ções subsequentes que se deram no Universo. Além disso, sendo a matéria inerte, foi necessário, para que ela passasse do estado de inércia inicial ao estado de actividade, que recebesse de Deus, que é a causa de toda a energia, o seu primeiro impulso. Estes dois efeitos, isto é, a dotação da matéria com as suas propriedades e o primeiro impulso que lhe foi dado, realizaram-se no princípio, de acordo com leis físicas extremamente sábias e do mais vasto alcance, e só elas explicam todas as subsequentes transformações que se operaram no Universo, bem como a conservação deste equilíbrio de que dependem a paz e a harmonia do mundo.

6 — Nada, contudo, nos impede de reconhecer entre os factores naturais de transformações materiais, a selecção natural ou a luta pela vida; mas, a não ser que admitamos neste conflito dos elementos uma força superior, dimanada de Deus e exercendo a sua acção de acordo com as leis por Ele estabelecidas, estes factores devem ser considerados como insuficientes para conservarem a harmonia do mundo. Se não fosse devido a essas leis, que regulam as várias manifestações de vida, não teriam os parasitas, por exemplo, cujo poder de multiplicação não conhece limites, infestado já a terra, a ponto de impedir a distribuição equitativa da vida vegetal e animal? Mas as leis de Deus são eternas, e o mesmo poder, em virtude do qual Ele criou o mundo, conserva-o agora na completa harmonia de todas as suas partes.

7 — O mundo é, portanto, governado por Deus, como por uma primeira e universal causa de vida e movimento. Por Ele foi dado poder aos elementos deste mundo para exercerem uns sobre os outros uma influência motriz e, por este meio, a acção da primeira causa, geral em si própria, divide-se, por assim dizer, de acordo com os agentes que entram em actuação. E, de facto, é nesta recíproca influên-

cia, que os elementos da matéria exercem uns sobre os outros, que vamos encontrar a origem, quer dos fenómenos físicos quer das transformações químicas.

8 — Embora as leis estabelecidas por Deus no princípio do mundo fossem suficientes para conservar o seu equilíbrio, no entanto a ordem da natureza requer que às substâncias angélicas, como superiores em espécie ao mundo visível, esteja inerente certo poder sobre os elementos da matéria, e Deus dispôs as coisas de forma que os anjos exerçam esse poder para manifestação da sua maior glória, manifestação essa que é, afinal, o fim último de todas as coisas.

O mundo visível foi criado para o homem, para que ele, dessa maneira, seja levado a conhecer e amar o Criador, que é o seu primeiro princípio e o seu último fim. Além disso, teve Deus a suprema bondade de se manifestar ao homem por uma forma especial, elevando-o acima da sua condição natural e revelando-lhe as mais sublimes verdades de ordem sobrenatural.

Mas a marcha ordinária do mundo visível, por outro lado, não é suficiente para convencer o homem dessas verdades sobrenaturais, em que ele tem de acreditar, e para as quais não encontra prova suficiente no Universo. Necessário se torna, portanto, que haja certas alterações nessa marcha natural do mundo, para que o homem, prestando maior atenção a esses factos extraordinários, possa convencer-se das verdades sobrenaturais, e se persuada de que tem de pautar por elas a sua maneira de proceder. E assim fica, por disposição de Deus, um campo aberto à manifestação do poder angélico sobre os elementos da matéria. Quando Deus resolve, para confirmação de verdades divinamente reveladas, alterar a marcha natural do Universo, confia a execução do seu plano às substâncias espirituais que, por sua natureza, são superiores ao mundo visível. E assim os

anjos tornam-se os próprios ministros do grande Rei, cuja glória são encarregados de propagar perante os homens.

9 — Esta é a forma de actuar que os Padres e Doutores da Igreja reconhecem nos anjos, não só sobre as plantas e animais, mas até sobre o próprio homem. A Sagrada Escritura fala-nos também do anjo que tem poder sobre o fogo ([1]), e daquele que manda nas águas ([2]); e Santo Agostinho diz que cada espécie distinta, nos diferentes reinos da natureza, é governada pelo poder angélico ([3]). É também ensino corrente da Igreja que cada homem tem, desde o berço, o seu anjo da guarda que o protege e defende durante a vida mortal.

10 — Concluímos, portanto, afirmando que os anjos têm o direito de governar e reger os elementos materiais do mundo, presidindo a todas as derrogações das leis da natureza que Deus, no decorrer do tempo, ordena que se façam para a manifestação da sua glória. Na realidade, todo o poder que os anjos possuem sobre a matéria foi-lhes dado para que dele se sirvam para promover a glória de Deus. Não é impossível, contudo, que alguns deles se desviem do caminho da rectidão e façam uso desse poder para operar a destruição no reino de Deus. Em devido tempo mostraremos se tal facto na verdade se realiza. O que nos interessa agora é investigar a natureza e extensão do poder angélico sobre os elementos naturais, isto é, se as substâncias angélicas têm uma preponderância absoluta sobre todo o Universo físico, se podem criar matéria ou dar-lhe qualquer forma que desejem e, finalmente, se têm poder para deslocar os corpos de um lugar para outro.

---

(1) *Apoc.* XIV, 18.
(2) Idem, XVI, 5.
(3) L. LXXXIII, *Quaest.* 9, LXXX.

A questão é muito intricada e fácil será errar, se não seguirmos, cheios de fé, os ditames de sã filosofia cristã. Por isso, antes de continuarmos, vamos estudar a diferença que existe entre as várias obras do Universo, de forma que se torne evidente para nós o poder que os anjos têm sobre a matéria corpórea.

§ II — *Diferença entre as várias Obras de Deus no Universo.*

1 — Ao classificar as várias mudanças que se operam no Universo, é conveniente começar pelas de mais baixa espécie e subir, gradualmente, até às de categoria mais elevada.

Olhando a natureza, tal como ela nos cerca, encontramos, no mais baixo degrau desta escada, certas mudanças operadas pela mesma natureza, que podem ser substanciais ou acidentais. Estas últimas são de três espécies, conforme se referem ao lugar, à quantidade ou à qualidade. Ora, é manifesto que as transformações substanciais ultrapassam as acidentais e, entre estas, as de lugar ou localização formam a primeira categoria; depois vêm as de crescimento ou quantidade e, por último, as alterações quanto à qualidade.

2 — Acima das mudanças naturais, há as extraordinárias ou sobrenaturais. Nesta categoria, porém, aquelas alterações que se verificam em sujeitos que não têm outra potencialidade senão a potencialidade obediencial, em relação à forma a receber, estão em plano superior àquelas cujo sujeito tem para isso uma potencialidade natural, embora esta potencialidade não seja imediata. Assim, é um milagre mais pequeno mudar a água em vinho do que formar um corpo humano com barro ou com a costela de um

homem. Na água há uma potencialidade natural para se converter em vinho por um processo de vegetação bastante longo, ao passo que é impossível que haja no barro ou na costela de um homem qualquer potencialidade natural para se transformarem num corpo animado com uma alma racional.

3 — Acima destas mudanças, que se podem chamar formais, há uma outra mais extraordinária que atinge a própria essência da matéria e que, por esse motivo, se chama transubstanciação. É, expressamente, a mudança de toda a substância duma coisa em toda a substância de outra, como sucede, por exemplo, quando o pão se transforma no Corpo de Cristo. Mas, mesmo neste caso, há uma certa potencialidade obediencial porque, assim como nas transformações formais há uma potencialidade obediencial para receber determinada forma, assim na mudança substancial há uma potencialidade obediencial que permite que o todo de uma substância possa ser mudado em outra, como acontece no caso de o pão se converter no Corpo de Cristo.

4 — Se, portanto, houver um acto divino para o qual nenhuma potencialidade, mesmo obediencial, preexista, tal acto será superior à transubstanciação, e teremos então a criação, em virtude da qual a matéria é produzida do nada.

5 — Acima da criação, deve ser ainda colocada uma obra de categoria mais elevada que é a reabilitação ou a santificação da criatura racional, pelo menos quanto ao «terminus» e quantidade da obra realizada. Neste caso, o estado a que a criatura racional é elevada ultrapassa infinitamente todas as forças, desejos e aspirações da criação; no entanto, se atendermos à forma de realização, a criação é superior, visto que para esta não existe qualquer sujeito passivo.

6 — Finalmente, acima de todas estas obras da Sabedoria Divina, está a Incarnação de Deus, que excede todas as mudanças que se possam conceber, porque o seu «terminus» é a união hipostática da Pessoa Divina a uma natureza criada, comunicando-lhe a sua própria vida. A esta obra de Deus chamou S. Tomás «*Miraculum miraculorum omnium*» (1).

7 — Foi desta maneira que Deus, Senhor de todo o Universo, «brincando no mundo» (2), espalhou na terra, com mão liberal, as maravilhas da sua omnipotência. E a contemplação de todas estas obras prodigiosas é, para nós, ao mesmo tempo, confortante e útil. Não permitindo que atribuamos a nós próprios uma importância que não temos, livra-nos da vaidade, que é o princípio de todo o pecado, e obriga-nos a admirar e engrandecer, na medida das nossas forças, o nome d'Aquele cujas obras são as mais belas e variadas que podemos conceber. Nunca será demais citar as palavras do Eclesiástico: «porque só as obras do Altíssimo, sim, as suas obras, são admiráveis e gloriosas, e escondidas e incógnitas» (3).

8 — Depois de classificarmos as obras prodigiosas que contemplamos no Universo, vamos agora procurar saber se um anjo pode, à sua vontade, realizá-las todas, ou se o seu poder está restrito sòmente a certa categoria. Examinemos, portanto, cada uma dessas categorias em particular, recomeçando pela mais elevada e descendo gradualmente até à mais baixa. E, para que o leitor nos possa acompanhar com

---

(1) Dist. XI, Quaest. I, Art. 3, sol. III. A palavra *mudança*, usada aqui pelo Doutor Angélico, com relação à Incarnação, está empregada num sentido impróprio, porque nem a Criação nem a Incarnação são, pròpriamente falando, *mudanças*.

(2) Prov. VIII, 31.

(3) Ecles. XI, 4.

mais facilidade, começaremos por investigar, no parágrafo seguinte, se um anjo pode incarnar, se pode incutir no homem maldade ou bondade, se tem poder para criar matéria ou transubstanciar qualquer ser criado e, finalmente, se pode operar milagres. Este estudo é da maior importância para o fim que temos em vista, porque é só depois de conhecermos os limites do poder angélico que poderemos precisar a natureza das operações diabólicas nas práticas espíritas e noutras semelhantes.

§ III — *Se os anjos podem incarnar, incutir bondade ou maldade no homem, criar matéria, transubstanciar qualquer criatura ou operar milagres.*

1 — Muitas pessoas julgam ser possível que um anjo possa unir-se hipostática e pessoalmente a uma criatura visível, seja homem ou animal, de harmonia com estas palavras que se ouvem correntemente: fulano ou beltrano é um verdadeiro demónio incarnado. Isto, tomado no sentido próprio e não metafórico, quereria simplesmente dizer que o demónio podia tomar a forma de qualquer criatura, com uma personalidade própria exactamente como o Verbo de Deus que se fez carne, assumindo hipostàticamente a natureza humana. Ora tal coisa é impossível, porque sòmente Deus, que é um ser infinito, pode comunicar a uma natureza distinta a sua própria personalidade. Por isso, embora o demónio possa tomar posse do corpo dum homem ou dum animal, nunca poderá unir-se hipostàticamente a esse corpo, pela forma como Deus assumiu a natureza humana, ficando a ser verdadeiro homem (1).

---

(1) S. Tomás, 3 Quaest. III, Art. 1 ad 2m.

2 — Não só um anjo é incapaz, pròpriamente falando, de incarnar, mas também não pode incutir na alma humana qualquer qualidade moral, como faz Deus, quando, pelo seu poder oculto, faz um justo dum pecador, infundindo nele o dom da graça divina e das virtudes sobrenaturais. De facto, tal operação só pode ser praticada por quem tenha poder para penetrar *(illabi)* na verdadeira essência da alma. Ora isso é possível apenas a Deus, que está presente em todas as coisas, sustentando com o seu poder divino a existência que essas mesmas coisas d'Ele receberam. Pode um anjo, pela sugestão e pela preponderância que estão dentro dos limites do seu poder, exercer certa influência sobre o coração do homem, mas nunca poderá incutir nele qualquer qualidade, boa ou má ([1]).

3 — Pelo que diz respeito à criação de matéria, está tal operação completamente fora do alcance do poder angélico. Só Deus pode criar matéria, isto é, só Ele a pode produzir do nada, porque só Ele é, por essência, o Ser Supremo, que pode tirar do nada as criaturas, não porque isso lhe seja necessário, mas por um acto de pura bondade, dando a cada um o seu próprio ser, que, acima de tudo, é uma participação, ténue e finita, da semelhança divina. Nenhuma criatura, seja qual for a sua categoria e grandeza, pode produzir qualquer coisa do nada. Por isso, seja qual for o poder de acção que um anjo tenha sobre o mundo físico, tal poder deve sempre pressupor necessàriamente a acção criadora de Deus.

4 — Que devemos dizer agora do poder de transubstanciar ou mudar expressamente o todo de uma coisa — matéria e forma — em outra, facto este de que temos apenas um exemplo no Santíssimo Sacramento do Altar? A resposta

---

([1]) *Ibid.* Quaest LXIV, Art. 1.

não pode ser outra senão que tal poder excede indiscutìvelmente a capacidade angélica. Por consequência, todas essas maravilhosas metamorfoses descritas pelos poetas pagãos, particularmente por Ovídio, todas essas fábulas que nos falam de homens mudados em pedras, pássaros e plantas, por ordem de qualquer divindade ou de qualquer representante do demónio, não passam de ficções e sonhos faltos de realidade. Para efectuar tal mudança, era necessário um poder absoluto sobre o objecto a transubstanciar, tanto sobre a matéria como sobre a forma. Mas tal poder, como já dissemos, só a Deus pertence.

5 — No entanto, sendo tão grande o poder dos anjos, não poderão eles operar mudanças miraculosas, como, por exemplo, mudar a água em vinho, como fez o Senhor nas bodas de Caná? Não; isso também está acima do poder angélico, como está acima do seu poder operar milagres. O anjo é um agente finito e, como tal compete-lhe apenas, nas suas operações, seguir a ordem estabelecida pela natureza. Ora, a ordem estabelecida impõe que um determinado agente não possa dar à matéria outra forma senão aquela, para a qual essa matéria tem uma potencialidade imediata, e não a forma para a qual a mesma matéria tenha uma potencialidade remota. Esta é a razão por que o poder de operar milagres, isto é, de praticar actos, em virtude dos quais é dada à matéria qualquer forma por meios não naturais, é próprio só de Deus, como diz o salmista: «Só Ele faz coisas maravilhosas» ([1]).

6 — Somos, portanto, obrigados a concluir que o poder angélico no mundo está limitado à ordem natural e não se pode exercer senão mudando a matéria pelos meios por que a natureza actua. Como pode, porém, um anjo fazer isso?

([1]) Salm. LXXI, 18.

Poderá fazê-lo por um contacto directo e imediato ou apenas por uma actuação mediata e indirecta? Esta é uma nova questão que temos agora de resolver. Vamos mostrar, no parágrafo seguinte, como os anjos, por meio do movimento local da matéria, podem causar mudanças intrínsecas nos corpos, isto é, alterações, quer acidentais — de qualidade ou quantidade — quer substanciais — de natureza e essência.

§ IV — *Se os anjos podem alterar os corpos ou movê-los de um lugar para outro.*

1 — Para que possamos compreender de que maneira e até que ponto um anjo pode alterar os corpos, devemos, antes de mais nada, estabelecer a diferença entre alterações intrínsecas e extrínsecas. As primeiras implicam, ou uma mudança substancial ou, pelo menos, uma mudança na quantidade ou qualidade de um corpo; as segundas significam apenas uma mudança local com referência à posição dum corpo no Universo. Estas são exemplificadas pela mudança dos nossos próprios corpos de um lugar para outro, a pé ou a cavalo, pela elevação ou abaixamento, alternadamente, das águas do oceano, pelo movimento dos planetas na amplidão dos céus e, de uma forma geral, pela deslocação de um objecto de um lugar para outro. São mudanças que se realizam no tempo ou no espaço, mas que deixam inalterada a substância do corpo deslocado. As mudanças substanciais são exemplificadas pela destruição de um pedaço de madeira pela acção do fogo, pela absorção dos alimentos pelo estômago, pela transformação dos gases sob a influência da análise química, etc. Estas coisas perderam a sua primitiva natureza e realizou-se uma transformação completa, visto que uma nova substância sucedeu à pri-

meira. As cinzas não são madeira, carne e sangue não são pão e vinho, oxigénio e hidrogénio não são água. Outras mudanças, mais pròpriamente chamadas alterações, são também intrínsecas, mas são classificadas como acidentais, porque não afectam a substância. Tais são, por exemplo, as alterações que se produzem no organismo humano em caso de doença, ou que se verificam numa criança na sua transição para a idade adulta. No primeiro caso, trata-se de uma alteração de qualidade e, no segundo, de quantidade ou crescimento.

2 — Vamos agora ver se os anjos são capazes de mudar intrìnsecamente ou de modificar os objectos materiais por uma acção directa ou imediata, quer obrigando-os a perder a sua natureza e tornando-os numa outra coisa de carácter total e essencialmente diferente, quer produzindo uma modificação nas suas qualidades intrínsecas e na sua quantidade natural. A teologia católica diz-nos que isso é inteiramente impossível, porque um anjo, sendo um espírito puro, não pode imediatamente dar à matéria existente uma nova forma ou essência, quer substancial quer acidental, como podem fazer os agentes materiais, quando actuam sobre objectos da sua própria espécie.

É a semelhança existente entre os agentes materiais que torna possível a um deles produzir uma mudança intrínseca e imediata na substância, qualidade ou quantidade de outro; é a falta de semelhança das suas respectivas naturezas, entre os espíritos privados de toda a matéria e os seres materiais, que torna impossível para os primeiros alterar, por uma acção directa e imediata, a substância dos segundos, e isto precisamente porque toda a semelhança natural seria necessária entre a causa e o efeito.

3 — Daqui se conclui que um ser espiritual ou angélico não pode, *por uma acção directa ou imediata*, mudar a substância, qualidade ou quantidade de objectos mate-

riais, e muito menos pode produzir o mais pequeno animal vivo ou planta, nem mesmo a mais simples célula vital. Se, portanto, um anjo, por vezes, parece produzir qualquer ser vivo, por uma forma aparentemente semelhante a uma criação instantânea, ou operar qualquer espécie de mudança substancial ou intrínseca, tal facto é devido ùnicamente à sua perspicácia, que lhe permite trazer à maturação os germes de certas espécies prèviamente escolhidos, com um inteligente e acertado critério, para tal fim. Da mesma forma, as mudanças intrínsecas, acidentais ou substanciais, produzidas pelos anjos num determinado indivíduo, são devidas ao uso que esses mesmos anjos fazem de oportunos instrumentos com que atingem o seu fim. Assim também, por exemplo, um artista hábil, com o uso criterioso que sabe fazer da imaginação e do martelo, pode produzir coisas que causam a nossa admiração, mas que ele não produziria, se não dispusesse de tais meios de acção.

4 — Mas, se a mudança intrínseca dos corpos está acima do poder imediato e directo dum anjo, o movimento local, por outro lado, está perfeitamente dentro da sua esfera de acção.

Ele pode certamente — e isso foi admitido por todos os antigos filósofos — transferir o mais pesado dos corpos dum lugar para o outro, e fá-lo com a maior facilidade e com uma rapidez que desafia o mais veloz meio de transporte conhecido até hoje. E, se alguma vez um anjo produziu nos corpos qualquer mudança intrínseca, substancial ou acidental, tal facto derivou do poder que ele tem para a transferência dos mesmos corpos e não do poder directo e imediato que tivesse sobre a substância desses objectos.

5 — Surge agora esta pergunta: como podemos nós provar a existência, nos anjos, desse poder de transferir localmente os corpos?

A explicação de tal poder encontra-se na lei geral,

segundo a qual o mais alto elemento nas coisas de uma ordem inferior está sujeito à influência daqueles seres que pertencem à ordem superior; daqui provém que a mais nobre propriedade dos corpos, que é a possibilidade de serem deslocados de um lugar para o outro, está perfeitamente dentro do campo de acção das substâncias espirituais e puras.

É manifesto que a possibilidade de serem transferidos de um lugar para o outro é a mais nobre propriedade dos corpos. De facto, assim como a disposição para a mudança interna nos corpos prova um estado de imperfeição, como se eles não tivessem atingido ainda o seu estado completo, assim também a disposição para a deslocação, isto é, para o movimento de um lugar para outro, supõe, por outro lado, que esse corpo está já em estado de perfeição intrínseca e tende apenas para um fim extrínseco, como é na realidade, a aquisição de um novo lugar no Universo.

6 — Do que acabamos de expor deve concluir-se que o poder de mover os corpos ou de os transferir de um lugar para outro é o elo que põe as substâncias espirituais puras em contacto imediato com o mundo visível material e, por isso, o movimento local, nos elementos do Universo, é o campo de acção próprio dos espíritos puros. Por tais meios, podem eles também, por uma forma mediata, efectuar consideráveis mudanças intrínsecas, quer substanciais quer acidentais, desde que a actuação em conjunto de elementos materiais prove ser, em determinadas circunstâncias, a causa de efeitos prodigiosos, como os que se verificam nos fenómenos telúricos.

7 — Devemos notar agora que, embora a energia angélica manifestada em força motriz seja para nós incalculável, somos obrigados a admitir-lhe vários graus, de acordo com a posição que cada anjo ocupa na grande escala das substâncias espirituais. Como uma estrela de primeira gran-

deza abarca, na sua esfera de actividade, maior número de corpos pesados do que uma estrela de menor grandeza, assim um anjo superior, poderá, por exemplo, mover a terra inteira, ao passo que um anjo inferior será capaz apenas de deslocar um planeta mais pequeno.

Mas um anjo, por muito grande que seja o seu poder, não poderá mover o Universo inteiro. A razão disso é que um anjo está para o mundo, como a parte está para o todo: encontra-se contido no Universo à maneira das substâncias imateriais, que não estão circunscritas pelas dimensões do lugar, isto é, que estão de tal forma num lugar que não podem estar noutro. Por isso, o poder motor dum anjo, por muito elevada que seja a sua categoria, está necessàriamente restrito a determinada porção do mundo.

Necessário se torna explicar agora o que queremos significar, quando dizemos que um anjo está em determinado lugar, atendendo a que dessa explicação depende a recta compreensão da manifestação do poder angélico sobre os elementos materiais do mundo, pela forma acima citada.

§ V — *Em que sentido podemos dizer que um anjo está em determinado lugar.*

1 — Sendo um anjo uma substância espiritual e estando, portanto, acima do tempo e do espaço, não se pode dizer que ele esteja num determinado lugar em razão da sua substância. Assim se diz, porém, quando nos queremos referir à aplicação ou direcção do seu poder sobre um objecto material. É em virtude do seu poder, ou antes da sua actividade sobre os objectos materiais, que se diz que um anjo pode estar localizado.

Por outras palavras: a aplicação do poder angélico para mover ou mudar um corpo específico, animado ou não, como também para influenciar o homem pela maneira a que adiante nos referiremos, isto é, iluminando-lhe o intelecto ou actuando sobre os seus sentidos — é a razão por que dizemos que um anjo está num ou noutro lugar.

2 — No entanto, não basta dizer que um anjo está em determinado lugar pela aplicação do seu poder. É necessário acrescentar que, estando assim num lugar, não pode, ao mesmo tempo, estar noutro. Como o seu poder é limitado, não pode, por uma e pela mesma acção, atingir diferentes objectos ou lugares. Pode, contudo, deslocar-se instantâneamente, transferindo a sua acção dum ponto para outro, sem que lhe seja preciso passar por espaços ou objectos intermediários.

3 — Pelo facto de a energia de um anjo estar aplicada sobre um lugar ou objecto, ele toma posse desse lugar ou objecto, isto é, ocupa-o, enche-o e circunscreve-o de tal forma que exclui a sua ocupação, de igual maneira, por outro anjo.

Este lugar particular ou objecto torna-se domínio seu, sem que, contudo, a sua substância fique essencialmente unida a ele, como a nossa alma está unida ao corpo, visto que esta espécie de união é própria de uma forma substancial que fica unida formalmente ao seu próprio corpo. Não pode também assumir o objecto sobre o qual exerce o seu poder, como o Verbo Divino assumiu a natureza humana. Muito menos poderá ainda transformar na sua própria natureza o objecto ao qual se encontra unido.

4 — Nesta completa e absoluta ocupação por um anjo de um objecto material, seja mineral, vegetal, animal ou o próprio homem, encontramos nós a explicação desse domínio absoluto e maravilhoso que espíritos invisíveis exercem, por vezes, sobre objectos materiais, a ponto de se frustra-

rem as mais aturadas investigações da ciência moderna sobre tal assunto. Os objectos animados ou inanimados, que um anjo, bom ou mau, ocupa em virtude do seu poder, tornam-se a sua praça forte, não só contra toda a energia mecânica, mas também contra a energia de outras substâncias angélicas ou espirituais. Os casos de possessão ou obsessão são frequentes nos anais da história e lemos no Evangelho que Jesus Cristo muitas vezes libertou os que se encontravam miseràvelmente atormentados pelo demónio, valendo-se, para isso, da sua voz autorizada (¹).

§ VI — *Extensão do poder angélico sobre a matéria.*

1 — Provado que um anjo tem um poder directo para transferir os corpos de um lugar para outro, conclui-se que, devido a isso, pode o mesmo anjo operar um grande número de mudanças intrínsecas, quer substanciais, quer acidentais. O seu poder para alterar a substância, qualidade ou mesmo a quantidade material dos elementos, é tanto mais extenso quanto mais o permitir também o *médium* de que ele se serve e que, no presente caso, é o movimento local.

Ora, não nos é possível determinar limites para a produção de mudanças substanciais ou quaisquer outras mudanças intrínsecas que se operam devido ao movimento local. Se os alimentos que absorvemos se transformam na nossa própria substância, é porque são conduzidos até aos nossos estômagos e distribuídos através dos vários canais de absorção. Se adoecemos, a causa deve-se procurar na perturbação daquele equilíbrio que devia reinar nos vários elementos do nosso corpo, e a verdade é que a saúde não volta,

---

(¹) Veja-se S. Marcos, cap. V.

enquanto tal equilíbrio se não restabelecer. Se uma semente se transforma numa árvore, isso deve-se ao facto de que a semente foi lançada à terra e absorveu depois o fluido vital que a fez germinar. Numa síntese ou numa análise químicas, quer no laboratório de um sábio, quer no grande laboratório da natureza, a última causa deve ser procurada na união ou separação dos elementos simples, cuja combinação ou cuja acção recíproca produzem esses admiráveis fenómenos que todos nós conhecemos.

Do facto de os anjos poderem deslocar os corpos para onde queiram, podemos inferir que eles possuem também um poder mediato para operar certas mudanças substanciais ou outras mudanças intrínsecas que se realizam no Universo. As maravilhas operadas pelos magos de Faraó, e às quais se refere a Sagrada Escritura, são ampla prova do que afirmamos. Tais mudanças não pertencem simplesmente ao movimento local, embora, falando de uma maneira geral, não se pudessem ter realizado sem que se verificasse algum movimento local nos elementos da matéria.

2 — Do exposto somos levados a concluir que os fenómenos originados pelo poder angélico, quer directa quer indirectamente, revestem notáveis características, não só quanto à sua extensão como quanto à sua diversidade. Como, por um lado, estes espíritos puros possuem um conhecimento das leis físicas e químicas que excede grandemente o nosso, e, por outro lado, o seu poder é de muito maior alcance, podemos assegurar que dificilmente se encontrarão neste mundo alguns fenómenos que não possam ser provocados pelos anjos, duma ou doutra maneira. E esses fenómenos são, por vezes, tão surpreendentes que nos chegam a parecer verdadeiros milagres. Mas, nesse caso, não se trata de milagres, porque, embora tais factos ultrapassem o poder do mundo visível, até onde tal poder é por nós conhecido, não excedem o poder dos anjos. O milagre, que

excede todos os poderes do mundo visível e do mundo invisível, só pode ser atribuído a Deus, como mais tarde havemos de mostrar.

3 — Mas, embora o poder dos anjos seja tão grande, não devemos recear que eles invertam o curso da natureza, visto que tal poder não lhes foi dado para destruição, mas sim para a boa ordem e governo do Universo. Se, portanto, por vezes, alguns espíritos angélicos, dotados de natureza moralmente perversa, fazem mal ao homem ou provocam qualquer anormalidade ou tácito acordo com esses elementos, como acontece nos casos de feitiçarias, ou a qualquer desígnio oculto de Deus, que pode permitir a realização de tais factos, como sucede quando os homens se vêem atormentados pelos espíritos malignos.

4 — Um rápido exame dos fenómenos que ocorrem no mundo físico bastará para nos dar uma ideia dos maravilhosos efeitos a que os seres angélicos podem dar causa. Em primeiro lugar, assim como, devido às forças da natureza, massas enormes se podem deslocar, ou, sob a acção de agentes físicos, os elementos da matéria se dissolvem ou trabalham em conjunto, como quando provocam as tempestades, furacões e procelas — assim também um anjo, sem a cooperação de quaisquer agentes intermediários, transfere de um lugar para outro os corpos mais pesados, levanta-os e conserva-os suspensos durante determinado tempo, agita as mais pesadas substâncias e provoca colisões entre elas. Pode o mesmo anjo voltar cidades e vilas debaixo para cima, provocar terramotos e encapelar as ondas do mar, originar tempestades e furacões, parar a corrente dos rios e, se assim o entender, dividir as águas do mar [1].

---

(1) Assim, a divisão das águas do Mar Vermelho, ao bater da vara de Moisés, não excede o poder natural dos anjos, e por isso, falando duma forma absoluta, tal facto podia-se ter dado sem milagre. Mais adiante

Além de tudo isto, pode também um anjo, usando das próprias forças, produzir os mais surpreendentes efeitos ópticos, não só obrigando substâncias desconhecidas para nós a espargir jorros de luz, mas também projectando sombras que se assemelham a representações fantasmagóricas. Pode ainda, sem a ajuda de qualquer instrumento, pôr em movimento os elementos da matéria, fazer ouvir a música mais harmoniosa ou produzir os mais estranhos ruídos, tais como pancadas repetidas ou explosões súbitas. São ainda os anjos capazes de aglomerar as nuvens, provocar relâmpagos e trovões, arrancar árvores gigantescas, arrasar edifícios, rasgar tecidos e quebrar as rochas mais duras. É-lhes também possível fazer com que um lápis escreva, por assim dizer, automàticamente, certas frases com um sentido inteligível, assim como dar aos objectos formas diferentes das que são peculiares à sua natureza. Podem, até certo ponto, suspender as funções da vida, parar a respiração dum corpo, acelerar a circulação do sangue e fazer com que as sementes lançadas à terra cresçam dentro de pouco tempo, até atingirem a altura duma árvore, com folhas, botões e até com frutos.

A um anjo é possível fazer todas estas coisas no mais breve espaço de tempo por causa do seu poder sobre os elementos da matéria, e sem a menor dificuldade, imitando perfeitamente as obras da natureza e dando em tudo a impressão de que se trata de efeitos devidos a causas naturais.

---

explicaremos, contudo, como, em certas ocasiões, a operação dum anjo pode ser considerada um verdadeiro milagre, como sucedeu no caso da divisão das águas do Mar Vermelho. Mostraremos como este fenómeno pode ter sido realizado por forma inteiramente acima do poder angélico e, nesse caso, tem de ser considerado necessàriamente como um milagre da mais elevada categoria.

§ VII — *Pode um anjo assumir corpos vivos?*

1 — Pergunta-se se será possível a um anjo formar o corpo dum animal ou de um ser humano e assumir esse corpo, de maneira que, por meio dele, possa realizar certas funções vitais, tais como andar, falar, comer e outras semelhantes.

Em resposta a esta pergunta, devemos dizer que não há dificuldade em admitir a possibilidade de tal coisa, contanto que consideremos o corpo assim formado simplesmente como um instrumento do qual o anjo pode usar como quiser, mas que não faz parte da sua natureza. O nosso corpo é uma parte essencial da nossa natureza. As nossas faculdades, quer a inteligência, quer a vontade, são partes virtuais, ao passo que os membros são partes integrais do nosso corpo. Mas um corpo formado por um anjo não poderá, de forma alguma, tornar-se parte essencial, virtual ou integral do seu ser, porque esse anjo é inteiramente espiritual e completo na sua natureza.

2 — Isto conclui-se do que dissemos a respeito do poder que tem um anjo de transferir os elementos materiais dum lugar para outro. Há, na natureza, uma tão abundante variedade de elementos que um anjo pode, por uma hábil combinação e condensação desses elementos, dar-lhes a forma e até a cor dum corpo humano. Demais a mais, não está fora do seu poder ir buscar aos animais, e até mesmo em certos casos a pessoas vivas, esses elementos, ainda que eles estejam distantes do lugar onde tais fenómenos se produzem.

Assim, considerando que um anjo tem inteiro conhecimento das feições e de outras qualidades de cada indivíduo, vivo ou morto, fàcilmente se pode conceber que ele seja capaz, pelo seu próprio poder, de reproduzir a forma,

feições, altura, cor e vestuário de certo indivíduo que nós possamos conhecer, a ponto de que aqueles que mais íntimo trato tiveram com esse indivíduo sejam iludidos, julgando tratar-se da própria pessoa.

3 — Mas um anjo é capaz de produzir ainda efeitos mais surpreendentes. Pode obrigar o corpo que assumiu a andar ou a mover-se com a maior facilidade, a abrir e a fechar os olhos, a comer, a respirar, a pronunciar frases inteligíveis e, por fim, a acompanhar todas estas acções com os gestos que são naturais numa pessoa viva, composta de corpo e alma [1].

Devemos, contudo, observar que todas estas acções, que nos seres vivos, incluindo o homem, são chamadas vitais, não podem pròpriamente chamar-se assim, quando realizadas por influência dos anjos nos corpos que eles assumiram.

De facto, embora estes actos tenham os anjos como agentes principais, são actos puramente mecânicos e de forma alguma vitais, porque os corpos em que eles se realizam não são corpos vivos, desde que não fazem parte da natureza angélica.

Por isso, os corpos assumidos pelos anjos carecem daquele espírito vivificante que anima e informa os nossos corpos sob a influência da alma, que é a forma substancial do corpo.

Portanto, os corpos que os anjos assumem são meramente instrumentos externos movidos por eles à sua vontade, da mesma maneira que um pincel ou um cinzel são movidos pela mão do artista para pintar um quadro ou esculpir uma estátua. No caso dos corpos assumidos pelos

---

[1] A história de Tobias dá-nos uma prova evidente do que a Teologia católica ensina a este respeito.

anjos, as acções não podem ser atribuídas aos corpos de quem parecem dimanar, sendo portanto acções mecânicas e não vitais.

4 — Com respeito à acção de comer, realizada por vezes pelos espíritos assim evocados, é preciso declarar que tal acção é ùnicamente aparente e não real, visto que nem os espíritos, sendo completamente imateriais, podem tomar qualquer alimento, nem os corpos assumidos o podem também fazer, visto que carecem dos princípios vitais que para isso são essenciais. A acção de comer, que nos parece realizada pelos espíritos materializados, consiste apenas em reduzir a partes diminutas os alimentos que absorvem e distribuir essas pequenas partes pelo corpo; mas os corpos não são alimentados, porque não assimilam os elementos constitutivos desses alimentos. É isto precisamente o que nós lemos no anjo Rafael que disse a Tobias: — «Quando eu estava contigo, parecia que comia e bebia contigo, mas usava de uma comida e de uma bebida invisíveis, que os homens não conhecem» (1).

5 — Por isso, a acção de comer, tal como é realizada pelos espíritos materializados, é inteiramente diferente da que realizam os animais vivos. No segundo caso, a absorção dos alimentos é acompanhada pela assimilação dos elementos nutritivos que esses alimentos contêm, e está em íntima ligação com a própria nutrição e com o crescimento. Ora este não é o caso dos espíritos puros.

Para complemento das considerações que acabamos de fazer, devemos observar que a acção de comer realizada pelos anjos difere da que foi realizada por Nosso Senhor, quando, para provar a realidade da sua Ressurreição, partilhou dos alimentos que seus discípulos Lhe prepararam.

---

(1) Tobias, XII, 18, 19.

De facto, embora tais alimentos não Lhe fosse necessários para conservar a vida, visto que o seu corpo era impassível e a acção de comer não era acompanhada pela nutrição ou pelo aumento da sua forma corpórea, no entanto o alimento que Ele tomou foi absorvido por um corpo capaz de o assimilar, embora na realidade o não tivesse feito, por se tratar de um corpo glorificado. Por isso, tal alimento, depois de absorvido, foi restituído pelo poder divino aos elementos primitivos da matéria.

É necessário interromper por algum tempo estas considerações, para esclarecermos a diferença entre as acções dum corpo vivo e as acções que podem ser praticadas por um corpo que um anjo assumiu. Estas últimas são, na verdade, apenas uma pálida imitação das operações realizadas pelos animais e pelo próprio homem.

Vejamos agora qual é a extensão do poder angélico sobre o homem.

§ VIII — *Extensão do poder angélico sobre o homem.*

1 — Depois de termos tratado do poder que os anjos possuem sobre os elementos materiais, vamos agora tratar de saber qual é a extensão desse poder sobre o homem. E, para resolvermos esta questão, temos de considerar o homem sob um duplo aspecto: primeiramente, considerá-lo-emos como um ser que tem um corpo formado de elementos materiais, mais ou menos comuns a todos os outros seres da mesma espécie; em segundo lugar, teremos de o considerar como uma criatura dotada de poderes sensitivos e intelectuais, motivo por que é chamado um ser racional.

É nosso propósito, antes de tudo, investigar que poder pode um anjo ter sobre os membros do corpo humano e, em

seguida, que influência pode o mesmo anjo exercer sobre as nossas faculdades sensitivas e intelectuais.

2 — Se considerarmos o homem sob o primeiro aspecto, devemos dizer que um anjo tem sobre ele, naturalmente falando, o mesmo poder que tem sobre uma pedra, uma planta ou um animal. Pode, portanto, levantá-lo ou mudá-lo para qualquer lugar, à distância que deseje ([1]). Pode também, até certo ponto, alterar a sua forma exterior e modificar a sua constituição física interna, dar-lhe saúde, causar-lhe doenças e provocar mesmo a sua morte. Pode servir-se dos membros dum homem para os seus próprios fins, mover-lhe a língua para falar, os pés para caminhar e a mão para escrever. Todas estas acções podem ser realizadas por intervenção dos anjos bons ou dos anjos maus, mas sempre sob a condição de que Deus, Senhor e Mestre dos anjos e dos homens, ordene ou, pelo menos, permita tais factos.

3 — Falámos de anjos bons e de anjos maus. Antes de continuarmos, conveniente será que frisemos a acentuada diferença que há entre as acções de uns e de outros.

Os anjos bons nunca actuam sobre o corpo humano ou sobre qualquer outra substância criada senão por ordem de Deus, que é o seu Senhor, ao passo que, no caso dos espíritos malignos, uma simples permissão de Deus é motivo para tais acções. Esforcemo-nos por compreender, tão claramente quanto possível, a diferença que há entre os dois casos.

Desde que Deus é essencialmente bom, todas as suas intenções e todos os seus desejos têm de ser bons. Mas, de tal facto, não devemos deduzir que Ele não possa permitir o mal. Deus não pode ordenar o mal, pois, nesse caso,

---

([1]) Veja-se a transferência de Hababuc para a Babilónia por intervenção do poder angélico. Daniel, XIV, 35.

iria cooperar directamente nele, mas pode permitir que o mal se realize, deixando a maldade da acção àquele que a pratica.

A vontade permissiva de Deus, embora boa em si própria e ordenada para o bem, implica, no agente que a executa, um abuso e uma culpabilidade moral que Deus podia impedir, mas que, na realidade, nem sempre impede. Portanto, um anjo bom, ao executar as ordens recebidas de Deus, é como um instrumento na sua mão; um anjo mau, pelo contrário, actuando por iniciativa própria e para os seus fins perversos, é como um agente principal e, portanto, tem uma responsabilidade pessoal na obra que realiza.

De tudo isto se conclui que devemos considerar milagres as obras realizadas por intermédio dos anjos bons, ao passo que as obras praticadas pelos espíritos malignos não passam de perniciosas imposturas devidas à sua própria iniciativa.

Voltaremos novamente a tratar deste assunto.

4 — Acontece, por vezes, que os espíritos malignos exercem a sua acção sobre o espírito do homem com uma influência tal que o movem e dominam como muito bem querem. É então que se dá o fenómeno chamado possessão ou obsessão, e os indivíduos que estão debaixo de tal influência têm o nome de energúmenos ou possessos.

Temos muitos exemplos desta cruel tirania exercida sobre o homem pelos espíritos malignos, tanto na Sagrada Escritura, como na História, quer antiga quer moderna, e a Santa Igreja tem um rito especial para libertar o homem desta diabólica influência (1).

---

(1) *Rituale Romanum*, tit. X, cap. I — De exorcizandis obsessis a dæmonio.

5 — Falámos da extensão do poder angélico sobre o homem considerado meramente como um ser material, isto é, do poder dos anjos sobre o corpo. Precisamos agora de saber que poder têm os anjos sobre as nossas faculdades sensitivas e intelectuais, isto é, que poder possuem eles sobre a alma. Esta segunda parte é mais difícil de tratar do que a primeira e requer um exame mais atento.

Como o homem é um ser racional, dotado de uma natureza sensitiva que o ajuda a usar das suas faculdades espirituais — inteligência e vontade, para sabermos até que ponto se estende o poder angélico sobre a parte imaterial do homem, temos de investigar se os anjos podem, na realidade, exercer o seu poder sobre as nossas faculdades intelectuais, e até que ponto se estende essa influência. E, como as faculdades sensitivas são diferentes das intelectuais, é preciso averiguar, em primeiro lugar, se os nossos sentidos podem ser objecto da actuação angélica e, seguidamente, se os anjos podem actuar sobre o nosso intelecto e sobre a nossa vontade, à medida dos seus desejos.

6 — Observemos primeiramente o que se passa com os sentidos. Para isso, temos de estabelecer a distinção entre sentidos internos, tais como a imaginação e a memória sensitiva, e os sentidos externos, tais como a vista, o tacto, o ouvido, etc. E agora surge a pergunta: poderá um anjo actuar sobre nós directamente, pelo que diz respeito a estas duas fontes de conhecimento sensitivo?

Somos forçados a responder afirmativamente. E, desde que estas faculdades são comuns aos animais e ao homem, um anjo pode exercer ainda directamente a sua influência sobre os sentidos dos animais, quer internos quer externos.

É preciso, contudo, observar que, no homem, as faculdades sensitivas estão intimamente ligadas com o intelecto e são adaptadas a ele, de maneira que, actuando sobre os nossos sentidos, um anjo pode, por consequência, actuar

sobre o intelecto, até uma determinada extensão, como havemos de mostrar.

É isto devido ao facto de que as percepções dos nossos órgãos sensitivos, internos ou externos, dependem da actuação do nosso sistema nervoso. Ora este sistema, por muito vital e subtil que o consideremos, é sempre um elemento material e, por isso, está sujeito ao poder directo que um anjo possui sobre o movimento local da matéria.

7 — Não pode haver dúvida de que o nosso organismo, pelo que diz respeito aos nervos, aos músculos, ao baço, ao sangue, etc., está debaixo da acção de agentes naturais tais como a luz, o calor e outros, e esta influência é uma condição essencial para as operações da imaginação que, ou nos conservam o cérebro ocupado durante o sono, ou nos estimulam a atenção, enquanto estamos acordados. E os seres angélicos, tendo um conhecimento perfeito do nosso sistema nervoso, podem obrigar esses elementos a entrar em acção, de maneira a produzir em nós, artificialmente, imagens semelhantes às produzidas naturalmente.

A disposição particular dos nossos órgãos externos pode também ser causa de determinadas sensações. Um enfraquecimento do nervo óptico, por exemplo, pode causar-nos ambliopia ou mesmo amaurose; uma modificação na retina pode impedir-nos de distinguir as cores, como sucede com os atacados de daltonismo, e, para a língua de um indivíduo que esteja com febre, tudo tem um gosto amargo. Todas estas modificações do sistema nervoso pode um anjo provocá-las nos nossos órgãos internos e externos, pelo exercício do seu poder natural sobre a matéria. Por isso, fàcilmente podemos calcular quão profundamente a nossa natureza sensitiva pode ser impressionada pela acção de um anjo, e que alcance tão vasto poderão ter as modificações causadas

por ele no nosso organismo, modificações essas que se reflectem nas próprias funções vitais.

8 — Para completarmos estas considerações, devemos, no entanto, esclarecer que o poder angélico sobre as nossas faculdades sensitivas é limitado, pelo que diz respeito à formação, na imaginação, de imagens de objectos colocados inteiramente fora do alcance dos sentidos externos, que são as fontes naturais dessas imagens. Assim, nenhum poder angélico será capaz de dar a um cego de nascença a concepção da cor ou dar a um surdo a noção precisa do som. Tudo quanto um anjo pode fazer é levar a imaginação, por meio de uma engenhosa combinação de imagens prèviamente obtidas, a figurar aquilo que ela podia de outra forma conceber, recorrendo a outras fontes de conhecimento.

9 — Não está para além do poder dum anjo actuar tão fortemente sobre a imaginação de uma pessoa, a ponto de a obrigar a figurar um objecto que ela nunca tenha visto ou do qual nunca tenha ouvido falar, e convencê-la até de que foi mudada para um lugar distante e está a conversar com pessoas que se encontram longe, como se elas estivessem presentes. É isto o que sucede nos chamados casos de telepatia (1).

Pode um anjo também actuar sobre a imaginação de um indivíduo, a ponto de o tornar capaz de descrever com exactidão a topografia de determinado lugar que esse indivíduo nunca viu, ou de dar os sinais de certa pessoa que ele não conhece, como sucede nos fenómenos de clarividência.

10 — De tudo o que acabamos de expor podemos concluir quão vasto é o campo de acção de um anjo, pelo que

---

(1) Desta espécie de espiritismo falaremos na IV Parte, Cap. II.

diz respeito à natureza sensitiva do homem. A ciência não disse ainda a sua última palavra sobre as nossas possibilidades fisiológicas, mas a constituição e o trabalho dos órgãos dos nossos sentidos e da nossa imaginação são tão perfeitamente conhecidos pelas substâncias angélicas, que dificilmente podemos determinar até que ponto essas substâncias podem exercer a sua influência sobre a nossa natureza sensitiva.

Podemos, todavia, precisar o que um anjo não pode fazer. Assim afirmamos, sem medo de errar, que, por exemplo, é incapaz de obrigar os olhos a ouvir e os ouvidos a ver, porque tal acto iria contrariar a natureza dos sentidos da vista e do ouvido, respectivamente.

Não podemos, porém, com grande exactidão determinar o campo de acção dos anjos com respeito às nossas faculdades vegetativas e sensitivas, visto que estas podem ser objecto de uma infinita variedade de modificações, e não nos é possível conhecer precisamente a natureza e o modo de actuação das substâncias angélicas.

11 — A questão que a seguir nos preocupa, e para a qual devemos voltar a nossa atenção, é a forma como os anjos podem influenciar o nosso intelecto e a nossa vontade.

Não há dúvida de que um anjo pode iluminar o intelecto do homem, mas o processo de que ele se serve para isso difere essencialmente do que emprega para iluminar outro anjo. Neste último caso, o anjo não faz outra coisa senão dirigir-se ou voltar-se na direcção do seu companheiro, como dissemos quando tratamos da iluminação [1]. Mas o intelecto humano não pode aperceber-se da verdade senão por meio de imagens sensíveis e, por isso, é neces-

---

(1) Veja-se Cap. II, parágrafo IV.

sário que o anjo iluminante nos sugira o que deseja que nós conheçamos, por intermédio daquelas imagens sensíveis que ele tem o poder de formar, actuando sobre os nossos sentidos externos ou sobre a nossa imaginação. E é-lhe fácil conseguir esse resultado, pondo em acção as energias latentes do nosso sistema nervoso que são adaptadas às operações mentais e coadjuvam a realização das mesmas.

12 — Mas, embora um anjo possa iluminar a nossa mente, de forma a obter os resultados desejados, não pode contudo actuar sobre a nossa vontade de maneira a induzi-la a obedecer cegamente ao seu comando. Este poder pertence a Deus sòmente, porque, sendo Ele o autor da nossa natureza racional, é, portanto, a causa primária desta inclinação natural que dimana da mesma natureza e que outra coisa não é senão a vontade. Só Deus, que é o autor de tal inclinação, pode levar a nossa vontade a escolher eficiente e livremente tudo aquilo que Ele deseja. E tudo isto é feito por Deus pela forma mais suave: basta um desejo seu e nada há que a vontade do homem não abrace espontâneamente e com a mais ampla liberdade.

13 — O mesmo não pode, porém, afirmar-se do poder dum anjo sobre a vontade humana. A influência que um espírito angélico pode exercer sobre a vontade é uma influência puramente externa. O anjo pode sugerir-nos o objecto que deseja que nós aceitemos, apresentando-o por uma forma tão atraente que nos leve a ambicionarmos ardentemente a sua posse. Além disso, desde que, como a experiência ensina, as paixões actuam poderosamente sobre a nossa vontade racional e, por outro lado, a nossa natureza sensível, nas suas operações, está mais ou menos sujeita à influência de agentes espirituais, daqui se conclui, sem grande esforço, que um anjo pode também actuar sobre a nossa vontade, fazendo despertar em nós paixões violen-

tas, tais como o amor, o ódio, a raiva e outras semelhantes que têm a sua sede em algum órgão determinado do nosso organismo. Desta maneira, esse anjo pode provocar dentro em nós impulsos violentos a favor de determinado objecto que ele conseguiu representar na nossa imaginação. Mas, em todos estes casos, sempre a nossa vontade permanece soberana, estando em nosso poder resistir ou deixar de resistir à influência angélica, quer essa influência seja exercida para um fim bom, quer tenda para um fim ilícito.

14 — A conclusão de todo este raciocínio deduz-se espontâneamente. Se é verdade que existem espíritos puros de natureza perversa, que ardem em ódio contra o homem e procuram a sua ruína, visto que não perdem a ocasião de lhe fazer mal, temos incontestàvelmente de estar sempre precavidos. O Apóstolo S. Paulo, ao escrever aos Efésios, expressa-se desta maneira:

«Porque nós não temos de lutar contra a carne e contra o sangue, mas sim contra os principados e potestades, contra os governadores das trevas do mundo, contra os espíritos de malícia espalhados por esses ares» [1].

Mas, graças à mercê de Deus, se há espíritos que nos perseguem, outros nos foram dados pela Providência para nos defenderem, e o seu poder não é inferior ao dos anjos maus. Eles se encarregam de nos proteger e beneficiar de toda a maneira, porque também está escrito:

«Pois mandou aos anjos, acerca de ti, que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te levarão nas suas mãos, para que não suceda que o teu pé tropece em pedra» [2].

---

(1) Efes. VI, 12.
(2) Salm. XC, 11 e 12.

§ IX — *Como os anjos podem ser ajudados ou impelidos por pessoas ou coisas na produção dos seus efeitos.*

1 — É um facto averiguado que nessas misteriosas sessões em que se faz a invocação de seres do mundo invisível, há, por parte desses espíritos, certa preferência por determinadas pessoas ou coisas, como se nessas pessoas ou coisas, mais do que noutras, encontrassem os elementos úteis e necessários para a obtenção do fim que têm em vista. É mesmo frequente lermos que determinado espírito deixou de produzir certos fenómenos esperados, por falta de pessoas ou coisas apropriadas aos seus fins.

O nosso propósito agora é averiguar o que há de verdade sobre isto. Como os anjos são superiores ao mundo material, parece que lhes devia ser indiferente fazer uso de uma ou de outra pessoa, deste ou daquele objecto, para produzir os efeitos desejados; mas tal facto não se verifica.

2 — O resultado desta investigação vai mostrar-nos que, inegàvelmente, determinadas pessoas ou coisas, por causa de certas qualidades naturais, como, por exemplo, maior sensibilidade das pessoas ou maior riqueza de elementos ou adaptabilidade nas coisas, são mais úteis aos espíritos do mundo invisível e, por consequência, são escolhidas por eles, de preferência a outras, para que possam atingir determinados fins.

De facto, é preciso que nos lembremos de que, quando os anjos se servem de quaisquer objectos naturais ou de certas pessoas para produzir um determinado efeito, essas pessoas ou objectos são para eles uns meros instrumentos. Ora, para que um instrumento possa ser usado com resultado, é necessário que tenha qualidades especiais e apropriadas ao fim a que se destina. Por outro lado, um instru-

mento pode produzir um efeito não só apropriado à sua capacidade mas mesmo superior a ela, dependendo isso do poder e da habilidade do agente. Assim, por exemplo, um instrumento músico, quando tocado por mão de mestre, produz não apenas sons materiais, mas um conjunto de sons que se tornam agradáveis ao ouvido. Da mesma forma, as substâncias espirituais precisam de elementos adaptados aos seus fins para produzirem um determinado fenómeno, de forma que, com esses elementos, possam causar efeitos superiores à capacidade natural que os mesmos possuem.

3 — Santo Agostinho explica admiràvelmente como os demónios mostram certa preferência por algumas coisas deste mundo.

Diz ele: «Os demónios são tentados a habitar em criaturas formadas não por eles mas por Deus com as coisas mais admiráveis, criaturas essas que variam de acordo com a diversidade dos próprios demónios, e essa atracção opera-se não pela forma como os animais são atraídos pelo alimento, mas pelo modo como os espíritos puros se deixam enfeitiçar pelos sinais que estão de acordo com o gosto de cada um; desta maneira, escolhem pedras, plantas, madeiras, animais, canções, ritos, etc., para conseguirem os seus fins» [1].

De facto, verificamos que não só as antigas feiticeiras, mas também os modernos espíritas, se servem de vários objectos, escolhem de preferência certas pessoas e observam ainda determinadas circunstâncias de lugar, luz, posição, etc., que são necessárias, como eles dizem, para o bom resultado das suas práticas.

---

[1] Livro XXI, *De Civ. Dei*, cap. VI.

4 — Ora, se os espíritos mostram certa preferência por determinadas criaturas, por serem mais úteis para os seus fins, poder-se-á afirmar que a sua acção pode também ser evitada e impedida por certas pessoas ou coisas?

A esta pergunta responderemos afirmativamente. Em primeiro lugar, sabemos que certos objectos benzidos pela Igreja, tais como a água-benta, o *Agnus-Dei*, etc., têm um poder sobrenatural para expulsar os demónios. Da mesma forma, esses espíritos malignos não podem resistir à ordem dos servos de Deus, quando lhes ordenam que abandonem os corpos dos pobres possessos, a quem, por vezes, atormentam cruelmente.

Além disso, há toda a razão para crer que Deus ordene, de vez em quando, precisamente para castigo do orgulho desses malditos espíritos, que a sua acção seja impedida por alguns elementos sobre os quais, doutro modo, eles dominariam com um poder absoluto. O facto é que, quanto mais conveniente é a criatura, com mais vontade e mais fàcilmente eles a usam para os seus fins.

5 — De tudo isto temos tanto um exemplo como uma prova nas palavras do Arcanjo Rafael ao jovem Tobias: «Se tu puseres um bocadinho do seu coração sobre as brasas acesas, o seu fumo afugenta toda a casta de demónios, tanto do homem como da mulher, de sorte que não tornam mais a chegar-se a eles» (1).

Na verdade, os demónios, sendo espíritos puros, não podem naturalmente ser perpetuados por qualquer coisa material, tal como o fumo do fígado ou do coração de um peixe, e por isso estas palavras não querem significar que tais coisas sejam de si suficientes para obrigar os demónios a abandonar o corpo do homem, sobre o qual Deus permi-

---

(1) Tobias, VI, 8.

tiu que eles exercessem o seu poder. Mas estes agentes naturais podem modificar de tal forma a disposição subjectiva do corpo humano, que o tornem menos apto para as operações diabólicas, e por isso ajudam a quebrar o poder do anjo das trevas.

Em tudo isto somos forçados a reconhecer a eficaz disposição da Divina Providência que, para confundir o orgulho do demónio, deseja servir-se de uma coisa tão vil como é o fígado queimado de um peixe, para refrear o poder diabólico. E por isso, lemos que Tobias, pensando nas palavras do Arcanjo, «tirou da sua saca uma porção de fígado e lançou-o sobre as brasas. Depois o Arcanjo pegou no demónio e levou-o para o deserto do Alto Egipto» (1).

6 — Não será descabido lembrar aqui o caso de Saul, de quem se diz que, sempre que o espírito maligno se apoderava dele, «David pegava na harpa, tocava e Saul ficava mais sossegado e melhor, porque o demónio o abandonava» (2). Daqui devemos concluir que o demónio se aproveitava da disposição física de Saul, isto é, da sua melancolia, para se apoderar dele e o atormentar, a ponto de lhe causar acessos de verdadeira fúria. Como a música tem grande influência no sistema nervoso do homem, quer acalmando-lhe as paixões quer excitando-as, David era sempre bem sucedido com as melodias da sua harpa, pois conseguia acalmar Saul, ao mesmo tempo que o demónio ia perdendo o seu poder sobre o instrumento de que se servia para tiranizar aquele príncipe, instrumento esse que era precisamente o desordenado e mau humor que perturbava Saul.

7 — Por aqui se vê como um anjo pode ter o seu poder sobre a matéria corpórea ajudado ou impedido por qualquer

(1) Tobias, VIII, 2, 3.
(2) Reis, XVI, 23.

causa natural, para a produção dos seus particulares efeitos. Precisamos agora de ver até que ponto se estende o poder angélico, de maneira que possamos concluir se um anjo pode ou não operar milagres.

§ X — *Limites do poder angélico.*

1 — Embora o poder possuído pelos anjos sobre os elementos deste mundo seja, como já vimos, do mais vasto alcance, não é todavia infinito, pois se exerce dentro de determinados limites. Este é o assunto que vai prender agora a nossa atenção, de maneira que fiquemos habilitados a determinar quais são os factos que devemos atribuir à intervenção dos anjos, e quais aqueles que lhes não podemos imputar.

Os anjos não podem, em primeiro lugar, alterar a ordem geral do Universo. Não podem produzir fenómenos tais como, digamos, a prolongação do dia natural — facto que se diz ter sido devido a uma ordem de Josué ([1]); tão-pouco os anjos são capazes de alterar as propriedades essenciais das coisas, como aconteceu quando Deus apareceu a Moisés no meio de uma sarça que ardia sem se consumir ([2]).

Factos como estes são reconhecidos pela Teologia Católica como milagres de primeira categoria, *quoad substantiam facti*, visto tratar-se de acontecimentos que ultrapassam os poderes da natureza.

2 — Está igualmente acima do poder dos anjos dar vida aos mortos ou dar vista aos cegos. Estes actos sobre-

---

([1]) Jos. X, 13.
([2]) Êxodo, III, 2.

naturais pertencem à segunda classe de milagres, chamados pelos teólogos *quoad subjectum*, e compreendem aquelas obras que não estão acima do poder da natureza, mas que esta nunca realiza, a não ser naqueles sujeitos que estão naturalmente dispostos para receber aquela forma que nós lhe quisermos dar. A natureza, sem dúvida, dá a vida, mas não a um cadáver; dá vista, mas não a um cego.

3 — Além destes efeitos, outros há que pertencem a uma terceira categoria de obras milagrosas, que os teólogos chamam milagres *quoad modum*.

Estes são os efeitos que a própria natureza realiza, nos mesmos sujeitos que sofrem a acção do milagre, mas a natureza produz tais efeitos por uma forma diversa daquela que se verifica quando se realiza o milagre. Assim, por exemplo, a natureza pode fazer cessar o estado febril duma criatura, mas só por meio de oportunos remédios e depois de decorrido certo tempo. Devido à acção de um milagre, poder-se-á verificar o mesmo efeito, mas sem qualquer ajuda física e instantâneamente. A formação da chuva, da neve e do granizo na atmosfera, assim como a mudança das estações, são fenómenos naturais que, no curso natural das coisas, se não podem operar sem uma preparação mais ou menos longa e trabalhosa. Se, porém, tais fenómenos se realizarem sem qualquer preparação e instantâneamente, teremos de considerá-los como milagres de terceira categoria, visto tratar-se de efeitos que estão acima das forças da natureza, não quanto à essência das obras realizadas nem quanto aos sujeitos em que elas se realizaram, mas quanto à ordem e à maneira da sua realização.

Ora, é precisamente na realização de tão visíveis efeitos que o poder das substâncias angélicas se manifesta, de maneira que podemos afirmar que os anjos podem, pela sua própria energia, realizar obras semelhantes a milagres de terceira categoria. A razão disto, como já dissemos, é

que os anjos têm pleno poder sobre o movimento local dos elementos da matéria, e por isso podem, no mais breve espaço de tempo, pô-los em movimento, de forma a realizar, quase instantâneamente, os mesmos efeitos que a natureza produz sòmente depois de certa preparação e com uma ordem determinada.

4 — Devemos, contudo, acentuar que não afirmamos que os anjos possam fazer milagres de terceira categoria, mas sim que eles produzem efeitos correspondentes a milagres dessa categoria. Este é um ponto sobre o qual devemos insistir, para podermos distinguir quando os efeitos produzidos pelos anjos são produções naturais e quando devemos considerar tais efeitos como milagres.

Podemos, desde já, resolver esta questão, afirmando que só quando os anjos operam como ministros de Deus é que produzem efeitos miraculosos e sobrenaturais. Quando, por outro lado, agem por iniciativa própria, as suas obras são, sem dúvida, *preternaturais*, isto é, feitas à margem das forças da natureza que nós conhecemos; todavia, tais obras não são sobrenaturais, visto que não estão acima das forças da natureza criada, como sucede e é necessário quando se trata de verdadeiros milagres.

5 — Vamos tentar exemplificar este importante assunto.

Quando os anjos actuam no mundo visível, sob a ordem de Deus, como seus instrumentos ou ministros, a obra realizada está de acordo com o fim que Deus tem em vista, e a sua acção tende para um fim que ultrapassa toda a ordem da criação. Neste caso, a sua acção é, por assim dizer, una com a acção de Deus e, por conseguinte, tem a natureza de um verdadeiro milagre, pròpriamente dito, desde que o milagre é uma obra que só a Deus pertence. Quando, porém, os anjos actuam por iniciativa própria, ou como agentes principais, o efeito produzido não ultrapassa a ordem natural e, por muito surpreendente que tal efeito

possa ser, não pode ser chamado milagre no verdadeiro sentido da palavra, porque é proporcionado ao poder natural dos anjos.

Daqui pode resultar que o mesmo efeito produzido por diferentes anjos, tal como, por exemplo, a cura de um doente cheio de febre, pode ser ou deixar de ser um milagre, conforme o caso. É um milagre, quando realizado por ordem de Deus pelo anjo que actua sob as suas ordens; deixa de ser milagre quando essa cura foi operada por iniciativa do próprio anjo, visto que tal acto estava dentro da esfera do seu poder natural.

6 — O que até aqui temos dito refere-se ao poder natural dos anjos considerados em si e sem atendermos ao seu grau de moralidade. Ora há, como já dissemos e como havemos de ver mais pormenorizadamente, duas categorias distintas de anjos — os bons e os maus — e a sua maneira de actuar difere grandemente. Como os anjos bons nunca exercem o seu poder no mundo material senão por ordem de Deus, e como instrumentos do seu poder, segue-se que todas as suas visíveis intervenções são verdadeiros milagres, ao passo que, por outro lado, as intervenções dos anjos maus procedem da sua própria iniciativa e têm sempre um fim imoral. Por isso, a não ser quando obrigados a actuar no mundo visível como ministros da justiça de Deus, os anjos maus, falando de um modo geral, não operam milagres.

7 — Estes são os critérios gerais com a ajuda dos quais poderemos estabelecer a diferença entre as obras dos anjos que são verdadeiros milagres e aquelas que estão dentro das forças da natureza.

Em certos casos, contudo, não é sempre possível discernir claramente entre umas e outras, visto ser fácil a um anjo das trevas transformar-se num anjo de luz. Por isso, é preciso proceder sempre com o máximo cuidado, se tiver-

mos de nos pronunciar sobre a natureza de uma intervenção angélica. A regra é apoiarmo-nos firmemente nos sãos princípios que foram estabelecidos pelos escritores ascéticos sobre a distinção de espíritos. A própria Igreja procede sempre com a maior cautela, quando casos desta natureza aparecem perante o seu tribunal.

§ XI — *A penetração de corpos.*

1 — Relacionada com o assunto que vamos tratando, surge agora a questão que tem por fim determinar se é possível a um anjo operar os fenómenos conhecidos pelo nome de penetração de corpos. Por outras palavras: precisamos de averiguar se um anjo pode fazer com que dois corpos ocupem o mesmo espaço ao mesmo tempo. Nenhuma dúvida pode haver de que tal facto seja possível ao poder divino, visto que lemos na Sagrada Escritura que Nosso Senhor entrou na sala em que se encontravam os seus discípulos reunidos, sem que a porta tivesse sido aberta ([1]). Mas não é de igual forma claro que os anjos possam fazer a mesma coisa.

2 — Parece, à primeira vista, que factos semelhantes se podem realizar por meio das práticas espíritas, visto que sucede, por vezes, que diversos objectos são metidos dentro de caixas ou cofres fechados, e de lá saem sem que essas caixas ou cofres tenham sido abertos ou apresentem vestígios de qualquer violação. Embora tal facto se possa dar, e seja qual for a maneira como encaremos a realidade de tal fenómeno, o certo é que os anjos não têm poder para fazer com que dois corpos ocupem, ao mesmo tempo, exactamente o mesmo espaço ou o mesmo lugar, e por isso

---

([1]) S. João, XX, 19.

a penetração dos corpos, pròpriamente dita, está absolutamente acima do poder angélico. Isto é evidente, se atendermos à natureza do espaço considerado na sua relação com a individualidade dos corpos, isto é, com a distinção numérica entre um corpo e outro. Procuraremos explicar este ponto que, na verdade, não é muito fácil de compreender, visto que está ìntimamente ligado com alguns dos mais difíceis problemas da metafísica cristã. E, de facto, a mais leve divergência dos princípios basilares desta ciência, que é a mais elevada de todas as ciências humanas, bastará para nos induzir às mais erróneas conclusões.

3 — Para que dois corpos possam ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, são necessárias duas condições:

1) um dos dois corpos deve apresentar-se nesse espaço sem as suas dimensões externas; e

2) este corpo deve, no entanto, continuar a ser distinto do outro, de forma que não possa confundir-se com ele. Ora, podem estas duas condições verificar-se ou não? Vejamos o que diz a doutrina católica a tal respeito.

4 — Antes de tudo, devemos desde já observar que é uma das propriedades naturais dos corpos a posse de certas dimensões externas, isto é, o corpo tem de ocupar um certo espaço que corresponde exactamente ao seu contorno, e este contacto estrito entre o contorno dos corpos e as dimensões do espaço ocupado é que constitui a distinção natural e numérica ou individual entre dois corpos,

A questão é, portanto, esta: como podem desaparecer as dimensões dum corpo, de forma a permitir que ele preencha o espaço ocupado por outro? Mas há mais: como pode continuar a existir a distinção entre estes dois corpos, não obstante a ausência de toda a relação de um deles com aquelas dimensões de espaço que ele devia ocupar? Por outras palavras: a possibilidade de dois corpos distin-

tos ocuparem, ao mesmo tempo, um e o mesmo espaço depende primeiramente da suspensão num deles da propriedade natural da sua quantidade (que é o ajustamento da dimensão de espaço às suas próprias dimensões) e, em segundo lugar, da continuação da distinção real e individual entre este corpo e outro que ocupasse o mesmo espaço.

5 — Dissemos que, para que dois corpos distintos possam ao mesmo tempo estar num e no mesmo espaço, é necessário primeiramente que num desses dois corpos o efeito externo derivado da sua quantidade (que é o ajustamento exacto às dimensões de um espaço fixo) seja suspenso.

Quer isso dizer que, enquanto as dimensões externas de um desses dois corpos correspondem exactamente ao espaço que ele ocupa e, consequentemente, preenchem esse espaço de tal maneira que impedem qualquer outro corpo, seja qual for, de estar ali presente da mesma maneira, isto é, com as suas próprias dimensões, um segundo corpo, pelo contrário, não pode estar formalmente naquele lugar, isto é, pela relação directa das suas dimensões com as dimensões de espaço, mas apenas pela substância, visto que o efeito das suas dimensões se encontraria então suspenso. Além disso, a presença simultânea de dois corpos no mesmo espaço, exige que o princípio de distinção entre um corpo e o outro — princípio esse que deriva da relação externa de dimensões de quantidade com as correspondentes dimensões de espaço — seja suprido de qualquer maneira, isto é, pela actuação de um agente que seja capaz de produzir os efeitos de causas segundas na ausência destas.

6 — Ora, ambos estes efeitos só por Deus podem ser produzidos. Consideremos primeiramente a suspensão da propriedade natural de quantidade dos corpos, que consiste,

como dissemos, na relação das suas dimensões externas com as correspondentes dimensões de espaço. Suspender as propriedades naturais das coisas criadas é uma operação que está completamente para além do poder natural de qualquer criatura, seja qual for, e pertence sòmente Àquele de quem dependem todas as coisas e que, ao criar o mundo, não só produziu do nada os diferentes seres, mas também os dotou com as respectivas propriedades. Portanto, com respeito ao primeiro efeito citado, está provado que só Deus o pode produzir, isto é, só Deus pode suspender nos corpos a relação natural das suas dimensões externas com as dimensões do espaço que os rodeia.

Relativamente ao segundo efeito, que é o de manter a distinção entre um corpo e outro, independentemente da causa próxima dessa distinção, que é precisamente a relação externa das dimensões do corpo com a relação do espaço, afirmamos que tal facto pode ser apenas produzido por Deus, porque só Ele pode produzir os efeitos de causas segundas, se as mesmas causas deixarem de existir, pois a eficiência divina encerra virtualmente qualquer eficiência que as causas segundas possam possuir. Portanto, nem por uma forma nem por outra, pode um anjo actuar de maneira a conseguir que dois corpos existam simultâneamente no mesmo espaço.

7 — É, pois, absolutamente impossível aos anjos produzir os fenómenos conhecidos pelo nome de penetração de corpos, e isso deduz-se claramente do facto de que eles não têm o poder de suspender o efeito das propriedades naturais dos corpos, nem lhes é também possível substituir a eficiência das causas segundas. Tal poder pertence ùnicamente a Deus, que é o único Ser capaz de produzir um e outro efeito, e por isso este fenómeno é classificado como um milagre da primeira categoria, isto é, *secundum substantiam facti*. A única coisa que os anjos podem fazer a tal

respeito é usar das propriedades inerentes aos elementos da matéria — propriedades essas que eles conhecem perfeitamente — e assim, por meio de engenhosas maquinações, obter efeitos surpreendentes e capazes de fazer acreditar que se trata realmente de penetração de corpos, quando, na realidade, tais efeitos não passam de uma hábil prestidigitação.

8 — Sempre que, portanto, nas sessões espíritas, acontece que qualquer objecto sai de uma caixa fechada — fenómeno este que na linguagem espírita é chamado *apport* — devemos concluir que a caixa não estava tão hermèticamente fechada que não permitisse a passagem do corpo pelas fendas, depois de ter sido reduzido a minúsculas partículas pelo poder de um anjo que, seguidamente, o restituiu à sua forma primitiva.

De facto, embora os anjos não tenham poder para conseguir que dois corpos ocupem o mesmo espaço ao mesmo tempo, podem, pelo seu poder natural, reduzir a partículas diminutas os corpos mais duros, mesmo metálicos, de forma que possam passar através das mais pequenas aberturas. Podem, seguidamente, reconstruir esses corpos, restituindo-lhes a forma primitiva, sendo tudo isto feito no mais curto espaço de tempo e com a maior habilidade; desta maneira, fàcilmente compreendemos como eles são capazes, até certa extensão, de produzir tão extraordinários fenómenos, a ponto de nos fazerem crer que a matéria atravessou a matéria, quando tal não sucedeu.

Para completo esclarecimento deste assunto, devemos fazer ainda outra observação. Seria erróneo acreditar que os corpos glorificados gozam do privilégio da penetração, visto que esta só pode ser operada por Deus, como já dissemos. Portanto, quando Nosso Senhor entrou na sala da Ceia, sem que a porta tivesse sido aberta, operou-se um verdadeiro milagre.

9 — Contra o que dissemos sobre a impossibilidade de um anjo conseguir que dois corpos ocupem o mesmo espaço ao mesmo tempo, objectar-se-á que ele pode, por exemplo, suspender os corpos no ar, fenómeno este conhecido pelo nome de *levitação*, fazer parar as águas dum rio ou erguê-las, como se fossem uma parede. Por que não poderão eles então conseguir que dois corpos ocupem o mesmo espaço ao mesmo tempo?

A esta objecção responderemos que uma coisa é suspender a fluidez das moléculas da água ou a lei da gravidade nos corpos, e outra é falar das condições necessárias para remover a impenetrabilidade dos mesmos corpos. Para obter os primeiros efeitos mencionados, não é preciso absolutamente remover ou suspender nos corpos as suas propriedades naturais; basta que os anjos se sirvam do poder natural que possuem sobre o movimento local da matéria, como já explicamos. Mas, para obter o segundo efeito, isso não basta, porque é necessário suspender uma propriedade natural dos corpos, pois, de harmonia com o que dissemos, tal fenómeno não pode realizar-se, se não for possível fazer cessar o perfeito ajustamento das dimensões externas de quantidade ao espaço correspondente. Ora, suspender nos corpos as suas propriedades ou tirar-lhas, e conseguir que dois deles existam, um no espaço do outro, mas continuando individualmente distintos, é um milagre que só Deus pode operar.

10 — Finalmente, para evitar todo o equívoco e para clara compreensão da doutrina exposta, não será descabido determinar, à luz dos princípios estabelecidos, quando é que o facto de impedir que as águas dum rio continuem a correr ou que os corpos caiam livremente no espaço é uma obra de Deus.

Para termos um exemplo concreto, consideremos a divisão das águas do Mar Vermelho que se efectuou por ordem

de Moisés. Pelo que até aqui dissemos, já devemos compreender claramente como é possível que as águas do mar se levantem como uma parede ou que as águas dum rio comecem a retroceder. Primeiramente, pode isto acontecer devido ao facto de a lei da gravidade — tratando-se de corpos — ou a pressão — tratando-se de líquidos — terem sido removidas, ou pelo menos temporàriamente suspensas e, nesse caso, trata-se de um efeito produzido por Deus, visto que só Ele pode modificar, suspender ou anular as propriedades das coisas; temos assim um milagre da primeira categoria. Em segundo lugar, pode tal facto acontecer devido ao poder angélico, isto é, àquele poder que um anjo naturalmente possui sobre o movimento local dos corpos; neste caso, pode tratar-se ainda de um milagre da terceira categoria, se, na realidade, o anjo actuou por expressa determinação de Deus Todo-Poderoso.

11 — De facto, devemos sempre lembrar-nos de que é uma lei constante de Deus, na execução das suas obras, quer pelo que respeita à ordem natural quer pelo que se refere à graça, não só usar, tanto quanto possível, da intervenção de causas segundas, mas também deixar a essas causas segundas, tanto quanto possível, o uso pleno do seu poder eficiente. Portanto, o critério que nos deve guiar, ao pretendermos determinar a forma como certos fenómenos são produzidos, é o seguinte: atribuir sempre às criaturas tudo quanto lhes possa ser atribuído, atendendo à natureza da obra realizada. Desejando, portanto, averiguar se o fenómeno de que falamos, isto é, a separação das águas do Mar Vermelho, foi devido à suspensão da propriedade da fluidez dessa água ou ao poder dos anjos sobre o movimento local dos corpos, devemos acreditar que tal facto se deu devido à segunda causa mencionada e deve, portanto, ser considerado um milagre, não da primeira mas da terceira categoria. Na verdade, no primeiro caso não haveria

lugar para a actuação dos anjos neste maravilhoso facto, ao passo que, no segundo, esses espíritos imateriais, embora perfeitamente obedientes como ministros de Deus às ordens divinas, exerceriam ao mesmo tempo sobre a matéria corpórea aquele poder com que naturalmente foram dotados.

§ XII — *Como podem os fenómenos espíritas ser explicados por intervenção dos anjos.*

1 — Já vimos qual é, de acordo com o ensino católico, a extensão do poder que os anjos possuem sobre os elementos deste mundo e sobre a natureza sensitiva e intelectual do homem. Este poder excede grandemente qualquer outro poder conhecido por nós, e exerce-se sobre um campo tão vasto que ultrapassa o alcance da nossa visão mental. Como o conhecimento das nossas faculdades intelectuais é insuficiente para nos facilitar um exame completo da capacidade mental desses admiráveis espíritos, assim também um conhecimento completo dos agentes físicos que actuam no campo da natureza não seria suficiente para nos dar uma ideia exacta da extensão e compreensibilidade do poder angélico. A única forma de podermos obter alguma noção do conhecimento e do poder que são próprios dos anjos, embora seja uma noção imperfeita, é recorrer à Teologia Católica.

2 — Ora, se um espírito despido de preconceitos se quiser dar ao trabalho de examinar, um por um, todos os fenómenos que se produziram em tempos idos por intermédio de pitonisas ou de magos, ou aqueles que ocorrem nos nossos dias nas sessões espíritas por intervenção dos médiuns, averiguará prontamente que não há um só desses fenómenos, quer seja de natureza mecânica, fisiológica ou intelectual, que não possa ser atribuído a uma ou outra das

várias formas do conhecimento angélico e do poder dos anjos, a que atrás nos referimos.

3 — Assim, a aparentemente espontânea produção de luz, de calor ou de sons, a deslocação automática de objectos de um lugar para outro, a apresentação de imagens fantásticas, as emissões de voz, a redacção de escritos inteligíveis, o aparecimento repentino de plantas vivas, o delineamento de figuras humanas, com toda a aparência de vida e de movimento, a revelação de acontecimentos ocultos ou passados a distância, o poliglotismo do médium, a revelação, por parte do mesmo, de conhecimentos científicos que não possuía — todos estes e semelhantes fenómenos não excedem a capacidade dos espíritos angélicos bons ou maus, e todos estes efeitos lhes podem ser atribuídos como a uma causa adequada.

Da mesma forma, nada há que ultrapasse o poder dos anjos, quando se produz uma intercomunicação espiritual entre dois amigos que se encontram muito afastados um do outro; quando os médiuns revelam as causas próximas de certas doenças e apontam os remédios para as mesmas, quando uma pessoa, que foi hipnotizada, executa depois, no tempo determinado e de harmonia com todas as circunstâncias previstas, um plano que lhe foi prèviamente sugerido, como acontece nos fenómenos chamados de *sugestão;* quando, finalmente, se predizem acontecimentos dependentes de causas materiais, tais como terramotos, trovoadas, erupções vulcânicas e, duma maneira geral, quaisquer fenómenos metereológicos, cujas causas podem ser desconhecidas para nós, mas são perfeitamente conhecidas para os anjos.

4 — À actuação angélica pode também ser atribuída uma grande variedade de fenómenos de ordem patológica que a medicina é muitas vezes incapaz de desvendar. Assim, está dentro do poder angélico causar uma paralisia total ou parcial, a afasia ou incapacidade de articulação, a anestesia

ou perda dos sentidos do tacto ou da sensibilidade, a amnésia ou perda de memória, a ataxia geral, ou parcial e outras perturbações que dependem do sistema nervoso como causa imediata.

5 — É preciso observar, contudo, que, enquanto os anjos maus podem produzir todos estes efeitos, podem também, ou suspendendo a sua maléfica influência, restituir a saúde à pessoa atacada de tais males, ou ainda sugerir-lhe remédios próprios para a sua cura, para que assim façam acreditar que se operou um verdadeiro milagre. Tertuliano ([1]), falando da habilidade do demónio, observou que, para induzir os homens a acreditarem no seu poder de operar curas milagrosas, começa por lhes tirar a saúde, para assim lhes chamar a atenção para o seu poder restaurador; depois, deixa de exercer sobre eles a sua maléfica influência, ou sugere-lhes remédios apropriados para a cura do mal, que ele próprio causou.

6 — De tudo o que acabamos de expor, tira-se a conclusão de que os fenómenos acima mencionados, e que se observam nas sessões espíritas, *podem* ser atribuídos às substâncias angélicas e, sem dúvida, às que são dotadas de índole perversa, a que chamamos demónios. Precisamos agora de saber se tais efeitos *devem* ser atribuídos, de acordo com a doutrina católica, a esses mesmos espíritos malignos e não à alma humana, como querem sustentar os modernos espíritas.

Para isso, passaremos a estudar, na segunda parte deste livro, a natureza, o conhecimento e o poder da alma humana, depois que se separou do corpo.

([1]) *Apologética*, cap. XXII.

SEGUNDA PARTE

A ALMA HUMANA DEPOIS DA MORTE

1 — Se déssemos crédito às afirmações que constantemente são feitas nas sessões em que se realizam as práticas espíritas, teríamos de concordar que os autores dos fenómenos ali passados são as almas dos seres humanos que a morte separou dos respectivos corpos. Esta é também, como já tivemos ocasião de dizer, a hipótese formulada pelos cientistas modernos, em grande número, segundo os quais a alma humana, nesse novo estado, adquire um modo de existência, um conhecimento e um poder que não possuía na vida presente.

2 — Não devemos deixar de observar que a crença de que o homem pode, naturalmente, entrar em comunicação com os espíritos dos mortos esteve já grandemente em voga, antes que os fenómenos espíritas tivessem a forma actual. Ainda antes da era cristã, tal crença teve grande aceitação, e verificamos que, nos primeiros séculos da Igreja, era tão grande a tendência dos recém-convertidos ao Cristianismo para se porem em comunicação, como eles julgavam, com

as almas dos mortos, que os primeiros imperadores cristãos tiveram de promulgar leis severas para pôr termo a estas práticas.

Os seus esforços, contudo, embora secundados por vários Concílios, não foram muito bem sucedidos, visto que temos conhecimento de que, na época de maior fé, tais práticas eram ainda largamente usadas. A famosa Constituição de Sixto V «*Coeli et terrae Creator*», contra os magos e feiticeiros em geral e contra os nigromantes em particular, é uma prova evidente de que, no fim do século XVI, o desejo de entrar em comunicação com as almas do outro mundo estava longe de declinar. E, hoje em dia, o mesmo desejo, como uma mania contagiosa, parece ter-se apoderado inteiramente de uma grande parte da sociedade.

3 — Ora, para determinar se os fenómenos espíritas podem, de qualquer forma, ser atribuídos às almas dos mortos, é necessário explicar primeiramente, de acordo com os sãos princípios da filosofia cristã, qual é o estado da alma, depois que a morte a separou do corpo; em seguida, teremos de ver que espécie de conhecimento lhe pode ser atribuído e, por último, qual é a extensão do seu poder. Mas é impossível determinar com precisão estes diferentes pontos, sem primeiramente explicarmos qual é o estado, qual é o conhecimento e qual é o poder da alma humana nesta vida.

Não deixaremos também de mostrar, no decorrer do nosso estudo, quais são os ensinamentos católicos a tal respeito, para que melhor possamos compreender em que situação fica a alma depois de separada do corpo.

Para atingirmos o fim que temos em vista, começaremos por estabelecer uma comparação entre os atributos da alma separada do corpo e os da alma, enquanto se encontra unida ao mesmo corpo.

1

ESTADO DA ALMA DEPOIS DE ABANDONAR O CORPO

1 — Embora a alma humana seja destinada, em razão da sua natureza, a estar unida a um corpo orgânico, é, em si mesma, isenta de toda a matéria. É uma substância imaterial semelhante à dos anjos e seria chamada um espírito puro, se não fosse a sua relação com o corpo. Mas a sua união com o corpo é tão cerrada e íntima, que se não pode admitir de permeio a presença de qualquer véu, por mais subtil e etéreo que tal véu pudesse ser. Admitir entre a alma e o corpo qualquer essência equivaleria a repudiar o ensino da psicologia católica a respeito da sua união na presente vida.

2 — Os limites respectivos destas duas substâncias não podem ser indicados por qualquer linha de demarcação, como seria, por exemplo, o mais subtil invólucro ou *perispírito*, como diriam os modernos cientistas — um invólucro que contivesse o corpo como uma camada superficial, modelada por ele e representando, por assim dizer, as suas feições. Tal hipótese tem de ser posta de lado, não só como contrária à espiritualidade da alma, mas até como contrária à sua simplicidade.

De facto, este *perispírito,* a que alguns cientistas dão o nome de *corpo astral,* não pode ser uma parte intrínseca da alma, porque a mesma alma é imaterial. Não pode ser também um invólucro externo, visto que uma substância verdadeiramente espiritual — como é a alma — está acima de toda a matéria e não pode estar contida em qualquer corpo, por mais subtil que imaginemos esse corpo. A alma humana é perfeitamente simples e, como tal, privada de

todas as propriedades da matéria, tais como, por exemplo, a extensão, a figura, o peso, a situação, etc. Se negarmos esta simplicidade, ficaremos impossibilitados de explicar a união formal entre a alma e o corpo, união essa que é fundamental na filosofia católica.

3 — Chegados a este ponto, vale a pena explicar a razão por que, se a alma depois da morte fica livre de todos os laços que a uniam ao corpo, os grandes poetas da antiguidade apresentavam as almas dos mortos, anteriormente à ressurreição, revestindo, digamos assim, corpos aéreos, por intermédio dos quais podiam realizar todas as operações da vida sensitiva.

É este especialmente o caso de Dante Alighieri, príncipe dos poetas italianos, que, em quase todos os cantos da Divina Comédia, imagina a alma dos mortos revestindo corpos da natureza citada. Ora, a importância do problema requer que expliquemos a maneira e a razão desta licença poética.

4 — Uma das principais preocupações de Dante, ao descrever o estado da alma dos mortos, deve ter sido explicar como, embora separadas dos corpos, podiam essas almas ainda ser visíveis e sofrer aqueles tormentos que tanto impressionam a imaginação do leitor. Para conseguir isso, verificou ele que era necessário afastar-se um pouco dos ensinamentos da filosofia católica.

Pelo que diz respeito às almas que se encontram no Purgatório ou no Inferno, a fé ensina que elas sofrem um duplo tormento, isto é, a perda que representa a privação da visão de Deus e o tormento que é constituído pelo facto de estas almas não serem livres nos seus movimentos, pois estão unidas a uma substância corpórea — o fogo — não para serem intrìnsecamente atormentadas por ele, visto que já não têm os sentidos, por meio dos quais podiam sofrer materialmente, mas para serem conservadas prisioneiras *per*

modum detentionis et alligationis, de forma que não podem ir para onde querem.

Esta concepção do Purgatório e do Inferno, contudo, não está de acordo com a crença popular, segundo a qual as almas dos mortos são, efectivamente, atormentadas pelo fogo. Dante, por isso, julgou a sua concepção mais eficaz para a acção dramática do poema. Portanto, dando largas à imaginação e inspirando-se nos poemas da mitologia, figurou todas estas almas dotadas de um poder, digamos, informativo, por meio do qual podiam servir-se do ar que as cercava e não só assumir as feições externas e visíveis que tinham tido em vida, mas também sentir e sofrer, por intermédio dessa misteriosa máscara, as paixões e os desgostos próprios das almas enquanto unidas ao corpo.

Por isso, diz ele que o poder divino forma, para estas almas, de maneira incompreensível para nós, corpos aéreos constituídos de tal modo que podem sofrer, como os vivos, o efeito do calor e do frio:

«To endure
Torments of heat and cold extreme, like frames
That virtue hath disposed, which, how it works,
Wills not us should be revealed» (1).

Depois, descreve-nos mais minuciosamente a maneira como se constituem esses corpos aéreos. Merece ser para aqui transcrita essa bela passagem:

«Soon as the place
Receives her (the soul), round the plastic virtue beams,
Distinct as in the living limbs before:
And as the air, when saturate with showers,

(1) *Interpretação:* A virtude sabe formar os corpos tais como o meu para sofrer os tormentos, o calor e o frio, mas ela não quer revelar seu segredo. *(N. T.)*.

The casual beam refracting, decks itself
With many a hue; so here the ambient air
Weareth that form, which influence of the soul,
Imprints on it: and like the flame, that where
The fire moves, thither follows; so, henceforth
The new form on the spirit follows still:
Hence hath it semblance, and is shadow call'd,
With each sense, even to the sight, endued:
Hence speech is ours, hence laughter, tears, and sighs,
Which thou may'st oft have witness'd on the mount.
The obedient shadow fails not to present
Whatever varying passion moves within us.
And this the cause of what thou marvell'st at» (¹).

Esta foi a maneira que mais plausível pareceu a Dante para justificar as muitas criações fantásticas com que enriqueceu o seu poema; mas, como dissemos, tudo isto é fruto da sua imaginação ardente e não uma exposição de filosofia cristã. A alma humana, depois da morte, precisamente porque é simples na sua essência, não pode estar unida a qualquer matéria como forma substancial da mesma. Se, na ressurreição, volta a unir-se ao corpo que deixou, tal facto é devido apenas a um milagre da Omnipotência Divina.

(¹) *Interpretação:* Mas, desde que ela se encontra suspensa no espaço, irradia à sua volta a virtude formativa, como fazia nos membros vivos. E da mesma forma que o ar, quando está pluvioso, permite ao raio do sol que nele se venha refractar e se mostra ornado de diversas cores, assim o ar ambiente toma a forma do corpo humano, dando-lhe o seu cunho. E por sua virtude a alma aí se fixa. Desde então, semelhante à chama que segue o fogo por toda a parte onde ele pode ir, por toda a parte vai o espírito com a sua nova forma. E, desde que tem a sua aparência, o seu nome é sombra. Cada um dos seus sentidos, incluindo a vista, se organiza. Assim nós falamos e rimos, e soltamos os suspiros que tu podias ouvir ao subir o monte. A sombra toma a figura de todo o desejo e de todo o sentimento que nos pode penetrar. Esta é a razão do que te admirou. *(N. T.).*

5 — Vamos agora procurar saber qual é o estado natural dessa substância espiritual, isto é, da alma, depois que abandonou o corpo. Passaremos depois a investigar que espécie de conhecimento e que poder tem a mesma alma, naturalmente, depois de separada do corpo material. Dizemos *naturalmente*, porque, neste estudo, abstraímos da ordem sobrenatural, isto é, da ordem da graça, segundo a qual a alma, por mercê de Deus, pode ser elevada a um estado muito superior ao que possuía naturalmente, e pode também ser dotada com um conhecimento e com um poder muito superiores à sua capacidade natural.

Inútil seria, contudo, esforçarmo-nos por descobrir qual é o estado da alma separada do corpo, sem primeiro estarmos certos, não só da sua existência, mas também da sua sobrevivência ao corpo. Será, portanto, necessário, antes de nos ocuparmos do conhecimento e do poder da alma depois da morte, estabelecer em bases sólidas o facto da sua sobrevivência ao corpo e explicar o que queremos significar, quando dizemos que a personalidade humana continua a subsistir. A teoria de uma personalidade *subconsciente* ou *subliminal*, inventada pelos modernos espíritas, será devidamente examinada, assim como a velha teoria da metempsicose, chamada também reincarnação, que alguns, mesmo no mundo científico, ainda aceitam como uma hipótese plausível.

6 — Devemos desde já notar que a designação própria a dar à alma depois da morte é dizer que ela está *separada do corpo*. A expressão *divested* ou *disembodied* (¹), usada por alguns escritores, parece dar a entender que a nossa alma não está substancialmente unida ao corpo durante a vida, mas sim que o envolve à maneira duma peça de vestuário que cobre uma pessoa.

(¹) À letra: *desvestida* ou *des-encorporada*. *(N. T.)*.

A expressão *discarnate soul* ([1]) é também inexacta, porque traz consigo a ideia de que a alma já existia antes de unida ao corpo, como no caso do mistério da Incarnação de Nosso Senhor, em que a segunda pessoa da S. S. Trindade ou do Verbo, eterno em si mesmo, se uniu, pessoal e eventualmente, à natureza humana.

No decorrer deste estudo, servir-nos-emos da expressão, mais católica e mais formalmente teológica, *alma separada do corpo*. Se uma vez ou outra empregamos alguma das expressões atrás mencionadas, fazemo-lo apenas com o fim de facilitar a compreensão da doutrina de que nos estamos ocupando, e não com a significação que a essas expressões é vulgarmente atribuída e que a filosofia católica rejeita em absoluto.

A filosofia católica afirma e ensina que a alma é a *forma substancial do corpo*.

7 — É preciso notarmos também que, quando empregamos a palavra *fenómenos*, ao referirmo-nos a factos ocorridos nas sessões espíritas, não pretendemos negar a sua realidade objectiva, como alguns filósofos têm feito, reduzindo-os a meras aparências, cuja realidade — dizem eles — não nos é possível conhecer. Embora, como já dissemos, as manifestações espíritas andem muitas vezes misturadas com fraudes e enganos, há ainda provas convincentes para acreditarmos na existência de manifestações autênticas e é destas que pretendemos ocupar-nos.

§ I — *Sobrevivência da alma humana depois da morte.*

1 — O facto da sobrevivência da alma humana depois da morte não é só um dogma da teologia católica, mas também uma verdade admitida pelos filósofos antigos e moder-

---

([1]) À letra: *alma des-encarnada. (N. T.).*

nos. Apenas os materialistas são uma excepção à aceitação desta verdade, mas a sua divergência, quando não é originada pelo interesse particular, é devida à sua ignorância da natureza espiritual da alma humana.

É um princípio filosófico que uma operação nunca pode ser mais perfeita do que o princípio donde dimana. Se, portanto, encontrarmos uma substância que tem uma acção espiritual que lhe é própria, isto é, uma acção que não depende intrìnsecamente da matéria composta, tal substância tem, necessàriamente, de ser espiritual, isto é, não composta de matéria nem intrìnsecamente dependente dela. Ora, é este precisamente o caso da alma humana que tem uma acção intrìnsecamente espiritual que lhe é própria, isto é, o entendimento e a vontade, que não dependem da matéria. Por consequência, a alma não pode ser composta de matéria nem depende dela.

Ora, que é a morte senão a dissolução dos elementos que, no seu conjunto, formam um todo, operando-se assim a corrupção do indivíduo? Portanto, um ser que é espiritual e que, consequentemente, não é composto de elementos materiais não pode estar sujeito à dissolução e à corrupção.

2 — Poderá objectar-se que as almas dos animais, sendo o seu princípio vital, são também substâncias simples e, portanto, não compostas de matéria: no entanto, estão sujeitas à corrupção. Deve, porém, observar-se que as almas dos animais não são espirituais, visto que não são dotadas de qualquer operação espiritual que lhes seja própria, isto é, de entendimento e de vontade. Por isso, essas almas não subsistem de per si, mas dependem inteiramente do corpo, de cujas operações partilham, e assim têm de desaparecer, logo que esse corpo entra em corrupção. Este, porém, não é o caso da alma humana. As suas operações mostram que ela não só é simples na sua essência, mas é também de natureza espiritual, isto é, subsiste de per si e não pode acom-

panhar o corpo na morte. Por outras palavras: dizemos que a alma humana não é corruptível *per se*, porque é uma substância simples; não é corruptível devido à morte do corpo, isto é, *per accidens*, porque subsiste de per si.

As formas inferiores, sendo também simples, são do mesmo modo incorruptíveis *per se*, mas, visto que não subsistem de per si, deixam de existir quando se dá a dissolução do composto. Por isso são corruptíveis *per accidens*.

3 — Além disso, a imortalidade da alma humana é uma daquelas verdades depositadas como um gérmen no coração de cada homem. Como poderá o filósofo materialista explicar esse natural anseio por uma vida sem fim, que todo o homem sente no mais íntimo do seu coração? Com certeza a voz da natureza não pode enganar-nos. De qualquer forma, os partidários das teorias espíritas concordam com a doutrina católica respeitante à sobrevivência da alma separada do corpo. A única diferença entre uns e outros está na *forma* como a alma existe depois da morte, na maneira como ela põe em acção o seu intelecto e a sua vontade, e na demarcação do campo em que ela pode exercer o seu poder activo.

4 — O leitor lembrar-se-á do que já dissemos, isto é, de que estamos a falar do estado da alma humana depois da morte, completamente alheios ao que a Igreja Católica ensina a respeito do seu destino final. É um ponto de fé que, depois da morte, as almas daqueles que praticarem o mal nesta vida e se não arrependerem são imediatamente condenadas a um eterno castigo, ao passo que as almas daqueles que praticarem o bem são admitidas, ou imediatamente ou depois de certo tempo de expiação, à visão da Divina Essência, no Céu. Esta visão, além de encher a alma da felicidade, torna-a capaz de ver com perfeita clareza, naquele infinito oceano de luz, tudo aquilo que ela possa desejar ver. Mas tal visão não anula o conhecimento natural da

alma separada do corpo, conhecimento esse que tanto pertence aos bons no Céu, como aos maus, condenados às penas eternas.

É precisamente desse conhecimento natural da alma separada do corpo, sem nos preocuparmos por agora com a questão do seu destino final, como no-lo apresenta a fé católica, que pretendemos presentemente falar.

5 — No entanto, tudo quanto vamos dizer pressupõe a identidade substancial da nossa personalidade na vida e depois da morte. É, pois, necessário que, antes de prosseguirmos, estabeleçamos claramente esta importante verdade. O que a seguir vamos expor não se coaduna com qualquer sistema, por mais perfeito que seja, que admita a absorção, depois da morte, de cada personalidade individual por um grande todo, como acontece com o Nirvana de Boudha, ou aceite a ascensão da alma «desencarnada» a um estado substancialmente diferente, como repetidas vezes se afirma nos círculos espíritas.

É necessário, portanto, estabelecer o princípio de que a individualidade ou personalidade humana conserva a sua identidade depois da morte.

Passaremos, em seguida, a investigar a natureza das operações da alma depois da sua separação do corpo.

§ II — *Como a personalidade humana subsiste depois da morte.*

1 — Não há, talvez, noção mais comum entre os homens, mas, no entanto, mais difícil de definir do que a noção de individualidade ou personalidade.

Na realidade, embora estas duas palavras signifiquem a mesma coisa, mesmo falando do homem, o termo personalidade é mais adequadamente empregado do que o termo individualidade, visto que este último é usado quando se

trata das formas mais baixas ou ainda dos seres inorgânicos. Assim, dizemos um *indivíduo*, quando falamos de uma pedra, de uma árvore ou de um animal, ao passo que a um homem chamamos, mais pròpriamente, uma *pessoa*. Por isso, como estamos a tratar da alma, que possui a mais alta forma de vida, isto é, a vida intelectual, é o termo *personalidade* que nos propomos empregar. Esforçar-nos-emos agora por dar uma exacta noção do que constitui a personalidade em geral, com o fim de mostrarmos em que sentido se diz que a personalidade humana subsiste depois da morte, substancialmente idêntica ao que foi na vida, embora um tanto modificada.

2 — A significação vulgar da palavra *personalidade* é a de um ser completo, que subsiste de per si e distinto de todos os outros seres. É isso que queremos significar quando empregamos os pronomes *eu, tu, ele,* palavras estas que são usadas para designar o ser completo e distinto do indivíduo particular a quem elas se referem. A nossa personalidade, portanto, durante a vida presente, compreende não só a alma, mas também o corpo, isto é, *um ser* que não é alma nem corpo, mas um composto dos dois. Esta é a razão por que as acções, quer do corpo, quer da alma, são atribuídas, não sòmente ao corpo nem sòmente à alma, mas a esse *Ego* que responde por ambos, porque é um composto dos dois.

Mas, exactamente porque a nossa personalidade compreende o corpo e a alma, como podemos dizer que ela continua a existir depois da morte, quando o corpo deixa de existir, pelo menos como um corpo humano unido a uma alma?

3 — Uma espécie de personalidade fica à alma depois da morte, porque ainda então o *Ego* continuará a subsistir, a pensar, a querer e a responder à chamada de outro; no entanto, não se pode negar que a personalidade estará um

tanto modificada, visto que aquilo que antes correspondia ao *Ego* já não corresponderá mais a ele, por lhe faltar uma parte, isto é, o corpo. De facto, se o *Ego* é composto do corpo e da alma, a ausência do corpo irá, em parte, alterar a integridade da pessoa. Por outras palavras: o homem deixará de subsistir *como homem*, depois da morte, porque a alma, que é a única coisa que subsiste, não é o homem completo.

4 — Esta verdade torna-se mais evidente, se atentarmos na diferença que existe entre a alma humana e a substância angélica.

A natureza de um anjo é não só livre de toda a matéria, mas também isenta de toda a união substancial com ela. A alma humana, por outro lado, embora imaterial em si, tem uma relação necessária com a carne e com o sangue, isto é, com um determinado corpo humano. A sua verdadeira natureza, a sua verdadeira essência, não é, sem dúvida, estar unida ao corpo, porque pode existir separada dele, mas sim ser destinada a uma união substancial com ele. A alma humana é uma substância única na sua espécie, que não pode vir a existir senão para ser recebida dentro dum corpo determinado que se torna o seu próprio corpo, e que deixa de ter a perfeição da sua natureza, quando está separada dele. Por isso, o *Ego* de um anjo é uma coisa e o dum homem é outra. O *Ego* de um anjo nunca sofre qualquer alteração, ao passo que o *Ego* do homem é um tanto ou quanto modificado pela morte.

5 — Além disso, a relação natural de cada alma com o seu próprio corpo é a causa precisa da diferença individual entre uma alma e outra.

Embora a alma seja mais nobre do que o corpo, podemos dizer que cada corpo dá a cada alma distinta como que uma marca característica, de maneira que cada alma traz sobre si, até certo ponto, o cunho do seu corpo.

Esta é a razão por que, no presente estado de vida, embora o intelecto ultrapasse em grande escala a imaginação, nós nada compreendemos a não ser por meio de imagens sensíveis, ao passo que os seres angélicos, pelo contrário, não precisam de imagens sensitivas das coisas materiais para as suas operações.

6 — Nestas condições, podemos dizer que a personalidade humana fica um tanto ou quanto mutilada e imperfeita, quando, depois da morte, o corpo já não existe. Por isso, por muito feliz que possamos julgar uma alma «desencarnada», não tem ela toda a perfeição da sua natureza, visto que conserva um certo anseio pelo próprio corpo. A alma humana não terá uma felicidade perfeita e um contentamento completo, senão depois da ressurreição da carne. Foi por isso que Dante exclamou sublimemente: «*Our shape, regarmented with glorious weeds of saintly flesh, must, being thus entire, show yet more gracious*» [1].

7 — De tudo isto tiramos naturalmente duas conclusões. A primeira é que é impossível admitir a existência, dentro de nós, de uma segunda personalidade contida na primeira, embora inferior a ela ou, até certo ponto, independente dela. A verdadeira natureza da nossa personalidade exige não só que ela seja indivisa em si mesma, mas também que seja distinta de todas as outras individualidades. Qualquer hipótese que nós possamos formular com o fim de admitir a existência de uma segunda personalidade cai forçosamente por terra, quando consideramos, por exemplo, que a nossa personalidade exclui toda a possibilidade de outro *Ego*, distinto dele, ou de um segundo *Ego* que fosse um duplicado do primeiro, como se dentro da nossa

(1) A nossa pessoa, revestida da gloriosa carne, deverá, assim completa, mostrar-se ainda mais satisfeita. *(N. T.)*.

personalidade estivesse incluída outra que se *desdobrasse* da primeira, que é aquela de que nós temos consciência. Esta personalidade subconsciente, chamada pelo professor F. W. H. Myers e pelos seus sequazes *subliminal*, em oposição à primeira que eles denominam *supraliminal* e que por eles é considerada responsável pelos fenómenos subjectivos que escapam à nossa vigilante atenção — é um absurdo rejeitado, não só pela Teologia Católica, como até pelo senso comum.

8 — A segunda conclusão a tirar do que dissemos é que a personalidade que sobrevive ao corpo, embora um pouco modificada, na parte respeitante a esse corpo que a morte destruiu, é ainda substancialmente a mesma que foi durante a vida. Esse *Ego*, que agora testemunha a identidade da nossa personalidade, será o mesmo *Ego* que subsiste depois da morte. Como a presença de outro *Ego*, além do nosso *Ego* consciente, implicaria a destruição deste último, assim, depois da morte, não poderia outro *Ego* suceder ao presente, sem que este deixasse de continuar a existir.

9 — É, portanto, uma verdade fundamental e indiscutível em psicologia que há apenas uma única personalidade em cada indivíduo durante a vida, de forma que, depois da morte, essa personalidade continuará a subsistir idênticamente a mesma, embora, devido à ausência do corpo, esteja um tanto ou quanto mudada. Há, pois, em cada homem apenas uma personalidade que durará para sempre.

A doutrina acima exposta não se pode harmonizar com a conhecida hipótese de alguns cientistas modernos que afirmam que existe dentro da nossa personalidade uma outra personalidade inferior — um segundo *EGO* inconsciente — que é concebido como uma espécie de duplicado do primeiro, com algumas modificações acidentais, tais como a ausência de consciência psíquica, e a impossibilidade,

pela nossa parte, de podermos exercer sobre ele a nossa acção e a nossa observação, visto que tal segunda personalidade se encontra oculta dentro de nós e só se manifesta ocasionalmente.

Vejamos se tal hipótese pode resistir à crítica. Este ponto é de extrema importância, visto que o problema da personalidade *subliminal* não é, como errôneamente se tem pensado, uma mera questão de termos, mas um ponto vital e fundamental na psicologia cristã.

§ III — *Analogia entre a bilocação dos santos e a hipótese da personalidade subconsciente ou subliminal.*

1 — Pretendem os modernos psicólogos, como já dissemos, que há, escondida dentro de nós, uma segunda personalidade que se manifesta sempre sob certas condições anormais de uma natureza mental ou fisiológica. O aparente desdobramento, nas práticas espíritas, da pessoa do médium, leva esses psicólogos a concluir que os estranhos fenómenos provocados pelo mesmo devem ser atribuídos à personalidade inferior ou inconsciente. Ora, como há quem tenha pensado que se dá um facto semelhante com o que em teologia se chama a bilocação dos santos, será bom dizer alguma coisa acerca deste fenómeno.

2 — Bilocação é um fenómeno que se dá raras vezes e que não deve ser confundido com o desdobramento da personalidade humana. Este fenómeno ocorre sòmente nos casos de pessoas dotadas de uma grande santidade e para fins especiais de grande importância. A bilocação não implica, de acordo com a teologia católica, a presença do mesmo corpo existindo localmente em dois ou mais lugares diferentes, embora se imagine que tal corpo existe num lugar com plena extensão das suas propriedades materiais e nou-

tro apenas com uma extensão em grau inferior. É impossível, mesmo para o poder de Deus, fazer com que um e o mesmo corpo ocupe localmente dois lugares diferentes, visto que isso envolveria uma contradição. Um corpo que já está inteiramente contido pelo lugar que ocupa não pode ser contido por outro lugar diferente. A bilocação, no caso dos santos, consiste no facto de que, enquanto os seus corpos ocupam localmente um determinado espaço, um anjo, por ordem de Deus, toma as suas feições e realiza, em seu lugar, aquelas operações que eles mesmos deviam realizar.

Assim, quando, em tempos relativamente recentes, Santo Afonso Liguori, estando na cidade de Nocera dei Pagani, no sul de Itália, foi visto miraculosamente à cabeceira do leito mortuário do Papa Clemente XIV, foi realmente um anjo que tomou as suas feições e a sua forma.

3 — Poderão objectar que o Corpo de Nosso Senhor na Eucaristia está presente, não em dois mas em muitos lugares, isto é, em tantos lugares quantas são as hóstias consagradas. Daqui parece inferir-se que não há objecção contra a possibilidade de uma e a mesma personalidade se desdobrar ou multiplicar.

A isto responderemos que Cristo não está no Santíssimo Sacramento por uma forma local, semelhante à dos corpos que estão contidos e medidos pelo lugar que ocupam. Cristo está ali sacramentalmente, isto é, não por ajustamento das suas dimensões exteriores às dimensões do lugar onde o Sacramento está, mas imediatamente pela sua própria substância invisível, oculta sob a espécie sacramental. A individualidade *subliminal*, pelo contrário, estaria, de acordo com as verdadeiras condições do caso, presente num determinado lugar distinto daquele que é ocupado pela correspondente personalidade superior e, além disso, ocuparia esse lugar, fazendo corresponder as suas próprias dimen-

sões às dimensões do lugar ocupado e, por isso, estaria lá localmente.

4 — Dissemos que as bilocações registadas nos anais da Igreja são devidas à presença de anjos bons, representando uma pessoa ou outra. Em virtude do poder que um anjo tem sobre os elementos, mesmo sob os mais subtis, da matéria, pode reproduzir exactamente o corpo de uma pessoa, a sua altura, as suas feições, o tom da sua voz e todas as outras propriedades acidentais, de forma a dar a aparência de uma segunda personalidade dessa pessoa. Por que não pode, portanto, o *Ego subliminal* ser o resultado de um processo semelhante, em vez de ser, como pretendem os modernos psicólogos, uma emanação directa da pessoa que ele representa?

5 — De facto, pode afirmar-se confiadamente que o aparecimento desta personalidade inconsciente é inteiramente devido à acção imediata de alguns espíritos puros que podem, como já dissemos, pelo poder natural, que lhes foi dado sobre os elementos da matéria, tomar a figura de uma pessoa, o seu modo de andar, o tom da sua voz e todos os seus modos característicos.

Devemos concluir, portanto, que a hipótese de uma segunda personalidade inconsciente ou subconsciente, distinta da nossa própria personalidade consciente e responsável, como pretendem os modernos espíritas, não se pode admitir. Tal hipótese é contrária aos dados da verdadeira filosofia e não tem o apoio dos dogmas da nossa fé. Além disso, não é necessária para explicar essas extraordinárias manifestações obtidas por meio da sugestão e de outras práticas ocultas, como mais tarde mostraremos.

6 — Mas poder-se-á afirmar que este subconsciente, pondo-se de parte o que ele possa ser durante a vida presente, terá seguramente de existir depois da morte, como manifestação exterior, embora em mais baixo grau, da pró-

pria substância da nossa alma. Tal hipótese é ainda mais contrária aos ensinamentos católicos do que a anterior. Depois da morte, como a personalidade humana é representada apenas pela alma, a ideia de esta última se poder desdobrar numa segunda individualidade distinta da primeira seria equivalente a negar a sua simplicidade e espiritualidade. Devemos ainda acrescentar que isto mais evidente se torna, se considerarmos que as manifestações para as quais seria exigida a intervenção desse subconsciente são de um carácter visível, ao passo que a nossa alma é invisível.

§ IV — *Fundamento do erro respeitante à personalidade subconsciente.*

1 — Pergunta-se agora qual é o fundamento do erro em que se baseia a hipótese, hoje tão espalhada, de uma segunda personalidade inferior, dentro de nós, oculta nas dobras da personalidade superior e que, escapando ao nosso domínio, não é responsável pelas nossas acções, embora seja capaz de se dar a conhecer, quando nós menos o esperamos, por meio de tão extraordinárias manifestações.

2 — O erro deriva do facto de que a nossa completa e perfeita personalidade, chamada o *supraliminal*, é identificada com a consciência, isto é, com aquele acto pelo qual nós damos a nós próprios, por assim dizer, contas de todas as nossas operações internas e externas. Por isso — dizem eles — aqueles actos que praticamos, mas que escapam ao nosso conhecimento, embora nossos num certo grau, não são imputáveis à nossa personalidade superior, visto que procedem da personalidade inferior, subconsciente ou *subliminal*.

3 — Um exemplo será suficiente para provar como é falsa a identificação da personalidade com a consciência. Suponhamos que um homem, que, no decurso da sua vida,

bem mereceu do seu país, chega sùbitamente, por doença ou por qualquer outro motivo, a perder inteiramente a consciência ou a memória do passado. Neste caso, devemos dizer que ele perde inteiramente a sua personalidade e adquire outra. Ora, se esse homem já não possui a mesma personalidade, que foi a causa dos seus méritos, e adquiriu outra, que sucedeu à primeira, é evidente que tal homem não poderá ser recompensado pelo bem que fez à sua pátria, por uma forma justa e equitativa, desde que aquela personalidade, que o tornou credor do seu país pelas suas boas acções, já não existe.

Igualmente, no caso de um homem que, antes de perder a sua consciência, tinha levado uma vida de crimes, qualquer subsequente arrependimento da sua parte não poderia atenuar a sua falta, visto que ele tem agora uma nova personalidade; além disso, qualquer castigo que lhe fosse aplicado seria uma flagrante injustiça, pois iria cair sobre uma cabeça inocente.

4 — Fàcilmente compreendemos que a personalidade é alguma coisa muito distinta da consciência; basta para isso considerarmos que a consciência, como o seu nome indica, outra coisa não é senão a aplicação mental àquilo que pensamos, dizemos ou fazemos. Por isso, pròpriamente falando, não é nem uma faculdade ou hábito, nem muito menos uma substância. É aquele acto de espírito pelo qual realizamos as nossas operações, tanto na ordem intelectual como na ordem moral.

Pertence, portanto, à consciência, primeiramente, testemunhar aquilo que fizemos ou vamos fazer; em segundo lugar, indicar-nos o que devemos fazer e o que devemos deixar de fazer, impedindo-nos de praticar certos actos e estimulando-nos para a prática de outros; em terceiro lugar, pertence à consciência ajuizar da bondade ou maldade das

nossas acções e, por isso, se diz que ela umas vezes nos acusa e outras nos aplaude.

Algumas vezes, por extensão, dá-se o nome de consciência àquele princípio que serve para iluminar todas as nossas acções e que é chamado o hábito do primeiro princípio de moral, clàssicamente denominado *sindérese*.

Seja como for, a consciência é uma coisa inteiramente distinta da moral.

5 — O fundamento, portanto, do erro daqueles que querem reconhecer em nós uma dupla personalidade deriva da circunstância de nós fàcilmente tomarmos o estado de inconsciência em que ocasionalmente caímos, mesmo acordados, por uma individualidade realmente existente de per si, ocultando-se no mais íntimo do nosso ser, diferente dele, e que entra em acção sem que nós o saibamos.

Ora, esta modificação acidental no estado da nossa alma não pode ser suficiente para constituir um ser com existência real, distinto da nossa própria e verdadeira personalidade.

6 — Com respeito à existência de um subconsciente depois da morte, devemos acrescentar que tal hipótese é também irreconciliável com o facto de que a nossa alma não estará então sujeita a perder a sua própria consciência, visto que não será impedida pelos sentidos, ou por qualquer objecto externo, de se observar a si própria e às suas acções, mas estará sempre em si mesma.

Nós nem sempre podemos nesta vida concentrar-nos sobre nós próprios, impedidos, como estamos, por inúmeras distracções. Mas, depois da morte, a alma centrará sobre si mesma o olhar do intelecto, não perdendo de vista o seu ser e as suas operações e, por assim dizer, alimentar-se-á sempre de si mesma.

7 — Nestas condições, a hipótese vulgarmente conhecida pelo nome de *dédoublement* dos espíritos, com a qual

tentam algumas pessoas explicar os fenómenos de sugestão, de materialização e, duma maneira geral, todos aqueles fenómenos em que parece que outra personalidade, diferente daquela que vulgarmente se vê, está a actuar, deve ser posta de parte como contrária aos sãos princípios da filosofia, pelo que se refere à intrínseca natureza da nossa própria personalidade.

§ V — *Metempsicose.*

1 — O que acabamos de expor refere-se à impossibilidade de dividir a personalidade humana, quer na presente vida quer depois da morte. Há, contudo, outra teoria que foi muito seguida antigamente e que ainda hoje prevalece na Índia, teoria essa que os modernos cientistas tentam fazer renascer.

É a metempsicose, segundo a qual a alma humana é capaz de informar ou animar sucessivamente diversos corpos. Por metempsicose entende-se a passagem da alma de um corpo para outro. Mas, como a palavra *alma* pode significar não só a alma humana como também a alma dos irracionais, e como a palavra *corpo* pode significar um corpo vivo ou um corpo morto, a hipótese da metempsicose toma várias formas, conforme se considera a possibilidade de a alma humana ou a alma de um irracional passar de um corpo para outro, quer enquanto esse corpo está vivo, quer depois de morto.

2 — A teoria da metempsicose, que é apenas uma derivante da crença da humanidade na imortalidade da alma humana, foi o fundamento sobre o qual os poetas antigos construíram muitas das suas ficções. A transmigração da alma de um corpo para outro, que encontra aceitação por parte de alguns cientistas dos nossos dias, é apenas uma ressurrei-

ção da velha doutrina conhecida em teologia pelo nome de *circulus* ou *transitus animarum.*

A reincarnação ensinada por Allan Kardec não é outra coisa senão a metempsicose de Bouddha, apenas com a diferença de que, enquanto Bouddha admite a transmigração das almas para os corpos dos animais, Allan Kardec sustenta a sua reincarnação sòmente em outros corpos humanos. Mas, desde que se põe de parte a relação necessária e essencial entre a alma e o seu próprio corpo, não há razão para fazer tal limitação. A doutrina da metempsicose, levada a esta última conclusão, tem como ridícula consequência o facto de que nos devemos abster de comer a carne dos animais, pois, caso contrário, estaremos expostos à contingência de nos alimentarmos com o que podia ter sido a substância de parentes nossos; e é por isso que os índios pagãos se abstêm de carne, especialmente de boi e de vaca.

3— A metempsicose, qualquer que seja a forma como a encaremos, é contraditada pelos ditames da consciência, que directamente rejeita a ideia da passagem da alma de um corpo para outro. Esta teoria é repudiada também pela filosofia católica, cujo ensino sobre a natureza da alma humana é perfeitamente explícito.

4— Como já mostramos, as nossas almas são distintas das substâncias angélicas pelo facto de que têm uma acentuada relação com os seus corpos, não *com qualquer espécie de corpos orgânicos,* mas com aqueles corpos aos quais são dadas no próprio momento da sua criação.

Esta relação distingue e, por assim dizer, caracteriza a essência da alma humana de tal maneira que, assim como lhe é impossível, durante a presente vida, passar de um corpo para outro, assim também lhe é igualmente impossível, depois desta vida, animar ou informar qualquer outro corpo de igual ou mais baixa condição. A única coisa que seria

possível dar-se é que a alma voltasse de novo a informar e a animar o mesmo corpo que teve durante a vida, e para o qual, mesmo depois que ele baixou à sepultura, sentiu sempre uma certa inclinação. Esta possibilidade, contudo, está para além da esfera do poder natural, e pode tornar-se uma realidade apenas pela vontade de Deus e pelo seu poder. A ressurreição dos mortos ou a reunião da alma ao mesmo corpo que ela teve em vida é um milagre da Omnipotência Divina e constitui um dos principais dogmas da nossa fé.

5 — Semelhante à metempsicose, há uma poética ficção, segundo a qual o demónio pode tomar no corpo humano o lugar da alma, de tal maneira que o informa e governa exactamente como se fosse a própria alma. Ora isso é impossível, desde que o corpo não pode ser informado senão pela sua alma; no entanto, não seria inteiramente impossível, absolutamente falando, que o demónio habitasse um corpo privado de alma, não como a sua forma, mas como um princípio presente e animador. Usando de uma licença poética, Dante expressou o pensamento que se segue, quando imaginou as almas dos traidores separadas dos seus corpos e atormentados no Inferno, ao mesmo tempo que o demónio tomava o seu lugar na terra, fazendo com que os corpos respectivos aparecessem, como se fossem animados pelas próprias almas.

> «Know that soul, that moment she betrays,
> As I did, yelds her body to a fiend
> Who after moves and governs it at will,
> Till all its time be rounded: headlong she
> Falls to cistern» ([1]).

([1]) *Interpretação:* Fica sabendo que a alma, no próprio momento em que pratica a traição — como eu fiz — tem de entregar o seu corpo a

6 — Tendo exposto brevemente a doutrina católica quanto à natureza da alma humana na vida e depois da morte, passaremos agora a explicar qual o grau de conhecimento e poder que a mesma alma possui depois de separada do corpo.

A clara compreensão destes dois pontos será da maior importância para uma perfeita averiguação das causas reais das manifestações espíritas.

É uma difícil, mas não menos importante tarefa, procurar solução para estas questões. Um guia seguro de que lançaremos mão nas nossas investigações será aquela luz que a filosofia católica projectou sobre este complicado assunto.

---

um demónio que depois o movimenta e governa à vontade, até que todo o seu tempo tenha sido revolvido; ela, impetuosa, precipita-se na cisterna. *(N. T.)*.

2

CONHECIMENTO DA ALMA HUMANA SEPARADA DO CORPO

1 — Mostramos já que a espiritualidade da alma humana é a razão da sobrevivência da personalidade do homem à morte do corpo, embora num estado um tanto diferente. Ora, sendo assim, a alma, que passa então a representar sòzinha a personalidade, deve ser capaz de conhecimento e de acção. Qual é, pois, a natureza desse conhecimento que pertence à alma separada do corpo?

Para responder a esta pergunta, devemos primeiramente expor a maneira como chegamos ao conhecimento da verdade, na presente vida. As explicações que vamos dar habilitar-nos-ão a compreender a diferença que existe entre os modos de alcançar o conhecimento nesta vida e na vida futura.

Podemos também estabelecer a comparação entre a espécie de conhecimento que pertence à alma depois da morte e aquele que ela naturalmente possui durante a vida presente.

Este ponto requer uma atenção muito especial, visto que é ùnicamente pelo seu conhecimento que seremos capazes de obter qualquer ajuda para assentarmos as verdadeiras causas das manifestações espíritas.

Se quisermos, por exemplo, averiguar se é possível às almas dos mortos fazerem qualquer comunicação de natureza científica, por uma forma diferente daquela que é corrente na presente vida, teremos de saber primeiramente quais são os objectos particulares que podem cair sob a

alçada do seu conhecimento e saber ainda se essas almas, no estado em que se encontram, podem pôr-se em comunicação connosco.

2 — Para resolver este segundo ponto, será necessário investigar, em primeiro lugar, se as almas, depois da morte, comunicam entre si, como o podem fazer, e como podemos nós, na vida presente, comunicar com os nossos semelhantes.

Resolvidas estas questões preliminares, passaremos a discutir as outras questões que nos interessam, isto é, se as almas separadas dos corpos podem manifestar-nos os seus pensamentos e, vice-versa, se nós podemos também entrar em comunicação com elas. Esta investigação levar-nos-á a encontrarmos resposta para a nossa primeira pergunta, isto é, se as manifestações espíritas devem ser atribuídas às almas separadas dos corpos ou aos espíritos angélicos.

3 — Devemos repetir aqui a observação que já anteriormente fizemos, quando falamos do conhecimento angélico, isto é, que não estamos considerando a alma humana, depois da morte, à luz superior da fé católica, mas sim à luz natural da razão, porque tencionamos falar apenas do conhecimento natural da alma e não do conhecimento sobrenatural que, como herança própria das almas dos justos, consiste na visão da Divina Essência e enobrece a alma para além de quanto se possa imaginar.

Seria, sem dúvida, agradável para nós falar da visão de Deus, na qual consiste a essência da eterna bem-aventurança, mas tais considerações estão fora do âmbito desta obra e, por isso, não tencionamos abordar aqui tal assunto.

§ I — *Como se obtém o conhecimento na vida presente.*

1 — A alma, sendo essencialmente destinada a informar o corpo e a constituir com ele uma natureza especìficamente completa, faz naturalmente uso dos sentidos do corpo para adquirir os seus conhecimentos, sejam quais forem esses conhecimentos. Por isso, podemos dizer que a alma de uma criança é como uma folha de papel em branco, que só com o decorrer do tempo vai recebendo aqueles sinais que são impressos sobre ela. De facto, é só com o passar dos anos, quando as faculdades sensitivas da criança estão suficientemente desenvolvidas, que a verdade começa a surgir na sua mente, aumentando os seus conhecimentos proporcionalmente ao desenvolvimento das mesmas faculdades.

As faculdades sensitivas são necessárias no decurso da presente vida para o exercício normal do poder intelectual, de tal maneira que, se essas faculdades, por qualquer motivo, estiverem embotadas, o intelecto ficará embotado também e não pode exercer-se livremente.

2 — Não devemos, porém, concluir que, pelo facto de o intelecto — suprema faculdade do homem — ter de recorrer, para as suas operações, à actuação dos sentidos, dependa, portanto, na sua essência, desses mesmos sentidos, quer internos quer externos. O intelecto é uma faculdade puramente espiritual e, portanto, intrìnsecamente independente das faculdades sensitivas. É necessário, porém, que estas lhe ministrem as imagens sensíveis das coisas, sem o que o intelecto estaria naturalmente, durante a vida, sem ter objectos para contemplar. As imagens sensíveis são elementos e espiritualizadas pelo intelecto que, penetrando através da sua dura casca, atinge a verdade, e isto é, incontestàvelmente, o objecto próprio da sua operação.

3 — É por isso que o conhecimento intelectual é muito superior ao conhecimento sensitivo, embora o trabalho mental, na presente vida, se não possa exercer sem a ajuda das imagens sensíveis. Por causa desta íntima união de todas as nossas faculdades numa e na mesma personalidade, nem sempre é fácil determinar onde cessa a acção das imagens sensíveis e começa a percepção intelectual. Daqui se depreende que, quanto mais um homem for capaz de penetrar através da parede material das imagens sensíveis, mais fácil e completamente atinge o conhecimento daquelas verdades que jazem para além dessas imagens. O certo é que precisamos de ter sempre presente este grande princípio: no estado natural da vida presente nós não podemos compreender coisa alguma sem primeiramente adquirirmos as imagens sensíveis das coisas, das quais o nosso intelecto, flutuando, por assim dizer, acima da matéria, extrai o objecto das suas percepções espirituais.

§ II — *Natureza do conhecimento da alma depois da morte.*

1 — A presente condição de vida é tal que não é possível neste mundo prescindirmos absolutamente das imagens sensíveis das coisas, por causa da íntima união que existe entre as nossas mais altas e mais baixas faculdades. Poder-se-á, porém, dizer o mesmo da condição futura, quando a alma estiver separada do corpo pela morte?

Não. Quando a morte deixar a nossa alma no estado de pura substância intelectual, embora com uma constante inclinação para o seu antigo corpo, a alma será capaz dum trabalho intelectual, sem ter de recorrer aos sentidos e às imagens sensíveis que na vida acompanham sempre as suas operações.

As imagens ou representações das coisas na nossa mente serão então inteiramente espirituais, como aquelas

que são próprias dos espíritos angélicos que, sendo livres de matéria na sua essência, prescindem também de toda a concorrência de fantasmas materiais no seu trabalho intelectual.

O modo como os anjos obtêm as imagens espirituais será o mesmo como a alma as obterá, visto que, apenas ela deixa esta vida, recebe imediatamente de Deus uma infusão de imagens intelectuais, cuja contemplação a tornará capaz do seu trabalho mental.

Daqui se conclui que a alma, depois da morte, não terá, como nesta vida, de sair fora de si, por assim dizer, para conhecer as coisas deste mundo, pois chegará, por meio de imagens intelectuais, ao conhecimento das coisas exteriores.

2 — Pelo que respeita a si própria, nenhuma imagem será necessária para que a alma possa contemplar o seu próprio ser. Mas, por uma imediata introversão, ela alimentar-se-á intelectualmente, como se a luz material fosse capaz de se ver a si própria e assim o fizesse sem a intervenção de qualquer outra luz. E, nesta luz espiritual, que é a verdadeira essência da alma, ela verá também naturalmente a Deus, tanto mais que ela é em si própria um reflexo espiritual da divindade. Este é, sem dúvida, um maravilhoso processo de conhecimento, do qual nós somos incapazes de formar uma ideia exacta no presente estado de união entre a alma e o corpo, por muito que concentremos o nosso pensamento. E, no entanto, tal processo deriva naturalmente do estado da alma a seguir à morte, visto que, sem a infusão dessas imagens espirituais, ela ficaria num estado de absoluta inactividade, o que seria contrário à sua verdadeira natureza.

3 — Deverá parecer à primeira vista que o conhecimento natural da alma separada do corpo é superior ao conhecimento que temos em vida. Qualquer que seja o

conhecimento que possamos adquirir no presente estado, é sempre proporcionado às imagens sensíveis que são, por assim dizer, os instrumentos do nosso conhecimento. Mas, depois da morte, o conhecimento será infundido imediatamente em nós por Deus, sob forma de espécies puramente espirituais que, espirituais como são, serão para nós os meios de que disporemos para conhecer as coisas deste mundo. Ora, é manifesto que um conhecimento que nos é proporcionado imediatamente por Deus, sob a forma de espécies puramente intelectuais, é mais perfeito do que aquele que adquirimos por meio das imagens sensíveis. Este ponto, porém, precisa de ser estudado mais detidamente.

§ III — *Comparação entre o nosso conhecimento durante a vida e o nosso conhecimento depois da morte.*

1 — A questão que agora nos propomos tratar é a diferença entre o conhecimento que a alma naturalmente possui depois da morte e aquele que ela possui nesta vida. Será aquele conhecimento de um cadáver mais perfeito e abrangerá um campo mais vasto de objectos intelectuais?

Devemo-nos lembrar de que, como já frisamos, nos queremos referir ao conhecimento que, de acordo com as leis naturais, é peculiar à alma depois da morte e é possuído por todas indistintamente, boas ou más, ignorantes ou sábias.

Do conhecimento da Divina Essência, que é concedido aos Santos no Céu e que se chama a Beatífica Visão, não trataremos agora.

2 — Para compreendermos qual é o conhecimento natural da alma depois da morte, é suficiente lembrar que, embora as imagens espirituais impressas na mente depois da morte sejam de uma natureza mais universal do que as

imagens de que nos servimos na presente vida, no entanto têm essas imagens um carácter menos definido, isto é, dizem respeito às coisas em geral e não às coisas em particular. Por consequência, o conhecimento da alma depois da morte, embora tenha um carácter mais universal, não comporta uma noção tão distinta dos objectos individuais como o conhecimento que temos na vida presente.

De facto, o estado da alma é mudado depois da morte, mas o seu poder mental natural permanece inalterado. Portanto, o facto da substituição das imagens mais limitadas desta vida por outras de mais vasto alcance, pequena vantagem traz para o conhecimento da alma, visto que esse conhecimento implica uma certa falta de proporção, por parte da mente, com referência a essas imagens reais. A nossa alma experimentará, pois, por assim dizer, certa inaptidão para se voltar para essas imagens e deixará, por consequência, de abarcar, como fazem os anjos, cada objecto particular contido nelas. Por isso, o conhecimento que a alma tem depois da morte, embora seja de um carácter mais universal, não apreende os objectos individuais com aquela clareza de percepção com que os conhece na presente vida.

3 — Para exemplificar esta verdade e marcar a diferença que existe entre o conhecimento natural dos anjos e o da nossa alma depois da morte, bastar-nos-á tomar para exemplo o que se passa com os processos didácticos vulgares e que nós conhecemos pràticamente.

Se, quando tentamos ensinar alguma coisa aos outros, encontramos um aluno com um poder intelectual superior e com boa compreensão, bastará que lhe apresentemos os princípios gerais, sem termos de fazer a dedução pormenorizada de todas as conclusões que desses princípios derivam, visto que o intelecto do aluno será capaz de tirar essas conclusões que, de relance, ele verá contidas nos princípios gerais que lhe enunciámos. Mas, com uma inteligência de

inferior capacidade, é necessário que o professor lhe aponte, uma a uma, as diversas conclusões que desses princípios podem ser deduzidas. É só então que ele compreende esses princípios gerais nas suas aplicações. Apresentar-lhe esses princípios gerais, e não as inferências e deduções respectivas, não seria suficiente, visto que o entendimento do aluno carece dos poderes intuitivos naturais e necessários para, por si, fazer a devida dedução. O conhecimento ministrado ficaria, neste caso, com um carácter mais geral, e seria deficiente naquela exactidão de aplicação que é a perfeição de todo o conhecimento.

4 — A mesma coisa se aplica à alma separada do corpo, se a compararmos com os anjos. Enquanto as imagens que os anjos possuem os habilitam a ver todos os indivíduos das várias espécies, juntamente com quase todos os mais pequenos pormenores que lhes dizem respeito, a alma humana, por outro lado, pode apenas ver nessas imagens os princípios gerais. Do infinito número de objectos particulares contidos nessas imagens, ela pode apenas conhecer uma limitada porção, maior ou menor conforme o caso, e como adiante teremos ocasião de ver.

Na verdade, podemos afirmar que a alma perdeu o poder que tinha, quando se encontrava unida ao corpo, de ver os objectos particulares. Por isso, enquanto dura a vida presente, o nosso conhecimento é mais definido e articulado, simplesmente porque a alma, estando unida ao corpo, tem o recurso dos sentidos para apreender a verdade, e as percepções dos sentidos são de natureza definida e particular.

5 — De tudo isto se conclui que, durante a vida, as imagens espirituais em que a nossa mente contempla a verdade não são de um carácter tão geral que exclua a diferenciação dos diferentes objectos contidos nessas mesmas imagens. Mas, quando tal união é quebrada pela morte e a alma fica colocada debaixo da imediata influência da luz

divina, a própria natureza dessa luz é, por assim dizer, demasiado forte para nós. A nossa mente não foi criada para tão deslumbrante brilho, mas antes para uma luz mais suave; por isso, depois da morte, a alma fica um tanto ou quanto ofuscada ao contemplar essas imagens espirituais, sem perceber distintamente os objectos particulares que estão virtualmente contidos nelas.

Dir-se-ia que os contornos das coisas vistos nessas imagens são menos nítidos, e daí resulta menos clareza e distinção no conhecimento das coisas apresentadas à visão da alma.

6 — Devemos concluir, portanto, que embora o âmbito do conhecimento da nossa alma seja, depois da morte, mais vasto do que na vida presente, carece daquela precisão e clareza em que consiste a perfeição de todo o conhecimento. O olho mental, quando levantado para um plano superior, abarca, na sua visão, um círculo mais vasto de objectos, mas vê-os de uma maneira confusa, visto que estão para além da distância natural da sua visão clara.

§ IV — *Quais são os objectos particulares que a alma pode conhecer quando separada do corpo.*

1 — Não se deve concluir, do que acabamos de expor, que a alma, depois da morte, não é, de forma alguma, capaz de apreender objectos particulares. A nossa afirmação é que ela não perceberá esses objectos como agora, e que, além disso, os não perceberá como os anjos. Não se pode pôr em dúvida que alguns objectos particulares estão ao alcance da alma separada do corpo, pois as imagens espirituais, a que acima nos referimos, serão meios eficazes para o conhecimento desses objectos.

2 — Não é fácil, contudo, estabelecer com perfeita precisão quais serão esses objectos, visto que eles podem variar de acordo com a condição de cada alma individual.

No entanto, podemos afirmar com segurança que a alma separada do corpo conhecer-se-á então muito mais perfeitamente do que agora, e que esse conhecimento de si própria lhe dará conhecimento de Deus, não como O vêem os santos, que O contemplam face a face, mas como nós vemos, nos espelhos, os objectos reflectidos.

A alma, com o seu poder intelectual, será então como um espelho espiritual, reflectindo, imperfeitamente, é certo, as infinitas perfeições de Deus, de maneira que, vendo-se a si mesma, verá, por uma forma natural, as perfeições do Criador.

E que outros objectos, além de si mesma e de Deus, poderá a alma contemplar, quando estiver separada do seu corpo?

3 — Em primeiro lugar, terá reminiscências das coisas que conheceu durante a vida presente. É ponto assente em Teologia Católica, como é também admitido entre os espíritas, que a alma, depois da morte, conserva os conhecimentos adquiridos durante a vida.

Sem dúvida, a maneira como esse conhecimento é relembrado depois da morte é diferente da que se verifica durante a vida. Na vida presente, a memória tem de ser acompanhada pelas imagens sensíveis, mas, depois da morte, essas imagens sensíveis desaparecem, e por isso o conhecimento adquirido fica, por assim dizer, ligado à alma e é modificado pelas imagens espirituais que Deus lhe fornece para o seu trabalho mental.

Podemos também acrescentar que o conhecimento adquirido em vida variará grandemente nos diferentes indivíduos, como será fácil compreender. Assim, será nulo nas crianças que morrem antes do uso da razão, ao passo que será de

vasto alcance no homem que passou a vida entregue ao estudo; e, entre estes dois extremos, haverá um número de graus que fàcilmente se poderá imaginar.

4 — Além do conhecimento adquirido em vida, podemos afirmar que a alma separada do corpo terá também conhecimento daqueles objectos aos quais ela está, no seu novo estado, de qualquer forma ligada, ou por alguma afeição ou por qualquer afinidade. E, ainda sob este aspecto, pode existir grande diferença entre o conhecimento de uma alma e o de outra, visto que nem todas as almas estão igualmente inclinadas para os diferentes objectos deste mundo. Vamos tentar explicar em que consiste tal diferença.

Antes de tudo, com respeito a Deus, é evidente que nem todas as almas são igualmente inclinadas para Ele. Algumas podem ser suas amigas, e outras, inimigas. Por consequência, embora cada alma, como dissemos, veja naturalmente Deus em si própria, no entanto o aspecto sob que as boas almas O vêem deve necessàriamente ser diferente daquele sob que O vêem as almas dos maus. Para as primeiras, Deus aparece como um amigo, como um terno Pai, ao passo que para as segundas, pelo contrário, aparece como um severo juiz.

A alma privada do corpo terá também certo conhecimento dos anjos, não de todos, mas daqueles com quem ela estabeleceu na vida uma espécie de afinidade. Por certo, cada alma quererá conhecer aqueles anjos debaixo de cuja influência esteve durante a vida. Estes são, por um lado, o Anjo da Guarda e, por outro, o demónio tentador.

De outras almas separadas dos corpos não há dúvida que ela terá também conhecimento, pelo menos daquelas com quem teve relações em vida. Este conhecimento será então muito mais perfeito do que na vida presente, pois que a alma obtê-lo-á, não recorrendo a qualquer objecto exterior,

mas simplesmente voltando-se para si mesma, visto que ela, por assim dizer, é um espelho em que as outras almas podem ser contempladas.

5 — Dissemos que a alma privada do corpo terá um conhecimento natural daquelas almas com quem na vida tiver tido relações. Na verdade, seria erro supor que cada alma há-de então conhecer todas as outras almas separadas dos corpos, pois o seu conhecimento estará limitado às almas daquelas pessoas que com ela estiveram em contacto. Por isso, uma alma pode conhecer o estado e a condição das almas daqueles que, em vida, foram seus parentes ou amigos, e dos quais recebeu qualquer estímulo para o bem e para a verdade ou, como pode acontecer, para o mal. Mas, falando de um modo geral, podemos dizer que uma alma conhecerá naturalmente depois da morte apenas aquelas almas cujo estado e condição lhe possam interessar, ao passo que das outras almas nada saberá até ao Dia de Juízo, quando as acções de cada alma individual, boas ou más, forem dadas a conhecer ao mundo inteiro.

6 — Além disso, a alma separada do corpo terá, naturalmente, conhecimento do lugar que lhe será destinado para viver, e que pode ser um lugar de felicidade ou um lugar de penas, conforme a disposição da infinita Justiça de Deus.

7 — A este conhecimento que vem à alma em razão do seu novo estado, devemos juntar o que lhe advém das revelações especiais de Deus, por intermédio dos anjos.

Pode muito bem ser que Deus, de quem a iluminação da alma originàriamente deriva e cuja Providência governa todas as coisas, poderosa e suavemente, possa comunicar, por intermédio dos anjos, uma luz especial a alguma alma particular, e a torne conhecedora de qualquer acontecimento de que ela, por outra forma, não teria notícia.

Assim Deus pode revelar a determinada alma, para fins só por Ele conhecidos, acontecimentos dos quais doutra maneira ela não teria conhecimento e ficaria sempre ignorante. Ele pode, por exemplo, comunicar a um rei qualquer notícia que se refira aos negócios do seu antigo reino, ou a um chefe de família pode Deus revelar o estado dos seus filhos na terra, ou mesmo dar a conhecer a uma alma a situação de qualquer pessoa amiga ainda viva.

8 — A isto devemos juntar outra fonte de conhecimento que é a comunicação que se estabelece entre as almas. Esta comunicação das almas entre si é o que há de mais natural, visto que não são necessárias palavras para se fazer a transmissão do pensamento entre elas. A comunicação entre as almas realiza-se por forma semelhante àquela como os anjos comunicam entre si, como mais tarde explicaremos.

9 — Estes são os principais aspectos sob que podemos estudar o conhecimento natural que a alma tem depois da morte, pelo que se refere a determinados objectos particulares. Primeiramente, conhece-se a si mesma e em si conhecerá a Deus, com a diferença de que, enquanto se conhece a si com toda a clareza e precisão, só imperfeitamente conhecerá o Criador. Em segundo lugar, conservará os conhecimentos que adquiriu em vida. Em terceiro lugar, terá conhecimento daquelas pessoas ou daqueles objectos pelos quais possa ter certo interesse e com os quais esteja de qualquer forma ligada. Em quarto lugar, podem-lhe ser feitas revelações especiais, se assim o determinar a Providência de Deus. Por último, pode a alma adquirir novos conhecimentos por intermédio dos anjos ou por intermédio de outras almas que se encontrem separadas dos corpos.

10 — À parte estas fontes de informações, a alma, depois da morte, não terá outros meios de conhecer o que

se passa neste mundo. De facto, estando ela privada da vida dos sentidos e do ambiente terreno, e tendo sido transferida para o mundo invisível dos espíritos, não poderá aperceber-se do que se passa no mundo material. Será, portanto, estranha a guerras e revoluções, à queda dos impérios, à ruína dos tronos, às mudanças de dinastias e a outros semelhantes acontecimentos temporais.

É interessante comparar esta doutrina, que é tirada de S. Tomás, com as patéticas descrições de Dante respeitantes às almas dos mortos, que ele representa, tanto no Inferno como no Purgatório, ansiosas por obterem dele algumas notícias acerca dos acontecimentos terrenos, que elas ignoram completamente.

11 — É preciso fixar com todo o cuidado que, além do conhecimento de que estamos aqui a falar, há, exclusivamente para as almas santas, outra fonte de conhecimento que ultrapassa infinitamente tudo quanto se possa imaginar. É o conhecimento da essência de Deus, face a face, do qual deriva para os justos a sua felicidade, e que lhes dará a conhecer tudo quanto desejem saber das coisas deste mundo. Deste conhecimento, contudo, não falamos agora, pois estamos a tratar apenas do que à alma é dado por uma forma natural, e que é mais ou menos comum a todas as almas separadas dos corpos.

12 — Vê-se, portanto, que o conhecimento das almas privadas dos corpos é muito inferior ao dos espíritos angélicos, a cuja percepção mental cada objecto particular está presente, com todas as suas circunstâncias.

Pelo que diz respeito ao conhecimento das ciências naturais em particular, as almas separadas dos corpos não podem ser comparadas de forma alguma às substâncias angélicas. De facto, a não ser o conhecimento que poderiam ter adquirido em vida, não têm meios naturais de se assegurarem das várias obras operadas pelas leis da natureza.

Por isso, as alterações do mundo físico, cujas possibilidades são de tão vasto alcance, serão para as almas separadas dos corpos como um imenso livro fechado.

13 — Pelo que respeita aos pensamentos secretos do homem e aos acontecimentos futuros, a alma, depois da morte, não pode, como também o não podem os anjos, conhecer coisa alguma, embora, servindo-se dos conhecimentos que já possui acerca das coisas deste mundo, possa prognosticar os sucessos futuros, como os anjos os podem também prognosticar. Mas, como o mundo presente está fora do seu alcance, pode muito bem ser que as coisas que ela possa ter previsto se realizem, sem que ela tenha disso conhecimento.

Este ponto está belamente exemplificado por Dante numa passagem que bem merece ser aqui citada.

Farinata degli Uberti, colocado no Inferno por Dante por causa da sua falta de fé, tinha anunciado ao poeta o seu próximo exílio. Dante pensava para consigo como podia Farinata conhecer os acontecimentos futuros, quanto é certo que as almas dos que morreram nem os acontecimentos presentes conhecem.

O poeta manifesta-lhe a sua dúvida e recebe a resposta de Farinata:

«So may thy lineage find at last repose».
I thus adjured him, «as thou solve this knot
Which now involves my mind. If right I hear,
Ye seem to view beforehand that which time
Leads with him, of the present uninform'd».
«We view as one who hath an evil sight»,
He answered», plainly, objects far remote;
So much of his large splendour yet imparts
The Almighty Ruler; but when they approach,
Or actually exist, our intellect
Then wholly fails; nor of your human state,
Except what others bring us, know we aught».

Hence, therefore, may'st thou understand, that all
Our knowledge in that instant shall expire,
When on futurity the portals close» ([1]).

Estas palavras, como já explicámos, não devem ser tomadas no sentido de que as almas, quando separadas dos corpos, podem conhecer o futuro e não o presente, visto que o primeiro é menos fácil de conhecer que o segundo. Mas, como as almas dos mortos não podem comunicar naturalmente com os vivos, são capazes, por motivo das suas prévias associações de ideias, de conhecer o futuro sem conhecer o presente. Quando chegar o dia do Juízo Final e já não puder haver mais acontecimentos futuros contingentes, as almas separadas dos corpos não terão mais conhecimento das coisas deste mundo.

14 — Perguntar-se-á agora como poderá ser concedido à alma esse conhecimento das coisas terrenas a que fizemos alusão, visto que, depois da morte, ela fica privada do uso dos sentidos externos, que são o meio necessário para que o conhecimento dos objectos exteriores lhe seja transmitido. Sem os sentidos, a alma parece incapaz de conhecer seja o que for.

A resposta a esta pergunta está no que já acima dissemos, isto é, que as imagens infundidas na alma são os canais próprios pelos quais ela entra na posse de determinados

---

([1]) *Interpretação:* Assim possa descansar um dia a tua prole. E eu pedi-lhe suplicante: — Desfazei-me o nó que envolve aqui o meu raciocínio. Se ouço bem, parece que vós podeis ver, no futuro, o que o tempo traz consigo; mas julgo que com o presente não sucede assim. — Nós vemos, respondeu ele, como aquele que tem uma vista fraca, as coisas que estão longe, enquanto brilha sobre nós o Guia Soberano. Mas, quando se trata dum facto próximo ou presente, o nosso intelecto falha. E, se ninguém nos informar, nada sabemos da vossa humanidade. Por aqui poderás, portanto, compreender que todo o nosso conhecimento expirará no momento em que se fecharem as portas do futuro. *(N. T.)*.

conhecimentos. E estas imagens emanam de Deus e variam de carácter, conforme o número de objectos que têm de representar.

15 — É possível que, com este exame do conhecimento natural da alma depois da morte, um espírita se possa julgar justificado e habilitado a tirar conclusões favoráveis ao seu modo de pensar. Se é verdade que a alma, ao passar as portas da morte, leva consigo os conhecimentos que adquiriu em vida; se, além disso, o seu novo estado lhe fornece novas fontes de informação e se, finalmente, ela goza do benefício de poder comunicar com outras almas e pode ainda receber informações ocasionais — não será razoável esperar que, pelo menos algumas dessas almas, possuam conhecimentos e informações suficientes para instrução e iluminação dos homens que a morte ainda não libertou da carga do corpo?

As revelações feitas nas sessões espíritas atribuem-se frequentemente a indivíduos que foram notáveis em vida pelas suas obras e pelas suas realizações. Não poderão assim explicar-se, devidamente, pelo menos algumas das modernas manifestações espíritas?

16 — Esta dedução seria perfeitamente admissível, se não fossem as considerações que vamos fazer adiante sobre o poder e modo de acção das almas separadas dos corpos, assunto este para o qual devemos ainda voltar a nossa atenção. Esse poder não pode, como veremos, comparar-se com o dos anjos, que são capazes de formar corpos para seu uso e que, por meio desses corpos, podem pôr-se em comunicação connosco. Além disso, a alma privada do corpo não habita entre os vivos nem há qualquer razão para que ela deixe a morada que lhe é própria. Entre os anjos, pelo contrário, como veremos mais tarde, há alguns de baixa categoria moral que habitam na terra e por ela vagueiam, tendo-a em seu poder, com permissão de Deus, para causar

muitos dos fenómenos que, à primeira vista, tão surpreendentes nos parecem.

Por isso, um anjo pode, naturalmente, entrar em comunicação com os vivos, mas não têm para isso poder as almas separadas dos corpos. Tudo isto será claramente explicado à medida que formos avançando no nosso estudo, e especialmente quando falarmos, *ex professo*, do poder das almas separadas dos corpos.

§ V — *Se as manifestações espíritas podem ser atribuídas às almas separadas dos corpos pela morte.*

1 — Observando agora as manifestações que se operam nas sessões espíritas, verifica-se que elas muitas vezes envolvem revelações de coisas desconhecidas para os assistentes e surge, portanto, esta pergunta: podem tais manifestações, como se afirma, ser atribuídas à intervenção das almas separadas dos corpos?

A isto devemos responder: admitindo por um momento, e como meio de argumentação, que é possível estabelecer-se uma comunicação entre as almas separadas dos corpos e os vivos, poderemos ainda objectar que muitas dessas manifestações acusam um poder de percepção, por parte das inteligências comunicantes, que não é possível conceber a respeito dessas almas.

Isto é um facto inegável, principalmente quando se trata de comunicações que encerram revelações de coisas novas, algumas bem surpreendentes, relativas ao mundo natural, tais como, por exemplo, fenómenos meteorológicos, que estão fora do alcance da nossa observação, de tesouros escondidos, de acidentes repentinos e de acontecimentos futuros. Da mesma maneira, o uso de várias línguas, os pormenores precisos sobre coisas de arte e de ciência ou acerca

de ocorrências desconhecidas, todas estas manifestações e outras semelhantes não podem ser atribuídas à intervenção das almas separadas dos corpos, que não têm suficiente conhecimento dessas coisas.

2 — Pelo que respeita a acontecimentos que ocorrem a distância, é preciso notar que a distância local não constitui de per si impedimento algum ao conhecimento das almas «desencarnadas», como alguns filósofos pensaram. Admitindo que as almas, depois da morte, já não obtêm o seu conhecimento como durante a vida, isto é, pela observação de objectos visíveis, mas que tal conhecimento é derivado das imagens que emanam da luz divina — luz essa que é independente da distância local — conclui-se que essa distância local não pode ser impedimento para o conhecimento das almas separadas dos corpos.

Para melhor esclarecer este ponto, devemos acrescentar que, quando dizemos que as revelações relativas a acontecimentos distantes estão fora do alcance do poder das almas, depois da morte, queremos significar, não que a distância em si crie tal dificuldade, mas que tal conhecimento (clarividência, como lhe chamam os espíritas) está fora do seu campo de percepção, visto que o seu conhecimento está limitado a um determinado número de objectos, como anteriormente explicámos.

Por isso, supondo que as almas separadas dos corpos podiam comunicar livremente connosco, muitas das manifestações espíritas não lhes podiam ser atribuídas, porque o seu conhecimento não abrange indistintamente os acontecimentos remotos, como acontece com o conhecimento dos anjos.

3 — Mas, supondo que as almas separadas dos corpos possuíam um conhecimento igual ao da mente angélica, teríamos ainda de considerar como poderiam elas comunicar tal conhecimento a um ser vivo e verificar se lhes era pos-

sível iluminar a mente duma pessoa pela forma como os anjos o fazem. O exame desta questão, irá, conforme cremos, lançar nova luz sobre o assunto das manifestações espíritas, ao mesmo tempo que a solução da questão relativa à extensão do poder que as almas separadas dos corpos têm sobre os elementos do mundo (que nos propomos tratar no capítulo seguinte) nos habilitará a resolver o problema que consiste em saber se as modernas manifestações espíritas devem ser atribuídas às almas dos mortos ou antes a uma ordem superior de agentes intelectuais que chamamos espíritos puros ou anjos.

O primeiro ponto a considerar envolve uma dupla questão:

1) se as almas separadas dos corpos nos podem manifestar os seus pensamentos enquanto estamos nesta vida e

2) vice-versa, se nós podemos, nesta vida, comunicar os nossos pensamentos a essas almas.

Antes de entrarmos na consideração destas questões, propomo-nos investigar, para maior clareza, se as almas separadas dos corpos podem comunicar umas com as outras, e investigar também a forma como, durante esta vida, nós comunicamos, uns aos outros, os nossos mais íntimos pensamentos.

Quatro são, portanto, as questões que temos agora a resolver: primeira — se duas ou mais almas separadas dos corpos podem comunicar entre si e como o poderão fazer; segunda — como é que duas pessoas, na vida presente, transmitem entre si os seus pensamentos e desejos; terceira — se uma alma separada do corpo pela morte nos pode comunicar os seus pensamentos; quarta — se nós podemos transmitir os nossos pensamentos a essa mesma alma.

A solução da segunda questão dá-nos oportunidade de examinar, com certo desenvolvimento, uma teoria posta a circular pelos modernos cientistas com o fim de descobrirem

a origem natural de algumas das comunicações espíritas — a teoria do inconsciente subliminal, a que já nos referimos, e a teoria das vibrações mentais.

§ VI — *Podem as almas dos mortos comunicar entre si? Como o poderão fazer?*

1 — Com respeito a esta questão, não pode haver qualquer dúvida de que as almas separadas dos corpos possam comunicar entre si os seus pensamentos e desejos, pela forma como procedem para isso as substâncias angélicas.

O obstáculo que em vida impede uma comunicação imediata, obrigando à intervenção de imagens sensíveis, é removido com o desaparecimento do corpo e, como um anjo entra em comunicação com outro, simplesmente dirigindo o seu intelecto na direcção do intelecto do companheiro, assim a comunicação entre duas almas separadas dos corpos se efectua por uma simples concentração da mente da primeira sobre a mente da segunda. Desta maneira, podem também as almas separadas dos corpos comunicar com as mentes angélicas, se assim o desejarem, visto que, estando separadas dos corpos, são, a tal respeito, semelhantes aos espíritos puros.

2 — Além disso, devemos notar que, como a condição da alma depois da morte é independente das condições do tempo e do espaço, a distância local não serve de impedimento a esta intercomunicação espiritual, nem impede que as substâncias angélicas se vejam e conheçam mùtuamente.

3 — Não se deve, porém, deduzir do que dissemos que a comunicação que uma alma possa fazer a outra seja conhecida por todos os habitantes do mundo invisível. Como as comunicações de que nos estamos ocupando dependem ùnicamente da livre vontade da mente comunicante, e essa

mente pode impedir que os seus pensamentos sejam conhecidos por outra, a comunicação operada entre as almas separadas dos corpos é, como no caso dos anjos, oculta ao conhecimento de estranhos e conhecida apenas pela alma e por Deus.

§ VII — *Como podemos nós comunicar os nossos pensamentos a outra pessoa na presente vida.*

1 — Esta segunda questão resolve-se fàcilmente, se considerarmos que a língua é o órgão da fala, por meio da qual poderemos expressar os nossos pensamentos, pois, chamando a atenção do ouvinte, fazemos com que ele apreenda o que as palavras querem significar. A escrita, os gestos e outros sinais convencionais são outros tantos meios de comunicação entre os vivos. Por isso, a nossa intercomunicação intelectual com os outros homens é efectuada em parte por meio dos órgãos naturais, que são os meios de comunicação, e, em parte, por um prévio acordo respeitante à significação das palavras ou sinais empregados.

No entanto, há uma questão de mais difícil solução, que é a seguinte: pode estabelecer-se uma comunicação puramente espiritual, entre os seres vivos, por meios misteriosos que não sejam ainda inteiramente conhecidos presentemente e, até certo ponto, por uma forma semelhante àquela de que se servem os anjos e as almas separadas dos corpos para comunicarem entre si? Pode, por exemplo, um homem, concentrando o pensamento e a vontade, entrar em comunicação directa com outro homem, presente ou ausente, sem para isso se servir de qualquer sinal ou meio? Esta questão é extremamente importante, visto que da sua solução depende a aceitação ou rejeição da teoria telepática.

2 — De acordo com esta teoria, proclama-se que existem alguns meios físicos, até agora desconhecidos da ciência,

além da fala, da escrita, dos gestos e de quaisquer outros sinais convencionais, por meio dos quais é possível que uma pessoa comunique a outra os seus pensamentos e intenções, não só quando essa pessoa está presente, mas também quando está distante.

Como seremos obrigados a tratar da teoria telepática, *ex professo*, mais adiante, passaremos agora a examinar a principal questão proposta, isto é, se as almas separadas dos corpos podem comunicar com as almas dos vivos.

§ VIII — *Podem as almas separadas dos corpos comunicar-nos os seus pensamentos?*

1 — A questão proposta é esta: pode a alma humana, quando está separada do corpo, entrar em comunicação com os vivos e manifestar-lhes coisas respeitantes ao seu novo estado? Dizemos *coisas respeitantes ao seu novo estado*, porque já acentuámos a extensão do conhecimento da alma depois da morte e mostrámos que o conhecimento de coisas futuras, de pensamentos secretos, de acontecimentos vulgares e, em grande parte, dos segredos da natureza lhe é vedado.

Admitindo, portanto, a possibilidade de tal intercomunicação entre mortos e vivos, ela tinha de ser necessàriamente de uma natureza muito limitada, isto é, ficaria reduzida a manifestações de certas verdades ou factos ligados com o novo estado da alma. Mas, mesmo assim, pode estabelecer-se tal comunicação entre uma alma separada do corpo e outra que a morte ainda não libertou dele?

2 — A resposta a esta pergunta tem de ser forçosamente negativa. A nossa mente ou o nosso intelecto, no presente estado de união entre a alma e o corpo, só pode entrar em comunicação com qualquer criatura, quer cor-

pórea quer espiritual, por meio da imaginação, visto que só por meio das imagens sensíveis podemos chegar ao conhecimento da verdade. Conhecer as coisas nesta vida, sem a ajuda dessas imagens, está acima da condição da nossa natureza. Ora, a alma separada do corpo não tem qualquer poder sobre os fantasmas da nossa imaginação, porque a matéria não está debaixo do seu domínio pelo que diz respeito ao movimento local e, por isso, uma alma nessas condições não pode, de per si, iluminar-nos ou instruir-nos de qualquer maneira. A afirmação que fizemos de que a alma separada do corpo não tem poder algum sobre a matéria será devidamente explicada, quando tratarmos do poder das almas separadas dos corpos.

3 — Podemos, pois, concluir que a alma separada do corpo está também, a este respeito, numa condição muito inferior à dos anjos que, chamando a nossa atenção para as imagens sensíveis que eles têm o poder de provocar em nós, podem manifestar-nos verdades que não estejam debaixo da alçada dos nossos sentidos, ou fazer-nos revelações de coisas desconhecidas pelos mortais.

A alma separada do corpo não pode exercer sobre nós essa influência e, por esse motivo, podemos dizer que ela está totalmente impedida de comunicar connosco.

4 — Mas, se as almas dos mortos são incapazes de atingir ou iluminar a nossa mente, e de nos fazer conhecer os seus pensamentos e desejos, poderemos nós, pela nossa parte, manifestar-lhe o que pensamos, quer por meio de sinais sensíveis, quer por meio de qualquer comunicação interior do nosso espírito?

Esta questão é da maior importância, visto que com a sua solução ficaremos aptos a completar o que dissemos com relação à natureza e às operações da alma separada do corpo.

Estudaremos o problema sob um duplo aspecto, isto é, veremos primeiramente se podemos, por meio de sinais sen-

síveis, manifestar os nossos pensamentos a essas almas e, em segundo lugar, veremos se podemos conseguir isso por meio de qualquer comunicação interior.

§ IX — *Podemos, por meio de sinais sensíveis, comunicar os nossos pensamentos às almas separadas dos corpos?*

1 — Em primeiro lugar, pelo que respeita a quaisquer meios sensíveis de que possamos usar, tais como a fala, a escrita, os gestos e outros semelhantes, já fizemos ver que esses sinais estão inteiramente fora do alcance das almas separadas dos corpos, que não podem ser impressionadas por eles, contràriamente ao que sucede com as substâncias angélicas.

A razão disto é que o conhecimento directo dos anjos abarca, não só os objectos espirituais, como também os fenómenos materiais deste mundo, entre os quais devemos incluir os mais sensíveis, de que estamos falando, ao passo que a alma humana separada do corpo tem conhecimento apenas de substâncias espirituais; dos fenómenos sensíveis deste mundo conhece apenas aqueles com os quais tem especial afinidade, como já anteriormente explicámos. Ora, entre os fenómenos que a alma pode conhecer, não podemos incluir os mais sensíveis que são para nós o veículo do pensamento, visto que tais sinais dependem inteiramente da livre vontade daqueles que primeiramente os inventaram ou que actualmente fazem uso deles e, por isso, não têm qualquer afinidade com as almas dos mortos, para as quais, por consequência, permanecem inteiramente desconhecidos.

2 — Mas — perguntar-se-á — qual é a razão fundamental do facto de um anjo conhecer todos os fenómenos materiais deste mundo, ao passo que a alma separada do corpo

os não conhece? Não é essa alma semelhante aos seres angélicos?

A razão por que um anjo abarca, no seu conhecimento directo e simples, todos os objectos materiais deste mundo, com os seus fenómenos particulares, e as almas separadas dos corpos o não podem fazer, está na superioridade específica dos seres angélicos sobre a alma humana, quer unida ao corpo quer separada dele. Disto nos convencerá a lei fundamental, segundo a qual um ser de ordem superior compreende, na sua unidade e simplicidade, as diferentes qualidades de seres distintos de uma categoria inferior.

Por isso vemos que a nossa alma racional, que é apenas uma, possui, na sua simples unidade, as capacidades da alma sensitiva dos animais e da alma vegetativa das plantas e é, além disso, capaz de produzir de per si os mesmos efeitos que estas almas distintas produzem na ordem animal e vegetativa. Por isso, os anjos, que são superiores em espécie à alma humana, compreendem no seu conhecimento directo e simples, não só os princípios gerais, mas também os objectos materiais juntamente com os seus fenómenos particulares.

Tal não sucede com a alma humana, que, sendo inferior em qualidade aos anjos, abarca no seu conhecimento directo, nesta vida, apenas os princípios gerais, e não pode conhecer os objectos particulares ou os fenómenos senão indirectamente, isto é, até onde os princípios gerais ou essências das coisas estão contidos nos objectos particulares ou materiais do Universo.

3 — De facto, nós chegamos a este conhecimento dos objectos materiais ou fenómenos particulares, durante a vida, pela aplicação das nossas faculdades sensitivas, por meio das quais percebemos directamente esses objectos materiais ou particulares. Mas, devido ao poder de abstracção do nosso intelecto, chegamos depois a conhecer os princípios gerais ou

essências das coisas, princípios esses que, sem dúvida, constituem o objecto próprio e directo do nosso conhecimento *intelectual*, ao passo que as coisas materiais e particulares são o objecto próprio e directo do nosso conhecimento *sensitivo*.

Por isso, o intelecto humano abarca, no seu conhecimento directo, ùnicamente os princípios gerais ou essências das coisas e não conhece os objectos particulares e materiais senão indirectamente, visto que esses objectos particulares estão, de certo modo, contidos nas essências gerais das coisas.

4 — Assim, para exemplificarmos o que dizemos, quando vemos uma planta, esse ser particular e os fenómenos que com ele se relacionam são perfeitamente percebidos pelos olhos e, por isso, tornam-se o objecto directo de uma faculdade sensitiva. Mas a natureza ou essência da planta, que é comum a todas elas, é o que o nosso intelecto abstrai dessa planta particular e, por isso, constitui o objecto directo do seu conhecimento, embora o mesmo intelecto, distinto dos olhos, chegue a conhecer por esse meio, indirectamente, essa planta particular e os seus fenómenos, além daquilo que possa abstrair e que ele passa a considerar como sendo a natureza universal dessa espécie de seres.

5 — Em resumo: chegamos nesta vida a um conhecimento completo por dois caminhos, isto é, pelos sentidos e pelo intelecto. Os sentidos abarcam só os objectos materiais e particulares, bem como os seus fenómenos; o intelecto abrange não só, directamente, as essências gerais como, indirectamente, os objectos individuais. Os anjos, pelo contrário, em virtude da superioridade do seu conhecimento, apreendem, pelo seu intelecto, não só os princípios gerais, como também os objectos materiais com os seus fenómenos.

Por isso, é evidente que, enquanto pudermos usar dos órgãos sensitivos ou das faculdades do corpo, isto é,

enquanto dura a presente vida, podemos sempre aumentar o nosso conhecimento de objectos sensíveis particulares, assim como dos fenómenos respectivos que caem debaixo da alçada dos nossos sentidos, e dos quais abstraímos o conhecimento universal que se refere à natureza geral das coisas. Mas, logo que a alma se separa do corpo, e conhece apenas a verdade pela actuação imediata das imagens que Deus nela infundiu, deixa de ser capaz de perceber os objectos ou fenómenos particulares deste mundo, excepto pela forma e na medida que acima explicamos.

6 — Podemos, pois, concluir que os sinais sensíveis, por meio dos quais, nesta vida, damos a conhecer aos outros os nossos pensamentos, são, para a alma separada do corpo, um verdadeiro livro fechado. Não podemos, portanto, por meio deles, fazer chegar até ela, directamente, os nossos pensamentos, desejos e afeições.

§ X — *Se nós podemos mentalmente manifestar os nossos pensamentos às almas dos mortos.*

1 — Tendo mostrado como é impossível para nós manifestarmos os nossos pensamentos às almas separadas dos corpos por meio de quaisquer imagens sensíveis, vamos agora provar que está também acima do nosso poder comunicar com elas intelectualmente por uma forma interior e mental, isto é, por uma simples elevação do nosso espírito até elas, como fazemos quando queremos pôr-nos em comunicação com os seres angélicos.

A condição natural dos nossos pensamentos na presente vida é tal que, embora em si próprios sejam de natureza espiritual, são sempre acompanhados por uma correspondente modificação do cérebro. Por isso, entre as inteligências criadas, só serão capazes de ler os nossos íntimos pensamentos aquelas que têm a chave das imagens sensíveis

ou fantasmas de imaginação, cujas diferentes modificações correspondem aos nossos diferentes pensamentos, assim como às diversas combinações das letras do alfabeto correspondem significações diversas para quem escreve ou lê.

2 — Mas surge agora esta questão: por que podemos nós manifestar os nossos pensamentos directamente aos anjos e não o podemos fazer às almas separadas dos corpos?

A razão é que a modificação sensível do nosso cérebro, que acompanha cada uma das nossas operações intelectuais, pode ser conhecida pelos anjos, que ficam assim habilitados a conhecer os nossos pensamentos. No entanto, para que os anjos tenham conhecimento desses pensamentos, não basta o exame das modificações cerebrais; é necessário também que a nossa vontade de manifestarmos esses pensamentos lhes dê, por assim dizer, a chave por meio da qual possam compreender o sentido expresso por essas modificações.

De facto, todas as modificações do nosso cérebro podem ser usadas de várias maneiras pela vontade, da mesma forma que uma palavra, na linguagem corrente, pode ter diversas significações.

Da mesma maneira que não podemos compreender exactamente um documento escrito sem que atribuamos às palavras a mesma significação que o escritor lhes deu, assim também a mera inspecção das imagens cerebrais é insuficiente para que o anjo possa conhecer o nosso pensamento; esse anjo terá de ler também na nossa mente, o que só poderá ser feito com o consentimento da vontade, isto é, depois de elevarmos o nosso espírito até ele e de lhe darmos assim a chave para compreender as modificações cerebrais que acompanham sempre nesta vida os nossos pensamentos.

3 — Ora, pode o que acabamos de expor aplicar-se às almas separadas dos corpos?

Fácil será compreender que a resposta tem de ser negativa, pela razão já dada, isto é, porque a alma separada do

corpo não tem a chave para o conhecimento das modificações materiais e particulares do nosso cérebro, a que acima aludimos, e que constituem uma barreira que intercepta a luz da nossa mente, impedindo-nos de projectar essa luz para fora de nós próprios. Por isso, as almas separadas dos corpos podem muito bem comunicar com os espíritos angélicos e com as outras almas, mas, exactamente como não podem manifestar-se a nós, também não podem directamente perceber o pensamento de qualquer pessoa viva, mesmo que essa pessoa lhes quisesse manifestar tal pensamento. Para isso, seria necessário um intermediário de tal natureza que, depois de ler os nossos pensamentos, pudesse transmiti-los a essa alma. Mas só as substâncias angélicas têm um poder dessa natureza.

4 — A ideia, portanto, de que nós podemos, livremente e sem a mediação de qualquer agente, entrar em comunicação com as almas dos nossos amigos mortos, tem de ser considerada como uma ficção poética e não como uma verdade filosófica. O facto é que a alma separada do corpo está, naturalmente falando, inteiramente privada de toda a comunicação com os vivos.

O mundo que essa alma passou a habitar é completamente diferente do nosso mundo material e, por isso, tem o seu modo de comunicações que nada tem de comum com o nosso. A alma separada do corpo é para nós um ser estranho que nem compreende a nossa linguagem nem pode ser compreendido por nós. Esta lacuna pode, porém, ser preenchida pela Providência de Deus e por intermédio dos anjos. Mais tarde nos ocuparemos de tão extraordinária intervenção.

3

O PODER DAS ALMAS QUE DEIXARAM ESTE MUNDO

1 — Tendo até aqui falado do conhecimento que as almas separadas dos corpos possuem, vamos agora investigar se elas podem exercer algum poder sobre a matéria.

Vimos que os seres angélicos podem mover objectos materiais de um lugar para outro, levantar os corpos mais pesados, reunir os elementos dispersos da matéria, juntá-los novamente e dissolvê-los de novo, à medida dos seus desejos. Pela acção do movimento local, que são capazes de exercer, podem eles produzir os mais estranhos e surpreendentes fenómenos na natureza. Podem iluminar o nosso intelecto, actuar sobre a imaginação, tornar-nos parcial ou totalmente insensíveis a impressões externas e operar nos nossos corpos as mais extraordinárias modificações.

2 — Pergunta-se agora: pode a alma, uma vez separada do corpo, produzir semelhantes efeitos? Tem ela qualquer poder sobre os elementos da matéria?

Com referência ainda a este assunto, vamos investigar a verdadeira natureza das aparições de mortos e, visto que os efeitos verificados pelas práticas espíritas têm muitas vezes a aparência de milagres, terminaremos por estabelecer a diferença entre milagres e fenómenos espíritas.

§ I — *Tem a alma separada do corpo qualquer poder sobre a matéria?*

1 — A semelhança existente entre um espírito angélico e a alma humana depois da morte, juntamente com o hábito vulgar de atribuir às almas separadas dos corpos aquilo que

é próprio só dos anjos, pode explicar a opinião largamente espalhada de que as nossas almas, depois da morte, serão capazes de actuar sobre objectos materiais, da mesma maneira que os anjos actuam sobre eles, isto é, transferindo-os de um lugar para outro. Isto, porém, é um erro, porque a alma separada do corpo não tem poder algum natural sobre os elementos da matéria. Dizemos *poder natural*, porque não negamos que Deus pode, por uma extraordinária intervenção, conceder à alma um poder semelhante ao que possuem os anjos, tal como o que sucedeu a Moisés, quando este chefe dos judeus apareceu com Cristo no Tabor. Mas nós apenas tratamos agora o que acontece na ordem vulgar das coisas.

2—A razão da nossa afirmativa está no princípio, já tantas vezes invocado por nós, segundo o qual a alma, sendo determinada na sua essência pela sua relação com o corpo humano, com o qual forma apenas um e o mesmo todo, não tem poder motor excepto sobre o corpo particular que ela anima, ao passo que o poder motor dos anjos se estende naturalmente a toda a espécie de corpos, precisamente porque estes seres espirituais não estão ligados essencialmente a qualquer corpo particular. Por outras palavras: podemos dizer que a energia motora da alma, que em si mesmo é de uma limitada natureza, está de tal forma restrita ao corpo que ela informa, que se extingue com ele.

3—A nossa alma não tem o poder de mover os corpos aos quais não está substancialmente ligada, e isso verifica-se pelo facto de que, ao passo que ela move livremente os membros do corpo enquanto estes são animados por ela e impregnados, por assim dizer, da sua presença, essência e poder, deixa de ser capaz de fazer o mesmo, logo que um desses membros sofre uma paralisia, embora continue a estar materialmente unida ao corpo.

4— Por outro lado, embora o novo estado que a alma adquire a obrigue a sofrer uma modificação na maneira de compreender, nenhuma condição existe nesse novo estado que exija uma mudança na sua maneira de operar com respeito a substâncias materiais e, por isso, a nossa alma, depois da morte, é completamente impotente pelo que diz respeito ao movimento do mais pequeno corpo material. E não se trata aqui de uma alma ou de outra, de um corpo mais pesado ou mais leve, como poderia acontecer, mas do facto de que a alma humana, sendo na sua verdadeira essência destinada a informar um corpo e a mover uma determinada substância material, que é o seu próprio corpo, é incapaz de mover outro corpo, seja ele qual for.

5— Podemos ainda avançar mais e dizer que a alma separada do corpo não só não tem poder natural para mover a matéria, nem mesmo o corpo ao qual esteve unida, mas também não pode mover-se a si própria, pois perdeu, com a morte, aquele poder de locomoção que possuía enquanto esteve unida ao corpo.

Em virtude da proporção natural que existe entre a alma e o corpo, este poder de locomoção, embora radicado na alma, reside formalmente, isto é, como na sua própria sede, no composto formado pelo corpo e pela alma. Por isso deixa logo de existir com a morte, assim como deixam também de existir outras faculdades materiais e orgânicas, tais como a vista, o ouvido, a imaginação, etc. Portanto, não só a alma, depois da morte, é de per si incapaz de mover qualquer corpo, mas também não pode deslocar-se a si mesma de um lugar para outro, e tem de ficar, por assim dizer, imobilizada em determinado lugar. Devemos, pois, concluir que o poder que a alma tem de mover o nosso corpo dura apenas nesta vida. Depois da morte, a alma não tem poder para mover aquilo que foi o seu corpo, quebrando-se inteiramente o elo que unia o corpo à alma.

6 — Mas, embora alma separada do corpo não tenha poder natural para mover qualquer corpo, tem necessidade de aderir a qualquer espécie de elemento material, visto que isso é uma condição essencial para a sua localização. Ora, o elemento material pelo qual a alma no mundo invisível está localizada é, como nos ensina a fé, o Céu, o Purgatório ou o Inferno, conforme a alma se salvou ou perdeu eternamente, ou tem de sofrer ainda uma expiação temporânea. Por isso, quando dizemos que a alma está localizada no Céu, no Purgatório ou no Inferno, não excluímos que, por especial disposição da Providência Divina, ela possa deixar estes lugares temporàriamente, sòmente até para lá voltar de novo.

7 — Se se perguntar onde deve a alma separada do corpo permanecer, no caso de não ter sido elevada à ordem sobrenatural, isto é, no caso de não ter sido destinada pelos seus méritos ou pecados a um lugar de perfeita felicidade no Céu ou de sofrimento no Inferno, ou ainda de expiação no Purgatório, a resposta é que, como ela tem ainda certa dependência pelo que se refere ao corpo, deve, à parte qualquer especial e extraordinária disposição de Deus, permanecer no cadáver, não como uma forma ou força motriz na sua própria matéria, mas como num corpo que mais lhe convém, por causa das suas relações com ele durante a vida.

Por isso, se um homem não foi elevado à ordem sobrenatural, cujo fim é a visão de Deus face a face, ou condenado à perda eterna da felicidade, devemos dizer que a alma humana permanece localizada, aderindo àquilo que uma vez foi o seu próprio corpo.

8 — Esta afirmação pode explicar a superstição pagã da prática de libações sobre as campas dos mortos, acto este que é sugerido pela suposição de que a alma, sobrevivendo e conservando-se aderente àquelas cinzas, ficará contente

com esse acto de piedade prestado à memória daquilo que foi o seu companheiro em vida.

É igualmente fácil compreender por isso a razão por que os pagãos desejam que os corpos dos esposos, dos parentes e dos amigos sejam sepultados no mesmo túmulo, pois julgam que ali estão também localizadas as almas de todos eles.

§ II — *Resposta a várias objecções.*

1 — Temo-nos esforçado por expor, tão claramente quanto possível, os ensinamentos ministrados pela Igreja Católica respeitantes à relação entre a alma separada do corpo e os elementos da matéria. Como esta doutrina tem sido contraditada por certa escola oposta à do Angélico Doutor, a quem nós seguimos, e como, por outro lado, este ponto é da máxima importância para o assunto de que nos estamos ocupando, seja-nos permitido apresentar aqui algumas objecções que têm sido levantadas contra a doutrina exposta e, ao mesmo tempo, fazer a respectiva refutação.

2 — Ora, quais são as objecções levantadas? Primeiramente dizem que o poder motor não é um poder imanente, como são, por exemplo a imaginação e a vista, mas pertence àquelas forças que em nós exercem a sua acção fora do sujeito, tal como o poder de linguagem. Ora, é evidente que uma faculdade orgânica, cuja operação é imanente, não pode actuar inorgânicamente; por isso, nós não podemos ver sem a ajuda dos olhos, nem fantasiar sem a ajuda da imaginação. O mesmo não se pode, porém, dizer de uma faculdade cuja operação é transitiva e, por isso, de forma alguma é certo que a faculdade motora da alma separada do corpo não possa actuar sobre a matéria exterior e assim mover os corpos de um lugar para outro. Além disso, não vemos nós que o exercício inicial da nossa faculdade motora,

ainda nesta vida, é inorgânica, visto que é determinado pela vontade, que é uma faculdade inorgânica?

3 — A isto respondemos que, quer uma faculdade orgânica tenha uma acção imanente ou transitiva, nunca pode, mesmo no seu movimento inicial, ser exercida sem o concurso de um órgão, isto é, sem o corpo ao qual está unida. Os dois andam sempre juntos, e falar da nossa faculdade de locomoção actuando inorgânicamente é ignorar o seu modo de agir.

4 — Não se pode também dizer que o exercício inicial da nossa faculdade motora, nesta vida, é inorgânico, ou que está oculta na alma, quando unida ao corpo, além da faculdade orgânica motora, outra faculdade capaz de mover inorgânicamente, faculdade essa que só entraria em exercício depois da morte. De facto, o exercício inicial da faculdade motora em nós, durante a vida, sendo proveniente da vontade, é inorgânico no sentido de que é a nossa vontade que comanda todo o movimento local, mas este movimento procede originàriamente de uma faculdade orgânica e por ela é exercido, visto que nenhum movimento local é executado senão por intermédio dos órgãos corpóreos.

5 — Não se poderá também recorrer a qualquer força inorgânica latente no mais íntimo recôndito da alma, ineficiente durante a vida e que entre em acção depois que a alma se separe do corpo. Tal teoria podia, de facto, ser sustentada, se, como alguns filósofos pretendem, a alma estivesse unida ao corpo pela forma como uma mola está unida ao corpo que move, e se existisse qualquer forma corpórea que se interpusesse entre o corpo e a alma. Mas tal opinião contradiz abertamente o princípio fundamental da união entre a alma e o corpo, do qual ela é essencialmente a forma. Pela força deste princípio, a alma move o corpo formalmente, visto que está unida a ele como uma forma à sua própria matéria unida.

Por isso, é impossível que a alma, quer unida quer separada, mova qualquer outro corpo que não seja o seu, e isso mesmo só quando está unida a ele, isto é, durante a vida presente ou depois da ressurreição.

6 — Dizem ainda que é necessário que às almas separadas dos corpos, assista o direito de governar os homens que ainda estão vivendo na terra, de maneira que os possam levar para o caminho do bem e afastar do caminho do mal. E para isso — afirmam os argumentadores — devem elas poder mover os corpos localmente, de forma que possam aparecer aos homens com as formas que assumirem.

Este argumento também não pode sustentar-se. O encargo de governar o mundo racional e o mundo irracional pertence aos anjos que, quando bons, actuam como ministros de Deus para a felicidade do género humano e, quando maus, podem tentar-nos, com permissão de Deus, para que nós, resistindo às tentações, possamos aumentar a virtude e a graça.

7 — Outros, finalmente, recorrem ao estado da alma humana depois da ressurreição dos corpos. Dizem eles que os nossos corpos adquirem então a propriedade da agilidade, por meio da qual as almas serão capazes de transferir à sua vontade, inorgânicamente, o nosso corpo de um lugar para outro, e isto, dizem eles, é uma transferência inorgânica, exactamente como aquela que nós dizemos ser realizada pelos anjos.

A isto responderemos que a propriedade de agilidade nos Santos, depois da ressurreição, não se explica de forma alguma por meio de uma acção inorgânica, visto que a sua vida sensitiva se restabelecerá neles. A alma moverá o corpo por intermédio dos seus órgãos, como sucede na vida presente, com a única diferença de que o corpo obedece prontamente, e sem a menor dificuldade, a todos os movimentos e direcções da alma.

Para concluir, afirmamos que a filosofia católica rejeita inteiramente a teoria dos que dizem que as almas separadas dos corpos possuem qualquer poder directo sobre os elementos da matéria corpórea.

§ III — *Os fenómenos espíritas não podem ser atribuídos à acção das almas separadas dos corpos.*

1 — Se a alma separada do corpo não é capaz, pelo seu poder natural, de mover os elementos da matéria, que devemos pensar dos fenómenos que se passam nas sessões espíritas?

Essas mudanças de objectos de um lugar para outro, esses misteriosos ruídos provenientes do arrastar de cadeias, de mesas ou de instrumentos musicais, esse espontâneo abrir de portas e janelas e muitos outros fenómenos tantas vezes citados e bem testemunhados, podem ser atribuídos à intervenção das almas?

A esta pergunta temos de responder que é totalmente impossível atribuir tais factos à intervenção das almas dos mortos, porque esses efeitos estão absolutamente além do poder das almas separadas dos corpos, embora sejam possíveis aos seres angélicos, cujo poder sobre o movimento local dos corpos foi já devidamente explicado.

2 — O mesmo se aplica aos fenómenos conhecidos como materialização dos espíritos, isto é, a reconstituição das feições de alguma pessoa morta, de tal forma que parece obra de uma câmara fotográfica; às respostas inteligentes dadas a certas perguntas, ou por meio de sons ou por escrito e, duma maneira geral, a todos os fenómenos de semelhante natureza, tais como a telepatia ou a clarividência.

Visto que tais fenómenos ultrapassam o poder das almas separadas dos corpos, que não só são incapazes de produzir

tão surpreendentes efeitos, mas também ignoram a maior parte das coisas que são objecto das revelações espiritas, concluímos que nenhum destes fenómenos pode ser atribuido à intervenção das almas.

3 — Mas, sendo assim, que devemos pensar dessas aparições de mortos, de que encontramos numerosos exemplos citados na História?

De facto, tais fenómenos parecem envolver, por parte das almas separadas dos corpos, o poder de mover e deslocar os elementos materiais de um lugar para outro, fazendo uso desses elementos para os seus fins. Este é um ponto que nos deve merecer particular atenção.

§ IV — *Aparições de mortos.*

1 — Dissemos já que as almas separadas dos corpos não têm poder sobre os elementos da matéria. Não podemos, por outro lado, pôr em dúvida e muito menos negar a ocasional aparição de mortos neste mundo visível. Sem discutirmos a verdade de cada aparição, sustentamos, de uma maneira geral, não só a possibilidade de os mortos aparecerem aos vivos sobre a terra, mas afirmamos até que vários casos desta natureza se têm realmente dado. Portanto, temos de procurar saber como se explica este fenómeno à luz da filosofia cristã.

2 — Devemos primeiramente admitir a possibilidade, para as almas separadas dos corpos, quer salvas quer perdidas, de aparecerem em pessoa, sempre que apraza ao Autor da natureza conceder a essa alma, por uma intervenção miraculosa, o mesmo poder que os anjos possuem sobre os elementos da matéria. Neste caso, a alma formaria para si um corpo visível, no qual apareceria, pondo-se em comunicação com os vivos.

E isto não envolve qualquer contradição. Assim como

Deus pode suspender as propriedades de determinada substância, assim pode dar a essa substância propriedades superiores à sua natureza. Por isso, Deus pode conceder à água a propriedade da solidez, a da dureza ao ar e a da leveza a uma pedra. Pode dar ao fogo qualidades refrigerantes, como sucedeu quando três crianças foram atiradas para dentro duma fornalha e as chamas tiveram, para elas, o efeito de uma brisa refrescante.

Deus pode dar a uma alma separada do corpo o poder de mover os elementos da matéria e juntá-los de maneira a formar um corpo semelhante ao nosso. É dessa forma que é interpretada a aparição de Moisés no Monte Tabor, em companhia de Nosso Senhor e do profeta Elias.

A concessão sobrenatural de poder não envolve qualquer mudança substancial na natureza intrínseca da alma humana. A alma fica a ser o que era, mas recebe de Deus, autor de todas as coisas, um poder superior às suas forças, em virtude do qual produz efeitos que, de per si, seria incapaz de produzir.

3 — Devemos notar que estas aparições de almas dos mortos podem ser ainda explicadas de outra maneira mais de acordo com a ordem natural das coisas. Podem tais aparições ser devidas à actuação dos anjos, que são capazes de reproduzir a semelhança natural de qualquer pessoa, viva ou morta, e que podem agir ou falar, dentro do corpo assim formado, como as pessoas que eles representam o fizeram ou o podiam ter feito. E, como os anjos podem, até certa extensão, chegar a conhecer os pensamentos das almas separadas dos corpos, podem igualmente comunicar dessa maneira tais pensamentos aos vivos, actuando assim como intermediários entre os vivos e as almas separadas dos corpos.

Além disso, exactamente como um embaixador fala em nome do príncipe que representa, assim também um anjo, que representa a alma de uma pessoa morta e fala em

seu nome, pode, em certo sentido, apresentar-se como se fosse essa mesma pessoa. Por esta forma, pode mesmo responder a qualquer chamada que seja feita em nome dessa alma. Dissemos acima *em certo sentido*, porque um embaixador não tem o poder de se identificar com o seu príncipe, de forma a fazer acreditar que é o próprio príncipe. Tal coisa seria uma verdadeira fraude. Por isso, um anjo, aparecendo em nome de uma pessoa morta, pode responder com verdade à chamada feita a essa pessoa.

Todas estas observações devem estar bem presentes no nosso espírito, quando se discutem as aparições materializadas que ocorrem nas sessões espíritas.

4 — Mas, para determinar de que forma e até que ponto as aparições de mortos podem ser atribuídas à intervenção dos anjos, temos, em primeiro lugar, de fazer uma distinção entre as diferentes classes de anjos, distinção essa que será adiante mais claramente explicada.

Uns são bons e outros decaíram do primitivo estado e tornaram-se moralmente maus. Os primeiros são amigos de Deus e nunca actuam neste mundo visível senão por sua ordem; os anjos maus, pelo contrário, são revoltados contra Deus e habitualmente chamam a si a responsabilidade das suas acções, embora às vezes actuem também como ministros da justiça de Deus.

Acima de tudo, devemos lembrar-nos sempre de que qualquer intervenção extraordinária da Divindade, no curso normal da natureza, tem por objecto um fim sobrenatural, isto é, um fim que está acima das forças criadas.

5 — Daqui se segue que os efeitos visíveis que excedem o curso ordinário da natureza, operados pelos anjos bons, são sempre devidos a uma ordem de Deus e à sua intervenção e, portanto, são milagres; os efeitos produzidos pelos anjos maus são imediatamente devidos à sua própria acção e, portanto, não são milagres, desde que não ultrapas-

sem as forças da natureza. Podemos asseverar que as aparições de mortos são sempre milagres, quando se realizam por intermédio dos anjos bons; não são milagres, quando são devidas à actuação dos anjos maus, a não ser que se efectuem por ordem de Deus.

6 — Mas isto é uma verdade que carece da mais ampla explicação, visto que da solução da questão que agora nos preocupa, isto é, saber se as aparições de mortos e outras manifestações espíritas podem ou não ser consideradas como verdadeiros milagres, depende a solução de uma outra questão, que é saber se tais aparições ou manifestações têm por autores os anjos bons ou os anjos maus.

§ V — *Diversas espécies de aparições de mortos.*

1 — Para solução da dúvida proposta, é necessário que estabeleçamos aqui a distinção entre almas salvas e condenadas e entre anjos bons e anjos maus, distinção que será mais claramente explicada no capítulo seguinte.

Dois casos diferentes temos a considerar: primeiro — a aparição de almas salvas; segundo — a aparição de almas condenadas.

Pelo que respeita à primeira espécie de aparições, é manifesto que estas podem realizar-se apenas por intermédio dos anjos bons; quanto às segundas aparições, só podem ser devidas à actuação dos anjos caídos, pois não se pode admitir que as almas santas sejam representadas por demónios ou que os anjos bons representem almas de réprobos.

2 — Consideremos primeiramente o caso da aparição da alma dum justo, por intermédio de um anjo bom.

Em tal manifestação, a Igreja Católica reconhece a presença de um verdadeiro milagre, isto é, uma obra cuja causa principal é Deus, que, pondo à margem as leis da natureza,

reconstitui, por intermédio de algum dos seus anjos bons, a semelhança corpórea de qualquer santa alma que deixou este mundo. Tal reconstituição, na verdade, em si não excede o poder de um anjo e, até certo ponto, não seria um milagre; o milagre, contudo, consiste na circunstância de que os anjos bons, que não causam derrogação alguma das leis da natureza, excepto por ordem de Deus, precisamente para o fim sobrenatural que Ele tem em vista, actuam neste caso como seus ministros e, por isso, a obra realizada por eles deve ser atribuída ao Todo-Poderoso como principal agente, e é nisso exactamente que consiste o milagre.

3 — Agora, poder-se-á dizer o mesmo da aparição da alma dum réprobo, por intermédio dum anjo mau?

Observemos primeiramente que seria erróneo concluir do facto de um anjo mau afirmar que representa determinada pessoa que essa pessoa deve ser contada no número das almas perdidas. Os anjos caídos procuram sempre desvirtuar a verdade até ao máximo do seu poder. Pode muito bem ser — e esse é muitas vezes o caso — que eles afirmem, nas aparições a que dão origem, a presença duma pessoa de elevada categoria moral, sem que nada disso seja verdade, e as manifestações não passam de pura fraude, desde o princípio ao fim.

As nobres e grandes figuras de Pio IX, Leão XIII, Cardiais Newman, Manning e Vaughan são muitas vezes evocadas nas sessões espíritas; ora, seria erróneo concluir desse facto que, desde que estas reuniões são devidas à actuação dos maus anjos, tais pessoas ali representadas devam ser contadas entre o número dos condenados às penas eternas.

Tais aparições são realizadas contra vontade dessas pessoas, que delas não têm conhecimento; por isso, as suas revelações não passam de fraude e engano.

4 — Passemos agora a considerar o caso que se verifica, quando os anjos caídos, por deliberação própria, resol-

vem representar, não uma alma salva — o que é impossível — mas uma alma condenada, como eles, às penas eternas. Neste caso, esses espíritos actuariam como principais agentes, com permissão de Deus, mas sem sua ordem; tal aparição, portanto, não seria milagre algum, porque em todos os milagres Deus é o agente principal e a criatura é um simples instrumento. Não podemos, contudo, ter quaisquer meios de autenticar estas aparições, visto que o demónio é o espírito da mentira, e não é fácil conceber qualquer vantagem que ele pudesse tirar duma declaração verdadeira daquilo que realmente acontece.

5 — Mas o caso assume um aspecto diferente, se considerarmos estas aparições como ordenadas por Deus que, para os seus sábios fins, pode deliberar que um ou outro dos espíritos malignos opere, por meio de elementos visíveis, a aparição duma alma condenada e nos manifeste os seus pensamentos e o seu estado.

Embora a formação de um corpo humano não esteja acima do poder dos anjos maus, e embora eles possam conhecer os pensamentos e sentimentos das almas dos condenados, no entanto, desde o momento em que Deus ordena a um anjo mau que tome as feições de uma pessoa morta, cuja alma foi condenada às penas eternas, e que assim nos manifeste o seu estado, para maior glória de Deus ou para a salvação dos homens, tal aparição, a realizar-se, tem de ser considerada como um verdadeiro milagre.

Não há qualquer repugnância na ideia de que mesmo os anjos caídos possam ser instrumentos de Deus para a realização de milagres, porque eles, não menos do que os anjos bons, são seus ministros, sempre prontos a executar as suas ordens e assim promover, à sua maneira, a glória divina. Mas, em tal caso, os espíritos malignos não podem mentir, pois são obrigados a dizer a verdade, desde que actuam como servos de Deus.

6 — Há ainda outro caso em que os demónios podem actuar como ministros de Deus na realização de milagres; é quando, nesta vida, infligem, em nome de Deus, algum castigo especial aos homens. Neste caso, eles são também obrigados a cumprir as ordens recebidas de Deus, e assim cooperam com Ele no fim sobrenatural que o Criador tem em vista, ao infligir tal castigo.

7 — As autênticas aparições de mortos, seja qual for o aspecto sob que as consideremos, só podem, portanto, realizar-se por uma especial derrogação das leis da natureza e são verdadeiros milagres. Por consequência, admitir que todas as materializações espíritas, que são inumeráveis, sejam autênticas aparições de mortos ordenadas por Deus, seria admitir uma manifestação do poder divino tão miraculosa que ultrapassaria tudo quanto a Escritura nos diz acerca de intervenções extraordinárias, e isso estaria acima de tudo quanto um espírito normal possa conceber.

Bom será, portanto, que nos empenhemos em mostrar como é completamente impossível que tais manifestações espíritas possam ser devidas a Deus ou ordenadas por Ele, e sejam considerados verdadeiros milagres. Ficará também assim provado que não podem tais manifestações ser olhadas como autênticas aparições de mortos.

§ VI — *As manifestações espíritas não são milagres.*

1 — A hipótese de que as aparições nas sessões espíritas, atribuídas à actuação de almas separadas do corpo, mas que na realidade são obra de substâncias espirituais, verdadeiros e reais milagres, não pode ser sustentada, por várias razões.

Há, em primeiro lugar, a anormal frequência destas manifestações. Admite-se que uma das características dos milagres verdadeiros é a sua rara ocorrência. Um milagre

é uma infracção das leis da natureza, e a sabedoria de Deus está empenhada em conservar intacta essa ordem, excepto por uma razão justificada, isto é, para um fim sobrenatural. Por isso, não é de esperar que os milagres se realizem tão frequentemente, como acontece com as aparições ou materializações de espíritos.

Há, em segundo lugar, as circunstâncias particulares em que essas aparições se operam e que obstam completamente a que tais aparições sejam obra de Deus.

É verdade que Deus, de vez em quando, e em resposta a pedidos dos homens, altera a ordem da natureza e, por intermédio dos seus anjos, faz com que alguma pessoa morta apareça neste mundo; isto, porém, nunca foi feito por Ele, nem nunca o poderia ter sido, senão em certas circunstâncias manifestamente morais e com um fim altamente bom.

2 — Regra geral, os milagres são respostas a fervorosas orações; manifestam um ou outro dos infinitos atributos de Deus: a sua Bondade, a sua Justiça, a sua Santidade; promovem entre os homens o exercício da virtude e animam-nos à luta por tudo quanto é santo e puro. As circunstâncias que, por outro lado, acompanham as aparições nas sessões espíritas são, usualmente, do mais frívolo carácter e têm como principal objecto um mero prazer ou uma doentia curiosidade. Além disso, os médiuns, a cuja intervenção estes fenómenos são devidos, nem sempre estão acima de toda a suspeita; nas respostas dadas há muitas vezes falsidades e contradições misturadas com afirmações verdadeiras, e as próprias práticas não são isentas de perigos, tanto para a alma como para o corpo.

3 — Além de tudo isto, os milagres são de tal forma obra da vontade livre de Deus que, por muito intensas que as nossas orações e súplicas possam ser, nunca podemos estar absolutamente certos de que o mais leve milagre seja operado a nosso favor. No espiritismo, pelo contrário, a mera

presença de um médium experimentado é bastante para originar uma variedade das mais surpreendentes e extraordinárias manifestações. Se, além de tudo isto, considerarmos que muitas vezes estas exibições são acompanhadas por factos de reconhecida imoralidade, tornar-se-á evidente que elas não podem ser obra de um Deus três vezes santo.

4 — Ora, se as manifestações espíritas não são milagres, não podemos afirmar que elas se realizam por ordem de Deus, mas simplesmente com a sua permissão. Uma ordem de Deus tem sempre por objecto aquilo que é essencialmente bom, ao passo que a sua permissão pode estender-se até ao mal moral, embora Ele saiba, na sua infinita Sabedoria, converter esse mal em bem. Daqui se conclui que estas manifestações não devem ser atribuídas aos anjos bons que trabalham apenas por ordem de Deus, mas sim aos espíritos malignos, como adiante pormenorizadamente mostraremos.

5 — Ficamos por aqui, pelo que diz respeito às aparições ou revelações dos mortos por intermédio das práticas espíritas.

Com respeito às várias espécies de fenómenos que ocorrem durante estas práticas, mostrámos já que eles devem ser considerados superiores ao poder das almas separadas dos corpos. Quando são de natureza intelectual, ultrapassam muito a extensão do seu conhecimento; quando são de natureza fisiológica ou mecânica excedem o seu poder de acção.

Por outro lado, já mostrámos nos precedentes parágrafos que, quando tais fenómenos envolvem a manifestação de coisas ou acontecimentos desconhecidos e supõem a actuação de uma força misteriosa operando nas sessões espíritas, devem ser atribuídos à intervenção de seres angélicos. A conclusão, portanto, é que esses seres angélicos devem ser considerados como os responsáveis pela produção destas variadas manifestações, porque, além dos espíritos puros e

das almas separadas dos corpos, não há outros agentes invisíveis a quem tais efeitos possam ser imputados.

6 — Desde que as substâncias angélicas não são todas de igual carácter moral, e os fenómenos espiritas são acompanhados de circunstâncias que sugerem, da parte dos seus autores, certo padrão de moralidade, torna-se necessário para nós determinar mais particularmente a que classe ou a que categoria de substâncias angélicas estes efeitos devem ser atribuídos e qual é a intenção especial ou o fim desses espíritos, ao originarem uma tal variedade de extraordinários fenómenos.

7 — Para dissipar todos os receios acerca da nossa intenção, devemos lembrar ao leitor que estamos aqui a tratar do espiritismo pròpriamente dito, isto é, das práticas que têm por fim obter quaisquer informações por intermédio das almas dos mortos. Não pretendemos, de qualquer forma, menosprezar os esforços feitos pelos cientistas de todos os tempos e especialmente da nossa era, para obterem úteis e novas descobertas por meio de investigações científicas, longa e sàbiamente conduzidas. Pelo contrário, devemos agradecer-lhes o aumento de riqueza intelectual com que, por meio das suas investigações, dotaram a humanidade. Todos nós sabemos com que esplêndido resultado os seus trabalhos foram coroados; mas, para todas essas descobertas, houve adequadas causas naturais. No entanto, a afirmação de que podemos engrandecer legìtimamente o reino da ciência, pondo-nos em comunicação com as almas dos mortos, destrói a relação natural entre a causa e o efeito e é, portanto, uma perversão da ordem da natureza. A desproporção entre o objecto a atingir e os meios para isso empregados é precisamente aquilo que nos propomos investigar no seguinte capítulo.

TERCEIRA PARTE

OS FENÓMENOS ESPÍRITAS

1 — Do que dissemos nos antecedentes capítulos, fàcilmente se poderá concluir que os fenómenos espíritas de que vimos tratando não podem ser atribuídos nem às almas separadas dos corpos nem a qualquer espécie de fluido que seja a sua causa própria e eficiente. As primeiras não podem produzir tais efeitos e o segundo é inteiramente inadequado para tal fim. Também não podem os mesmos fenómenos ser atribuídos à intervenção imediata de Deus, que não podemos supor a actuar como um simples instrumento nas mãos das suas criaturas. Temos, portanto, de pôr à margem tais factores e procurar um agente que, ao mesmo tempo, seja capaz de produzir esses fenómenos e esteja interessado na sua realização.

2 — Pelas investigações a que vamos proceder, ver-se-á claramente qual é a causa desses fenómenos e, para isso, propomo-nos examinar primeiramente a natureza das práticas espíritas e, em segundo lugar, as diferentes espécies de seres angélicos. Ficaremos assim habilitados a resolver a

questão quanto à natureza dos seres angélicos a quem tais fenómenos devem ser imputados e, ao mesmo tempo, a mostrar qual seja a moralidade das práticas espíritas.

Mas, como o último resultado das práticas espíritas é a promulgação de um novo credo destinado a substituir a tradicional doutrina mantida e pregada pela Igreja Católica, estudaremos também, com a possível brevidade, esse novo credo, pelo menos nas suas linhas gerais, e terminaremos por refutar a teoria daqueles que nos querem fazer acreditar que o espiritismo foi praticado pelo próprio Jesus Cristo, que eles querem considerar como o mais poderoso de todos os médiuns.

Ao passo que a verdade é sempre cautelosa nas suas pesquisas e vagarosa nas suas asserções, o erro não se constrange perante qualquer falsidade, por mais ousada que ela seja. E é dever de todo o amante da verdade pôr esse erro a descoberto.

1

A NATUREZA DAS PRÁTICAS ESPÍRITAS

1 — Um cuidadoso estudo das propriedades e natureza dos seres angélicos levou-nos à conclusão de que, à parte a questão da sua qualidade moral, eles são capazes de produzir todos os efeitos que se verificam nas práticas espíritas. Como o seu conhecimento dos segredos da natureza - dos acontecimentos da vida presente é de tão vasto alcance, e como o seu poder, pelo que respeita à transferência local dos elementos da matéria, é tão forte, os variados fenómenos espíritas não excedem o âmbito desse poder.

A questão que, portanto, se nos apresenta é a seguinte: estão os seres espirituais empenhados em produzir tais fenómenos e, acedendo ao desejo que o homem experimenta de comunicar com o mundo invisível, são eles a causa dos extraordinários sucessos que se produzem no mundo visível e que transcendem as ocorrências vulgares da natureza?

2 — Para encontrar a devida resposta a esta pergunta, temos de considerar duas coisas: primeiro: o que devemos pensar acerca do desejo, que muitas pessoas experimentam, de comunicar com o mundo invisível; segundo: qual é o carácter moral que essas manifestações revestem, considerando especialmente a posição do livre arbítrio do homem no empenho com que se entrega a tais práticas.

E, como um dos especiais requisitos na maior parte das manifestações espíritas é a presença e acção de um *médium*, investigaremos também como devemos considerar tais práticas pelo que diz respeito a esse intermediário e qual é a sua situação perante elas. Isto dar-nos-á a oportunidade de nos referirmos ràpidamente a um episódio narrado na

Sagrada Escritura — a evocação da alma de Samuel, por ordem da feiticeira de Endor.

No entanto, para compreendermos devidamente a natureza moral das práticas espíritas, faremos um rápido exame das mesmas, classificá-las-emos e mostraremos como elas são essencialmente distintas daqueles efeitos que são devidos ao trabalho da imaginação.

Daqui ser-nos-á fácil passar ao estudo da questão em que estamos especialmente interessados, isto é, se o desejo de entrar em comunicação directa com o mundo invisível, por meio destas manifestações espíritas, está de harmonia com os ditames da justiça e da moral.

§ I — *Práticas semelhantes ao espiritismo.*

1 — Embora estejamos aqui principalmente empenhados no estudo do espiritismo e dos seus fenómenos, as nossas afirmações têm igual aplicação a todos os assuntos que com aquele estejam relacionados, tais como magnetismo, hipnotismo, mesas que se movem, etc., desde que tais práticas têm por fim colocar-nos em comunicação com os habitantes do outro mundo. Olhadas sob este aspecto, estas práticas têm uma diferença de origem mas não de natureza, visto que todas elas tendem para o mesmo fim — a comunicação com o mundo invisível.

Tais práticas são, até certo ponto, uma adaptação, por uma forma moderna, daquilo que foi conhecido e praticado em todos os tempos da história mundial. Os augúrios, auspícios, arúspices e agoiros dos antigos romanos, o pitonismo da Grécia, a astrologia, a geomancia, a aeromancia, a hidromancia e a rabdomancia da idade média, assim como a arte recente dos sortilégios e da quiromancia, juntamente com o espiritismo e outras práticas dos tempos modernos, têm

uma raiz comum — a pretensão de conhecer verdades ocultas por intermédio de certas substâncias, acto este em que consiste o pecado da superstição.

2 — Pelo que diz respeito à astrologia, clàssicamente chamada *astrologia iudiciaria*, e que é uma forma de superstição especialmente condenada pela Igreja, devemos aqui observar que os teólogos católicos nunca negaram a influência dos corpos celestes sobre as perturbações atmosféricas. Prontamente esses teólogos admitiram tudo quanto a ciência nos diz sobre a influência que estes agentes exercem sobre as marés e as estações, sobre o crescimento das plantas, sobre o sistema nervoso e sobre as formas peculiares de algumas doenças do homem, que escapam à observação dos médicos. Admitem mesmo os teólogos (o que pode talvez parecer excessivo) que tal influência chega a exercer-se sobre os poderes sensitivos do homem, e determina, na sua natureza animal, uma disposição particular para as paixões, tais como a inveja, a ambição e o ódio. O que a Igreja condena na astrologia é a sua tentativa de descobrir por esse meio acontecimentos futuros dependentes de uma vontade livre, como se a vontade humana pudesse ser determinada, necessàriamente, pela influência dos corpos celestes, ou como se Deus não tivesse a liberdade de actuar no homem conforme for seu desejo, independentemente de tais acontecimentos.

3 — A mesma coisa se aplica a todas as práticas que acima mencionámos. O que a Igreja nelas condena é o abuso e não o recto e legítimo uso, se tal coisa se pode dizer a respeito de algumas delas. A Igreja consente nestas práticas, sempre que elas não envolvam qualquer espécie de pacto com os espíritos do mundo invisível e contanto que o seu fim seja útil e louvável.

4 — Ora, enquanto o alvo a atingir em todas as modernas práticas ocultas é idêntico, isto é, a comunicação com

o outro mundo, há uma diferença nas várias formas empregadas para conseguir tal fim. Umas vezes, a comunicação é tentada por meio de coisas materiais, como no caso das mesas que se movem; outras vezes, o meio usado é uma pessoa viva, quer no livre uso dos sentidos, quer mergulhada num estado de letargia cataléptica, devido à actuação de um magnetizador ou hipnotizador, como é vulgar nas práticas espíritas.

Em tais casos, a pessoa magnetizada ou hipnotizada fica num estado de sono artificial ou êxtase, acompanhado de um intenso trabalho da imaginação e de espasmos nervosos.

5 — Por outro lado, o pacto com os espíritos do mundo invisível pode ser explícito, isto é, estabelecido por meio de palavras, de escrita ou de quaisquer outros sinais externos, ou implícito, sendo então executado por um simples consentimento da vontade, sem haver necessidade de recorrer a quaisquer sinais externos. Este consentimento da vontade pode, sem dúvida, ser dado, mesmo que a pessoa manifeste exteriormente que não tem desejo algum de entrar em qualquer espécie de comunicação com os espíritos das trevas.

6 — Necessário se torna que nos lembremos de que as práticas espíritas podem revestir as mais variadas formas. De facto, assim como a verdade é só uma, assim também o erro é multiplice e, como tal, apresenta-se de inúmeras maneiras, que são outros tantos meios de disfarce. Quando, eventualmente, esse erro é descoberto num dos seus disfarces, imediatamente se refugia noutro, para voltar de novo a ser reconhecido.

É, por isso, preciso que nós conheçamos todos os seus esconderijos e, sucessivamente, o desalojemos de cada um deles, para frustrar completamente os seus esforços e aniquilar a sua influência.

§ II — *Uma classificação dos fenómenos.*

1 — Os fenómenos de que nos estamos a ocupar são tão variados nas suas formas e no seu carácter, que se torna difícil reduzi-los todos a classes distintas. Podemos, contudo, agrupá-los sob três aspectos. No primeiro grupo incluiremos os fenómenos de ordem intelectual, como a iluminação do intelecto ou da mente, a que se dá o nome de clarividência, e que significava a visão presente e mental de objectos colocados a certa distância do vidente; a revelação de acontecimentos ocultos; a manifestação dos pensamentos secretos de outra pessoa; conselhos respeitantes a doenças corpóreas, suas causas e remédios; leitura de qualquer escrito oculto de várias formas, como, por exemplo, fechado numa escrivaninha; os fenómenos de psicometria, que consistem no poder de determinar com precisão a origem, modo de manufactura e características gerais de qualquer objecto especificado, como um lápis, um canivete, um desenho, uma bengala e outros semelhantes.

2 — No segundo grupo incluiremos os fenómenos chamados fisiológicos, porque eles se relacionam, até certo modo, com a vida vegetativa e sensitiva, como, por exemplo, a aceleração da vegetação, a suspensão das funções vitais, permitindo que um homem possa viver sem comer nem beber, e até sem respirar, durante um determinado tempo; a súbita perda da memória; a aceleração da respiração e da circulação do sangue; os movimentos convulsivos; a execução, durante hipnose, de qualquer plano mentalmente sugerido por outrem; a audição de sons que estão fora do alcance do ouvido da pessoa que os ouve; a súbita formação de excrescências em qualquer parte do corpo; a insensibilidade total ou parcial ou mesmo a completa rigidez dos membros; a cegueira momentânea e a dilatação

espontânea do corpo humano; o contacto do corpo com ferro em brasa sem receber qualquer queimadura; o falar línguas desconhecidas; a visão de um objecto colocado em contacto imediato com qualquer parte do corpo, e outros fenómenos semelhantes.

3 — Pelo que respeita a este último fenómeno, devemos observar que tal visão não se realiza, como alguns imaginaram, por uma transposição dos sentidos, como se o sentido da vista, por exemplo, fosse transferido para os dedos, para os joelhos ou para o ouvido, ou o sentido do ouvido ou do tacto pudessem ser o órgão da vista (o que é intrìnsecamente impossível); mas o sentido da vista é de tal forma influenciado por poderes ocultos, que apresenta, como realidade objectiva, aquilo que é apenas uma modificação subjectiva do próprio sentido — fenómeno este de que encontramos vários exemplos na Sagrada Escritura (1).

4 — Referindo-nos ao fenómeno espírita que consiste em falar várias línguas desconhecidas, devemos notar que tal fenómeno é muito diferente do dom das línguas chamado *glossolaly* (2), ao qual se refere S. Paulo, quando enumera as nove espécies de dons que são descritos como *gratiae gratis datae*. Estes são obra do Espírito Santo em certas almas escolhidas, para o bem comum de toda a Igreja, como podemos ver com o que aconteceu no dia de Pentecostes aos Apóstolos, milagre esse que tem sido renovado no decorrer das idades.

Fomos obrigados a fazer esta observação, porque o dom de falar várias línguas, tal como é concedido por Deus, envolve sempre alguma utilidade para os ouvintes e nunca se verifica sem que a pessoa que recebe tal dom compreenda aquilo que diz. Pelo contrário, nas sessões espíritas,

---

(1) *Génesis* XIX, 2. *Reis*, VI, 17, 18.
(2) Dom de falar várias línguas. *(N. T.)*.

as pessoas levadas pelo espírito das trevas a falar línguas desconhecidas estão acostumadas a emitir sons mecânicos, sem compreenderem nada daquilo que dizem e sem que, muitas vezes, os ouvintes percebem os sons das palavras proferidas.

5 — No terceiro grupo colocaremos os fenómenos mecânicos que consistem em qualquer mudança nos elementos deste mundo. A esta categoria pertencem fenómenos tais como a súbita produção de luz, calor, cheiro e som; a mudança de objectos de um lugar para outro; a formação de faces humanas, de membros ou até de corpos inteiros; a escrita automática; as inscrições sobre folhas de papel metidas dentro duma caixa ou duma escrivaninha, ou escondidas no meio de outros objectos; as mudanças súbitas de temperatura; a reprodução exacta (semelhante à do fonógrafo) de palavras proferidas ou de sons musicais, por meio do órgão vocal de um médium; a atracção e repulsão de pessoas magnetizadas; a levitação ou levantamento de corpos orgânicos e inorgânicos; a alteração do peso dos corpos ou do volume dos líquidos, e outras práticas semelhantes. Estes são os principais fenómenos operados pelas práticas espíritas e outras práticas ocultas.

6 — É preciso, porém, que nos lembremos de que estes fenómenos não são todos produzidos por uma e a mesma causa imediata. A *mesa-móvel*, por exemplo, não pretende ter o poder de causar qualquer alteração no corpo do homem e, muito menos, de iluminar o seu espírito directamente ou de lhe mover a vontade.

Também estes fenómenos não se realizam sempre da mesma maneira e pela mesma forma. De facto, a irregularidade é uma característica destas várias práticas, o que revela, da parte do seu autor, certa inconstância e capricho. Há, contudo, uma determinada vantagem em classificar os diferentes fenómenos sob os três aspectos citados. O leitor

ficará assim habilitado a ver, num relance, se o efeito produzido é uma modificação:

(1) da matéria insensível,

(2) dos órgãos vegetativos e sensitivos do homem, ou ainda

(3) do seu entendimento ou da sua vontade.

7 — Nenhuma classificação destes fenómenos se poderá considerar precisa. Os efeitos psicológicos e fisiológicos considerados não podem realizar-se sem qualquer mudança mecânica operada no organismo humano, e ambos estes efeitos podem, algumas vezes, manifestar-se num e no mesmo fenómeno. Assim, quando a língua é movida para lazer revelações acerca de coisas ou acontecimentos desconhecidos, ou para falar uma língua estranha, a mente é algumas vezes, embora nem sempre, tornada apta a compreender o que a língua vai dizer, e assim o fenómeno psicológico ou intelectual anda ligado ao fenómeno fisiológico.

Na verdade, a multiplicidade de efeitos a que as práticas espíritas dão origem, a variedade de formas que elas estão aptas a tomar, a maneira irregular e cheia de incoerências como tais fenómenos se verificam, pretendem fazer rodear o espiritismo de um ar de mistério que torna sempre impossível estabelecer uma distinção precisa entre os vários fenómenos, e serve, ao mesmo tempo, para os colocar fora do alcance de uma crítica corrente e de uma investigação superficial. Difícil será para um observador inexperiente não se extraviar no meio deste intrincado labirinto.

8 — Verifica-se também que, em muitos casos, a fraude e os fenómenos autênticos estão de tal maneira misturados que maior se torna ainda a confusão existente. E não pode haver dúvida alguma de que uma grande parte daquilo que lemos em livros e panfletos acerca de manifestações espíritas não resiste à prova de uma cuidadosa e conscienciosa investigação. Muitas coisas são escritas com tão pouco critério que

não merecem mesmo uma consideração séria. Outras não passam de criações de uma imaginação exaltada, pois pessoas há que são estranhamente predispostas a ver nos mais banais acontecimentos desta vida manifestações do mundo invisível. Todo o seu prazer reside nas histórias de fantasmas e em tudo quanto é maravilhoso, e é nessa região que elas vão procurar uma explicação para coisas que, afinal, são manifestações perfeitamente naturais. É isto o que constitui a maior dificuldade para poder estabelecer uma distinção perfeita e justa entre os fenómenos verdadeiros e os falsos.

Está, no entanto, evidentemente provada a existência de genuínas manifestações espíritas, e é sòmente dessas que nós nos queremos aqui ocupar.

9 — Mas, antes de passarmos a considerar o intrínseco valor moral das manifestações espíritas, será necessário indicar como os verdadeiros fenómenos espíritas devem ser diferençados daqueles que, à primeira vista, parecem maravilhosos, mas que, na realidade, não ultrapassam o poder das forças naturais. Começaremos por falar desse misterioso poder que existe em nós mesmos e que se chama a imaginação. Os efeitos a que esta faculdade dá origem são, por vezes, tão maravilhosos que parecem tocar as raias do milagre.

§ III — *O poder da imaginação.*

1 — Vimos como os extraordinários fenómenos ocasionados pelas práticas espíritas e por outras práticas ocultas são dotados do mais vasto alcance e têm os mais variados caracteres. Contudo, seria um erro concluir que todos eles devem ser atribuídos à intervenção do invisível mundo espiritual. É preciso que nos lembremos de que as forças do mundo visível são imensamente poderosas, e de que uma

grande porção do campo da energia humana está ainda por explorar. Na verdade, essas forças são tão poderosas que seria completamente anticientífico recorrer às actuações invisíveis e espirituais para explicar todos aqueles fenómenos. Podemos afirmar como verdadeiro que, pelo menos alguns dos fenómenos atribuídos ao espiritismo, podem muito bem ser explicados pela acção de forças latentes, e ainda não exploradas, da natureza.

2 — Deixando para mais tarde a investigação sobre até que ponto o sono magnético ou hipnose pode ser atribuído a causas naturais, o certo é que o nosso sistema nervoso que, como uma delicada rede está espalhado por todo o corpo, pode provocar, especialmente nas pessoas de temperamento sensível, muitas e extraordinárias manifestações.

Pessoas há também que, sofrendo de afecções mórbidas de um carácter nervoso, podem estar sujeitas a fenómenos de ordem patogénica que se não verificam em pessoas dotadas de sã constituição.

Em todos estes casos os remédios físicos serão eficazes para restituir à alma aquele equilíbrio que ela perdeu e cuja perda deu origem a certos fenómenos anormais. Um corpo são é, como todos sabem, uma condição necessária para as sãs operações do espírito.

3 — Queremos agora chamar a atenção do leitor para o poder da imaginação que Dante tão admiràvelmente nos descreve:

«O quick and forgetive power! that sometimes dost
So rob us of ourselves, we take no mark
Though round us thousand trumpets clang.» (1).

---

(1) *Interpretação:* Ó rápido e inventivo poder que algumas vezes nos arrebatas de tal forma que não ouvimos, à nossa volta, o som de mil trombetas que soam. *(N. T.).*

Na verdade, é difícil fazer uma descrição de muitos fenómenos extraordinários, aos quais as células nervosas do cérebro humano dão origem. O cérebro é o órgão central da imaginação, a sede de afeições e paixões sensitivas e o ponto de partida desse complexo sistema das mais delicadas fibras que estão espalhadas pelos tecidos do nosso corpo. Sucede, pois, que cada actuação da imaginação e cada excitamento das paixões é acompanhado por uma correspondente alteração em qualquer parte do nosso organismo físico. Logo que um objecto exterior deixa a sua impressão sobre os nossos nervos sensitivos, as suas vibrações são conduzidas ao encéfalo e de lá aos nervos motores, e os membros do corpo pôr-se-ão imediatamente em movimento. E, desde que está no poder da vontade impressionar a imaginação como lhe aprouver, nós mesmos podemos ser causa de uma grande variedade de estranhos fenómenos corpóreos.

4 — Estes revestem, todavia, determinado carácter e são de uma extensão limitada. Nem todas as partes do nosso corpo são igualmente obedientes ao nosso comando, pois todas elas precisam de ser aperfeiçoadas por um constante exercício. Assim, é só à força de prática que os nossos dedos adquirem facilidade e agilidade para tocarem hàbilmente um instrumento musical.

5 — Em alguns casos, a imaginação é de per si suficiente para produzir efeitos pertencentes à vida vegetativa ou animal. O próprio pensamento na saliva pode provocar a sua secreção, e a vista de uma pessoa a bocejar pode obrigar-nos a fazer igual contracção muscular.

Da mesma maneira, a imaginação pode causar-nos perturbações físicas, tais como a hipocondria, ao mesmo tempo que certas doenças nervosas encontram nela muitas vezes a sua cura, desde que o paciente se convença de que está melhor e de que a sua doença foi devida a qualquer

causa acidental que pode ser fàcilmente remediada. Por outro lado, paixões desenfreadas, emoções súbitas e grandes desgostos têm dado causa a graves perturbações no organismo de muitas pessoas, ao mesmo tempo que certos remédios morais têm sido, em muitos casos, meios poderosos para efectuar a cura de males corpóreos.

6 — Os próprios irracionais não são estranhos à influência da imaginação, pois muitos deixam-se fàcilmente impressionar pela música, ao mesmo tempo que outros chegam a articular sons que imitam a voz de certos animais e até do próprio homem, procuram imitar os seus gestos, etc. Estão, por vezes, também sujeitos à cólera e à opressão que a tristeza lhes causa e, durante muitos anos, podem conservar a lembrança de benefícios recebidos ou de maus tratamentos que lhes foram dados.

7 — É também demasiado conhecido o facto de que a imaginação pode provocar em nós certos movimentos contrários ao nosso próprio desejo. Assim, se formos atravessando sossegadamente uma prancha colocada no chão, estamos arriscados a cair, se levantarem a prancha por pouco que seja, visto que a apreensão do perigo de cair provocou uma modificação no estado dos nossos nervos e essa modificação pode, de facto, causar a nossa queda. O mesmo fenómeno ocorre, quando nos encontramos à beira de um poço muito fundo ou no cimo de um elevado edifício: a vertigem que então experimentamos é um efeito natural da nossa exaltada imaginação. A apreensão que sentimos pode ser de tal natureza, que nós mesmos nos precipitemos, e esse movimento não seria mais do que efeito da imaginação excitada a tal ponto que pressentia a queda como se já estivéssemos caindo.

8 — Mas é principalmente durante o sono que a imaginação está em maior actividade; a actuação dos sentidos externos está suspensa e não há possibilidade de verificar

o que se passa. A combinação de imagens desconexas produz sonhos, e estes são por vezes revestidos de carácter tão vivo que chegam a tomar, para a pessoa adormecida, a aparência de realidade. Além disso, a íntima relação existente entre a imaginação e os centros que dominam o sistema muscular pode produzir esse fenómeno natural conhecido pelo nome de sonambulismo — pessoas que caminham e executam várias acções, enquanto estão a dormir. Nestas condições, o livre arbítrio fica suspenso, de maneira que estas pessoas não podem ser responsáveis por aquilo que fazem, mesmo que, durante todo esse tempo, declarem explìcitamente que estão a proceder de harmonia com a sua livre vontade. Deste facto teremos ocasião de falar mais pormenorizadamente, quando tratarmos do hipnotismo.

9 — É preciso sabermos também que, por mais notáveis que sejam os fenómenos originados pela imaginação, são todos restritos ao indivíduo particular a quem essa faculdade pertence. É só por um processo indirecto e mediato que a imaginação de uma pessoa pode actuar sobre o seu semelhante. Para que a minha imaginação possa influenciar outra pessoa, é necessário que haja um meio de comunicação apropriado ao efeito desejado. Por outras palavras: esse meio deve ser de ordem intelectual, fisiológica ou mecânica, conforme o efeito desejado pertence a uma ou a outra destas categorias.

10 — Ao poder da imaginação pode ser imputado também outro fenómeno conhecido pelo nome de «fascinação», que foi a fonte de muitos romances e ficções nos tempos passados e a respeito da qual ainda hoje certas pessoas incultas têm erradas e exageradas noções. Os encantamentos feitos a crianças e animais (se tal coisa existiu ou existe) são inteiramente devidos a um trabalho da imaginação. Os olhos são o espelho da alma e o olhar intenso de certos indivíduos pode impressionar a imaginação de uma criança,

a ponto de a tornar incapaz de prestar a sua atenção a outra coisa. No entanto, embora possuindo tal poder, esse indivíduo não pode exercê-lo de igual maneira sobre um adulto, cuja vontade é mais forte e cujo raciocínio está mais amadurecido. Não é, pois, necessário recorrer, para explicar tais fenómenos, a qualquer teoria que admita a existência de um fluido muito subtil ou de uma força oculta que dimana dos olhos do operador e que exerce uma influência decisiva sobre a mente do paciente; o poder da imaginação é mais do que suficiente para explicar adequadamente todos esses fenómenos.

11 — Daqui se conclui que é necessário usar de grande cuidado para se distinguirem os autênticos fenómenos espíritas daqueles que podem ser meramente o resultado de uma simples modificação cerebral; não há também necessidade de recorrer à teoria de agentes invisíveis superiores, desde que o efeito não ultrapasse o poder da imaginação ou de qualquer outra causa actual.

12 — É necessário termos sempre bem presente o que acabamos de expor, muito principalmente porque sabemos que em algumas pessoas a imaginação, estando fora do normal, pode ultrapassar os seus naturais limites e ser a origem de manifestações estranhas que, à primeira vista, apresentam uma certa afinidade com ocorrências preternaturais. Sem falarmos das pessoas que têm a infelicidade de estar atacadas de alienação mental e que, por consequência, não podem ser responsáveis pelos seus actos, todos nós sabemos quantas perturbações pode causar uma doença nervosa em certas criaturas, como, por exemplo, nas que sofrem de histeria. Há, de facto, nas acções destes indivíduos muitas coisas que causam admiração. Uma extrema inconstância de espírito, uma acentuada tendência para a exageração, a simulação e a vaidade são outras tantas características

desta perturbação. Mas é principalmente nos períodos de paroxismo que a histeria está mais apta a exibir muitos e curiosos fenómenos, o principal dos quais é a alucinação.

Toda a gente vê, portanto, a necessidade imperiosa de estabelecer a distinção entre estes fenómenos e os que são devidos a causas preternaturais.

13 — Sempre que o processo de beatificação de um servo de Deus, ao qual são atribuídas manifestações extraordinárias, é apresentado perante o tribunal da Igreja, um dos primeiros passos é examinar cuidadosamente se essa pessoa teve uma sã imaginação durante a vida. A remoção de todas as dúvidas quanto à possibilidade de as manifestações alegadas serem devidas à actuação de uma imaginação doentia e fantasiosa é sempre a condição *sine qua non*, para se poder continuar o exame do processo.

14 — Embora não possamos compreender perfeitamente o trabalho íntimo da nossa imaginação nem os efeitos a que ela pode dar causa, temos, no entanto, o conhecimento necessário para, por assim dizer, traçar uma linha para além da qual a força da imaginação não pode passar. Esta observação é aplicável a toda a categoria de agentes físicos. A sua energia pode não estar completamente explorada, mas nós conhecemos da sua natureza o suficiente para podermos determinar aquilo que eles *não* são capazes de produzir.

No caso da imaginação, podemos afirmar que ela não pode actuar fora do seu próprio sujeito. Não pode mover corpos exteriores; não pode ter conhecimento de acontecimentos distantes e muito menos pode provocar nos outros a revelação de verdades desconhecidas. Para estes fenómenos é necessária uma causa superior, cuja natureza vamos em seguida examinar. Mas, antes disso, devemos inquirir se aquele desejo, que nos nossos dias impele tantas criaturas

a procurarem a comunicação com o mundo dos espíritos, está em harmonia com as leis da natureza.

§ IV — *A nossa relação com o mundo invisível*

1 — A questão que agora vamos estudar é a seguinte: que juízo devemos fazer acerca do desejo, que os homens têm, de entrar em comunicação com o mundo invisível? Ora, é necessário frisarmos desde já que não se trata aqui do desejo de entrar em comunicação directa com as almas dos mortos, pois já vimos que tal comunicação é inteiramente impossível. A não ser, portanto, que se trate de um caso de boa fé ou de uma invencível ignorância, tal desejo deve ser julgado pela mesma bitola por que julgamos todos os outros desejos e acções que não estão de harmonia com as leis da natureza.

Estamos, portanto, falando ùnicamente das tentativas para comunicar *directa* e *sensìvelmente* com os seres angélicos, usando para esse fim meios naturais como o magnetismo, o hipnotismo, mesas-móveis, etc. E a pergunta é esta: serão lícitas tais tentativas?

A esta pergunta responderemos que tais tentativas e todas as práticas que com elas se relacionam são naturalmente ilícitas, qualquer que seja a qualidade moral dos seres com os quais se procura comunicar, porque tal acto é directamente oposto à ordem da natureza.

Esta resposta pode não merecer a aprovação de alguns dos nossos leitores, mas é preciso ver que a verdadeira natureza destas tentativas e desejos, quando cuidadosamente examinada, não admite outra solução, atendendo à natural diferença que existe entre anjos bons e anjos maus.

2 — Propositadamente dissemos por meios *naturais*. De facto, não negamos que é legítimo pedir a Deus, numa

humilde súplica e com inteira submissão à sua santa vontade, que nos conceda comunicar, directamente e de uma maneira visível, com o nosso Anjo da Guarda. Isso seria, sem dúvida, um verdadeiro milagre; e, como nos ensina a teologia, nada haverá de irregular ou de oposto à moral, se pedirmos humildemente a Deus a realização de um milagre para bem das nossas almas.

Disto temos exemplos nas vidas de pessoas santas, como Santa Francisca de Roma, que costumava frequentemente conversar com o seu Anjo da Guarda. E podemos asseverar que essa graça lhe foi concedida, devido às suas fervorosas e humildes súplicas para esse efeito.

Aqui, porém, estamos a tratar da possibilidade de tal comunicação com seres angélicos, por meios naturais, e mais uma vez declaramos que tal tentativa é ilícita, porque não está de harmonia com a ordem estabelecida pelo Autor da natureza.

3 — O homem — ser racional composto de corpo e alma — foi no princípio dotado por Deus com os sentidos externos, por meio dos quais pode entrar em comunicação com o mundo exterior e, mais particularmente, com os seus companheiros. Foi o mesmo homem formado de maneira que, estudando atentamente o livro da natureza, pode obter certo conhecimento das coisas invisíveis e principalmente de Deus, seu primeiro princípio e seu último fim. Estes sentidos externos com os quais Deus nos dotou são amplamente suficientes para nos levarem ao conhecimento dos seres invisíveis. Não é também necessário que tenhamos de recorrer a manifestações exteriores dos seres espirituais, embora alguns desses seres, por dever de ofício, possam iluminar as nossas mentes por meio de certas revelações interiores. Podem também, por vezes, manifestar-se por meio de ocorrências visíveis, mas isso pertence ao milagre e é dependente da ordem estabelecida pela Divina Pro-

vidência, que permite esses extraordinários acontecimentos ocasionais, de forma que nós possamos mais fàcilmente atingir o fim para que fomos criados.

4 — Mas pensar obter, por meios naturais, comunicações sensíveis com espíritos puros e procurar propositadamente, por meios mecânicos ou por outros, obter com essas comunicações revelações extraordinárias, é contra a ordem da natureza, não só porque os seres angélicos são superiores ao homem em natureza e perfeição e, portanto, não podem ser evocados por ele, mas também porque quaisquer meios a que recorramos para esse fim são inteiramente inadequados. A própria oração, embora seja a mais santa das práticas, seria contrária à boa ordem, se fosse feita deliberadamente com o fim de obter comunicação visível com os seres angélicos, independentemente de uma interna disposição de inteira conformação com a santa vontade de Deus. E, se tal comunicação se viesse a realizar, seria devida ùnicamente a um especial acto do favor divino (que nós chamamos milagre) ou a um prévio acordo com alguns seres espirituais, mas, neste último caso, tais seres só podem pertencer à categoria dos espíritos malignos.

5 — O que dissemos aplica-se ainda àqueles casos em que tais práticas são realizadas ùnicamente com o fim de investigar e estudar a sua natureza para aumentar os nossos conhecimentos científicos. Se os meios empregados são inadequados, isto é, contrários à ordem natural das coisas, não podem justificar-se, por mais legítimo e louvável que seja o fim em vista. A lei da natureza proíbe-nos de praticar o mais pequeno mal, mesmo que saibamos que disso resultaria um grande bem.

§ V — *Defeitos de ordem moral das práticas espíritas.*

1 — Há ainda outros pontos a considerar e que se relacionam com este assunto. Além disso, não será também inoportuno examinar cuidadosamente os agentes morais empenhados na produção de tais fenómenos.

As experiências espíritas são, como todos sabem, na maior parte dos casos, suscitadas pelos mais fúteis e ilegítimos motivos. O desejo de satisfazer uma curiosidade ociosa e, algumas vezes, até uma baixa paixão é a causa de muitas pessoas, dotadas de espírito emotivo, procurarem excitações nas sessões espíritas.

2 — Mas é nos espíritos manifestantes que a desonestidade e o baixo carácter moral podem ser observados. Ali se fazem frequentemente as mais falsas e contraditórias afirmações; uma linguagem obscena e blasfema anda, muitas vezes, de mistura com assertos de ordem religiosa e moral e, muitas vezes, os assistentes a estas sessões são instigados à prática do mal. As próprias experiências, realizadas, a princípio, com certa seriedade, quase sempre terminam com as mais tolas e disparatadas fraudes.

3 — Por outro lado, as comunicações que são obtidas por intermédio do espiritismo não trazem, para a humanidade, qualquer vantagem digna de menção. Não tem havido quaisquer revelações dos segredos da natureza; nunca resultou dessas práticas qualquer invenção que viesse aperfeiçoar ou facilitar as condições da vida nem tão-pouco foi dado qualquer novo impulso às artes, à ciência ou à literatura. E não há também a perspectiva de que qualquer útil comunicação se venha a fazer para futuro. Muitos distintos cientistas, além disso, e muitos homens de puras intenções e são juízo, depois de prolongada observação, têm vindo declarar que tais experiências constituem um

grande perigo para o corpo e para a alma; muitos deles têm-se mesmo, em muitos casos, pronunciado fortemente contra elas.

4 — De tudo isto só podemos concluir que as tentativas para comunicar com os seres visíveis são, não só de si mesmas ilegítimas, mas também inteiramente censuráveis, por causa dos motivos que as sugerem e das consequências que delas advêm. E o que, acima de todas as coisas, deve despertar as nossas suspeitas é a circunstância da promíscua manifestação das almas de pessoas conhecidas pelas suas boas e santas vidas juntamente com indivíduos notórios pelo seu mau carácter e pelos seus actos desonestos.

5 — O que aqui dizemos aplica-se mais especialmente às sessões a que assistem católicos. Não só não há, em tais comunicações, alusão alguma à diferença fundamental entre catolicismo e outras formas de religião ou à existência de uma distinção final entre almas de carácter tão diferente, mas até pessoas que na vida atingiram o mais elevado padrão moral são exibidas como estando nas mesmas condições dos mais notórios pecadores.

De facto, há frequentemente uma estudada reserva pelo que diz respeito a qualquer distinção essencial entre um estado de eterna recompensa e o de interminável castigo e entre os respectivos meios que conduzem a um e outro desses estados. As afirmações feitas relativamente a coisas de ordem sobrenatural, são, regra geral, suficientemente vagas para admitir a maior liberdade dos credos, e os comunicantes, quando são apertados para se pronunciarem com mais clareza e precisão, limitam-se a fazer asserções que têm um pronunciado carácter agnóstico.

6 — Não devemos também deixar de observar que, às vezes, estas comunicações espíritas apontam a Igreja Católica e as suas instituições como um meio de salvação,

incitando os que ouvem tais afirmações a entrar para o seu grémio, levando assim mais fàcilmente os católicos à conclusão de que o espiritismo e as práticas espíritas são, acima de tudo, verdadeiras e legítimas. Desnecessário será acentuar que, com estas oportunas afirmações, os misteriosos agentes dos fenómenos espíritas atingem o cúmulo da fraude, desde que colocam a Igreja Católica contra si mesma e extraviam muitas e excelentes almas. Infelizmente, este último aspecto da questão nem sempre é manifesto aos espíritos superficiais, e muitos há que se deixam extraviar completamente por afirmações desta natureza.

§ VI — *Alienação do livre arbítrio no espiritismo.*

1 — Tudo o que acabamos de dizer refere-se à natureza intrínseca das práticas espíritas, mas há também uma circunstância extrínseca que, depois de certa reflexão, nos levará a olhar esta espécie de experiências com uma forte suspeita. Queremo-nos referir à rendição da vontade, causando, até certo ponto, a perda do auto-domínio, o que constitui um requisito para se ser iniciado nestas práticas.

Esta perda do auto-domínio não precisa, como já mostrámos, de ser sempre explícita. Basta que uma pessoa, atraída para estas experiências, esteja pronta a submeter-se à condição requerida. Ora, é exactamente a condição necessária para a realização destas práticas que nos deve convencer da sua injustificável natureza.

2 — O facto de que a evidente oposição da vontade de uma pessoa é suficiente para impedir qualquer manifestação por parte da mente dessa mesma pessoa, e impedir também, na maior parte dos casos, a realização dos fenómenos que se verificariam, se nenhuma oposição fosse feita, é prova clara de que é necessário, pelo menos, um tácito

consentimento para a sua produção. «Na verdade, a passividade do espírito, escreve Mr. Raupert, parece ser o alamiré de todas as experiências espíritas e a condição para que o mundo espiritual mais eficientemente realize as suas operações no mundo físico (¹).

3 — Tem sido observado por homens que falam com autoridade (e as suas observações são filhas da experiência) que estas práticas têm como resultado um adormecimento da energia natural da vontade. As pessoas acostumadas a estar debaixo da influência dos espíritos insensìvelmente adquirem uma disposição mental de tal modo passiva, que acabam por se tornar impotentes e incapazes de qualquer decidido acto de vontade. Isto, portanto, é um sinal evidente de que tais práticas não se realizam sem que uma pessoa desista, pelo menos até certo ponto, do uso do seu livre arbítrio, entregando-o a esses misteriosos agentes que, por esta forma, tomam, por assim dizer, posse completa dessa pessoa.

4 — Ora, entre os dons de Deus ao homem, o primeiro e o mais precioso é, inegàvelmente, o poder do livre arbítrio que nos torna capazes do bem e do mal, moralmente falando. É na posse desta prerrogativa que reside principalmente a nossa superioridade sobre os seres brutos da criação. Do bom ou do mau uso que dele fizermos durante a vida é que depende a nossa salvação ou o nosso eterno castigo.

Se, portanto, o livre arbítrio é uma parte tão preeminente do nosso ser que, por ele, nós somos destinados para Deus, não podemos cedê-lo, cega e absolutamente, senão a Deus, nosso supremo Feitor e Senhor. E, se o submetemos aos seus representantes autorizados, fá-lo-emos porque eles

---

(¹) *Modern Spiritism,* A Critical Examination, p. 72.

ocupam o lugar de Deus e, por consequência, nunca o faremos para coisas que sejam ilegais e desonestas.

5 — Ora, como se faz a submissão da vontade nas práticas espíritas? Em primeiro lugar, esta submissão não é feita a Deus nem a seres racionais conhecidos como seus autorizados ministros ou representantes. Tal submissão é feita, ou a médiuns de carácter duvidoso e que não são dotados de qualquer autoridade sobre nós, ou a alguns misteriosos espíritos dos quais pouco conhecemos; mas esse pouco basta para nos convencermos de que eles seguem um caminho totalmente diferente do que é indicado e desejado por Deus.

Na maior parte das vezes, esta submissão do livre arbítrio não é meramente destinada a coisas lícitas, mas, pelo contrário, em muitos casos é feita cegamente e sem qualquer restrição, excepto para aquelas coisas que os próprios agentes invisíveis hajam por bem excluir.

Por tudo isto, a ilegalidade de tais práticas deve ser manifesta, desde que a vontade é assim obrigada a obedecer passivamente a qualquer insinuação que lhe seja feita por aqueles mesmos espíritos em cujas mãos foi colocada.

6 — Devemos, portanto, concluir que a intromissão nestas experiências espíritas é não só perigosa, como também digna de censura e condenação, visto que a mais elevada faculdade dum ser racional passa a ser um instrumento nas mãos de agentes faltos de todo o escrúpulo, que podem dominá-la a ponto de porem em perigo a saúde física e o próprio carácter moral.

Notemos ainda que, em muitos casos, esses invisíveis agentes negam descaradamente a própria existência do livre arbítrio, circunstância essa que bastaria para nos convencer da ilegitimidade de tais práticas, que pretendem assim abalar os alicerces de toda a ordem moral.

§ VII — *A presença de médiuns nas sessões espiritas.*

1 — Não pode deixar de ter grande interesse observar aqui a relação que existe entre o médium e os fenómenos espiritas. Os médiuns são, como se sabe, criaturas de particular temperamento nervoso e de determinada constituição, que actuam como intermediários entre as pessoas vivas e o mundo dos espíritos, e por interferência dos quais se supõe que as almas dos mortos comunicam connosco.

Estas pessoas, chamadas também *sensitivos* na fraseologia da moderna ciência psíquica, são consideradas não só como os canais através dos quais as comunicações do mundo invisível nos são feitas, mas também como os instrumentos passivos para o trabalho dos espíritos, que tomam posse do seu organismo e exercem certo domínio sobre todos os seus movimentos.

2 — Tem-se dito muitas vezes que os médiuns ou *sensitivos* fornecem, do seu organismo, aquela depurada matéria psíquica que os espíritos manipulam com o fim de construir, ou pelo menos aperfeiçoar, as formas sob que nos aparecem. Exige-se habitualmente um estado de profundo êxtase, de forma que é do perfeito e completo estado de inconsciência do médium que dependem usualmente as materializações dos espíritos. Mas os que estão a assistir podem também, conforme se afirma, em determinadas e favoráveis condições, fornecer parte desta força vital e nervosa, embora não estejam em estado de êxtase.

3 — Não é nosso intento averiguar aqui até que ponto esta suposição é verdadeira, nem desejamos fazer qualquer reflexão sobre o carácter moral destes médiuns que julgam contribuir para o avanço da ciência e para o bem-

-estar da humanidade ([1]). O que afirmamos é que a hipótese de que os médiuns evocam os espíritos dos mortos é completamente insustentável. Basta, para isso, fazer referência ao que dissemos nos anteriores parágrafos. Se as almas dos mortos não podem manifestar-nos os seus pensamentos nem nós podemos manifestar-lhe os nossos, e se toda a comunicação entre os vivos e os mortos é completamente impossível, como poderá supor-se que um médium tem o poder de evocar os mortos e de nos transmitir os seus pensamentos e desejos? E desse estado de êxtase, em que o médium habitualmente trabalha, não pode, de forma alguma, ajudá-lo a vencer tal dificuldade, porque nenhum estado de insensibilidade, de catalepsia ou de excitação nervosa pode alterar a condição dos mortos ou as suas relações com o mundo visível.

4 — Para efectuar qualquer comunicação directa entre a mente do médium e as almas dos que morreram, seria necessário que a mente desse médium apreendesse a verdade pela mesma forma por que as almas separadas dos corpos a apreendem, isto é, sem o auxílio das imagens sensíveis; mas, enquanto a vida dura, isto é, enquanto a alma está unida ao corpo, essa intuição pura da verdade e, consequentemente, a comunicação puramente espiritual não são possíveis, a não ser pela intervenção de Deus. Mas isso seria a derrogação das leis da natureza e constituiria um milagre, facto este que se deu apenas entre os maiores dos profetas, visto que, geralmente, a mente de um profeta era iluminada pela formação de imagens sensíveis, devido a uma intervenção angélica. As almas separadas dos corpos não têm, como já dissemos, qualquer poder sobre o cérebro do homem, e ninguém por certo poderá sustentar

---

([1]) *Modern Spiritism*, p. 70.

que todas as comunicações feitas aos médiuns são verdadeiros milagres.

5 — Um médium, portanto, para poder actuar entre o homem e as almas dos mortos teria de ser da natureza das inteligências angélicas. A estas podem as almas separadas dos corpos manifestar os seus pensamentos, e elas, por sua vez, estritamente falando, podem manifestar-nos os pensamentos das almas dos mortos, com quem estão em comunicação directa. Mas, para isso, não é necessária a presença de qualquer pessoa intermediária, desde que nós podemos, como anteriormente mostrámos, comunicar directamente os nossos pensamentos aos anjos e vice-versa, sendo inteiramente supérflua a intervenção de uma terceira pessoa.

6 — Do que aqui dizemos não se deverá concluir que possamos obter, a nosso belo prazer, comunicações sensíveis das almas dos que morreram, por intermédio dos anjos, porque os seres angélicos não estão sujeitos a nós, nem tão-pouco estão às nossas ordens. A sua actuação, pelo que diz respeito à ordem deste mundo, está essencialmente sujeita aos mandados de Deus e, por isso, nada podem fazer sem sua ordem ou, pelo menos, sem sua permissão. Quando operam qualquer derrogação da ordem da natureza por mandado de Deus, agem como seus ministros, o que não sucede quando procedem ùnicamente com permissão divina.

7 — Ora, a lei da natureza não dispõe que nós tenhamos comunicação habitual com os mortos, cujo estado é totalmente diferente do nosso. Quando, portanto, qualquer comunicação é recebida da parte deles, tal facto constitui uma excepção ao curso ordinário das coisas, e pode ser ou deixar de ser milagre, conforme o caso. É sempre um milagre, quando realizado por ordem de Deus, porque os anjos, nesse caso, actuam como ministros do Senhor; deixa de ser

milagre, quando tal facto se realiza sob outras circunstâncias. Ora, não só os anjos bons, como também os anjos maus, podem actuar como instrumentos de Deus, porque Deus pode fazer uso de qualquer instrumento que Lhe apraza. Por isso, a comunicação com os mortos realizada por ordem de Deus é sempre um milagre, quer os intermediários sejam os anjos bons, quer sejam os maus.

8 — É, pois, evidente que as comunicações obtidas por intermédio dos médiuns nas sessões espíritas não são milagres, porque não se realizam sob as condições necessárias para tal. Estas comunicações, portanto, são devidas à intervenção dos anjos maus que actuam com permissão de Deus, e a presença dos médiuns deve ser considerada como uma circunstância desnecessária, que pode ùnicamente dar origem a fraudes e enganos.

9 — No entanto, como os intermediários são muitas vezes meios eficazes para podermos obter de mãos estranhas coisas que doutra forma não poderíamos conseguir, a íntima ligação existente entre os médiuns e o demónio pode induzir este último a fazer as desejadas comunicações, exactamente como nos tempos antigos sucedia com as pitonisas em relação aos infernais espíritos que elas consultavam.

§ VIII — *A materialização dos espíritos.*

1 — Quando nos referimos à materialização dos espíritos, não queremos dizer que as substâncias angélicas ou inteligências, que são puramente espirituais, se possam tornar materiais ou compostas como o homem, visto que a sua natureza é inalterável. A única dúvida que nós temos a resolver é saber como os espíritos tomam formas humanas,

de maneira a darem-nos a ilusão de que realizam todas as acções próprias do homem: comer, beber, conversar, andar e outros actos semelhantes.

A primeira questão que temos a considerar é se a teologia católica admite a ideia de que a materialização seja devida à manipulação, por parte dos espíritos, de alguma delicada substância vital ou psíquica, chamada bioplasma ou matéria astral, que dimane do organismo do *sensitivo* ou dos circunstantes.

2 — A esta questão podemos responder que, como as substâncias angélicas têm o poder de transferir os elementos da matéria de um lugar para outro, nada se pode opor à ideia de que os demónios abstraiam qualquer porção da matéria nervosa ou cerebral do *sensitivo* e assim arquitectem quaisquer formas aparentemente vivas, que apresentam todas as características e funções de um verdadeiro corpo humano ([1]).

E isto é tanto mais possível quanto o médium ou sensitivo, ao submeter-se a esta prática, fica, até certo ponto, debaixo do domínio completo desses espíritos puros. Essa delicada matéria orgânica deve ser considerada como mais adaptada para dar toda a aparência de vida e movimento a essas formas do que qualquer outra por nós conhecida.

3 — O demónio pode, com permissão de Deus, actuar directamente sobre os elementos que constituem o corpo humano e prejudicar assim a saúde do homem. Isto é

([1]) Um cientista alemão, Albert Philibert Franz Schrenck von Notzing, publicou, não há muito tempo, um trabalho no qual são reproduzidos fotogràficamente os vários processos pelos quais, segundo se supõe, a matéria astral, é abstraída do corpo médium para se operar a materialização dos espíritos. O livro tem o título de *Materializations Phaenomene. Ein Beitrag zur Erforschung der mediumistischen Teleplastie*, Munich, 1914. Contudo, há sérias dúvidas quanto à realidade objectiva destas representações fotográficas.

uma verdade que não só universalmente conhecida e admitida, mas até confirmada pela própria Igreja que, com um dos seus exorcismos, tem o poder de libertar o homem da posse diabólica. Foi ainda devido à intervenção dos espíritos malignos que o santo Jacob ficou coberto, desde a cabeça até aos pés, com horríveis e repulsivas chagas, pois Deus assim o permitiu para maior santificação do seu fiel servo.

4 — Seja como for, tal extracção de uma substância nervosa do *sensitivo* ou dos circunstantes não deve ser considerada como absolutamente necessária para estas manifestações, visto que os anjos podem ir buscar à mais baixa natureza todos os elementos requeridos, quer animados, quer inanimados. Quando o anjo Rafael apareceu a Tobias na forma de um mancebo, passeando e conversando com ele durante muitos dias, foi com certeza buscar os elementos necessários para o seu fim a qualquer ser, menos a um ser humano.

Há, na natureza, muitos mais elementos do que aqueles que nós conhecemos, mas nenhum deles escapa ao conhecimento angélico. De facto, esses mesmos elementos que entram na composição do nosso corpo, tais como oxigénio, hidrogénio, azoto, flúor, ferro, cálcio, potássio, magnésia, etc., encontram-se diluídos na atmosfera. Ora, um anjo conhece perfeitamente todos esses elementos, bem como as leis que regulam a sua combinação e, por isso, pode uni-los nas proporções necessárias para formar com eles um corpo semelhante ao corpo humano.

5 — Devemos advertir aqui que há dois processos para que um corpo formado nestas condições possa subsistir, isto é, ou num estado aéreo, transparente e evanescente, de forma que os seus elementos conservem ainda a sua fluidez gasosa, ou num estado sólido, palpável e resistente.

Este primeiro processo é belamente exemplificado por Dante, quando narra o encontro com o seu amigo Casella:

«O shadow vain!
Except in outward semblance: thrice my hands
I clasp'd behind it, they as oft return'd
Empty into my breast again» (1).

Do segundo estado temos um exemplo frisante no caso acima citado a respeito do anjo Rafael e, como esta, muitas outras materializações espíritas são de natureza consistente e palpável. Basta citar o caso do espírito que se denominou a si próprio John King, assim como o da sua suposta irmã, Katie King, ambos evocados muitas vezes por Sir William Crookes, a quem eles fizeram as mais extraordinárias revelações (2).

6 — O facto de que estes espíritos materializados nos dão, por vezes, a ilusão de que comem e bebem, não deve causar-nos excessiva admiração, porque uma coisa é comer e beber e outra é ingerir a comida ou a bebida para efeito da alimentação. Uma coisa é uma gota de água ser absorvida pela terra sequiosa e outra é a mesma gota secar, devido à acção dos raios do Sol. Só um corpo orgânico, animado por uma alma substancial, pode absorver os alimentos para efeitos de nutrição; o facto de comer ou beber pode ser apenas aparente e implicar sòmente uma dissolução dos alimentos da comida ou da bebida, dissolução essa que pode muito bem ser seguida da reconstituição desses elementos na substância primitiva.

---

(1) *Interpretação:* Ó sombra vã, excepto na aparência! Três vezes apertei por trás dela as mãos que, outras tantas vezes, vieram embater vazias contra o meu peito. *(N. T.)*.

(2) Veja-se William Crookes, *Researches in the Phenomena of Spiritualism*, Londres, 1874. *The Newer Spiritualism* por Frank Podmore, Londres, 1910.

7 — Ora, poderemos dizer que um espírito materializado, de facto, come e bebe? Não, porque o corpo que parece absorver a comida ou a bebida não é corpo pròpriamente seu e, portanto, não pode saborear seja o que for, nem pode nutrir-se com qualquer alimento, visto que não é um corpo vital.

Portanto, comer e beber, tratando-se de anjos, são operações meramente aparentes. Um corpo glorificado, como o de Nosso Senhor, pode, de facto, comer e beber, embora seja incapaz de nutrição e de crescimento.

8 — Pelo que respeita ao fenómeno conhecido como diminuição de peso no médium ou *sensitivo* (que se verifica por ocasião da materialização dos espíritos) devemos observar que tal fenómeno pode perfeitamente ser explicado pela acção directa dos espíritos puros, que suspendem a lei da gravidade devido à aplicação da sua própria energia. Mas, se com permissão de Deus acontecer que um médium sofra a perda actual de alguma parte da sua própria substância, não devemos atribuir a tal facto uma errada interpretação. Uma dupla e errónea hipótese pode ser aqui considerada.

9 — Pode primeiramente afirmar-se que aqueles elementos de uma depurada matéria nervosa ou cerebral conservam, nas formas com eles constituídas, a mesma natureza que tinham nos *sensitivos* ou nos circunstantes donde foram extraídos. Esta opinião tem necessàriamente de ser posta de parte, visto que, desde o momento em que esses elementos foram abstraídos do corpo que pertenciam, deixaram inegàvelmente de ser informados ou animados pela alma humana e, por consequência, sofreram uma mudança substancial.

Em segundo lugar, a ideia da possibilidade de esses elementos, depois da experiência, serem restituídos ao seu próprio sujeito, pelo mesmo processo como foram abstraí-

dos de lá, deve igualmente ser posta de parte, visto que não está dentro do poder angélico mudar qualquer matéria na substância de um indivíduo vivo, a não ser pelo processo natural de assimilação e nutrição; ora, os elementos em questão, ao serem abstraídos do *sensitivo*, deixam, como já vimos, de fazer parte da sua própria substância vital.

10 — Para concluir, portanto, temos de assentar em que, embora a opinião de que o médium ou os circunstantes fornecem, nas materializações espíritas, a substância necessária para a manipulação e construção de formas sensíveis possa ser considerada como provável, tal suposição não é realmente necessária para explicar os fenómenos, visto que eles podem fàcilmente ser explicados pela utilização dos elementos que abundam na natureza, e que são perfeitamente conhecidos pelos seres angélicos.

11 — Pode suceder que os próprios espíritos expliquem os processos de materialização de forma a darem a compreender que os elementos por eles manipulados são os mesmos elementos vitais que extraíram do médium e que depois lhe restituíram inteiramente. No entanto, tal afirmação nada poderá evidenciar, quanto à verdade e à realidade objectiva do seu *modus operandi*, porque o intento dos espíritos malignos é estabelecer a confusão na mente humana e, em vez de ensinar a verdade, procuram sempre, em nome da ciência, inculcar a mentira. A falta de sinceridade evidenciada em muitas das suas afirmações é um obstáculo à aceitação sem condições de qualquer das suas revelações. A este assunto nos voltaremos a referir, quando tratarmos da distinção entre os bons e maus anjos e dos seus respectivos caracteres morais.

§ IX — *Natureza do médium perante o carácter moral das práticas espíritas.*

1 — Em adição ao que dissemos a respeito de pessoas vivas que actuam como intermediárias entre nós e os espíritos dos mortos, ou entre nós e os seres angélicos, devemos observar que a prática da profissão de médium, qualquer que seja a sua importância, está rodeada de muitos perigos, tanto para o corpo como para a alma.

A consideração dos males que usualmente resultam do exercício de tais funções deve certamente ser mais do que suficiente para impedir uma pessoa, que tenha amor ao seu bem-estar e à sua felicidade, de se dedicar a tais práticas. Os efeitos mais vulgares que daí podem resultar são: arruinar o organismo, perturbar as faculdades mentais, instigar o espírito à prática de actos ilegais e paralisar a energia da vontade. Os médiuns ficam sujeitos a passar ao estado de êxtase, à mais pequena provocação, o que acarreta um estado mórbido difícil de curar. Regra geral, esses indivíduos tornam-se uns naufragados morais e físicos e, na maior parte das vezes, vêm a acabar num manicómio (1).

Ora, se uma árvore é conhecida pelos frutos que produz, que devemos pensar de práticas que produzem tais resultados?

2 — Por outro lado, se a acção ou presença de uma terceira pessoa é, estritamente falando, desnecessária para

---

(1) Entre os mais notáveis médiuns dos tempos recentes devemos citar a Signora Eusapia Palladino, nascida em Puglie em 1854. Exerceu a sua arte em muitas cidades da Europa e depois na América, onde descobriram as suas fraudes. Morreu em 1918. Outros famosos médiuns foram a Signora Pier, de Boston, a jovem Florence Cook, Signor Augusto Politi, de Roma, etc. Merece também ser citado Daniel Douglas Home, nascido perto de Edinburgh em 1883. Foi recebido na Igreja Católica em Roma em 1856, mas voltou depois ao espiritismo, tendo morrido em 1886.

obter a comunicação com os espíritos puros, qual — perguntar-se-á — será o fim desses espíritos, ao exigirem a mediação de tal pessoa, como se isso fosse uma condição essencial para o bom resultado das práticas espíritas?

A esta pergunta podemos dar a resposta que se segue. Em primeiro lugar, pode ser que nesta, como em muitas outras ocorrências da vida em que uma fraude é usada para ocultar outras, a presença do chamado médium, que possui certas qualidades, seja exigida para fazer nascer a ideia de que são precisas condições extraordinárias para entrar em comunicação com os mortos e, por consequência, que tais comunicações, são, sob estas condições, naturais e legítimas e que as almas dos mortos são realmente evocadas por intermédio do médium.

Pode ser também que os demónios exijam a presença de determinadas pessoas por causa das qualidades sensitivas de que essas pessoas são dotadas. Pois, assim como eles precisam de matéria corpórea para desempenharem as suas próprias funções, e como, por outro lado, podem também usar da substância do *sensitivo*, quanto mais apta for essa pessoa para o fim a atingir, tanto mais fácil e mais perfeito é o resultado das suas manigâncias.

3 — S. Tomás apresenta brilhantemente este duplo motivo, quando, falando das constelações a que os demónios recorriam no seu tempo, como agora recorrem aos médiuns, diz: «Os demónios, quando chamados por intermédio de certas constelações, prontamente respondem à chamada, por dois motivos: o primeiro é levar os homens a acreditar que reside alguma divindade nas estrelas; o segundo é que eles consideram a matéria corpórea, colocada em relação com certas constelações, mais apta a produzir os efeitos para que os espíritos são evocados [1].

---

(1) 1 *Quaest.* CXV, Art. 5, ad 2 m.

4 — Parece, contudo, que o principal motivo que leva o demónio a pedir e, por vezes, exigir absolutamente a presença dum médium nas sessões espíritas é fazer-nos acreditar que em cada homem existe um corpo etéreo e leve, entre a matéria e o espírito, que é, por assim dizer, o desdobramento da personalidade humana e a fonte e origem das muitas e maravilhosas manifestações que se realizam por seu intermédio nas sessões, e que os cientistas denominam corpo astral. De facto, a forma materializada reproduzida assim, enquanto o médium está em êxtase, assemelha-se tão perfeitamente ao mesmo médium que pode ser tomada por ele.

5 — Mas, seja como for, o efeito prático de tal mediação é favorecer o verdadeiro fim das práticas espíritas, fazendo acreditar a todos os presentes que elas se realizam nas condições requeridas. O médium, de facto, torna-se o centro à volta do qual todos os presentes se reunem e de quem todos recebem uma unidade de fim em vista. A presença do médium é, portanto, para os assistentes, a condição natural para os induzir implìcitamente a aderir à sua vontade, e para que assim se produzam essas extraordinárias manifestações por parte das inteligências. A condição é, como dissemos, um estado de passividade mental e uma submissão, pelo menos implícita, do livre arbítrio a esses misteriosos agentes que se propõem actuar por meio do médium.

6 — Não podemos deixar de citar aqui o último fim que nos parece levar esses espíritos malignos a exercerem o seu poder por meio de médium ou *sensitivos*. Há toda a razão para supor que o fim que eles têm em vista é criar uma espécie de imitação da instituição dos sacramentos feita por Jesus, pois os sacramentos são ministrados pelos padres da Igreja, com a condição de que os homens se submetam ao seu ministério. De facto, a relação em que se encontra

o médium para com as práticas espíritas tem mais do que um ponto de semelhança com a posição ocupada pelo padre dentro da Igreja Católica.

7 — Mas, para dizermos tudo quanto com o caso se relaciona, devemos acrescentar que a presença e acção de um bom médium, embora não seja estritamente necessária, facilita grandemente a comunicação entre os espíritos puros e o homem. A substância espiritual, para mover o homem, quer intelectual, quer fisicamente, precisa de fazer uso do seu organismo material, isto é, das energias latentes do seu sistema nervoso, e daí advém, para um espírito puro, maior facilidade de actuar sobre um indivíduo dotado de extrema sensibilidade nervosa. Esta é a razão por que um bom médium é tão procurado em nossos dias, e é bom saber-se também que, quanto mais habituado estiver o médium a actuar, mais apta se torna a matéria cerebral para receber a impressão das imagens sensíveis, e mais pronta está a língua a transmitir as impressões correspondentes.

8 — Ora, não pode haver dúvida de que actuar como médium o mesmo é que expor-se aos perigos da obsessão diabólica, sendo de notar que a diferença entre esta espécie de obsessão e as outras formas mais vulgares é que, ao passo que as últimas são mais violentas, de uma categoria mais baixa e não limitadas a qualquer tempo ou espaço, a primeira é de uma grandeza mais branda e mais apurada, ocorrendo só em determinados períodos, isto é, quando o médium está debaixo da influência dos espíritos malignos. Esta diferença, contudo, é apenas acidental, e os sinais dados pelo Ritual Romano (1), para distinção das obsessões, são precisamente os mesmos que acompanham os fenómenos evocados pelo médium moderno. Mas não é raro acontecer

---

(1) *Tit.* X.

que esta forma suave de obsessão acabe por se transformar na forma aguda que é vulgar.

9 — Se nos perguntarem, portanto, de que maneira é que o médium afecta o carácter moral das práticas espíritas, responderemos que a presença do médium é inadequada para o fim em vista, isto é, a comunhão com as almas dos mortos, e que desta maneira se comete uma fraude para ocultar outra; esse médium, além de tudo, torna-se um meio de pôr em perigo a mais elevada faculdade do homem, que é o livre arbítrio.

Recorrer a um médium é, pois, equivalente a cooperar na obsessão de uma pessoa.

10 — Com referência a tudo isto, será bom que citemos aqui as palavras da Sagrada Escritura, por onde se verifica que a acção de recorrer a magos e feiticeiros, cuja intervenção nos antigos tempos era o que é hoje a intervenção do médium, foi objecto da mais categórica reprovação.

«Se alguma alma se inclinar para magos e feiticeiros, e se entregar a eles por qualquer forma, voltarei o meu rosto contra ela e exterminá-la-ei do meio do povo» (¹).

«Nem se ache entre vós quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem seja feiticeiro ou encantador, nem consulte Python ou adivinhos, nem quem procure descobrir a verdade por intermédio dos mortos» (²).

Nunca será demais repetir estes solenes avisos.

§ X — *Saúl e a feiticeira de Endor.*

1 — É possível que alguns procurem uma justificação para as práticas espíritas na bem conhecida narrativa da

---

(¹) *Levítico*, XX, 6.
(²) *Deut.* XVIII, 10, 11.

Bíblia relativa ao facto de o rei Saúl consultar a mulher de Endor. Diz-se que ela tinha o dom de adivinhar e que, por intermédio dela, Saúl entrou em comunicação com o espírito de Samuel e veio a saber coisas que estavam para acontecer, a ele e a seus filhos ([1]).

Ver-se-á, porém, à luz das suas próprias circunstâncias, se tal narrativa não constitui antes uma verdadeira condenação das práticas espíritas, em vez de as aprovar.

2 — Em primeiro lugar, tomando como verdade, como a maioria dos Padres da Igreja e dos comentadores da Sagrada Escritura têm ensinado, que na aparição houve verdadeiramente uma comunicação do além-túmulo, devemos observar que esse facto não pode ser atribuído ao poder de magia dessa feiticeira, porque o profeta apareceu *antes* que ela tivesse dado princípio aos seus encantamentos. Esta manifestação, portanto, deve ter sido obra de Deus, que fez com que a alma de Samuel aparecesse àquele rei pecador.

3 — Poderá alguém objectar, contra a realidade desta aparição, dizendo que os demónios não podem evocar a alma dum Santo e obrigá-la a fazer ou a dizer alguma coisa, mas S. Tomás ([2]) responde que isso pode muito bem acontecer pelo poder divino, pois Deus pode dar a conhecer a verdade por intermédio de um dos seus mensageiros, como aconteceu quando, servindo-se do profeta Elias, declarou a verdade àqueles que tinham sido enviados pelo rei Ochozias para consultar o deus Accaron.

4 — No entanto, o próprio S. Tomás sustenta ser mais acertado dizer que não foi a alma de Samuel que apareceu, mas o próprio demónio falando por ele, e isso explica-se pelo facto de que este espírito maligno é chamado com o

(1) *Reis*, XXVIII, 7 e seg.

(2) 2 2ae, *Quaest.* CLXXIV, Art. 5, ad 3 m

mesmo nome do profeta, de acordo com a opinião de Saúl e das pessoas que estavam ali presentes.

5 — Seja como for, a Sagrada Escritura condena expressamente este acto de Saúl, como envolvendo um pecado de infidelidade.

«*Assim morreu Saúl por causa das suas iniquidades, visto que transgrediu a ordem do Senhor; além disso, consultou uma pitonisa e não confiou no Senhor; e o Senhor o matou e transferiu o seu reino para David, filho de Isai*» (1).

A ilegalidade da acção de Saúl é, além disso, manifesta, pelo facto de que ele próprio tinha anteriormente condenado estas práticas «*exterminando da terra os magos e adivinhos*» (2).

6 — Em conclusão: as palavras da Escritura devem estar presentes na nossa mente:

«*Não deixeis que haja entre vós quem consulte adivinhos ou observe sonhos ou agouros... ou procure conhecer a verdade por intermédio dos mortos. Porque o Senhor aborrece todas estas coisas*» (3).

É para desejar, portanto, que, do povo cristão, se possa dizer aquilo que se lê acerca dos hebreus:

«*Não há agouros em Jacob nem adivinhações em Israel*» (4).

§ XI — *Critérios erróneos no estudo do espiritismo.*

1 — Antes de encerrarmos esta secção, será conveniente chamar a atenção do leitor para certos critérios invocados

---

(1) *Paralip.* X, 13 e 14.
(2) *Reis,* XXVIII, 9.
(3) *Deut.* XVIII, 10-12.
(4) *Num.* XXIII, 23.

por alguns autores modernos que são, ou inteiramente falsos, ou, pelo menos, extremamente perigosos para os interesses da fé.

O primeiro consiste em admitir, sem qualquer selecção e sem o devido cuidado, as opiniões dos chamados cientistas materialistas ou ateus, que se entregaram ou se estão entregando actualmente a experiências práticas desta natureza, em grande escala, e que manifestam as suas opiniões sem respeito algum pela filosofia cristã e pela Revelação. Para citarmos alguns dos mais conhecidos, podemos mencionar Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, o Reverendo William Stainton Moses, W. H. Frederick Myers e Sir Arthur Conan Doyle.

Da mesma maneira seria um grave erro aceitar cegamente aqueles confusos e insignificantes sucessos que são narrados a respeito de Eusabia Palladino, Madam Piper, Madam Verrall, Madam Sidwick e semelhantes personagens. Há pessoas que não acreditam nos Santos Evangelhos nem nos Padres e Doutores da Igreja e aceitam, sem sombras de dúvida, afirmações puramente imaginárias.

2 — Mais grave ainda é o erro daqueles que pretendem que o direito de discutir os fenómenos espíritas e emitir opiniões sobre eles pertence ùnicamente à psicologia, e que a teologia não deve intrometer-se em tais questões (¹). Ora, desde que o supremo juiz de toda a verdade, que é a Teologia, fosse banido do campo da investigação, nenhuma autoridade restaria para as ciências naturais nem seria possível a alguém formar um juízo seguro sobre a finalidade das descobertas físicas. Não seria uma loucura negar a necessidade da luz do sol, porque se descobriu a luz eléc-

---

(¹) Baron Johan Liljenkrants — *Spiritism and Religion*, The Devin Adair Co., New York.

trica? De facto, assim como a luz do sol e a da lâmpada eléctrica existem lado a lado sem se prejudicarem mùtuamente, assim também devemos conceder à teologia, que é a mestra suprema da verdade, o seu lugar próprio no reino da ciência, se desta quisermos tirar todo o proveito que do seu desenvolvimento nos pode advir. Podemos estar certos de que o ateísmo científico não é menos pernicioso para a causa da verdade do que o ateísmo civil e político.

3 — Algumas pessoas também julgam tirar grande vantagem do facto de que nós não conhecemos todas as leis da natureza, e de que as forças dos agentes físicos não se nos manifestaram ainda plenamente. Este é o principal argumento com que os autores modernos procuram apresentar como efeitos naturais, isto é, efeitos proporcionados às forças dos agentes físicos, todos os extraordinários fenómenos que se verificam nas sessões espíritas, dispensando assim a intervenção de anjos para explicar tais fenómenos. Será fácil verificar que a aplicação, sem condições, de tal critério nos levaria à exclusão de todas as manifestações sobrenaturais ou milagrosas, mesmo daquelas que estão contidas na Sagrada Escritura e que são invocadas pela teologia católica como argumentos da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É fácil encontrar para isto uma resposta adequada.

Admitimos que nem todas as forças da natureza nos são conhecidas e que o limite extremo que deve ser assinalado às várias energias do cosmos continua a ser desconhecido, mas alguma coisa há que devemos ter como certa. Se assim não fosse, que benefícios resultariam para nós das experiências de tantos séculos e das tão louvadas descobertas da ciência moderna? Em qualquer dos casos, ninguém poderá negar que, se não conhecemos a extensão e objecto adequado dessas forças, conhecemos o seu próprio e adequado campo de acção. E, se não podemos, por exemplo,

assinalar um limite positivo às aplicações da electricidade, podemos indicar o limite negativo que esta força nunca poderá exceder, porque a ordem de Deus aplica-se a todo o agente físico:

«Até aqui chegarás, e não passarás mais longe e aqui quebrarás as tuas encapeladas ondas» ([1]).

Assim, da mesma maneira que uma pereira, por mais intensamente que seja cultivada, nunca poderá produzir um cacho de uvas, assim também é inútil esperar que a matéria pense ou que os olhos apreendam os sons. Raciocinar diferentemente será indício de desarranjo mental. Isso seria equivalente a inverter os princípios fundamentais da natureza e abrir a porta às mais estranhas extravagâncias, na presença das quais as metamorfoses de Ovídio seriam um brinquedo de criança.

4 — Maior gravidade reveste ainda a asserção ([2]) daqueles que dizem que «o estado de êxtase (nos médiuns) é indício de desdobramento da personalidade, como se verifica em muitos estados anormais psicológicos, nos quais aparecem não só automatismo como também personalidades secundárias». E ainda ([3]): «As personalidades secundárias desenvolvem-se nos sonhos e, mais distintamente, nos casos de desdobramento provenientes de epilepsia, histeria e, como consequência da sugestão, nas pessoas com inclinações para o histerismo».

Ora, perguntamos nós, como é possível apresentar, mesmo como uma simples hipótese, tal teoria perante o ensino formal da filosofia cristã, que define uma pessoa «como uma substância individual e incomunicável de natureza racional», reconhecendo assim a impossibilidade de

---

([1]) *Job*, XXXVIII, 11.
([2]) *Spiritism and Religion*, p. 185.
([3]) *Ibidem*, p. 186.

qualquer divisão ou multiplicação, seja ela qual for? Tal divisão ou multiplicação, ao mesmo tempo que atira por terra todo o fundamento filosófico, torna nulo o tradicional ensino sobre a imputabilidade das nossas acções e sobre a sanção que às mesmas é devida.

5 — Será bom notar aqui a consequência que a teoria do desdobramento da personalidade podia ter em Teologia, porque tal ensino, quando levado até à sua última conclusão, iria deitar por terra os mais augustos mistérios da Encarnação e da Redenção.

É matéria de fé que o Verbo de Deus tomou a nossa natureza e uniu-se a ela numa unidade de pessoa para nos remir do pecado, por meio das suas acções que foram, sob diversos aspectos, acções humanas e divinas e, portanto, de infinito valor. Ora, admitindo a possibilidade de uma segunda personalidade latente em cada um de nós, por que não havíamos de dizer o mesmo do nosso Divino Salvador, atribuindo a sua paixão e morte, com todos os seus méritos, não, como a fé católica ensina, à Segunda Pessoa da Trindade, mas antes a uma forma interior de personalidade, conhecida em linguagem de médium como subconsciente ou subliminal?

6 — De tudo isto podemos fàcilmente concluir quanto errou o autor que já citámos [1], quando escreveu: «Nas práticas espíritas pròpriamente ditas, os fenómenos, seja qual for a sua real natureza, são devidas à intervenção das almas dos mortos. A questão depende largamente da contingência de a actividade no nosso mundo, por parte das almas dos mortos, e devida ao seu próprio poder, ser ou não ser inteiramente admissível. Os teólogos que consultámos negam que tal poder seja natural às almas separadas dos

---

(1) *Spiritism and Religion*, p. 276.

corpos. Mas este argumento não é de forma alguma convincente... Devemos admitir que não temos conhecimento absoluto da natureza da alma, e é tal conhecimento que se procura com as experiências espíritas».

Quem assim escreve, mostra uma crassa ignorância da natureza da alma humana e das suas operações, ao mesmo tempo que exagera desmedidamente o seu poder depois da morte. É deveras perigoso para um autor, que pretende ser considerado um cientista, desprezar a autêntica fonte de ensinamentos que é a psicologia católica.

§ XII — *As práticas espíritas reprovadas pela Igreja.*

1 — Estas observações servirão para mostrar como tem sido bem fundada a aversão que a Igreja tem pelo espiritismo, e justificarão a legitimidade das várias medidas que ela tem adoptado em todos os tempos para exterminar a necromancia e outras práticas ocultas.

2 — Para conclusão, podemos transcrever para aqui o seguinte Decreto do Santo Ofício sobre espiritismo.

«De terça para quarta-feira, 24 de Abril de 1917.

Em reunião plena dos Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardiais, Inquisidores-gerais em assuntos de fé e moral, foi proposta a seguinte questão: Se é legal assistir a conferências ou manifestações espíritas, sejam elas realizadas ou não com auxílio de um médium, com ou sem hipnotismo, sejam quais forem essas conferências ou manifestações, mesmo que aparentemente simulem honestidade ou piedade; quer interrogando almas ou espíritos, ou ouvindo as suas respostas, quer assistindo sòmente a elas com o protesto tácito ou expresso de não querer ter qual-

quer relação com espíritos malignos. Os acima citados Eminentíssimos e Reverendíssimos Padres deram como resposta: Negativa em todos os casos. Sendo isto levado ao conhecimento do Papa Benedito XV, Sua Santidade, na quinta-feira seguinte, 26 do mesmo mês, aprovou a decisão dos Eminentíssimos Padres.

Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, aos 27 de Abril de 1917.

Aloísio Castellano (1)
Notário da Santa e Universal Inquisição Romana.»

Anteriormente a isto, tinha sido dada a seguinte resposta pelo Santo Ofício: «(É sempre ilegal) evocar as almas dos mortos, mesmo que seja feito anteriormente o protesto de excluir toda a intenção de intervenção diabólica» (2).

A Sagrada Penitenciária tinha declarado já que a mera assistência passiva a consultas e práticas espíritas era ilegal por causa do escândalo e do perigo da salvação, que nunca são alheios a tais práticas (3).

3 — Em face disto, não podemos deixar de manifestar a nossa surpresa pelo facto de o autor que acabámos de citar ter escrito o seguinte:

«Se o Decreto se refere a trabalhos de laboratório com pessoas em estado de êxtase, mas sem que haja referência a espíritos de qualquer natureza, não está estabelecido. E, até que o Decreto ponha a coberto este aspecto do caso, não supomos alargar a sua esfera de acção muito definidamente expressa, asseverando que ela condena não só o espiritismo, como também os seus inimigos» (4).

---

(1) *Acta Ap. Sedis*, vol. IX, p. 268.
(2) 1 de Abril, 1898.
(3) 1 de Fevereiro, 1882.
(4) *Spiritism and Religion*, p. 281.

2

DIVERSAS ESPÉCIES DE SERES ANGÉLICOS

1 — Mostrámos já que as manifestações obtidas no espiritismo estão acima do poder das almas separadas dos corpos e ultrapassam também, por uma forma evidente, a eficiência de todo o elemento material e, portanto, a conclusão a tirar é que tais manifestações têm de ser atribuídas a uma espécie diferente de seres espirituais, isto é, aos seres angélicos. Ora, um exame aturado da natureza dessas comunicações provou-nos que elas envolvem vários perigos, tanto físicos como morais, e trazem também consigo uma submissão do livre arbítrio, que é ilegal e que leva à prática de actos imorais. Nestas condições, justo será perguntar: que espécie de seres espirituais devem essas manifestações ser imputadas?

Para responder a esta pergunta, teremos de recorrer à Teologia Católica.

2 — Como tem sido nosso propósito, desde o início, apresentar os seres angélicos, suas propriedades e operações, como eles primeiramente existiram na ordem natural das coisas e não como eles subsequentemente foram modificados pela acção pessoal desses mesmos seres, temo-nos até aqui propositadamente abstido de tratar da questão sobre a maneira como eles se distinguem entre si e em que consiste precisamente essa distinção. É essa a questão de que agora vamos tratar. Na verdade, seria impossível determinar com precisão a natureza dos fenómenos espíritas, se não tivéssemos recorrido à classificação dos anjos em anjos

bons e anjos maus. Esta classificação, embora não exista desde o primeiro momento da criação destes seres, é, sem dúvida, tão real como os próprios seres angélicos.

3 — O objecto, portanto, do presente estudo é expor, tão clara e brevemente quanto possível, o que a Teologia Católica ensina quanto ao estado em que os anjos foram primitivamente criados, à deserção de alguns deles de junto de Deus, fonte de todo o bem, à subsequente separação entre anjos bons e maus, e à condição final daqueles que foram infiéis ao seu autor.

§ I — *Estado em que os anjos foram primitivamente criados.*

1 — No princípio, isto é, quando os elementos materiais deste mundo foram primeiramente criados, Deus, por uma palavra do seu infinito poder, num instante tirou para fora do nada miríades de substâncias espirituais, que foram distribuídas, de acordo com um plano sàbiamente traçado, em hierarquias e categorias, e que formavam um imenso coro criado para honra e glória do Altíssimo.

2 — Mas não foi bastante para Deus ter adornado estes nobres espíritos com as mais preciosas qualidades de intelecto e vontade. Dotou-os também, no acto da criação, com o dom da divina graça, fazendo-os assim partilhar da sua amizade e da sua infinita glória, coisas que eles não poderiam atingir sem aquela sobrenatural ajuda. E o paraíso espiritual da graça, em que eles ficaram assim já colocados, era apenas o vestíbulo do indescritível reino de glória que lhes era destinado como última morada, sob a condição de perseverarem no bem.

3 — Estes admiráveis espíritos foram todos dotados de livre arbítrio, esse misterioso poder capaz de tanto bem e de tanto mal, do qual Dante escreveu:

> «For the will
> That wills not, still survives unquench'ed, and doth,
> As nature doeth in fire, though violence
> Wrest it a thousand times» (¹).

Todos eles, sem excepção, fizeram uso da sua liberdade no primeiro momento da criação, quando, por inspiração do Espírito Santo, consentiram que sobre eles fosse derramada a divina Graça, visto que esta não é dada a qualquer criatura dotada de intelecto, sem o seu prévio consentimento.

4 — Assim adornados com a divina graça e enriquecidos com amizade sobrenatural de Deus, os anjos tinham ùnicamente de receber das mãos do seu Criador a recompensa devida ao seu mérito, sendo admitidos na posse da eterna glória, na visão da Divina Essência. E, na realidade, todos os espíritos angélicos seriam imediatamente admitidos nas mansões da última felicidade, se alguns deles, por um acto de suprema revolta contra o Autor de todo o bem, não tivessem originado um insuperável impedimento ao recebimento dessa recompensa. Mas como se realizou tal acto de rebelião ou apostasia?

§ II — *A grande revolta no Céu.*

1 — O acto de rebelião que originou esta grande divisão nas hostes angélicas realizou-se num instante. Enquanto

---

(¹) *Interpretação:* Porque a vontade que resiste ainda sobrevive inextinguível e procede como a natureza procede com o fogo, embora a violência a force milhares de vezes. *(N. T.)*.

a maior parte destes espíritos puros perseverou na submissão às ordens de Deus e assim continuou a gozar da sua amizade, entrando imediatamente na posse da eterna glória, outros resolveram seguir diferente caminho, e supuseram que podiam atingir a sua felicidade final pelas próprias forças, desprezando e rejeitando assim a graça de Deus. Embora desejosos de possuir a glória perfeita, adoptaram meios ilícitos para a atingir, e foi neste seu acto que consistiu a apostasia.

2 — É de fé que o nosso último fim não pode ser outro senão a posse de Deus, e que este último fim não pode ser atingido senão também com o auxílio de Deus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Mas estes anjos revoltados resolveram seguir o seu próprio caminho, procurando ser inteiramente felizes sem Deus ou, talvez, ser felizes com Ele, mas por uma forma diferente daquela que Ele tinha disposto.

Desta maneira, ergueram uma insuperável barreira entre eles próprios e o seu último fim, destruindo o seu primitivo mérito e incorrendo na condenação eterna. A consequência disso foi que, ao passo que grande número de substâncias angélicas eram imediatamente introduzidas na vida eterna, outros anjos foram arremessados para a eterna miséria.

3 — Para conhecer como se originou tal catástrofe, temos de recorrer ainda aos ensinamentos católicos.

Exactamente como qualquer revolta é chefiada por alguns indivíduos que incutem nos outros o irrequieto espírito da insubordinação, assim também este corpo de espíritos revoltados foi chefiado por um anjo — Lúcifer, o mais brilhante e mais elevado da hoste celestial, cujo grito sedicioso de revolta foi repetido por milhares de outros espíritos, que seguiram o seu chefe numa atitude de revolta contra Deus, Autor de todo o bem.

Vem a propósito citar aqui as palavras de Dantes:

«If he were beautiful
As he is hideous now, and yet did dare
To scowl upon His Maker, well from him
May all our misery flow» (1).

4 — Foi este único acto de rebelião que fixou desde logo o destino destes espíritos orgulhosos. Todos, juntamente com seu chefe, foram para sempre e irrevogàvelmente excluídos da glória eterna. Alguns deles foram para o lugar de castigo, enquanto outros, arrastando consigo os seus tormentos sem fim, ficaram sobre a Terra, por uma justa disposição de Deus. Aqui têm eles o poder, com permissão do Senhor, de vaguear por toda a parte, causando toda a espécie de males físicos e incitando os homens a revoltarem-se contra Deus, a fim de os arrastarem para a perdição eterna.

§ III — *Os bons e os maus anjos.*

1 — Devemos aqui notar que este único acto de rebelião dos anjos, pelo qual eles perderam a graça divina, decidiu a sua sorte por toda a eternidade, de forma que, no curso ordinário das coisas, não há possibilidade de qualquer alteração na sua condição de miséria e pena. Exactamente como o estado dos bons anjos é fixado na posse da perfeita glória, assim também o estado dos anjos maus será de condenação eterna. Enquanto os primeiros perma-

(1) *Interpretação:* Sendo belo còmo agora é repelente, e tendo-se atrevido a olhar com ameaças a seu Criador, esta é a razão porque dele provêm todos os nossos males. *(N. T.)*.

necem para sempre no bem e na felicidade, os maus conservam-se irrevogàvelmente obstinados no mal e mergulhados num abismo de tormentos, visto que a própria natureza da operação angélica é um impedimento a qualquer mudança no seu estado. Feita a escolha e determinado o destino, esse destino fica para sempre imutável.

2 — O intelecto angélico, de facto, e ao contrário do que sucede com o intelecto humano, não procede gradualmente, e passo a passo, para chegar ao conhecimento da verdade, nem está sujeito às hesitações que nós experimentamos. Assim como o anjo obtém, por um simples olhar, uma perfeita intuição das coisas, assim se apega com uma constante tenacidade aos objectos que escolheu, sendo impossível, a uma substância espiritual, fazer uma segunda escolha. Assim, o eterno destino dum anjo fica talhado necessàriamente de acordo com o objecto da sua preferência: ou é eternamente feliz no seio de Deus ou infeliz longe d'Ele, dando largas ao seu amor-próprio. «*Dois amores,* diz Santo Agostinho, *fizeram duas cidades: o amor-próprio, levado até ao desprezo de Deus, fez a cidade terrena; o amor de Deus, levado até ao desprezo de si próprio, fez a cidade de Deus*» (1).

3 — Como os bons anjos, no seu acto de submissão a Deus, consagraram para sempre ao seu serviço as suas faculdades intelectuais e morais, todos os seus dotes naturais e até o seu ser, assim também os anjos maus, por outro lado, no seu grito de rebelião, aviltaram, de uma vez para sempre, todas as suas faculdades, perdendo os dons sobrenaturais que Deus lhes tinha concedido. A profanação da sua própria natureza e do seu ser consumou-se no próprio momento em que se afastaram de Deus.

---

(1) *De Civ. Dei.* B. XIV CXXVIII.

4 — Temos agora de investigar o destino final destes anjos caídos e esforçar-nos-emos por responder às seguintes perguntas: Que mudanças se operaram na sua condição? Quais foram as consequências que se seguiram a este acto de rebelião? Essas consequências são de carácter permanente e imutável? Estas perguntas são de uma importância capital, e as respostas que a elas obtivermos irão lançar luz abundante sobre o assunto desta obra.

§ IV — *A condição final dos anjos caídos.*

1 — Como já fizemos ver, os anjos caídos, como consequência da sua revolta contra Deus, foram privados da graça divina e dos dons sobrenaturais de virtude e santidade que a graça traz consigo. Em vez de continuarem a ser amigos de Deus, como os bons anjos, tornaram-se seus ferozes inimigos, e o seu alvo passou a ser suplantar o Criador e lançar o seu reino contra o d'Ele.

Como são excluídos da graça divina, estes orgulhosos espíritos não têm acesso à fonte dos favores que Deus nos abriu por intermédio de seu filho Jesus Cristo. Ao passo qua as múltiplas operações da graça se tornam conhecidas, na visão de Deus, aos anjos bons, esses admiráveis mistérios da vida sobrenatural, tais como são desenrolados na Igreja Católica, continuam a ser um livro fechado para os espíritos rebeldes e caídos. Não só estão afastados para sempre da árvore da vida, mas também a sua habitual tendência, que é o mais subtil e presumido orgulho, torna impossível, para eles, compreender o misterioso trabalho da graça que é conhecido só pelos humildes, porque a graça requer a humildade do coração para o seu trabalho.

2 — A divindade de Cristo e o carácter sobre-humano da sua missão, os seus estupendos milagres, por um lado,

e o abandono a que foi votado, por outro, são outros tantos mistérios incompreensíveis para estes espíritos orgulhosos. Na presença do Messias encontram-se completamente impotentes, e não sabem a razão disso nem são capazes de resolver o intrincado problema da Redenção.

«Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus?» [1] é o seu grito contínuo, cujo significado completo provàvelmente não conhecem. Se o tivessem compreendido, escreve S. Paulo, *«não teriam crucificado o Rei da Glória»* [2]. Mas o orgulho cegou-os.

3 — Satanás, por certo, podia fàcilmente ter compreendido que Cristo era o Messias prometido na lei, vendo que tudo quanto os profetas tinham anunciado se cumpria n'Ele. Das obras que lhe viu fazer, poderia também inferir que Cristo era mais do que um homem vulgar. Na verdade, tão evidentes eram os sinais da divindade de Cristo que Satanás fàcilmente podia ter conhecido que Ele era o verdadeiro Deus, se o ódio e a inveja não tivessem lançado as trevas no seu entendimento, impossibilitando-o de receber no seu intelecto um raio da divina fé.

4 — Podemos, pois, dizer que o demónio não tinha um conhecimento claro do admirável mistério da Encarnação e da sua relação com a salvação do género humano. Mas, seja como for, ele ignora certamente agora o mistério da eleição e o da predestinação dos filhos de Deus, mistério pelo qual a nossa adopção como filhos se realiza através das idades, graças aos méritos de Jesus Cristo. Além disso, os anjos caídos não conhecem essas obras admiráveis da graça divina que procuram a salvação dos eleitos, e desconhecem inteiramente a vontade de Deus a tal respeito.

---

(1) *Mateus*, VIII, 29.
(2) 1 *Corintios*, II, 8.

5 — Escudado na satisfação de certas vitórias parciais e na esperança de grandes triunfos e, ao mesmo tempo, não se preocupando com as vergonhosas derrotas sofridas, Satanás prossegue loucamente na sua faina de tentar arrastar as almas dos homens para a eterna perdição. O seu pendão está sempre erguido e o seu grito insensato de desafio e revolta ouve-se por toda a parte: «*Eu não quero servir*» (¹).

Para conseguir os seus fins, ronda ele em volta dos homens, espiando as suas inclinações, a sua maneira de proceder, o meio em que eles vivem, estendendo-lhes armadilhas e sujeitando-os a todos os sofrimentos, atacando-os a descoberto ou por meios estratégicos, abandonando-os por vezes, para que depois os possa atacar de improviso com melhores resultados.

A sua maior arma é a mentira, «*porque ele é um mentiroso e o pai das mentiras*» (²). Embora esteja para sempre em contacto com o mal e a sua mente esteja privada da luz da graça, continua na posse dos seus dons naturais e, a tal respeito, é semelhante aos anjos bons.

6 — É certo que Deus poderia ter condenado todos os anjos rebeldes a serem sepultados imediatamente no inferno, isto é, a uma existência que os tornasse incapazes de tentarem o homem, como fazem presentemente.

No entanto, na sua infinita sabedoria e bondade, decretou que alguns deles permanecessem na terra, para que pudessem dar cumprimento aos seus desígnios divinos, embora esses anjos ignorassem tais desígnios.

7 — Nisto, contudo, quis Deus seguir o seu plano de governo, segundo o qual cada uma das partes do Universo deve contribuir para o bem das outras, e, por último,

---

(¹) *Jeremias*, II, 20.
(²) *Jo.* VIII, 44.

para o bem de todas. Assim como o homem tira proveito da companhia dos anjos bons, assim também pode, com a ajuda de Deus, converter em bem os ardis dos demónios que, por sua vez, são destinados a contribuir, embora contra o seu desejo, *para restabelecer todas as coisas em Cristo* [1]. Isto não se poderia efectivar, se todos os anjos maus tivessem sido sepultados no inferno; o facto de alguns deles terem permissão de viver neste mundo, para tentar os homens, mostra que ficaram sujeitos ao designio de Deus, cuja sabedoria «*se estende de uma extremidade à outra com fortaleza e dispõe todas as coisas com suavidade*» [2].

Enquanto, portanto, os demónios andam constantemente a executar as ordens de Lúcifer e a arrastar as almas para o caminho da perdição, estão, por impenetrável disposição da sabedoria divina, executando o plano de Deus, purificando o bem como o fogo purifica o ouro, e separando os justos daqueles que o não são.

8 — A sabedoria de Deus torna-se ainda mais manifesta quando consideramos que Ele colocou os espíritos malignos debaixo do domínio dos anjos bons e deu a cada homem, neste mundo, um anjo bom que o ilumina, guia os seus passos e o defende contra os seus inimigos. Por isso, os assaltos do inimigo das almas são aniquilados pela intervenção daqueles espíritos que se conservaram fiéis a Deus, e o demónio acaba por contribuir para a maior glória do Criador.

9 — Procuremos agora saber por que forma o demónio ataca e tenta o homem.

Vimos já qual é a penetração da mente angélica, qual é a sua maravilhosa actividade e quais são os objectos que

---

(1) *Efésios*, I, 10.
(2) *Sab.* VIII, 1.

caem debaixo da alçada do seu conhecimento. Mostrámos já também o grande poder que estes seres possuem no Universo e como eles podem exercê-lo com respeito à matéria orgânica, actuando sobre os elementos de forma a produzirem as mais surpreendentes modificações. Verificámos que sobre o homem podem exercer a mais vasta influência, excitando as suas faculdades sensitivas e actuando principalmente sobre a imaginação por uma forma maravilhosa. De tudo isto devemos concluir que os anjos maus podem atacar-nos de várias maneiras, e que lhes é extremamente fácil arrastarem-nos para o mal, se não nos pusermos em guarda.

10 — No entanto, é preciso que nos lembremos sempre de que, por muito grande que seja o poder do demónio, tem limites que lhe foram sàbiamente determinados pelo Todo-Poderoso. Ele pode, sem dúvida, fazer-nos mal, mas não além daquilo que lhe é permitido, e bem conhece que o seu poder não pode durar muito. Pode ser que o conhecimento da curta duração do seu reino contribua para que redobre a sua actividade nos tempos que vão correndo; mas todos os seus esforços obedecem aos impenetráveis desígnios da Providência que só permite que a sua influência seja exercida até certo grau, de forma que nos possamos colocar debaixo da protecção de Deus e ganhar, pelos nossos méritos, a vitória final e a coroa da imortal glória que nos espera no Céu.

11 — Um desconhecido e piedoso autor, muitas vezes citado sob o nome de Santo Agostinho, deixou-nos sobre este assunto admiráveis palavras. Comenta ele esta passagem de S. Mateus: — «Como pode alguém entrar na casa do homem forte e saquear os seus bens, sem primeiramente prender esse homem?» [1]. E então diz o citado autor:

---

[1] *Mateus*, XII, 29.

«Alguém objectará: Se o demónio foi amarrado, como pode ele ser ainda tão forte? É verdade, queridos irmãos, que o demónio é poderoso. Mas ele exerce o seu domínio sobre os tíbios e os negligentes e sobre os que não são tementes a Deus. De facto, está amarrado como um cão com uma cadeia, mas só pode morder os que dele se aproximam com enganosa segurança». Muitos, na verdade, são aqueles que, desprezando a lei de Deus, se abandonam nas mãos do seu irreconciliável inimigo, expondo a vida às suas investidas (1).

(1) *Sermo,* CXCVII, al. XXXVII de *Temp.* nn. 5,6 *inter opp. S. Aug.*

3

QUE JUIZO DEVEMOS FORMAR ACERCA DA MORALIDADE DOS FENÓMENOS ESPIRITAS

1 — Tendo mostrado já qual é a natureza intrínseca das práticas espíritas e qual é a diferença fundamental entre os anjos bons e os anjos maus, vamos agora aplicar os princípios expostos e dizer o que devemos pensar acerca da moralidade dos fenómenos espíritas olhados nas suas relações com os seres angélicos, questão esta que constituirá o assunto do presente capítulo.

2 — Para esse efeito, temos de aludir novamente ao princípio já mencionado, isto é, que os fenómenos espíritas, tais quais são, devem ser imputados à acção dos anjos maus. Mas subsiste a intrincada questão: Colocam-nos, de facto, estas substâncias inteligentes em comunicação com as almas separadas dos mortos, seja qual for o carácter ou o destino destas mesmas almas?

Para responder a esta pergunta, de cuja solução depende o juízo que temos de formar acerca da moralidade das práticas espíritas, é necessário primeiramente verificar se os anjos em geral podem actuar como mediadores entre nós e as almas separadas dos corpos e, em segundo lugar, se é possível aos espíritos malignos representar qualquer dessas almas, seja ela a alma dum santo ou a alma dum condenado às penas eternas.

3 — Além disso, como o fim principal do espiritismo parece ser a pregação de um novo evangelho e a fundação de uma nova religião inteiramente diferente da que foi instituída por Cristo e é proclamada pela Igreja Católica, temos de ver em que consiste essa nova forma de religião e de que natureza é o credo que os espíritas nos querem dar, em substituição das nossas velhas crenças.

4 — Não podemos negar que a solução desta questão está eriçada de dificuldades, tantas são as considerações que têm de ser tomadas em linha de conta; mas a Teologia Católica tem os seus princípios firmes e é, seguindo esses princípios, que nós esperamos, com a ajuda de Deus, resolver este intrincado problema.

§ I — *Os fenómenos espíritas devem ser atribuídos à acção dos anjos maus.*

1 — Os fenómenos a que nos temos referido ultrapassam, como já vimos, os poderes dos elementos visíveis, e não podem ser explicados (como admitem todos os espíritos experimentados) senão pela acção de causas imateriais. Ora, a primeira entre estas causas imateriais é Deus, a cuja acção imediata não podemos atribuir tais fenómenos, sob pena de proferirmos uma blasfémia. Fazer tal afirmação seria o mesmo que dizer que Ele, que é a Justiça e a Santidade, era capaz de pôr à margem, por um capricho do homem, o curso ordinário da natureza, e participaria directamente em práticas que, pelo menos algumas vezes, são caracterizadas pela sua irregularidade moral.

2 — Pode, em segundo lugar, supor-se que tais fenómenos são obra dos anjos bons. Estes seriam, estritamente falando, capazes de produzir tão admiráveis efeitos, mas, como ministros da justiça e da santidade de Deus, não podemos conceber que eles cooperem em práticas opostas a esses divinos atributos.

3 — Também não podem esses efeitos ser atribuídos às almas dos mortos, visto que estas, em razão da sua natureza, são incapazes de os produzir. Vimos já que a sua condição inata as impede de tomarem parte em tais ocorrências terrenas.

4 — Resta apenas uma solução. Os fenómenos devem ser obra dos espíritos malignos que, em todos os tempos, têm procurado entrar em comunicação com o género humano de várias maneiras e que, nos tempos modernos, se têm esforçado por substituir pelos fenómenos em questão os seus antigos expedientes.

Ora, se tivermos em mente que estes espíritos andam empenhados em destruir o reino de Deus e em arrastar os homens para a perdição, e que, para porem em prática o seu plano, podem adoptar todos os expedientes tendentes ao mesmo fim, e que, para isso, se servem de todos os meios, por mais vis e imorais que eles possam ser, teremos encontrado a chave para a solução do grande problema de que nos estamos ocupando. São eles que, em resposta à chamada dos que procedem a essas experiências, figuram as almas dos mortos e exibem assim, perante multidões espantadas, o seu conhecimento natural e o seu poder, com o fim de causarem a ruína dos mortais.

5 — Poderá ser para muitos objecto de admiração saber como, no século II, um dos mais notáveis escritores eclesiásticos, Tertuliano, na sua famosa *Apologética da Cristandade*, em que defende os dogmas da nossa fé contra os ataques dos racionalistas, descreve, sem qualquer hesitação, a natureza dos demónios, juntamente com o seu admirável conhecimento e com o poder que eles têm sobre os elementos da matéria.

Havia então, como hoje há, médiuns que provocavam fenómenos e pretendiam evocar as almas dos mortos; que faziam com que as crianças falassem uma linguagem misteriosa; que operavam inumeráveis prodígios na presença das multidões; que provocavam sonos hipnóticos e actuavam sobre mesas e cabras para, por esse meio, predizerem o futuro e revelarem acontecimentos ocultos. Pergunta então ele: se o poder dos espíritos malignos é tão grande que,

servindo-se dos médiuns, operam tão assombrosas coisas, como poderemos medir esse poder, quando eles operam por si próprios? Não há dúvida — e esta era a sua conclusão — de que estes espíritos têm poder para obrigar os homens a atirarem-se do cimo das mais altas torres, a mutilarem-se a si próprios, e até a infligirem às suas pessoas uma cruel e prematura morte. Tudo isto, diz Tertuliano, é obra dos espíritos malignos (1).

6 — Na verdade, este vasto conhecimento e este extraordinário poder dos anjos caídos são dons de Deus e, no princípio, foram-lhes dados para um uso mais nobre e melhor. E, embora esse destino fosse frustrado pelos maus espíritos, não o foi totalmente, visto que Aquele que dirige todas as coisas com infinita sabedoria permite o mal, sòmente com o fim de que dele resulte um maior bem.

7 — Mas então — perguntar-se-á — não será concebível que essas supostas manifestações das almas dos mortos possam ser realizadas indirectamente por mediação dos anjos, representando essas almas e actuando em seu nome? E não poderemos nós dizer que estamos então em comunicação com as almas dos mortos, embora isso se faça por uma forma indirecta?

Esta é uma pergunta que exige certa consideração, para que no nosso espírito não possa restar sombra de dúvida quanto à natureza destas manifestações.

§ II — *Se os anjos podem actuar como mediadores entre nós e as almas dos mortos.*

1 — Mostrámos, nos precedentes parágrafos, que as substâncias espirituais puras, sendo inteligências imateriais, podem conversar com as almas dos mortos e manifestar-nos

(1) *Apologeticum*, C. XXIII.

os seus pensamentos e desejos. Mas, para que ninguém possa imaginar que as comunicações espíritas, de que nos estamos ocupando, podem, acima de tudo, porvir das almas dos mortos por intervenção dos espíritos malignos, temos de fazer uma observação.

Fixemos na mente que nos estamos referindo apenas aos anjos maus, porque, embora os anjos bons conheçam o estado da alma depois da morte e possam, estritamente falando, ser meios de comunicação entre nós e as almas separadas dos corpos, no entanto as manifestações espíritas não lhes podem ser atribuídas, como mostrámos, visto que é inteiramente inadmissível que essas santas almas, que vêem a Deus face a face e que O servem dia e noite, estejam sujeitas à frivolidade do homem e se prestem a servir de meio para satisfazer a sua curiosidade. Além disso, as circunstâncias que, em regra, acompanham essas comunicações tornam impossível que elas sejam devidas à mediação de bons e santos espíritos.

2 — Mas nós afirmamos ainda que a teoria de que essas comunicações podem ser devidas à mediação de espíritos malignos, que recebem mensagens das almas separadas dos corpos, é igualmente insustentável.

3 — Devemos observar, em primeiro lugar, que não negamos a possibilidade absoluta de os demónios desta maneira representarem uma determinada alma. Falando de um modo geral, as substâncias espirituais ou anjos, tomando a aparência de alguma alma separada do corpo e manifestando-nos os seus pensamentos e desejos, podem ser um meio de comunicação entre nós e os mortos.

Tais fenómenos, a ocorrerem, não devem ser considerados como fraudes, enquanto a imagem aparecida corresponder realmente à personalidade que ela representa, isto é, enquanto a alma separada do corpo é consciente da manifestação e deseje assim aparecer. Neste caso, o corpo for-

mado pela substância angélica estaria, com referência à alma, na relação em que se encontra uma imagem com a pessoa que representa. De facto, a veneração que prestamos a um retrato não é prestada a esse retrato em si, mas à pessoa que ele figura. E assim, se um anjo arquitectasse uma forma representando um corpo que pertenceu a determinada alma e essa alma consentisse na aparição, poderíamos dizer que estaríamos a conversar com essa alma, num verdadeiro sentido, da mesma forma que, se um vassalo não puder falar com o soberano a não ser por meio do seu embaixador, se poderá dizer que ele falou com o próprio soberano.

4 — Mas, embora possa ocasionalmente acontecer que os anjos bons, desta maneira, sirvam de meio de comunicação entre nós e as almas separadas dos corpos, como acontece, por exemplo, nas manifestações das almas do Purgatório, que podem comunicar connosco por intermédio dos seus anjos da guarda, tal facto apenas se realiza por um especial favor de Deus e não pode, de forma alguma, pertencer às práticas espíritas.

A nossa afirmação é que não pode haver tais comunicações por intermédio dos espíritos malignos, a não ser talvez tratando-se de almas condenadas, com ou sem uma imediata e miraculosa interposição da Divina Providência, conforme o caso for.

5 — Dissemos que nos era impossível conhecer quando um demónio pode, por deliberação própria, representar uma alma, visto que não há critério algum de que possamos lançar mão para avaliar a verdade de tal representação. Quanto à representação de almas santas, por mediação do demónio, nas sessões espíritas, novamente afirmamos que tal ideia tem de ser completamente posta de parte. Tal representação, digam os espíritos o que disserem a este respeito, não passa de fraude e engano.

Contudo, é necessário que agora, para completo esclarecimento desta doutrina, voltemos aos ensinamentos católicos a respeito do destino final da alma humana e da intenção da Divina Providência a seu respeito.

§ III — *O destino final da alma humana.*

1 — A fé católica ensina que, quando a alma parte desta vida, é julgada por Deus e, de acordo com os seus méritos, lhe é marcado o seu destino eterno. Ou fica a gozar da amizade e do favor de Deus, ou fica num estado de revolta contra Ele. O primeiro estado concede-lhe a eterna glória, ao passo que o segundo a exclui da presença divina para sempre.

2 — Há, contudo, esta diferença entre os dois estados: enquanto a alma que deixou esta vida em pecado e rebelião contra Deus recebe imediatamente o merecido castigo, a alma que é destinada à eterna glória tem ainda, em muitos casos, uma dívida a pagar à justiça divina por faltas que cometeu durante a vida. Não pode, portanto, entrar imediatamente na posse da sua eterna recompensa, mas tem de esperar no Purgatório até que *tenha liquidado* o *último ceitil* ([1]). A alma humana, depois da morte, pode, portanto, estar no Céu, no Purgatório ou no Inferno.

3 — A alma no Purgatório é, contudo, uma alma salva. Goza da amizade de Deus e está certa de que um dia O verá face a face. Pertence, por direito, à companhia dos Santos, a quem se juntará depois de a sua dívida estar paga. Haverá, portanto, ùnicamente duas espécies de almas humanas — as salvas e as perdidas — as primeiras gozando a felicidade sem fim, e as segundas submersas na eterna miséria.

([1]) *Mateus*, V, 26.

4 — Uma diferença deve aqui ser apontada, pelo que respeita ao modo como se pode dizer que as almas separadas dos corpos estejam nos lugares que lhes foram destinados, e ao modo como se diz que os anjos podem estar no Céu, na Terra ou no Inferno.

Embora os espíritos puros não sejam de qualquer maneira compostos de matéria, ocupam, contudo, lugares definidos, no sentido de que não podem estar em dois lugares distintos ao mesmo tempo. A habitação própria dos anjos bons é o Céu e a dos anjos maus é o Inferno, mas uns e outros podem também estar na Terra, embora de diferente maneira.

O arcanjo Gabriel, por exemplo, esteve localmente presente com Tobias, e o nosso anjo da guarda está sempre ao nosso lado. Estes anjos bons, embora gozando a visão de Deus (motivo por que, em certo sentido, se pode dizer que estão no Céu), estão, pròpriamente falando, durante o tempo da sua missão entre os homens, não no Céu, mas na Terra. É só depois que tal missão acaba que eles voltam ao Céu, donde vieram. Há, contudo, na grande hoste dos anjos, inumeráveis espíritos que nunca deixam o trono de Deus, a quem servem, por assim dizer, de guarda de honra. Estes são os espíritos superiores, aos quais se chama anjos assistentes.

5 — Os anjos caídos que estão no Inferno nunca deixam aquele lugar, mas os que estão na Terra podem estar sucessivamente em vários lugares, pois podem vaguear em busca da sua presa e causar perturbações em diversas localidades ou a diferentes pessoas. Contudo, mesmo dos demónios que estão no mundo se pode dizer, em certo sentido, que estão no Inferno, visto que para toda a parte levam a consciência da sua condenação, e o Inferno é a sua última morada. Mas, de facto, eles só para ali irão depois do Dia de Juízo, quando o tempo de fazer mal à humanidade já tiver passado.

6 — Pelo que respeita às almas dos mortos, podemos dizer que elas nunca deixam o lugar que o destino lhes marcou. Devemos, contudo, exceptuar aquelas almas que, depois de expiada a sua provação, passam do Purgatório para o Céu.

Quanto às almas dos condenados, não podem deixar a sua habitação, visto que o seu castigo consiste precisamente em estarem num lugar que só lhes causa repugnância.

As almas dos bem-aventurados podem, estritamente falando, deixar o Céu por algum tempo e vir à Terra, mas, segundo a ordem natural das coisas, não o fazem, porque não têm o poder natural de formar corpos visíveis, como têm os anjos. Se tal coisa acontecer, deverá ser considerada um milagre.

7 — Há, portanto, uma boa razão pela qual as aparições nas sessões espíritas não podem ser atribuídas às almas dos mortos, seja qual for o carácter dessas aparições. Essas almas não podem visitar este mundo e, mesmo que o pudessem fazer, a sua falta de poder sobre os elementos da matéria impossibilitá-las-ia de nos aparecerem, a não ser que Deus operasse um milagre; mas esta suposição não se coaduna com as práticas espíritas. Por outro lado, devemo-nos lembrar de que nós mesmos não podemos manifestar-nos às almas separadas dos corpos, pois, para tal fim, seria necessária a intervenção de qualquer anjo, bom ou mau. Esta é a razão por que, como já acima notámos, a aparição de mortos não se realiza senão por meio das substâncias angélicas, a não ser que Deus, miraculosamente, faça com que as próprias almas apareçam, como sucedeu com Moisés, quando foi visto com Jesus e Elias no Monte Tabor.

Vamos agora ver se os anjos maus podem representar, primeiramente, as almas dos justos e, em segundo lugar, as almas dos condenados.

§ IV — *Se os espíritos malignos podem representar as almas dos justos.*

1 — Em primeiro lugar, falando das almas dos bem-aventurados no Céu ou das almas que ainda sofrem no Purgatório, afirmamos que é impossível, para os anjos maus, actuarem como mediadores e representarem-nas, porque essas almas gozam da amizade de Deus, a quem são tão queridas como filhos adoptivos que Ele guarda terna e cuidadosamente, como se fossem as próprias meninas dos seus olhos.

Estas santas almas, quer estejam no Céu quer no Purgatório, estão debaixo da influência imediata de Deus, influência esta que é exercida, pelo que respeita a aparições externas, por intervenção dos anjos bons, e não se pode conceber que os demónios, banidos como estão da companhia dos justos, pudessem representar, especialmente em reuniões caracterizadas pela frivolidade e muitas vezes por manifestações de irreligião e de grande imoralidade, os amigos de um Deus três vezes santo.

2 — Isto, como dissemos, refere-se igualmente às almas que estão no Purgatório e às que se encontram já no Céu, porque as primeiras, embora estejam ainda num lugar de sofrimento, estão de tal forma inteiradas no bem, que já pertencem à sociedade dos justos e dos santos. Se, portanto, os maus espíritos representassem, de facto, a alma de qualquer morto, isso poder-se-ia apenas dar com as almas dos condenados, que compartilham da miséria do demónio, em cuja companhia vivem para sempre.

3 — Surge, porém, agora uma dificuldade. Afirmámos que as almas dos condenados só poderiam ser representadas pelos espíritos malignos, que devem ser considerados

como os autores dos fenómenos espíritas em questão. Ora, poderemos nós sustentar tal afirmativa, se atendermos a que, nas sessões espíritas, estão constantemente a aparecer figuras de pessoas mortas que tiveram uma vida pura e santa? Diz-se, por exemplo, que em várias sessões realizadas em Londres apareceram o Cardial Vaughan, S. Carlos Borromeu, Santo Inácio, etc. Não seremos levados à conclusão de que, desde que os espíritos malignos são os autores de tais fenómenos e podem, restritamente falando, representar apenas as almas das pessoas condenadas, as pessoas a que acima aludimos devem ser contadas entre o número das almas perdidas para Deus?

Apressamo-nos a responder que tal conclusão está muito longe do nosso espírito, e que uma conclusão exactamente oposta se deve tirar do que dissemos.

4 — Desde que os anjos maus são de baixo carácter moral e o seu modo de operar é sempre norteado pela mentira e pela fraude, é necessário que olhemos todos os seus actos e ditos com fundamentada suspeita. Para podermos ajuizar da verdade que possa haver em tais manifestações, temos de investigar o último fim que elas têm em vista. Ora, é evidente que, se as comunicações espíritas pretendem passar por práticas merecedoras de crédito, os espíritos malignos deviam escolher, para exercerem a sua acção, a representação daquelas personalidades que se notabilizaram durante a vida, ou pela prática de grandes e nobres feitos, ou por qualquer realização no campo científico, ou ainda pela santidade dessa vida. Seria muito natural esperar que os homens fossem induzidos à prática do espiritismo, se se pudesse provar que, por esse meio, podiam obter-se comunicações de tais pessoas. O facto de que, nas sessões espíritas, estão constantemente aparecendo formas de homens e de mulheres, cujas vidas foram santas e vir-

tuosas, seria, à primeira vista, a melhor apologia da legalidade de tais práticas.

5 — A apresentação destas santas imagens constitui uma das mais graves e das mais subtis fraudes que podemos imaginar, porque tais aparições são indubitàvelmente feitas sem qualquer cooperação ou consentimento por parte das pessoas visadas. Trata-se apenas do trabalho de espíritos a quem são familiares as feições e as características dessas santas pessoas, e que têm poder para delas fazerem uma cópia exacta. Que haverá mais inconcebível do que pessoas como o Cardial Vaughan ou o Cardial Newman encarregarem os anjos maus de se apresentarem em sessões espiritas, como se fossem elas próprias, actuando como seus emissários e chegando a ponto de renegarem a doutrina que essas mesmas pessoas ensinaram em vida? Por muito falto de consciência que seja um negociante, vendendo mercadorias avariadas por boas, nunca praticará a desonestidade que praticam os espíritos malignos, procedendo desta maneira.

6 — Os demónios, repetimos mais uma vez, não podem de forma alguma representar as almas dos justos que se encontram no Céu nem as daqueles que estão ainda sofrendo no Purgatório. Não se pode admitir que tais almas estejam dispostas a confiar os seus pensamentos a espíritos malignos, nem que se sirvam deles como intermediários para comunicarem com os mortais. Deus, também, que é a Santidade em pessoa, não permitiria, e muito menos ordenaria que aqueles que são os seus amigos espirituais fossem representados pelos seus blasfemos inimigos.

7 — Ora, enquanto é repugnante aos espíritos das trevas representarem as almas dos santos, nada há que os impeça de usarem de belas e pias expressões, com o fim de induzirem os homens à crença de que tais espíritos são anjos da luz e amigos de Deus, pois que assim melhor enganarão

os incautos. Foi deste modo que procedeu Satanás, quando tentou Nosso Senhor no deserto. Lemos que ele citou as próprias palavras da Escritura, para que assim o induzisse a precipitar-se do alto do templo. De igual forma também, não raras vezes sucede que, durante os exorcismos que os padres, em virtude de uma ordem especial recebida dos seus bispos, realizam, o demónio dá respostas exactas. Neste caso, procede assim, ou para se mostrar diferente daquilo que realmente é, ou porque, contra sua vontade, é obrigado por Deus a dizer a verdade.

8 — No ano de 1821, um jovem possesso de 12 anos, enquanto estava a ser submetido aos exorcismos da Igreja, em Ariano, na província de Puglie, Itália, foi intimado pelos padres dominicanos Cassiti e Pignatara, que estavam presentes, a provar teològicamente, por meio dum soneto, a Imaculada Conceição de Nossa Senhora. O mancebo, embora iletrado, improvisou a bela poesia que se segue, que um teólogo de profundos conhecimentos com dificuldade teria composto. Diz-se que o Papa Pio IX, ao ler esta poesia em 1854, ano em que o dogma foi definido, deixou correr lágrimas de emoção. O soneto, que era em italiano, pode ser traduzido assim para inglês:

«True Mother am I, and my God is my Son.
His daughter am I, of me was He born;
He from eternity, I but in time,
Yet I am His Mother, my God is my Son.

He my Creator, and yet my own Son;
I am His creature and yet His own Mother.
Wonderful secret! though born after Him,
I am His Mother and my child is my Lord.

Mother and Son are alike, it would seem,
For His life as a man from her own life was drawn.
Her Son is a man, her God is her Son.

If both are alike in that nature of man,
Then either 'tis true there is stain on the Child
Or spotless His Mother, as snow, undefiled» ([1]).

9 — O que dissemos com respeito à literatura, pode ser igualmente afirmado de qualquer trabalho num dos variados ramos da arte. Por isso, não temos dúvidas em acreditar aquilo que às vezes se conta, como por exemplo, que, um dia, o demónio pintou Nosso Senhor Crucificado, com a maior semelhança. Com certeza que ele podia fazer isso, e com grande habilidade, servindo-se do conhecimento que tem não só de coisas de arte, como também das circunstâncias que acompanharam a cruel morte de Jesus. Mas o que é certo é que não o faz para santificação das almas, mas sim para os seus malévolos intentos, exactamente como se vêem hoje muitos judeus que fabricam e vendem artigos religiosos, não para edificação do comprador, mas sim com a mira nos lucros esperados. Nada há, portanto,

---

([1]) *Interpretação:*

Eu sou verdadeira mãe e Deus é meu Filho.
Sou sua filha e Ele nasceu de mim;
Ele vive desde a eternidade, mas eu nasci no tempo;
Embora eu seja Sua Mãe, o meu Deus é meu Filho.

Ele é meu Criador e, no entanto, é meu próprio Filho;
Eu sou Sua criatura e, no entanto, Sua própria Mãe.
Admirável segredo! Embora nascida depois d'Ele,
Eu sou Sua Mãe e meu Filho é meu Senhor.

Mãe e Filho são semelhantes, como parece,
Pois Sua vida, como homem, foi tirada da dela;
Seu Filho é um homem e o seu Deus é seu Filho.

Se ambos são semelhantes nessa natureza de homem,
Então ou é verdade haver mácula no Filho
Ou Sua Mãe Imaculada é pura como a neve.

(N. T.).

que proiba o demónio de fazer com que no ar apareçam representações de coisas e de pessoas santas — imagens de Jesus Crucificado, de Santos, de igrejas, e outras semelhantes. É por esse motivo que a Igreja procede sempre com o maior cuidado quando examina tais fenómenos, e não é raro que ela condene certas aparições que o povo talvez considerasse sobrenaturais e santas na sua origem.

§ V — *Se os espíritos malignos podem representar as almas de condenados.*

1 — Dissemos no parágrafo anterior que os espíritos malignos, embora se possam transformar em anjos de luz para enganarem os incautos, não podem representar as almas dos justos que estão no Céu. Tal facto seria oposto à santidade e bondade de Deus, que não pode permitir que os seus amigos queridos se manifestem por intermédio de feições arquitectadas pelos seus irreconciliáveis inimigos. Vamos agora investigar se estes mesmos espíritos das trevas podem representar aos nossos olhos as almas dos condenados às penas eternas, isto é, se tem fundamento a crença de que, nas sessões espíritas, entramos em comunicação com as almas dos que morreram, por intervenção dos demónios.

2 — A nossa resposta é que nada há de repugnante na ideia de que as almas dos réprobos, que estão sentenciados a viver para sempre na companhia dos demónios, se nos manifestem por vezes, e por uma ordem especial de Deus, por intermédio dos anjos maus.

Resta-nos saber se, de facto, acontece nas sessões espíritas que os demónios actuem como mediadores entre a alma de algum réprobo e o homem.

3 — Se fôssemos a aceitar como boas as afirmações que se fazem nas comunicações espíritas, ser-nos-ia difícil

responder a isso, porque, nessas revelações, nenhuma distinção se faz, regra geral, entre almas perdidas e salvas, visto que todas as aparições afirmam que estão em igual estado de relativa felicidade. Isto envolve, contudo, uma evidente contradição, porque as pessoas evocadas tiveram vidas de carácter completamente diferente e muito variado, de forma que se torna mais do que impossível acreditar que todas elas possam estar, como os espíritos afirmam, no mesmo lugar de eterna recompensa.

4 — Podemos formular aqui duas perguntas: os espíritos malignos representam, pela forma que acima explicámos, e por deliberação própria, as almas dos condenados? Procedem eles algumas vezes assim por ordem de Deus e como seus instrumentos?

5 — A resposta à primeira pergunta é que, estritamente falando, nada se opõe à ideia de que, com permissão de Deus, tal representação se possa operar. Como os demónios e as almas dos condenados comunicam entre si, a possibilidade de tal comunicação, por meio de práticas espíritas, não é inteiramente rejeitável. Há, contudo, a impossibilidade prática de obter a certeza de que tal facto se realize, efectivamente, algumas vezes.

Como as afirmações espíritas, na maior parte dos casos, se fundam em falsidades e fraudes, não temos garantia segura para a verdade de uma só comunicação espírita dessa natureza.

6 — Mas — perguntamos nós — que fim podia o demónio ter, ao actuar como mediador entre nós e a alma dum réprobo? Com que intento se havia ele de tornar o intérprete de uma alma perdida? Não era, com certeza, com o fim de nos fazer fugir do pecado, com o que ele regozija, ou de evitar que perdêssemos a bem-aventurança eterna, que tão grande inveja lhe causa. Também não quereria com isso implorar as nossas preces a favor de alguma alma per-

dida, visto que, tanto o demónio como as almas dos condenados, sabem muito bem que no Inferno não há redenção. Não vemos, por outro lado, coisa alguma que as almas dos réprobos pudessem desejar dar-nos a conhecer a respeito do seu estado ou lugar de cativeiro e que o demónio não conheça tão bem como elas.

7 — Podia alguém apresentar-nos como objecção a súplica endereçada pelo homem rico a Abraão, rogando-lhe que mandasse seu filho Lázaro a casa de seu pai, para que ele comunicasse a sua infelicidade a seus parentes, e assim evitasse que eles fossem para aquele lugar de tormentos; mas nós responderemos que tal súplica foi dirigida directamente a Abraão e que não houve qualquer intervenção do demónio. Além disso, o motivo que levou o homem rico a fazer tal petição não foi o desejo da salvação dos seus parentes, mas sim o medo de que, se eles fossem condenados, os seus próprios tormentos fossem aumentados, por ter sido ele quem, com o seu mau exemplo, deu origem a tal condenação ([1]). Ora o demónio só deseja que os tormentos das suas vítimas aumentem cada vez mais. Não esperemos, pois, que ele esteja disposto a trazer aos vivos uma mensagem da natureza daquela que o homem rico queria confiar a Lázaro.

8 — Podemos, portanto, afirmar que nenhuma asserção, por parte dos espíritos malignos, quer seja feita em práticas espíritas quer de qualquer outra maneira, excepto por ordem de Deus, é suficiente para fundamentar o facto de que os vivos podem, por quaisquer meios, entrar em comunicação com as almas dos mortos. Podemos, pelo contrário afirmar confiadamente que a pretensão de nos colocarem em comunicação com as almas dos mortos, seja qual

---

([1]) *Lucas*, XVI, 22-23.

for o seu destino, é, pelo que respeita aos anjos caídos, uma habilidosa invenção para encobrir com enganos e fantasmas a terrível realidade da perda da vida eterna, que é a consequência do pecado mortal.

9 — A segunda pergunta que acima formulámos refere-se à possibilidade de os anjos actuarem, não só com permissão de Deus, mas ainda por sua ordem expressa. Podem os anjos maus, por mandado de Deus, ocasionalmente representar as almas dos réprobos?

A resposta é que pode haver casos em que, por ordem de Deus, a alma de um réprobo, a pedido do homem, ou mesmo sem tal pedido, manifeste o seu estado ou os seus pensamentos por intermédio do demónio, embora, como já dissemos, não seja esse o caso das sessões espíritas, que não são sancionadas por Deus. Não é, portanto, inconcebível que os demónios, por ordem de Deus, possam mover a língua dum morto condenado às penas eternas, a fim de manifestar, para sua própria confusão e para o conhecimento da humanidade, a sua perda irreparável, assim como também é possível que, por mandado divino, os mesmos demónios, por meio de certas aparições, dêem a conhecer a miséria e os tormentos de determinada alma humana, para afastar os outros homens da prática do mal.

10 — Mas, como tais ocorrências seriam verdadeiros milagres e como, por outro lado, a santidade é a condição ordinária de um verdadeiro milagre, estas manifestações diabólicas só devem ser aceites quando acompanhadas de circunstâncias que excluam a possibilidade de fraude ou engano.

A ideia de estas miraculosas revelações se poderem operar por meio das práticas espíritas deve ser completamente posta de parte: as práticas espíritas são, regra geral, acompanhadas de toda a sorte de leviandades e irregula-

ridades, e, muitas vezes, de desonestidade, ao passo que um milagre é, segundo a definição do Cardial Newman *«a assinatura de Deus numa mensagem entregue por meios humanos»* (1).

Se alguma dúvida restasse no espírito do investigador, a extraordinária frequência das comunicações espíritas seria bastante para se pôr de parte a ideia de que tais fenómenos sejam, na realidade, manifestações miraculosas dos mortos, pois que a raridade é uma das mais determinantes características dos verdadeiros milagres.

11 — Devemos, pois, concluir que as práticas espíritas não nos colocam, por intervenção do demónio, em comunicação com as almas dos condenados às penas eternas. Por outro lado, é impossível, como dissemos, que os anjos caídos possam representar as almas dos justos, quer estes estejam no Céu, quer estejam no Purgatório. As manifestações espíritas, sempre que pretendem colocar-nos em comunicação com as almas dos homens que deixaram esta vida, são autênticas fraudes e nada mais.

Mas, sendo assim, que juízo devemos nós formar de práticas, cujos únicos fins são a fraude e o engano?

§ VI — *A ilegalidade das práticas espíritas.*

1 — Depois de termos investigado das várias origens a que poderíamos atribuir as manifestações espíritas, chegamos à conclusão de que elas não podem ser devidas a Deus, nem à acção dos anjos bons, nem à intervenção das almas dos mortos, quer estas estejam no gozo da eterna glória, quer estejam condenadas às penas eternas.

---

(1) *Two Essays on Biblical and on Ecclesiastical Miracles*. Londres, 1890, p. 10.

Temos, portanto, de as imputar à acção dos espíritos malignos que, sob o disfarce e a aparência de alguma conhecida personalidade já morta, falam e actuam conforme a sua fantasia ou as circunstâncias de um caso particular possam determinar. No caso de almas de justos, estas comunicações são um engano e uma pura fraude, visto que tais almas nenhum desejo têm de aparecer aos homens; pelo que respeita a almas de réprobos, a sua aparição nas sessões espíritas, por intervenção dos demónios, não pode ser admitida, por motivo do carácter imoral destes fraudulentos intermediários.

Não devemos, por isso, concluir que, pelo facto de se dizer que certas almas apareceram em sessões espíritas, tais almas devem ser contadas no número das que se encontram condenadas às penas eternas. Como as suas afirmações não são merecedoras do mais leve crédito, as comunicações espíritas não podem fornecer-nos dados certos para podermos ajuizar do estado em que se encontra na outra vida qualquer alma que se diga ter aparecido numa dessas sessões.

2 — De facto, nenhuma confiança nos podem inspirar as comunicações obtidas em sessões espíritas, visto que tais práticas são já por sua natureza autênticas fraudes e enganos. É certo que algumas grandes verdades têm sido manifestadas por meio das comunicações espíritas, mas devemos observar que, em tais casos, a pureza de intenções das inteligências que estão a actuar não pode ser colocada acima de todas as suspeitas. É de presumir que tais afirmativas sejam feitas pelos espíritos invocados como um meio de induzir à crença noutras afirmações de natureza duvidosa, e de fazer despertar certa simpatia pelas próprias práticas, por intermédio das quais tais comunicações foram obtidas.

Nos Actos dos Apóstolos lemos que S. Paulo repreendeu certa rapariga que tinha um espírito de pitonisa e que gritava constantemente: «*Estes homens são os servos do*

mais alto Deus, que vos vêm pregar o caminho da salvação» (¹). Esta afirmação, embora verdadeira, era proferida por inspiração do demónio, visto que S. Paulo, voltando-se para o espírito, ordenou-lhe, em nome de Deus, que abandonasse o corpo da rapariga.

3 — No *Macbeth*, Shakespeare põe esta verdade na boca de Banquo:

> «But 'tis strange:
> And oftentimes to win us to our harm,
> The instruments of darkness tell us truths,
> Win us with honest trifles to betray us
> In deepest consequence» (²).

Na verdade, tem muitas vezes acontecido que estes astutos espíritos dêem, nas sessões, a pessoas de maus hábitos ou negligentes nos seus deveres religiosos, conselhos para que elas mudem de vida e, até, se aproximem dos sacramentos, mostrando-se assim defensores da honra de Deus, com o fim único de apanharem nas suas redes os incautos e imprudentes.

4 — Ora, se nos perguntarem por que motivo não havemos nós de recorrer aos espíritos malignos para sabermos alguma coisa acerca daqueles cujo estado na vida eterna nos oferece dúvidas, responderemos que nunca é lícito pensar que uma pessoa, que teve uma notória vida de pecado, está no número dos condenados.

A mercê de Deus é infinita e essa pessoa pode, no último momento, ter-se voltado para Ele, de maneira que é um dever, não só de caridade mas de justiça, arredarmos

---

(¹) C.XVI, 16 e seg.

(²) *Interpretação:* Mas é estranho; muitas vezes os espíritos das trevas, para nos fazerem mal, dizem-nos verdades e, conquistando-nos por meio de inocentes frivolidades, arrastam-nos para as mais trágicas consequências. *(N. T.)*.

de nós o pensamento de que ela esteja perdida para sempre. Tal pensamento seria um juízo muito ousado, e agir de harmonia com ele seria ofender a caridade que devemos ter para com todos aqueles acerca dos quais não possamos afirmar, com toda a certeza, que se perderam para sempre.

5 — Os espíritos malignos, visto que estão eternamente privados da amizade de Deus, não podem ser para nós fontes de autorizada informação. Estão afastados da companhia dos justos e, por isso, não lhes podemos atribuir uma influência sobrenatural. Qualquer comunicação com esses espíritos equivalerá a expormo-nos ao engano e à tentação, e poderemos assim praticar um dos maiores males da nossa vida. Por último, como estas práticas foram condenadas por Deus, se nos entregarmos a elas, cooperaremos na revolta de Satanás contra Ele: «*Porque o resistir é como o pecado de adivinhação e o não querer obedecer é como o crime de idolatria*» [1].

§ VII — *Como o espiritismo procura introduzir uma nova religião.*

1 — Há, como já vimos, muitos perigos em frequentar as práticas espíritas. Alguma coisa existe, contudo, que é muito mais grave e que deve persuadir qualquer pessoa, zelosa do seu bem espiritual, do mal que tais práticas podem acarretar para a alma.

Todos sabem que nas comunicações espíritas se afirma que os meios cristãos de salvação são, senão vãos, pelo menos desnecessários. Procuram estas comunicações propalar a doutrina de que a felicidade final pode ser atingida

---

[1] *Reis*, XV, 23.

independentemente do carácter moral da vida presente, de Deus e dos meios da graça instituídos por Cristo. O próprio silêncio que os espíritos invariàvelmente guardam, quanto ao carácter sobrenatural da missão de Cristo e à necessidade da obediência a Ele e à sua Igreja, e uma prova evidente daquilo que afirmamos. O espiritismo pretende que os homens se emancipem da vida sobrenatural da graça, e desprezem a lei cristã que regula a vida espiritual.

2 — Necessário se torna que o leitor compreenda claramente os principais pontos doutrinários do credo espírita, do qual se faz hoje tão intensa propaganda. Um autor moderno que compendiou grande quantidade de informações respeitantes a este assunto ([1]), apresenta esses pontos como se segue. As afirmações dos espíritos-inteligências, diz ele, são unânimes nos seguintes pontos:

(1) Que o Cristianismo não pode ser considerado como uma revelação de um carácter único e específico, previsto nas ordenações judaicas, predito por profetas e videntes, realizado e consumado no Calvário e no dia de Pentecostes; é apenas uma das muitas formas das mais elevadas manifestações espíritas destinadas a impor ao homem obrigações da lei moral inerente à sua natureza, para que ele se lembre do verdadeiro carácter da sua elevada origem e do seu destino.

(2) Que Cristo não é divino no sentido que a Igreja, no decorrer das idades, tem atribuído a este termo e como tem acreditado e ensinado. Pelo contrário, é um ser humano como nós mesmos, ou, quando muito, um espírito da mais elevada categoria, dotado de notáveis dons e poderes, o qual, descendo das altas esferas e assumindo um corpo humano,

---

([1]) Godfrey Raupert: *Modern Spiritism; A Critical Examination*, p. 240 e seg.

se contentou com sacrificar a sua vida, como testemunho da verdade das doutrinas que ensinou.

(3) Que o ensino da Igreja Católica, pelo que respeita ao carácter de Jesus Cristo, à sua pessoa e ao fim que Ele teve em vista com a sua morte, é baseado numa noção errada e originado pela fraqueza humana e pela especulação.

(4) Que não há sacerdócio especialmente instituído por Cristo para perpetuar a sua obra e formar assim o elo entre a esfera do que é divino e a esfera do que é humano.

(5) Que a Igreja, com as instituições sacramentais para efectivo desempenho da sua missão e para elevar a alma humana à vida sobrenatural, de forma que a mesma alma possa partilhar dos dons sobrenaturais e da graça, é uma coisa totalmente inventada, e não passa de uma instituição de origem humana e devida simplesmente ao trabalho dos homens.

(6) Que a ideia, à face da Escritura, de uma retribuição depois da morte e de um castigo pelos pecados cometidos em vida, é uma errada interpretação das palavras de Cristo.

(7) Que o homem está, diàriamente e a todos os instantes, com as suas boas ou más acções, assim como com a modelação do seu carácter, preparando o seu próprio céu ou o seu inferno, e estes são muito diferentes daqueles que a teologia inculca.

(8) Que a morte física não pode, de forma alguma, determinar o destino do espírito humano; este, sejam quais forem as suas crenças, continuará indefinidamente a sua instrução e a sua educação nas esferas espirituais.

(9) Que o homem é, de facto, no mais verdadeiro sentido da palavra, *o seu próprio salvador*.

3 — Entre os numerosos espiritistas que nos tempos modernos procuraram dar às comunicações do mundo invi-

sível o significado e a forma de uma nova religião, devemos mencionar em primeiro lugar alguns autores protestantes, de cujas obras espíritas, nos últimos 50 anos, se extraiu um novo credo religioso. Entre esses autores citaremos Robert Dale Owen, William Stainton, Moses, Frederick W. H. Myers, Frank Podmore e Sir William Fletcher Barret.

O fim destes autores e de outros semelhantes é dar ao leitor minuciosas e, por vezes, fastidiosas descrições de experiências psíquicas ou de fenómenos espíritas, e apresentar, como novas e autênticas revelações, as afirmações obtidas dos espíritos evocados, querendo assim substituir por um novo código de doutrina moral e especulativa o tradicional ensino da Igreja, e interpretando este ensino à luz das comunicações obtidas por meio das práticas espíritas.

4 — Os homens que nos últimos anos mais têm trabalhado para dar às comunicações dos espíritos um carácter dogmático e promulgar assim um novo credo são Sir Oliver Lodge e Sir Arthur Conan Doyle.

O primeiro, bem conhecido pelas suas experiências físicas, é um dos mais notáveis membros da Sociedade de Investigações Psíquicas, com ramificações em Londres e em Nova Iorque. Tendo perdido, por ocasião da guerra mundial, seu filho Raimundo, pensou entrar em comunicação com ele por meio das práticas espíritas. O resultado foi um sem-número de respostas, aparentemente ditadas por esse filho, dizendo-lhe qual era o seu novo estado e instruindo-o sobre o estado geral e operações da alma humana depois da morte. Estas respostas foram coligidas por Sir Oliver Lodge num livro que teve grande voga em Inglaterra, e contribuiu grandemente para a popularização das práticas espíritas.

5 — Mas o maior impulso dado ùltimamente ao espiritismo é devido a Sir Arthur Conan Doyle, cujas novelas

o tornaram imensamente popular. Tendo abandonado a religião católica em que fora educado, seguiu as doutrinas de Sir Oliver Lodge e foi um zeloso propagandista dessa doutrina no Velho e no Novo Mundo. Passou em seguida para a América, largo campo para o novo credo espírita que espalhou vastamente numa obra intitulada *The New Revelation*. Este credo pode ser resumido nas seguintes palavras:

6 — Em primeiro lugar, a nova religião assenta no princípio de que as crenças religiosas, em voga nos tempos passados, não se podem mais manter perante os grandes progressos que a ciência tem feito. Por consequência, a interpretação do texto do Evangelho, aceite por pessoas que ignoram a arte da crítica, não pode já satisfazer as necessidades de uma geração tão avançada como a presente.

Partindo deste princípio, passa o reformador a atacar a ideia fundamental da Redenção, negando o pecado original e advogando o princípio de que o homem é uma evolução do macaco.

Não existindo o pecado original, não há necessidade de expiação e, por isso, a ideia do sacrifício de Jesus Cristo tem de ser posta de parte. Cristo morreu como um entusiasta, é certo, mas foi apenas um mártir do seu ideal. Apenas a sua vida, e não a sua morte, pode ter qualquer importância para a humanidade. Por isso, o Cristianismo não deve ser rejeitado, mas apenas modificado de harmonia com os princípios expostos, aos quais o espiritismo dará o devido desenvolvimento.

7 — Passando disto à ideia da Divindade, o moderno espiritismo substituiu a crença num Deus pessoal, Pai da humanidade, por uma espécie de divindade incompreensível, universal e impessoal, ou um princípio vital que vive em todos os homens, seguindo assim mais ou menos o que os antigos e os modernos panteístas ensinam relativamente à

alma do mundo. Jesus Cristo não é para Conan Doyle mais do que um homem, embora o mais perfeito modelo de todos os homens. Jesus foi um médium do mais alto poder, que produziu obras maravilhosas e que os modernos médiuns devem procurar imitar.

8 — Quanto ao homem, não é senão uma minúscula partícula da divindade, que, pela sua cultura, pelo progresso e pela evolução, se vai aperfeiçoando até atingir o grau dos espíritos, que é o seu último destino. A morte, portanto, é a passagem do espírito do corpo material para um mundo invisível, sem mudança essencial. Há, a princípio, nesse mundo, uma fase de existência mortal, destinada a completar aquilo que o homem não realizou na sua primeira vida, até que, finalmente, a alma sobe para as esferas superiores, não deixando, contudo, de estar em comunicação com este mundo.

9 — Estes são, em linhas gerais, os principais ensinamentos que podemos tirar da emaranhada meada do espiritismo. Mas é difícil, para não dizer impossível, encontrar dois autores que estejam de acordo na explicação dos vários pontos acima mencionados.

Numa coisa, porém, todos concordam: não há no inferno imutabilidade de estado ou eternidade de castigo, mas sim um depuramento progressivo, isto é, uma passagem gradual da imperfeição para perfeição. Quanto ao Paraíso, seria inútil esperar dos espíritas aquela concepção de felicidade que, de acordo com o ensino da Igreja, se encontra na Beatífica Visão. Para eles, a última felicidade consiste em prazeres mais ou menos semelhantes aos que Maomet prometeu aos seus fiéis sequazes.

§ VIII — *Princípios essenciais da filosofia espiritista.*

1 — Será útil apresentar agora ao leitor, como num compêndio, os principais pontos da filosofia espiritista, que, embora pareça estranho, coincidem, pelo menos nas suas linhas gerais, com os ensinamentos da moderna teosofia. Tiramos a seguinte afirmação do livro de Léon Denis, *Après la mort:* «Uma Inteligência divina governa o Mundo. Com esta Inteligência está identificada uma lei imanente, eterna e reguladora, à qual, tanto os seres como as coisas, estão sujeitos.

2 — Exactamente como o homem, sob o seu revestimento material, que se renova constantemente, conserva a própria identidade espiritual, esse *Ego* indestrutível, que é a consciência na qual ele próprio se reconhece, assim também o Universo, sob a sua aparência mutável, se possui e reflecte numa unidade central que é o seu *Ego*. O *Ego* do Universo é Deus, uma lei viva e unidade suprema para a qual convergem todas as relações — foco ardente de luz e perfeição, donde dimanam a Justiça, a Sabedoria e o Amor, caindo a jorros sobre a humanidade».

3 — Tudo no Universo evoluciona e tende para um estado superior; tudo se transforma e aperfeiçoa. A vida brota do seio dos abismos. Confusa e indeterminada a princípio assume inumeráveis, mas cada vez mais perfeitas formas, até que se fixa no corpo humano, onde adquire consciência, razão e vontade.

4 — A alma é imortal. Como coroa e síntese dos poderes inferiores da natureza, ela contém em embrião as mais altas faculdades que deve desenvolver pelo seu trabalho e esforço, encarnando e ascendendo por degraus até à perfeição, através de sucessivas existências.

A alma tem um duplo *involucrum:* o temporário, que é o corpo terreno, instrumento de luta e de prova que é lançado fora com a morte, e outro permanente, o corpo fluido, do qual ela não se separa, e que progride e se purifica juntamente com a alma.

5 — A vida sobre a terra é uma escola na qual a alma se aperfeiçoa pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento; a felicidade e a infelicidade não são eternas; a recompensa ou o castigo consistem na extensão ou limitação das nossas faculdades e do nosso campo de percepção. São o resultado do bom ou mau uso do livre arbítrio e das aspirações ou tendências que em nós se desenvolveram. A alma, livre e responsável, traz consigo as leis do seu destino. Ela colhe no presente as consequências do passado e semeia as alegrias ou os desgostos do futuro. A vida presente é a herança das vidas precedentes e a preparação para aquelas que se hão-de seguir.

O espírito recebe a luz intelectual e o poder em proporção com as suas anteriores jornadas e com o impulso para o bem e para a verdade que imprimiu às suas acções.

6 — Uma estrita solidariedade une conjuntamente os espíritos, que são iguais pela razão da sua origem e do seu fim. Diferem sòmente pela razão da sua condição transitória. Alguns são livres no espaço; outros acham-se acorrentados a um *involucrum* que está condenado a morrer, mas são susceptíveis de novo estado, visto que a morte não é mais do que um período de repouso entre duas existências terrenas. Desde que todos os espíritos vieram de Deus, seu Pai comum, são todos irmãos e formam apenas uma imensa família. Entre eles, uma perpétua e reconfortante comunhão une os vivos e os mortos.

7 — Os espíritos estão dispostos no espaço de harmonia com a densidade do seu corpo fluido, densidade essa que está sempre em proporção com o seu grau de adianta-

mento e pureza. A sua condição é determinada por leis fixas, que têm na ordem moral uma função análoga à das leis da atracção e da gravidade na ordem física. A justiça reina no domínio dos espíritos, como a lei do equilíbrio governa o reino da matéria.

Os espíritos culpados e malignos são envolvidos por uma densa atmosfera fluida que os arrasta para os mundos inferiores, onde eles devem assumir outro corpo, para se libertarem das suas imperfeições. As almas virtuosas, revestidas de um corpo subtil e etéreo, participam das sensações da vida espiritual e são elevadas até aos mundos bem-aventurados, onde reinam a harmonia e a felicidade. A alma, na sua vida superior e perfeita, torna-se um cooperador de Deus na formação dos mundos. Dirige as suas evoluções e vigia o progresso da humanidade e o cumprimento das leis eternas.

8 — O *bem* é a suprema lei do Universo. É o fim da evolução dos seres. O mal não existe por si próprio: é apenas o efeito de um contraste, o estado de inferioridade, pelo qual todos os seres têm de passar, na sua ascensão para um melhor estado.

9 — Desde que a educação da alma é o objecto da vida, bom será sintetizar os seus preceitos:

«Reprime todas as tuas mais baixas necessidades e os teus apetites materiais; cria para ti necessidades intelectuais e elevadas. Luta, combate, sofre, conforme for necessário, pelo progresso dos homens e dos mundos. Inicia os teus companheiros na luz daquilo que é a verdade e o bem. Ama a verdade e a justiça, e pratica a caridade e a benevolência para com todos. Este é o segredo da eterna felicidade e este é também o teu dever.»

10 — Aqui deixamos, resumidamente, o conteúdo do catecismo espiritista. É interessante observar como os princípios espiritistas, que acabámos de enunciar, representam,

pelo menos em grande parte, o ensino de vários escritores modernos, que abandonaram a tradicional doutrina da Igreja, para se entregarem a perigosas e falsas inovações.

Não será demais repetir que, enquanto a influência dos espíritos das trevas se exerce abertamente sobre a mente dos menos cultos por meio de manifestações maravilhosas, a mesma influência se faz sentir por uma forma mais apurada sobre a mente dos mais cultos, incitando-os a abraçar um credo novo que, na forma e na substância, é diametralmente oposto ao símbolo da fé católica. Em qualquer dos casos, o fim é sempre o mesmo — a destruição da Cristandade.

§ IX — *A realidade objectiva das manifestações diabólicas.*

1 — Discutimos até aqui, amplamente, os vários fenómenos a que as práticas espíritas dão origem. Mostrámos também a natureza dos agentes a quem tais fenómenos devem ser atribuídos e, seguidamente, apontámos os critérios que devem ser seguidos para ajuizar da moralidade de tais práticas. Mas o nosso raciocínio seria improdutivo, se não afirmássemos de novo o que dissemos repetidas vezes no decorrer desta obra, isto é, que nenhuma dúvida pode restar sobre a realidade das manifestações diabólicas, porque estão constantemente a dar-se casos que mostram à evidência que os espíritos das trevas exercem no mundo a sua manifesta influência.

2 — É deveras estranho que, enquanto muitas pessoas estão inclinadas a ver manifestações sobrenaturais em toda a parte, outras há que rejeitam *a priori* toda a intervenção do mundo dos espíritos em coisas que se refiram a assuntos

terrenos. Estes são os chamados livres-pensadores, que julgam ser um sinal de superioridade intelectual rejeitar, e até ridicularizar, todas as manifestações espíritas que, na sua opinião, não se podem admitir por serem impróprias do progresso dos tempos modernos.

3 — De facto, todos nós devemos ser cuidadosos ao ajuizar da natureza real de fenómenos aparentemente diabólicos, e a isso mesmo nos aconselha o próprio mistério que rodeia tais fenómenos. O Ritual Romano inculca expressamente esta regra de proceder quando, sob o título de *«de Exorcizandis obsessis»*, aconselha os ministros de Deus a não darem fàcilmente crédito ao facto de possessão diabólica «nesta ou naquela pessoa, e a observarem bem aqueles sinais pelos quais as pessoas possessas podem ser diferençadas daquelas que têm um temperamento anormal ou sofrem de qualquer doença». O Ritual Romano passa então a enumerar esses sinais, observando que, quanto mais numerosos e claros eles forem, mais fácil será formar um juízo seguro sobre o caso. De acordo com isto está também a Lei Canónica que não permite que os ministros de Deus façam uso do poder de esconjurar sem expressa permissão do *Ordinário*, e sem se terem prèviamente assegurado da realidade da possessão diabólica.

4 — Se é próprio de um espírito equilibrado proceder cautelosamente, ao admitir, em determinados casos, a realidade dos factos em questão, seria, por outro lado, prova de grande frivolidade de espírito rejeitar *a priori* a verdade objectiva dos chamados fenómenos espíritas.

O Novo Testamento está cheio de narrativas referentes a pessoas possuídas do demónio, ou cruelmente tratadas e atormentadas por ele, sendo necessário que Nosso Senhor ou os Apóstolos as libertassem daquele martírio. Factos desta natureza não são raros nos anais da Igreja. Bastará

citar o caso das freiras Ursulinas de Loudun, na França, quando o Cardial Richelieu era ministro, caso esse que causou tal sensação que foi tratado no Parlamento. Durante os exorcismos feitos por ordem do Bispo, os espíritos deram extraordinárias e surpreendentes respostas, que ainda hoje são conservadas.

Muito interessante também é o caso de obsessão que se deu em 1864 com dois irmãos, ainda novos, Thiébaut e Joseph Burner, de Illfurt, na Alsácia. Estes pobres maníacos só ao cabo de quatro anos se viram livres da obsessão, por meio de exorcismos da Igreja.

Um caso mais recente e não menos interessante é o de Hélène Poirier, de Coullon (Loiret, França), caso deveras estranho, pelo qual se prova que os espíritos das trevas trabalham tanto agora como trabalhavam há centenas de anos.

5 — Dissemos que o demónio pode fazer muito, actuando sobre os sentidos e sobre a imaginação do homem, mas, quanto à vontade humana, os seus esforços são nulos. Por consequência, toda a sua actividade está limitada ao corpo e às faculdades corpóreas, ou àquilo que em filosofia se chama *composition*. Ora, ele pode exercer a sua acção sobre o corpo do homem de duas maneiras: primeiramente, atacando-o pela parte exterior; e, em segundo lugar, entrando-lhe no corpo e instalando-se ali para fazer o que entender.

6 — O primeiro processo consiste em o demónio atormentar os indivíduos apenas exteriormente, aparecendo-lhes, por exemplo, sob a forma de horríveis visões, batendo-lhes, atirando-os ao chão, fazendo-os ouvir barulhos infernais ou levantando-os ao ar, como fez a Simão Mago. Isto é que constitui a *obsessão*.

7 — O segundo processo como o demónio pode exercer a sua acção sobre o homem é tomar-lhe posse do corpo interiormente, vivendo dentro dele como numa fortaleza,

privando-o do uso dos sentidos e até dos membros, tais como a língua, os ouvidos, as mãos, etc., ou servindo-se desses órgãos como se fossem instrumentos seus.

Assim, por exemplo, pode obrigar a língua do possesso a soltar as maiores blasfémias, contra sua vontade; pode torturar-lhe o corpo de várias maneiras, e pode ainda causar-lhe erupções, tumores, assim como estranhas e incuráveis doenças.

8 — É preciso notar, contudo, que a diferença entre *obsessão* e *possessão* não é uma diferença de espécie, mas sòmente de grau, visto que estas formas diferem mais ou menos, conforme for maior ou menor o grau do poder exercido pelo demónio sobre o corpo do indivíduo a quem ele resolveu atormentar. Os fenómenos de *obsessão*, não são, por vezes, menos graves do que os de *possessão*. De facto, o Ritual Romano não estabelece diferença alguma entre eles, e as línguas latina e italiana têm apenas uma palavra clássica para designar ambas as formas, isto é, *obsessão diabólica*.

9 — Seria um grave erro acreditar que os demónios podem exercer a sua nefasta actividade apenas sobre pessoas que lhes estão sujeitas pelo pecado. Deus pode muito bem permitir que o espírito das trevas exerça o seu poder sobre os bons e sobre os maus, de igual maneira. O próprio Senhor parece que quis inculcar esta verdade, quando permitiu que o demónio O levasse para o alto da montanha ou para o pináculo do templo de Jerusalém.

10 — No Velho Testamento, Deus permitiu que o santo Job fosse cruelmente maltratado pelo inimigo da humanidade, e lemos nas vidas de vários santos modernos, tais como o Bem-Aventurado Cura de Ars, que eles foram, em certos períodos da sua vida, atormentados pelo demónio. Nem nos devemos admirar deste facto, pois sabemos perfeitamente como é amargo e implacável o ódio que o

demónio nos vota, como é grande a sua maldade e como é surpreendente o seu poder. Por outro lado, a Providência de Deus é tão sábia e a sua Bondade tão grande, que Ele pode muito bem mudar em benefício espiritual da pessoa possuída do demónio a humilhação e o sofrimento que a afligem.

11 — Temos uma prova evidente do facto de que a *possessão diabólica* é independente da bondade moral da pessoa, na prescrição da Lei Canónica que diz que os ministros da Igreja podem usar o exorcismo mesmo em benefício de pessoas não católicas ou excomungadas. De facto, estas pessoas, não obstante a profissão de heresia ou as censuras da Igreja, continuam sujeitas à mesma Igreja; por outro lado, o demónio, que não conhece o estado íntimo da alma, pode igualmente, com permissão de Deus, importunar os bons e os maus. Por isso, do facto de uma pessoa estar possuída do espírito maligno não se pode concluir que ela não esteja na graça de Deus.

12 — Tão-pouco devemos pensar que a actividade do demónio no mundo é menor hoje do que era há centenas de anos. S. João atesta no Apocalipse: «Quando os mil anos forem cumpridos», isto é, de acordo com os intérpretes, cerca do tempo fixado por Deus para o fim do mundo, «será desamarrado Satanás da sua prisão e sairá e seduzirá as nações que estão nos quatro ângulos da terra» ([1]).

13 — Alguns autores recentes, deslumbrados com o progresso da moderna ciência experimental, pensaram que cedo viria o tempo em que o suposto poder e a suposta acção dos espíritos puros poderiam ser explicados pelas descobertas a fazer nas regiões inexploradas do mundo físico e astral.

([1]) *S. João, XX, 7.*

Mas isto é uma vã suposição. Se, por um lado, era um critério anticientífico atribuir a operações do demónio o que é apenas o efeito das forças físicas, seria igualmente vão pretender rejeitar inteiramente as manifestações, boas ou más, dos espíritos angélicos neste mundo.

4

SE A ASSERÇÃO DE QUE JESUS CRISTO FOI UM MÉDIUM DE PRIMEIRA CATEGORIA TEM QUALQUER FUNDAMENTO NA HISTÓRIA

1 — Vimos já como o espiritismo se está esforçando por substituir, de toda a maneira, a fé católica por um novo credo despojado de qualquer carácter sobrenatural. Alguns espiritistas modernos vão ainda mais longe, e querem fazer colocar Nosso Senhor, fundador da nossa religião, entre os fautores do ocultismo. Jesus Cristo, dizem eles, foi um perfeito espírita, um médium de primeira categoria que, graças ao seu poder psíquico, conseguiu realizar obras extraordinárias que as mentes rudes chamam milagres, mas que, na realidade, não estão além da força produtiva de um médium da mais apurada percepção e do maior poder.

2 — Por este meio, portanto, os espiritistas pretendem explicar todas as admiráveis obras realizadas por Nosso Senhor durante a sua vida, quer de ordem intelectual, quer de ordem física, tais como as curas maravilhosas narradas pelos nossos Evangelhos. Segundo a moderna filosofia, toda esta produção de obras maravilhosas não é devida à intervenção directa da Divindade, mas ao poder psíquico de médium de Jesus Cristo, operando em conjunto com os seus Apóstolos. Estes eram também dotados de extraordinárias qualidades sensitivas, formando com Ele, quando de mãos dadas, um círculo psíquico da maior potencialidade. Por consequência, a doutrina pregada por Cristo não deve ser compreendida no sentido em que a Igreja no-la apresenta. Tem de ser explicada à luz das declarações espíritas, abundantemente documentadas pela recente ciência teosófica.

3 — Embora repugne ao amor e à veneração que devemos a Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, fixarmos a nossa atenção sobre uma hipótese tão injuriosa para a sua santidade e bondade, não podemos deixar de demonstrar, em breves palavras, como tal suposição está em contradição directa com o que os Santos Evangelhos nos dizem sobre as palavras e obras do Homem-Deus. Começaremos por mostrar as principais diferenças entre as obras de Jesus e os fenómenos espíritas.

§ I — *Diferença entre as obras de Cristo e os fenómenos espíritas.*

1 — Em primeiro lugar, nunca lemos que o Nosso Salvador, ao realizar as suas muitas e variadas obras miraculosas, tivesse recorrido a esse complicado e teatral aparato com que os espíritas profissionais realizam os seus trabalhos. Pelo que diz respeito aos milagres de Jesus Cristo, não houve jamais qualquer artificiosa selecção de lugar, tempo e pessoas; quartos escuros ou semi-escuros; posição especial por parte dos presentes, pois nunca se sentaram em volta de um móvel de determinada configuração, nem houve nunca estado cataléptico por parte do principal operador. Cristo, de facto, operava os seus milagres sem prévia preparação ou qualquer aparato, em qualquer lugar e a qualquer hora, sobre qualquer espécie de pessoa, sem sombra de hesitação, a maior parte das vezes instantâneamente, e sem se preocupar com o facto de as circunstâncias lhe serem ou não favoráveis para os seus fins.

2 — Além disso, os espíritos angélicos exigem, regra geral, como condição de sucesso, a exclusão de pessoas hostis às suas práticas. Jesus Cristo, pelo contrário, fazia os seus milagres entre amigos e inimigos igualmente, sendo até

os últimos muitas vezes mais numerosos do que os primeiros e sempre prontos a acusá-lO de erro ou a dizerem que Ele tinha cometido qualquer fraude, se isso pudesse ser.

Além disso, as obras de Jesus trazem sempre a marca da sua admirável simplicidade, naturalidade e dignidade, coisas estas que em vão procuraremos nas práticas espíritas. Não há, em nenhum dos milagres de Nosso Senhor, qualquer dessas ocorrências que assinalam os fenómenos das sessões espíritas, tais como pancadas repetidas, mudanças de objectos para dentro ou para fora de caixas fechadas, elevações súbitas de móveis ou de pessoas, produção espontânea de sons musicais e outros fenómenos semelhantes. Não nos consta também que Nosso Senhor alguma vez exercesse o seu poder com o fim de divertir as multidões ou de lhes satisfazer a curiosidade, embora tivesse sido convidado para isso por um rei tão poderoso como Herodes. Além disso, nas produções espíritas, o interesse próprio, a vã glória e, em geral, as vantagens particulares são coisas claramente visíveis. Pelo contrário, nunca se verificou que Nosso Senhor fizesse uso do seu poder com o fim de obter qualquer lucro ou proveito pessoal.

3 — Devemos ainda notar que as práticas espíritas têm usualmente o efeito de enfraquecer consideràvelmente a constituição física daqueles que tomam parte nelas, e mais especialmente do médium, deixando-os numa tensão nervosa por alguns dias, de forma que não é costume que um médium opere mais do que uma ou duas vezes por semana e, mesmo assim, com o máximo de uma ou duas horas de cada vez. Os milagres feitos por Jesus Cristo sempre o deixaram de saúde perfeita e no pleno uso das suas faculdades físicas e intelectuais, capaz de trabalhar todo o dia e ainda durante parte da noite.

4 — O que acabamos de dizer acerca da diferença entre as maravilhosas obras do Filho de Deus e a produção

dos fenómenos espíritas aplica-se a todos os milagres de Jesus Cristo, incluindo o da sua gloriosa Transfiguração. Notamos isto, porque os modernos espíritas têm-se esforçado por reduzir este acontecimento a uma simples manifestação devida ao contacto de Nosso Senhor com as almas dos defuntos — Moisés e Elias — que, de acordo com os mesmos espíritas, eram simplesmente espíritos materializados, tais como aparecem hoje nas sessões vulgares. A narrativa do Evangelho é tão simples e tão sincera que exclui toda a suspeita de um aparato tal como o que acompanha os fenómenos espíritas. Notemos, além disso, que a aparição de Elias não podia ter sido uma materialização do seu espírito, porque a sua alma não estava ainda separada do corpo.

§ II — *Diferença entre a doutrina de Jesus Cristo e as supostas revelações do espiritismo.*

1 — Vejamos agora a diferença entre a doutrina pregada por Jesus Cristo e as afirmações dos modernos médiuns, apresentadas por estes como revelações das almas separadas dos corpos. Mesmo as pessoas que conheçam pouco o texto da Sagrada Escritura podem fàcilmente perceber a grande diferença que há entre essas fúteis alegações e os discursos de Nosso Senhor, tão cheios de sublimes verdades e repassados da mais celestial sabedoria e unção. As supostas mensagens dos espíritos de além-túmulo são mais desvarios de doentes delirados do que o proceder racional de uma pessoa sã. Além disso, todas as palavras pronunciadas por Cristo têm o selo da sabedoria sobre-humana e da santidade.

2 — De igual forma, todos os sermões de Nosso Senhor são caracterizados pela mais absoluta verdade e pela mais

perfeita sinceridade, ao passo que as falas dos espíritos estão na maior parte das vezes cheias de falsidades e fraudes. Não é raro verificar que os espíritos caem em diversas contradições; dão muitas vezes falsos nomes e informações cuja autenticidade se não pode verificar. É frequente também que se entreguem à prática das mais vulgares e indecentes brincadeiras, tais como levantar as pessoas pelos cabelos, tirar-lhes fora os vestidos, acariciar-lhes as faces, beijá-las, e outros actos desta natureza. Todas estas coisas repugnam ao alto ideal, que o Evangelho nos apresenta, da dignidade, bondade, perfeição e verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3 — Mas há mais. Não só existe uma grande diferença entre as práticas espíritas e os milagres de Jesus Cristo, entre as supostas revelações dos espíritos e o ensino do Nosso Salvador, mas o próprio Jesus Cristo se proclamou um acérrimo inimigo das superstições do espiritismo, que Ele combateu com todo o seu poder.

§ III — *As práticas espíritas combatidas por Jesus Cristo.*

1 — Na realidade, a custo se pode compreender como a ideia de que Jesus Cristo tivesse sido um médium — o maior de todos os médiuns — pode ter qualquer aceitação, desde que sabemos que toda a sua vida contradiz tal asserção. Nunca Ele ensinou que temos o dever de procurar a verdade por intermédio daqueles que partiram para a outra vida. Nunca Ele ditou quaisquer regras que pudessem servir para diferençar o bem do mal, a verdade da mentira, em tais comunicações. Embora em certas ocasiões os espíritos malignos O tivessem reconhecido como o prometido Messias e tivessem proclamado a sua divindade, sem-

pre Ele se recusou a entabular qualquer conversa com esses espíritos. Nunca Jesus procurou obter por tais meios qualquer informação.

2 — Devemos observar ainda que, ao contar os milagres de Nosso Senhor, os evangelistas têm o especial cuidado de narrar os numerosos casos de pessoas possessas que se apresentavam a Jesus e a quem Ele libertava da influência nefasta do demónio.

3 — Em vez de revogar a Velha Lei na parte respeitante às severas condenações que essa lei continha acerca das comunicações com os espíritos dos mortos, Jesus confirmou todas essas condenações com a sua autoridade, alegando que não tinha vindo para destruir a Lei, mas sim para a cumprir (1).

Por isso, podemos dizer, com toda a segurança, que Nosso Senhor, em vez de fomentar as práticas espíritas, as condenou severamente.

§ IV — *A imensa distância entre os milagres de Jesus Cristo e as práticas espíritas.*

1 — Para conclusão, podemos afirmar que, entre as maravilhosas obras de Jesus, demonstrando e confirmando a sua missão, e as manifestações do espiritismo, há um vasto abismo que é impossível transpor.

Todos os prodígios de Nosso Senhor, seja qual for a sua natureza, foram realizados por Ele com uma dignidade sobre-humana, no meio duma perfeita paz e da maior calma, sem sombra de dúvida e livres de ostentações de toda a espécie. Os seus milagres foram destinados a corroborar uma doutrina francamente definida nos Evangelhos, doutrina essa que eleva o homem acima da ordem natural, e

(1) *Mateus*, V, 17; *Levit.* XIX, 31; *Deut.* XVIII, 10.

está em perfeita harmonia com as mais nobres aspirações do coração humano.

Os fenómenos espíritas, pelo contrário, são sempre caracterizados pela sua mutabilidade e incerteza. Trazem consigo a marca de uma artificialidade ofensiva da dignidade humana, e deixam, em todos os que neles intervêm, indubitáveis sinais de enfraquecimento intelectual, físico e moral. As mensagens transmitidas por estes meios, em vez de melhorarem e aperfeiçoarem a vida do indivíduo e da sociedade, levam o homem à ignorância do seu próprio fim, que é a felicidade perfeita na visão de Deus.

2 — É, portanto, uma suposição falsa e absurda considerar Jesus Cristo como um espírita, por mais potente que O pudéssemos imaginar dentro desse campo. Esse será o maior dos insultos dirigidos ao Divino Rei dos homens, que desceu à terra para destruir o reino de Satanás — inimigo irreconciliável de Deus e do homem — que exerce o seu poder e propaga todos os erros pelo mundo, por meio das práticas espíritas.

3 — Sendo isto assim, todo aquele que for amante da verdade e conservar ainda alguma afeição à Sacratíssima Pessoa de Jesus Cristo, todo aquele que tiver a consciência da sua dignidade e desejar a salvação da sua alma, deve compreender que é um imperioso dever evitar práticas que ofendem o Redentor, expõem o homem a muitos perigos para a alma e para o corpo, e têm o efeito imediato de rebaixar o carácter moral e intelectual das criaturas. O amor e o respeito que devemos ao nosso Criador devem induzir-nos a repudiarmos toda a comunicação com seres que são acérrimos inimigos de Deus. «Não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas, antes pelo contrário, condenai-as», diz S. Paulo (1).

---

(1) *Efésios*, V — II.

5

OS EXORCISMOS DA IGREJA

1 — É uma lei divina — diz o angélico doutor, S. Tomás — que todo o indivíduo que aceita a insinuação de alguém para cometer uma falta deve, para seu castigo, ficar sujeito ao poder daquela cuja insinuação aceitou. Esta verdade foi solenemente proclamada por S. Pedro, quando disse: «Porque todo o que é vencido é também escravo do que o venceu» ([1]). Daqui se pode fàcilmente concluir como os espíritas profissionais, e especialmente os médiuns que se colocam debaixo da influência do demónio, de quem são humildes servos, se tornam muitas vezes vítimas de desenfreadas e vergonhosas paixões que os levam à prática de acções imorais e indignas dum homem. O demónio, quando um homem colabora com ele em práticas supersticiosas, fàcilmente exerce sobre esse indivíduo a mais cruel e implacável tirania.

2 — Foi precisamente para nos libertar desta diabólica tirania que Jesus Cristo deu à sua Igreja o poder de livrar os que se encontram possuídos do demónio. Este poder é exercido por meio de ritos especiais chamados exorcismos. Exactamente como o Nosso Divino Salvador nunca cessou, durante a sua vida mortal, de mover guerra ao inimigo de todo o bem, assim desejou confiar à Igreja, que continua o seu trabalho sobre a terra, o poder de arrancar os demónios do corpo dos homens.

3 — Será bom que falemos aqui deste poder. Contudo, para que o nosso estudo seja completo, começaremos por

---

([1]) I *S. Pedro*, II, 19.

investigar quem eram os exorcistas entre os judeus. Depois disso, explicaremos em breves palavras a natureza dos exorcismos cristãos. Por último, resolveremos a questão relativa à diferença entre estes exorcismos e os verdadeiros milagres.

§ I — *Exorcismos entre os judeus.*

1 — É um facto que, antes da fundação da Igreja Católica, a Sinagoga tinha os seus exorcismos, como se depreende da Sagrada Escritura. Assim, quando os judeus acusaram Cristo de ter lançado fora os demónios por virtude de Belzebu, o Salvador respondeu: «Se eu lanço fora os demónios por virtude de Belzebu, por virtude de quem os lançavam fora vossos filhos?» (1). Assim, Ele reconheceu na Sinagoga um certo poder de esconjurar os possessos. Além disso, quando alguns dos judeus, que não eram contados no número dos seus sequazes, faziam uso do nome de Cristo para esconjurar os possessos, e os seus discípulos viam este facto com certo desagrado, Jesus não quis, por esse motivo, privá-los do seu poder.

2 — Ainda mais explícito é o testemunho dos Actos dos Apóstolos, onde se relata que alguns judeus exorcistas, tendo visto S. Paulo lançar fora os demónios em nome de Jesus Cristo, tentaram, embora baldadamente, fazer o mesmo.

3 — A maneira como estes judeus exorcistas exerciam o seu ofício era completamente entremeada com práticas supersticiosas. Faziam uso de encantamentos, ervas e filtros, como os magos e feiticeiros estavam acostumados a fazer, e ainda hoje praticam. Josephus relata que eles faziam uso, de uma maneira particular, de certas poesias que diziam terem sido compostas pelo próprio Salomão.

---

(1) *S. Mateus*, XII, 27.

4 — O angélico doutor, S. Tomás, examinando a questão, diz que, se Salomão realmente compôs estes poemas antes de cair em idolatria, devem ser considerados como boas e santas orações; caso contrário, devem ser rejeitados como supersticiosos, respeitantes à magia e ilícitos. Na realidade, nem a tradição judaica nem a tradição cristã reconhecem como autênticos esses poemas que foram atribuídos ao grande profeta, e por isso há toda a razão para os rejeitar como espúrios, se não tivermos de os considerar como desprezíveis ninharias.

§ II — *Exorcismos cristãos.*

1 — O ofício de exorcista é uma ordem eclesiástica pela qual aquele que é ordenado recebe o poder espiritual de impor as mãos sobre os energúmenos, quer sejam baptizados quer não, e ler os exorcismos do Ritual, para assim obrigar os demónios a abandonarem os corpos dos possessos.

2 — Esta ordem não foi directamente instituída por Nosso Senhor, mas sim pela Igreja, em virtude daquele sobrenatural poder, que recebeu do seu divino Fundador, para instituir todos os ritos que fossem necessários para o bem-estar da sociedade cristã.

Não há provas de que esta ordem tivesse sido exercida nos primeiros três séculos da Igreja, mas, no princípio do quarto, encontramos este rito usado por clérigos especiais em igrejas cristãs das várias partes do mundo, com o fim de libertarem as pessoas da tirania de Satanás.

3 — Nos primeiros séculos da Igreja, quando a fé estava mais acesa, os cristãos em geral possuíam este poder, como possuíam o dom das línguas, da profecia e da interpretação (1). Não quer isto dizer que eles possuíssem todos

(1) *Cor.* XII, 10.

esses dons sem qualquer discriminação, mas o Espírito Santo «que divide por cada um conforme quer» ([1]) distribuia-os entre os fiéis, dando um dom a um homem, outro a outro, para geral edificação da Igreja.

4 — Era natural que os fiéis exercessem este poder mesmo a favor dos pagãos e, sobre este ponto, julgo oportuno citar as palavras de Tertuliano na sua *Apologética:* «Quem, a não ser os cristãos, libertaria as vossas almas e os vossos corpos desses ocultos inimigos que tudo arrastam para a ruína? Eu falo dos demónios que habitam dentro de vós e que nós lançamos fora sem qualquer recompensa ou salário. Seria suficiente vingança para nós deixarmos os demónios na livre posse das vossas pessoas. Mas vós, esquecendo o benefício de tal protecção, preferistes tratar, como inimigas, pessoas que vos não fizeram mal algum e que, na realidade, vos são necessárias; somos inimigos, é certo, não dos homens, mas do erro ([2]).

5 — Mas não foi só nos primitivos tempos da Igreja que alguns cristãos privilegiados exerceram o poder de lançar fora os demónios. Como consta da história eclesiástica, muitos Santos fizeram o mesmo, através das idades. Basta ler as vidas destes servos de Deus, que altamente se distinguiram pela sua virtude e santidade, para nos convencermos do poder que Nosso Senhor lhes deu sobre os inimigos da humanidade. De facto, vemos que os Santos, pela sua palavra, pela sua mera presença ou pelo contacto de aigum objecto que lhes pertencia, ou ainda por intermédio de qualquer reliquia sua, muitas vezes expulsaram os demónios, ou dos corpos que eles molestavam, ou dos lugares por eles infestados.

([1]) Cor. XII, 11.
([2]) *Apolog.* C, 37.

A Igreja, por seu lado, estabelece um rito especial para obter de Deus, por meio de exorcismos, a expulsão desses espíritos malignos que procuram fazer mal ao homem, não só directamente molestando-o no seu corpo e nas suas faculdades, quer internas quer externas, mas também infestando-lhe as habitações ou os campos, atacando-lhes os animais, etc. Foi precisamente para procurar um remédio contra estes males que a Santa Igreja instituiu os seus exorcismos, que, contudo, não podem ser postos em prática sem expressa autorização dos prelados respectivos. Esta permissão é especialmente necessária, quando se trata de *obsessão* ocasionada por práticas espíritas, e isto precisamente por causa da dificuldade em distinguir os efeitos diabólicos dos fenómenos de ordem natural.

§ III — *Relação dos exorcismos com os milagres.*

1 — Perguntar-se-á se essa libertação da *obsessão diabólica* ou dos ataques de animais nocivos, que se obtém pelas preces dos Santos ou por meio dos exorcismos da Igreja, é um milagre verdadeiro e pròpriamente dito. A essa pergunta responderemos que, se tais efeitos se obtêm sem o uso daquele rito que foi instituído para tal fim, pode essa libertação ser legìtimamente considerada um verdadeiro milagre. A razão é que, neste caso, o taumaturgo opera formalmente como ministro ou instrumento de Deus, muito principalmente por que a libertação geralmente se realiza instantâneamente, sem qualquer resistência por parte do demónio, como aconteceu com aquelas libertações que Jesus Cristo operou durante a sua vida mortal.

2 — O caso é completamente diferente quando essa libertação se opera por meio dos exorcismos da Igreja. De facto, tais exorcismos não pertencem ao reino dos milagres

pròpriamente ditos, visto que a pessoa que os realiza, em virtude do rito instituído para tal fim, não é, estritamente falando, um instrumento na realização dos mesmos exorcismos, mas actua como causa principal. Por isso, essa pessoa não diz ao demónio: «Deus te esconjure», mas sim «Eu te esconjuro em nome de Deus». De igual maneira, quando se trata de expulsar animais nocivos, dos campos ou das casas, o padre emprega termos imperativos, usando assim do poder que possui em virtude da sua sagrada ordenação e da missão que lhe foi confiada pelo bispo. Por isso, tais efeitos pertencem mais pròpriamente aos *«ministérios»*, de que fala S. Paulo na sua primeira epístola aos Coríntios, do que àquela graça especial *«gratis data»*, que é chamada *operatio virtutum*.

3 — Mas, em qualquer dos casos, o efeito desejado não pode ser obtido onde falta a fé. Uma prova convincente de que o uso de objectos sagrados, a invocação do nome de Jesus Cristo ou mesmo os exorcismos da Igreja são insuficientes, se faltar a fé, é-nos fornecida pelos Actos dos Apóstolos, quando S. Lucas faz menção de certos judeus exorcistas, filhos do magno sacerdote Sceva. Estes, quando viram que S. Paulo, invocando o nome de Jesus Cristo, tinha expulsado os demónios dos corpos dos possessos, desejaram fazer o mesmo. Mas, visto que lhes faltava a fé, que é a verdadeira alma dos exorcismos, ficaram miseràvelmente derrotados, enquanto o pobre homem, que êles tinham tentado libertar do demónio, saltou sobre eles e, tendo-os dominado, obrigou-os a fugir daquela casa, nus e feridos (1).

---

(1) *Actos dos Apóstolos*, XIX, 16.

QUARTA PARTE

HIPNOTISMO E TELEPATIA

1 — Vimos nas precedentes partes deste livro como os vários fenómenos espíritas, que causam admiração a tanta gente e com os quais andam ligadas novas e estranhas comunicações de ordem moral e especulativa, ultrapassam o poder dos agentes físicos, e não só podem mas devem ser atribuídos a substâncias espirituais ou inteligências, dotadas de baixa moral e de carácter perverso, com grande ciência e grande poder.

No entanto, como o espiritismo, no decorrer dos tempos, tem dado origem a novas formas de ocultismo, entre as quais o hipnotismo e a telepatia ocupam um lugar de destaque, será conveniente examinarmos que relação há entre estas e outras práticas semelhantes e os fenómenos de que temos até agora tratado. Ficaremos assim habilitados a conhecer o que devemos pensar acerca da moralidade das experiências ligadas com estas práticas.

2 — Trataremos em primeiro lugar do hipnotismo e da telepatia. Mas será bom observar que, sob estas duas

rubricas, estão compreendidas todas as várias formas de ocultismo que, especialmente nos últimos anos, têm brotado do espiritismo intelectual, tais como a clarividência, a clariaudiência, adivinhações e o que se chama vulgarmente transmissão de pensamento. Todas estas e semelhantes formas não são lògicamente distintas entre si, e por isso não se excluem umas às outras; mesmo o hipnotismo não é formalmente oposto à telepatia. Assim como a distinção e a precisão são atributos da verdade, assim também a confusão é uma das principais características do erro e da falsidade.

3 — Contudo, para lançar um pouco de luz onde tudo são trevas, e para podermos sair deste intrincado labirinto, temos de tratar, separadamente, em primeiro lugar do hipnotismo e, depois, da telepatia. Sob a primeira rubrica estudaremos todos os fenómenos que são originados pelo sono artificial, e sob a segunda estudaremos as manifestações de carácter intelectual que se realizam a distância.

1

HIPNOTISMO

1 — Para podermos conhecer com precisão a natureza e o trabalho do hipnotismo, é necessário primeiramente saber que espécie de efeitos pode ele produzir sobre a mente humana, juntamente com a sugestão mental. Examinaremos a seguir a questão respeitante à moralidade ou legitimidade das práticas hipnóticas em geral, e, de maneira especial, aquelas que põem em jogo o livre arbítrio do homem. Mostraremos depois a diferença que existe entre o alheamento do livre arbítrio derivado das práticas hipnóticas e o que é praticado pelos religiosos que fazem voto de obediência, e que parecerá, à primeira vista, ter uma certa semelhança com o primeiro.

2 — Ficaremos então habilitados a determinar as condições requeridas para que se possa justificar o emprego do hipnotismo e a saber em que consiste o seu abuso. Teremos também de estabelecer a distinção entre as curas hipnóticas meramente naturais e os fenómenos diabólicos originados pelo abuso de tais práticas. Por último, fixaremos o critério que nos guiará para distinguirmos os fenómenos hipnóticos das verdadeiras ocorrências milagrosas.

3 — Não se pode negar que Deus, por vezes, se serve do sono, ou para dar a conhecer ao homem a sua vontade, ou para lhe fazer conhecer certos acontecimentos futuros. Temos disso abundantes provas na Sagrada Escritura, tanto no Novo como no Velho Testamento.

Além disso, pode acontecer que, devido ao estado de viva percepção que as nossas faculdades perceptivas atingem nos sonhos, possamos conjecturar acontecimentos futu-

ros por meio de bem fundamentados pressentimentos; daí derivam os chamados sonhos fatídicos, que Dante tão bem nos descreve nos seguintes versos:

«As I lay
Gazing on them, and in that fit of musing,
Sleep overcame me, sleep, that bringeth oft
Tidings of future hap» (¹).

4 — Mas, se o sono toma, por vezes, um carácter profético, é usualmente para nós a origem das maiores desilusões, como todos conhecemos por experiência própria. Um dos mais curiosos aspectos desta ilusão é-nos belamente descrito pelo imortal poeta já citado:

«As a man that dreams of harm
Befallen him, dreaming wishes it a dream,
And that which is, desires as if it were not» (²).

5 — Ora, se o sono natural é capaz de tão curiosos efeitos, que diremos dos estranhos resultados a que o sono hipnótico pode dar origem?

Esta é, portanto, a questão que agora nos preocupa e que nos esforçaremos por resolver à dupla luz da teologia e das experiências científicas.

(¹) *Interpretação:* Enquanto eu me conservava olhando para elas *(as estrelas)*, naquele êxtase de meditação, apoderou-se de mim o sono que, muitas vezes, traz consigo a notícia dos destinos futuros. *(N. T.)*.

(²) *Interpretação:* Como um homem que sonha com uma desgraça, deseja, sonhando, que isso seja um sonho e assim deseja aquilo que é como se o não fosse. *(N. T.)*.

§ I — *Natureza do hipnotismo.*

1 — O hipnotismo, como o seu nome indica, é uma forma particular de sono com que a ciência moderna nos familiarizou, e que se diferença do sono natural, porque não é devido a uma causa natural, mas sim à vontade ou influência de outra pessoa. Esta influência pode ser exercida de muitas maneiras, sendo as mais vulgares os gestos, as palavras de ordem e autoridade, toques de mão do operador, fixação prolongada do olhar do paciente sobre os olhos do operador, sobre alguma esfera de cristal ou disco luminoso, e por outros processos semelhantes.

2 — O sono hipnótico difere, no seu carácter, não só do sono natural, mas também de qualquer outro provocado por meios artificiais e substâncias narcóticas, tais como éter, clorofórmio, ópio, álcool, etc., visto que este segundo sono deriva da absorção ou assimilação das substâncias citadas, ao passo que o primeiro é devido sòmente à acção de agentes externos e mecânicos. Além disso, o sono hipnótico traz consigo uma suspensão parcial ou total da sensibilidade exterior.

3 — Mas uma diferença mais radical entre o sono hipnótico e as outras formas de sono natural ou artificial deriva da circunstância de que nestas últimas formas de sono não há, habitualmente, qualquer alheamento explícito ou tácito da vontade do paciente, ao contrário do que sucede no caso do hipnotismo.

A mera absorção ou assimilação das substâncias citadas é suficiente para provocar o efeito desejado. O sono hipnótico não se produz habitualmente sem que o paciente submeta a sua vontade, pelo menos implìcitamente, à vontade do hipnotizador.

§ II — *Efeitos do hipnotismo.*

1 — Muitos dos efeitos do hipnotismo são mais ou menos comuns às outras espécies de sono artificial. Tais são os efeitos somáticos que consistem no sono prolongado, numa acentuada rigidez dos membros e numa profunda, embora temporária, perturbação do sistema nervoso. Tais são também, até certo ponto, a letargia ou coma, a catalepsia e o sonambulismo. Todos estes efeitos, contudo, são comuns também a uma forma especial de intenso sono natural, durante o qual se pode produzir uma grande variedade de fenómenos, dependendo isso de várias circunstâncias, tais como os alimentos, as bebidas e um estado, até certo ponto anormal, da saúde e do espírito do paciente.

2 — O que constitui a principal característica do sono hipnótico é a *sugestão,* pela qual uma pessoa pode, por ordem do operador, passar ao estado de catalepsia, perder a sensibilidade e tornar-se obediente à voz e à vontade do hipnotizador. Este, e só este, pode então fazer uma sugestão tendente a operar a remoção de qualquer doença ou desgosto, ou a conseguir que o paciente execute qualquer acção, em determinado tempo, e por determinada forma. Na ocasião própria, o paciente acorda sem um conhecimento consciente da ideia que lhe foi sugerida, mas, no dia que lhe foi indicado, obedecerá à sugestão que lhe foi feita e fará o que lhe foi ordenado.

3 — Outra forma de influência hipnótica consiste em dar uma ordem mental a uma pessoa que se encontra afastada, obrigá-la a adormecer e conseguir que ela execute a ordem recebida, enquanto persiste o estado de hipnose.

4 — Os fenómenos hipnóticos têm, como é sabido, um carácter muito complexo e variado, e apresentam por vezes, certa irregularidade e capricho.

Em todos eles, porém, enquanto a imaginação trabalha activamente, a vontade e a sensibilidade externa estão suspensas; mas, em muitos casos, a vista e o ouvido são sensíveis à impressão dos objectos exteriores, e a lingua continua a ter o poder de articular frases. Em tais casos, contudo, estes órgãos, assim como os outros sentidos, estão tão perturbados, e os nervos da sensibilidade tão alterados que os fenómenos que ocorrem são completamente anormais.

Ora, que juízo devemos nós formar acerca da legitimidade das práticas hipnóticas? Devemos condená-las em absoluto, ou haverá casos em que podemos recorrer a elas?

§ III — *É lícito o hipnotismo?*

1 — Em primeiro lugar, desnecessário será dizer que tais práticas, sempre que sejam exercidas com maus intentos, como, por exemplo, com o fim de infringir leis morais, não se podem justificar em caso algum. Isto é uma verdade manifesta para todas as pessoas de juízo recto e que dispensa todos os comentários.

2 — A principal questão é saber se é lícito recorrer a estas práticas para fins medicinais, como, por exemplo, para obter uma cura de qualquer natureza, e bem assim se será lícito ainda empregá-las com o fim de descobrir um segredo que, doutra forma, ficava para sempre ignorado, e de cujo conhecimento pode advir progresso para as artes ou para as ciências.

A isto só poderemos responder de harmonia com a resposta dada pelos teólogos católicos, isto é, que só o abuso do hipnotismo e do magnetismo, e não o seu uso, deve ser condenado. Esta é, em resumo, a decisão dada pelas Congregações Romanas no decorrer dos tempos.

O que se torna necessário é saber onde termina o uso e onde começa o abuso.

3 — Temos de admitir que as formas sob que estas práticas se apresentam são tão variadas, e os fenómenos que delas derivam são tão numerosos e complexos, que não é fácil determinar uma linha de demarcação e dizer, com precisão, até onde vai o uso lícito das mesmas. Não podemos, pois, de qualquer forma, pretender apresentar uma perfeita solução deste intrincado problema; esforçar-nos-emos, contudo, por mostrar como poderemos estabelecer a necessária distinção, para conhecermos quais são as práticas justas e lícitas.

4 — Se um médico, desejoso de poupar a um doente o sofrimento duma dolorosa operação, coloca sob as narinas do paciente um pano embebido em clorofórmio, e esse paciente, inalando aquela substância, cai num profundo sono e não sente qualquer dor, nada haverá nesse acto que seja ofensivo das leis morais. Isso só poderia acontecer no caso de tal estado de inconsciência ser provocado com maus intentos, ou se o paciente, privado do uso do seu livre arbítrio, fosse instigado à prática de actos de carácter imoral.

Não será igualmente censurável que se obrigue uma pessoa a fitar qualquer objecto resplandecente com o fim de lhe causar um estado temporário de estrabismo, donde resultará um sono profundo. Tanto pelo que respeita ao homem como pelo que se refere aos animais, nos quais se pode produzir o mesmo efeito, tal processo é absolutamente permitido. Seria ilícito apenas, se tal estado de inconsciência fosse provocado com fins imorais.

5 — Sempre que, portanto, a intenção do operador é boa, não há qualquer objecção aos meios materiais empregados para provocar o sono, que no paciente é um mero estado de insensibilidade com as suas consequências natu-

rais, não podemos dizer que houve quebra de qualquer lei ou que houve violação da obrigação moral. Pode, portanto, o hipnotismo ser empregado como qualquer outro meio medicinal, com o fim de obter determinado benefício, e sem que a lei moral seja ofendida.

§ IV — *O alheamento do livre arbítrio no hipnotismo.*

1 — O que até aqui dissemos sobre o hipnotismo está longe de esgotar este assunto. Muitas coisas podemos ainda dizer sobre as práticas hipnóticas, pois há circunstâncias, em que tais práticas são realizadas, que implicam necessàriamente quebra da lei moral e que, portanto, constituem um abuso.

Neste caso está o alheamento do livre arbítrio do paciente a favor do hipnotizador. Este alheamento não precisa de ser explícito, pois que se faz pelo simples facto de que o paciente está de acordo em se submeter à influência do hipnotizador, obedecendo às suas sugestões.

É evidente que este alheamento é uma condição essencial para o bom resultado das experiências, porque o hipnotizado não tem qualquer domínio sobre si, quando recebe a sugestão e, depois, não se lembra de nenhum dos actos que praticou.

2 — Sabemos, além disso, que é justamente a resistência por parte da vontade do paciente que constitui o principal obstáculo à realização do fenómeno. Pode muito bem suceder que o sono hipnótico seja provocado numa pessoa contra sua vontade, mas então nenhum poder de sugestão será capaz de compelir essa pessoa a executar uma ordem recebida, principalmente se, em vez do acto de submissão, tiver havido prèviamente uma assistência definida e activa ao exercício de tal poder.

3 — Ora, quando consideramos que o livre arbítrio é o mais precioso dos bens humanos e também o mais útil, visto que é por meio dele que podemos merecer o paraíso, isto é, a beatífica visão, torna-se evidente que ele só poderá ser alheado a favor de Deus, que é o seu Autor, e que o seu alheamento para fins desonestos é uma prática ilícita e constitui um real abuso.

4 — Mas há outra razão pela qual o alheamento, implícito ou explícito, da vontade, em hipnotismo, deve ser considerado como ilícito.

Tal alheamento, sendo feito de uma maneira geral, abre a porta a todas as espécies de irregularidades, quer por parte do paciente quer por parte do operador, e pode levar à prática de actos opostos à ordem e à moralidade. A história do hipnotismo fornece-nos muitos exemplos que fundamentam esta asserção.

5 — Se nos disserem que tal alheamento pode ser restrito a efeitos puramente terapêuticos, responderemos que, mesmo nesse caso, não o podemos considerar como lícito, visto que as coisas que respeitam à nossa saúde física, assim como as funções da nossa vida vegetativa, não dependem realmente da nossa vontade, que é de per si incapaz de nos restituir a saúde.

6 — É verdade, sem dúvida, que a sugestão pode, em certos casos de doenças mentais, dar ao paciente a impressão de que o mal desapareceu, e assim será possível aliviar-lhe o sofrimento e restituir-lhe a saúde, inteira ou parcialmente. Neste caso, porém, é a imaginação e não a vontade que está debaixo da acção do operador, e só à primeira se devem atribuir os efeitos obtidos. O leitor deve aqui lembrar-se do que dissemos a respeito do poder da imaginação. Certamente o caso seria diferente se, por parte do paciente, houvesse um alheamento, explícito ou tácito, do livre arbítrio. Neste caso, seria permitido reconhecer a acção de um agente invisível,

chamado ao campo de operações precisamente por meio do citado alheamento do livre arbítrio.

7 — Mas é preciso termos sempre em mente que os efeitos que se podem obter por simples sugestão são sempre operados dentro de certos limites e são proporcionados à causa que os produziu, que é uma causa natural.

Por isso, as curas assim obtidas pertencem ao reino das ciências médicas, e não devem ser confundidas com os milagres que, sendo operados por Deus, ultrapassam as forças de toda a criação.

8 — É com o fim de avaliar até que ponto os males que se relacionam com o sistema nervoso podem ser aliviados, e até completamente eliminados, pela actividade da nossa imaginação, que o assunto do hipnotismo tem sido ùltimamente estudado com o maior interesse por muitos médicos. Os resultados obtidos são poucos e incertos, mas temos esperança de que, com a ajuda das recentes experiências e com os conhecimentos já existentes a tal respeito, se possa vir a determinar, com certa precisão, aquilo que a imaginação pode ou não ocasionar. Mas temos de reconhecer que será baldada qualquer tentativa que se faça para estabelecer quais são as operações próprias de cada uma destas duas categorias de agentes — a imaginação e os espíritos invisíveis. Desde que os espíritos invisíveis actuam sobre a imaginação do paciente, não poderemos saber com certeza se os admiráveis efeitos produzidos são o resultado de uma imaginação excitada por qualquer agente, ou são parcialmente devidos à influência imediata que os espíritos exercem sobre ela.

9 — Seja como for, podemos afirmar que há efeitos que o poder da imaginação é, com certeza, incapaz de produzir. Estão neste caso os fenómenos pertencentes à ordem intelectual e que são comuns à sugestão e ao espiritismo. Tais são, por exemplo, as várias formas de clarividência e

todos aqueles fenómenos aos quais se aplicam as observações que fizemos a respeito do espiritismo.

Desde que o alheamento da vontade, sendo uma condição necessária para obter tais efeitos, é um meio inadequado e portanto ilícito para os conseguir, o emprego de tais meios deve ser considerado irregular. Além dos agentes visíveis, outros estarão certamente actuando, com os quais não devemos entrar em comunicação.

10 — Em resumo: o hipnotismo, empregado de uma maneira lícita, isto é, como um meio de provocar um sono artificial e para obter certos efeitos terapêuticos, nada tem que o possa condenar; quando for acompanhado por um alheamento, explícito ou tácito, da vontade do paciente, quer parcial quer total, é ilícito, qualquer que seja o resultado que se tenha em vista.

§ V — *O voto de obediência.*

1 — Uma objecção poderá surgir, fundamentada no voto religioso de obediência a uma outra pessoa, por toda a vida, o qual envolve alheamento da vontade, não havendo, portanto, razão para que se não possa fazer também o mesmo alheamento a favor de um médico, para um fim legítimo.

Esta objecção tem um certo peso e demanda consideração. Vamos, portanto, tentar estabelecer a diferença que há entre estas duas formas de alheamento da vontade humana.

2 — O voto feito por um religioso é, em primeiro lugar, destinado a um fim superior, isto é, à vida eterna, ou seja, portanto, um fim de ordem sobrenatural. A restauração da saúde corpórea, por outro lado, que é, o fim para o qual o hipnotismo parece ter sido primitivamente instituído, não é um fim superior, para atingir o qual devemos

renunciar ao uso do nosso livre arbítrio. De facto, o hipnotismo, em muitos casos, implica, não uma mera suspensão da vontade, como acontece no sono hipnótico, mas a sua submissão ao agente hipnotizador. Ora, sofrer tal perda — a perda do maior bem que possuímos — mesmo que seja temporàriamente, por causa de um bem inferior — a saúde do corpo — é uma coisa que qualquer pessoa de são juízo não aprovará.

3 — Há, além disso, diferença entre a extensão do alheamento do livre arbítrio no caso do hipnotismo e no da profissão religiosa.

Um religioso, com o seu voto, não só não se compromete perante o seu superior a fazer coisas que sejam ilegais, mas, mesmo pelo que respeita a coisas boas e santas, fica obrigado apenas ao que estiver estatuído na sua regra, porque o religioso faz o voto de harmonia com a regra que professa. Uma pessoa, pelo contrário, prestando-se ao hipnotismo, expõe-se ao risco de seguir cegamente a vontade do hipnotizador, tendo de cumprir qualquer ordem, legal ou ilegal. O hipnotismo, portanto, abre a porta à possibilidade de um indivíduo cometer qualquer crime odioso que o hipnotizador lhe possa sugerir e, por isso, os homens que têm a peito a moral da sociedade têm-se pronunciado contra práticas que podem ter tão perigosas consequências.

4 — Mas há ainda uma diferença mais nítida entre a profissão religiosa e a sugestão hipnótica. Esta diferença consiste nos diversos meios de alhear a vontade num e noutro destes respectivos actos. Uma pessoa hipnotizada, pelo facto de que está obrigada a executar as ordens recebidas, enquanto se encontra privada do uso do seu livre arbítrio, perde a sua liberdade física e moral; torna-se um mero instrumento nas mãos do hipnotizador, que este manejará conforme desejar. Ao executar as ordens do hipnotizador, não lhe pode ser imputada a responsabilidade actual dos seus

actos, a não ser no sentido geral, isto é, considerando-se que essa pessoa, deixando-se hipnotizar, assume virtualmente a responsabilidade das possíveis consequências de tal acto. Um religioso, por outro lado, é sempre livre nas suas acções; o seu voto não lhe tira a possibilidade física de deixar de cumprir as suas promessas, e o cumprimento das suas obrigações é sempre para ele uma fonte de mérito adicional.

5 — Daqui podemos concluir que há uma vasta diferença entre a profissão religiosa e o alheamento do livre arbítrio, conforme se opera nas práticas hipnóticas. A primeira enobrece o homem, colocando-o sobre a necessidade moral de praticar o bem e evitar o mal; o segundo avilta o homem, tirando-lhe o dom mais precioso, que o coloca acima dos seres irracionais e que faz com que ele, em certo sentido, se assemelhe ao Criador.

6 — É — nós o sabemos — ambição dos demónios imitar Deus tanto quanto possível. Ora, há no hipnotismo uma imitação daquele acto de sublime generosidade que o próprio Jesus Cristo consagrou, quando convidou as almas dos eleitos a que o seguissem, fazendo a Deus a oferta da sua vontade, nas mãos dos seus representantes na terra.

§ VI — *Uso e abuso do hipnotismo.*

1 — Como o alheamento do livre arbítrio é o elemento que coloca o hipnotismo numa íntima afinidade com o espiritismo, segue-se que as práticas hipnóticas merecem a condenação formulada contra o espiritismo, com a reserva já feita, isto é, quando essas práticas não envolvem alheamento, explícito ou implícito, da vontade.

2 — Ao passo que nada há no espiritismo que justifique a sua prática, o hipnotismo e o magnetismo podem ser legalmente empregados, como meios artificiais para a produção de efeitos naturais e benéficos. Não há nada que seja

contrário à moral, na provocação, por meio de olhares, de gestos, de toques com as mãos, de luz, etc., de um estado de repouso artificial. Sempre que utilizemos o hipnotismo como meio de restaurar a saúde ou aliviar penas, devemos bendizê-lo e agradecer a Deus mais esta sua dádiva para benefício da humanidade. O seu abuso começa apenas com o alheamento da vontade; à parte isso, não há no hipnotismo perturbação maior do que a que se encontra no uso de anestésicos ou de substâncias narcóticas. O hipnotismo assim compreendido tem uma influência terapêutica como qualquer dos outros agentes naturais.

3 — Mas, quando o hipnotismo é usado para provocar efeitos de ordem psicológica e intelectual, e implica um prévio alheamento da vontade; quando, por exemplo, a vista do hipnotizado se torna capaz de penetrar através de qualquer anteparo opaco ou de contemplar cenas que se passam a distância; quando o paciente começa a falar línguas que lhe eram desconhecidas e a executar com a maior precisão planos traçados pelo hipnotizador — é então que o abuso começa e que a actuação de seres invisíveis, tàcitamente invocados, deve ser considerada como a única causa produtora de tais efeitos.

4 — Deve-se ainda notar que, já no caso de o sono cataléptico ser acompanhado pela impressão de se estar vivendo num mundo imaginário, há motivo para que o hipnotismo, nestas condições, seja olhado com fortes suspeitas. Uma prática deve ser considerada boa, enquanto permite que o homem passe a vida presente por uma forma natural, para que assim possa atingir o seu verdadeiro fim, que é a vida eterna.

Mas o sono hipnótico faz com que o homem viva uma vida irreal num mundo também irreal, e o prazer deste estado é mais tentador, porque todo o corpo participa dele. Tal prática, portanto, longe de atrair o homem para a vida

real e para o dever, torna-o um insatisfeito consigo mesmo, e leva-o a procurar a renovação de prazeres que, regra geral, acabam por lhe aviltar o carácter e, muitas vezes, também lhe arruínam a saúde física.

5 — Que devemos agora pensar dos seus efeitos terapêuticos? As curas que se diz terem sido operadas por seu intermédio têm alguma coisa que ver com as ocorrências sobrenaturais a que chamamos milagres?

§ VII — *Curas hipnóticas.*

1 — As curas hipnóticas, quer sejam reais quer sejam falsas, têm nos últimos anos sido apresentadas como um argumento contra o carácter sobrenatural dos milagres operados em alguns famosos santuários católicos, ou por invocação de Santos, e por isso é necessário que nos esforcemos por determinar a diferença que existe entre essas curas e os autênticos milagres. Dizemos *autênticos milagres,* porque é preciso que nos lembremos de que nem todas as ocorrências vulgarmente assim chamadas têm a sua autenticidade confirmada pela Igreja.

2 — É bem sabido que em todos os tempos a Igreja tem feito uma apuradíssima discriminação a tal respeito. Factos que a voz do povo tem proclamado como milagres têm sido muitas vezes reduzidos pelas autoridades eclesiásticas a simples acontecimentos que não excedem os poderes da natureza. Um cuidado extremo no exame das provas e o tempo necessário para poder fazer um juízo seguro são os elementos principais de que a Igreja se serve, para se pronunciar sobre acontecimentos de carácter extraordinário, que são trazidos ao seu conhecimento. Enquanto houver a mais leve suposição de que uma cura pode ser atribuída a meios naturais ou artificiais, a Igreja não se pronuncia a favor do milagre.

3 — Mas, se há milagres que não são autênticos, há outros sobre cuja autenticidade não pode haver a menor dúvida. Não só a Sagrada Escritura está cheia destas maravilhosas ocorrências, mas também nos nossos dias se têm operado curas maravilhosas pela invocação do nome de Deus ou por intercessão dos Santos. Todas estas curas trazem consigo tão indiscutíveis provas, que os mais eminentes cientistas se têm pronunciado a seu favor e têm declarado que elas estão acima do poder da natureza [1].

4 — Ora, as curas obtidas pelo hipnotismo são, na sua maior parte, de natureza neuropática e histérica. Os meios empregados, isto é, o sono e a sugestão, são suficientes para explicar a cessação de tais incómodos ou, pelo menos, o alívio experimentado pelo paciente. Tais curas, contudo, são frequentemente seguidas de recaídas ou de perturbações mentais ou físicas.

As curas miraculosas, por outro lado, são operadas em pessoas que sofrem de profundas afecções orgânicas e, para essas curas, nem o sono magnético, nem os agentes estesiogénicos, nem a concentração da vontade são suficientes.

Tais curas são, regra geral, fisicamente perfeitas e nunca são operadas com detrimento das faculdades mentais do paciente.

5 — As curas hipnóticas, portanto, servem só para pôr em relevo a grandeza do poder que Deus manifesta, ao dominar, por meio de autênticos milagres, os elementos da natureza, e ao produzir efeitos que suspendem as leis do universo e que são destinados a induzir o homem a louvá-lO com todo o seu coração e a servi-lO com todo o poder da sua alma.

---

[1] Veja-se *Lourdes, Histoire Médicale*, por Dr. Boissarie.

§ VIII — *Afinidade entre hipnotismo e espiritismo.*

1 — Depois de termos mostrado qual é a natureza do hipnotismo e em que consiste o abuso que muitas vezes acompanha as práticas hipnóticas, temos agora de considerar a questão quanto à afinidade que existe entre ele e o espiritismo, e ver se, no hipnotismo, também se pode admitir, por vezes, a acção de agentes espirituais invisíveis. Não é fácil dar a esta pergunta uma resposta tão categórica como no caso do espiritismo, visto que o hipnotismo admite, como já vimos, casos em que o seu uso é lícito, e os seus fenómenos perfeitamente naturais estão ìntimamente ligados a efeitos preternaturais. Estes mesmos efeitos, contudo, podem fornecer-nos os elementos para formarmos um juízo sobre quando e em que circunstâncias temos razões para supor que houve, nas práticas hipnóticas, intervenção de agentes espirituais.

2 — Se as práticas hipnóticas dão meramente origem a efeitos tais como os que ocorrem nas outras formas de sono natural, ou artificial, não há razão para suspeitarmos da intervenção de agentes espirituais invisíveis. Mesmo os estados anormais que são provocados sob forma de letargia e sonambulismo, de alucinação, de intensa insensibilidade e rigidez dos membros são, em si próprios, fenómenos naturais, que não estão necessàriamente relacionados com causas preternaturais.

3 — O caso, porém, assume um aspecto diferente quando uma pessoa, por sugestão do hipnotizador, começa a falar uma língua desconhecida, a ler qualquer escrito encoberto por uma coisa opaca, a discutir assuntos científicos que anteriormente lhe eram desconhecidos, a descrever acontecimentos que se passam para além do alcance da

sua vista, ou a transportar-se mentalmente a um país e a descrever pormenorizadamente o que lá vê.

O mesmo se aplica à facilidade com que o hipnotizador, pela aplicação da sua vontade, consegue fazer cair no sono hipnótico uma pessoa que está afastada dele e inteiramente inconsciente do facto de que tal influência está sendo exercida sobre ela.

4 — Ora, se por um lado considerarmos que não temos nenhum poder directo sobre a vontade dos outros homens; que não podemos, por uma simples aplicação da nossa vontade, obrigá-los a mover os membros, nem podemos actuar sobre o seu sistema nervoso; que o espírito humano não pode naturalmente conhecer por intuição o que se está passando a distância; se, por outro lado, nos lembrarmos de que as substâncias espirituais podem actuar directamente sobre os nervos do corpo e sobre a nossa imaginação, e são assim capazes de provocar surpreendentes efeitos fisiológicos, intelectuais e mecânicos — não teremos dificuldade em chegar à conclusão de que, se entre os efeitos do hipnotismo alguns devem ser atribuídos a causas naturais, outros há que não podem ser explicados senão pela actuação imediata de puras substâncias espirituais, a que chamamos anjos.

5 — E, como estes não podem pertencer à categoria dos anjos bons, que nunca actuam neste mundo senão por ordem de Deus e como seus ministros, segue-se que tais efeitos devem ser imputados à acção dos anjos maus que, com permissão divina, podem exercer o seu poder natural sobre os elementos da matéria, causando por esse meio uma infinidade de notáveis efeitos mecânicos, fisiológicos e psicológicos.

Nem é para admirar que os anjos caídos se coloquem assim em contacto com os homens, visto que podem dessa maneira atingir mais fàcilmente o seu fim, que é dominar

o espírito humano e procurar a ruína moral dos mortais. O mundo do mal — podemos estar certos disso — não faz qualquer concessão ao homem, sem que daí lhe advenha grande lucro e sensível vantagem.

6 — O hipnotismo, portanto, embora inofensivo em si, isto é, como um meio de produzir a insensibilidade e provocar um sono artificial, torna-se imoral e ilícito, quando envolve o alheamento da vontade do paciente, pois, nesse caso, tem o mesmo carácter do espiritismo e merece, como ele, a nossa condenação.

2

TELEPATIA E TELESTESIA

1 — É bem sabido que todas as manifestações respeitantes ao espiritismo são caracterizadas pela obscuridade e pela confusão. Por isso, é muitas vezes difícil distinguir claramente a diferença entre uma prática e outra, ou determinar as causas dos fenómenos.

A dificuldade é muito maior quando se trata dessa forma especial do espiritismo conhecida por telepatia, nome pelo qual se designam, falando de uma maneira geral, o conhecimento ou a visão de pessoas ou acontecimentos distantes, a súbita aparição de pessoas ausentes — principalmente daquelas que estão prestes a morrer — o pressentimento de um acontecimento próximo, a comunicação misteriosa de alguma desgraça acontecida ao país, parentes ou amigos, sendo todos estes conhecimentos obtidos por meios diferentes daqueles que vulgarmente se empregam para tal fim, isto é, pela acção dos sentidos externos com a ajuda dos meios de comunicação ao nosso dispor, como a escrita, o telégrafo, o telefone e outros semelhantes.

2 — Outras pessoas, contudo, preferem chamar a estes fenómenos telestesia. A telepatia, dizem elas, implica uma mera passividade, ao passo que a telestesia envolve a ideia de um conhecimento activo, do qual o indivíduo pode fazer uso para os seus próprios fins.

3 — Na verdade, muitos factos se dão relacionados com esta forma de ocultismo. Não é raro lermos nos jornais notícias da súbita aparição de pessoas distantes ou de comunicações misteriosas de acontecimentos, que, de outra maneira, ficavam desconhecidos.

4 — É certo que muitas destas afirmações não podem resistir à prova de um exame sério, pois muitas coisas, que por vezes se põem a circular sobre este assunto, são o resultado de uma imaginação exaltada ou o de uma verdadeira alucinação. No entanto, considerando por um lado o grande número de tais narrativas e, por outro, o carácter moral de algumas delas, atendendo sobretudo às pessoas donde dimanam, não é prudente nem científico rejeitá-las *a priori*. A dificuldade está em encontrar uma explicação desses fenómenos, que esteja em harmonia com a teologia católica.

5 — Para investigarmos devidamente os vários sistemas imaginados pelos modernos cientistas para interpretação destes fenómenos, começaremos por examinar a hipótese de um inconsciente ou personalidade inferior, que substituiria a personalidade superior, da qual seria uma espécie de desdobramento, e veremos se assim se podem explicar as várias manifestações telepáticas. A seguir estudaremos o outro sistema, que consiste nas ondas mentais vibratórias, por intermédio das quais um homem poderia transmitir a outro, mesmo que este estivesse distante, alguma manifestação de si próprio por meio de qualquer sinal externo — uma imagem, uma palavra, um escrito, etc. O terceiro sistema, que foi recebido pelos cientistas com grande aplauso e que, à primeira vista, parece melhor para satisfazer as exigências do caso, consiste na hipótese de um fluido magnético-nevrótico, de natureza ainda inexplorada, cujas radiações, semelhantes às dos raios catódicos, são modificadas de acordo com as variações eléctricas do nosso sistema.

6 — Depois de termos examinado e discutido cada uma destas teorias físicas, se as encontrarmos insuficientes para a solução deste intrincado problema, teremos de nos voltar para a teologia católica. Então, teremos de estabelecer distinção entre os fenómenos, muitos dos quais, embora

de natureza aparentemente preternatural, não ultrapassam, na realidade, o curso ordinário da natureza.

§ I — *Teoria do subliminal inconsciente.*

1 — Do facto de que, em determinadas condições de vida, tais como o sono natural e artificial, a hipnose ou estado de êxtase, parece manifestar-se no homem uma espécie de faculdade mental secundária, distinta da nossa mente superior, trabalhando laboriosamente à custa de elementos acumulados consciente ou inconscientemente no decorrer do tempo e executando certas operações que ao próprio indivíduo causam espanto, chegou-se à conclusão de que uma segunda individualidade está contida na personalidade humana, a qual deve ser responsável por uma série de manifestações, não só distintas da nossa personalidade conhecida, mas diferentes também do modo de acção do nosso próprio consciente.

Esta individualidade especial recebeu o nome de subconsciente, personalidade secundária ou subliminal, distinguindo-se assim da personalidade supraliminal ou consciente. Este subconsciente é excessivamente sensitivo e possui o extraordinário poder de receber e reter as mais leves impressões, das quais o supraliminal pode muitas vezes deixar de ter qualquer conhecimento.

2 — Quanto à maneira como podemos explicar os vários fenómenos espíritas pela acção desta personalidade secundária, Mr. J. G. Raupert escreve o seguinte:

«O subliminal está apto, sob certas condições anormais, a operar como uma entidade completamente distinta e separada da personalidade normal, valendo-se para isso de conhecimentos que estão à sua disposição.

«Nas sessões espíritas, o pensamento dominante é o da comunhão com os mortos, e podemos supor que este pensamento actua como uma sugestão na mente do médium.

«As experiências parecem indicar — segundo o que ouvimos — que este subliminal pode, sob certas circunstâncias excepcionalmente favoráveis, chegar a um contacto telepático com as mentes de pessoas que estão em afinidade física ou *rapport* com ele, e pode abstrair dessas mentes, ou talvez receber passivamente delas, informações de que ele se serve de uma maneira particular com o fim de completar eficientemente a sua personificação do indivíduo morto.

«Temos então assim — continuam a dizer — todo o material necessário para construir uma hipótese a favor de uma explicação puramente natural de uma grande quantidade de fenómenos aparentemente independentes e chamados fenómenos espíritas. Eles podem ser explicados pela acção do subconsciente, operando em obediência a sugestões recebidas dos inquiridores espíritas e em conjunto com as mentes dos circunstantes, e dando assim, por um processo natural de personificação, a impressão de que é um espírito independente e estranho que está em actuação.»

3 — Ora, seja qual for o papel que queiramos atribuir a este subconsciente e considerando-o como uma entidade distinta de nós próprios, que deveremos pensar acerca desta teoria?

Se, por entidade subliminal queremos significar, não uma entidade distinta, mas apenas uma certa classe de manifestações inconscientes que são em nós o efeito de um hábito prévio e que escapam à nossa observação, a aceitação da teoria não pode encontrar qualquer dificuldade.

Mas, o que devemos aqui considerar e o que realmente querem dizer os defensores da teoria do subliminal, é a hipótese de que esta categoria de manifestações é devida a uma personalidade separada, distinta da nossa personali-

dade normal e operando por forma completamente diversa dela. Ora, a existência de qualquer outra personalidade em nós é contrária aos postulados da filosofia católica.

4 — Como já observamos, a introdução de uma personalidade inferior, distinta da nossa personalidade superior, além do seu carácter arbitrário e inexplorado, encontra pela frente a dificuldade de dividir a personalidade humana, cuja natureza é ser essencialmente una.

5 — Além disso, esta teoria comete o erro de nos apresentar, como parte de nós próprios, uma entidade de que a consciência nada nos diz. Este subliminal escapa — como se diz — à nossa observação, de forma que, por mais fundas que sejam as investigações no mais íntimo do nosso ser, não podemos descobrir que tal entidade inferior faça parte de nós.

Ora, se tal entidade fizesse realmente parte do nosso ser, por uma forma ou por outra havia de cair debaixo da alçada do nosso conhecimento íntimo. E isto parece ainda mais óbvio, pelo facto de que nós conhecemos como nossas aquelas acções que no momento em que foram realizadas escaparam à nossa observação e que depois, pela própria experiência ou pela dos outros, sabemos que foram positivamente praticadas por nós: ora há uma grande diferença entre uma acção passageira e uma entidade que continua a existir, como se diz a respeito do subliminal.

6 — Mas, pondo isto de parte, e admitindo, contràriamente ao que acima dissemos sobre a impossibilidade de dividir a nossa personalidade, que tal ser existe realmente dentro de nós ou no médium de quem possamos usar, a aceitação de tal teoria encontraria pela frente esta insuperável dificuldade: essa entidade inferior nem podia ser influenciada pela nossa mente nem podia actuar sobre a mente daqueles a quem quiséssemos comunicar os nossos pensamentos. A nossa mente é, na sua essência, de natureza

inteiramente espiritual, ao passo que este ser subliminal é feito de uma espécie de matéria que é completamente diferente do espírito, por muito subtil que tal matéria possa ser imaginada. Ora, é impossível não só que a nossa mente actue directamente sobre a matéria, mas também que, vice-versa, a matéria possa actuar directamente sobre a nossa mente.

7 — Um subconsciente material, que actuaria como um canal pelo qual pudéssemos comunicar, sem palavras ou sinais de qualquer espécie, com pessoas presentes ou distantes, está acima das forças e das leis da natureza, porque a nossa mente é incapaz de comunicar os seus pensamentos à matéria, e a matéria, por sua vez, não pode receber ou comunicar pensamentos, senão por meio de sinais convencionais, tais como os que o homem inventou ou, pelo menos, aperfeiçoou. Um subconsciente, tal como os cientistas o imaginam, tinha de ser ao mesmo tempo material e imaterial: material, porque, segundo dizem, em determinadas condições é visível aos sentidos; e imaterial, porque, afirmam ainda, ele é o receptor e o transmissor de pensamentos imateriais.

§ II — *A teoria das vibrações mentais.*

1 — A teoria das vibrações mentais é uma das hipóteses que, por causa da sua aparente simplicidade, fàcilmente encontra aceitação por parte de pessoas que ficam satisfeitas com qualquer explicação que apele para os sentidos. E que poderemos nós imaginar mais simples do que a transmissão do pensamento de um indivíduo para outro, por meio de ondas vibrando no éter?

Contudo, para que esta teoria pudesse ser tomada a sério, era necessário que satisfizesse a uma condição primária e indispensável. Era preciso provar que a nossa vontade

possui e pode exercer uma acção directa sobre essa matéria subtil, que dizem ser o meio de transmissão de uma mente para outra, da mesma maneira que exercemos um poder directo sobre as nossas palavras ou sobre a pena de que nos servimos para comunicar a outrem os nossos pensamentos.

2 — Ora, embora possuamos certo domínio sobre os órgãos do corpo, não temos, certamente, poder algum sobre a matéria externa. E a razão disso não é o facto da espiritualidade da alma — porque os anjos são também espirituais e têm grande poder sobre a matéria — mas a diferença que existe entre a natureza da alma e a natureza dos anjos. As substâncias angélicas, sendo livres de toda a matéria e muito superiores a ela, podem actuar sobre qualquer espécie de matéria, ao passo que a alma humana, estando ligada a um corpo orgânico, pode actuar sòmente sobre a matéria desse corpo. Assim, podemos formar na nossa imaginação qualquer imagem que queiramos, mas todo o poder da nossa vontade será insuficiente para podermos levantar uma simples palha, sem o auxílio de meios externos.

3 — Poderão objectar-nos que, embora a nossa mente ou a nossa vontade não tenham poder directo sobre a matéria, poderiam actuar por intermédio de qualquer órgão, da mesma maneira que accionam um dedo para pôr em movimento uma campainha eléctrica, ou a língua para entabular uma conversa pelo telefone; o nosso cérebro poderia de igual forma, por ordem recebida da vontade, pôr em movimento uma substância e tornar essa substância uma espécie de canal de comunicação, até certo ponto semelhante ao que foi criado recentemente com a telegrafia sem fios.

Aqui está uma objecção merecedora de ser estudada e tomada na devida consideração.

4 — A noção de que os nossos pensamentos sejam apenas formas de uma substância material de um carácter

definido e capaz de ser projectada em qualquer direcção é uma concepção tão rude e tantas vezes examinada e condenada, que a sua análise nos arrastaria a longa discussão e teriamos de voltar à questão da espiritualidade da alma humana. E, como, por um lado, esta verdade não é negada pelos espiritualistas cultos e, por outro, é um impossível chegar a um acordo com materialistas declarados sobre o verdadeiro carácter das operações mentais, abster-nos-emos de uma pormenorizada exposição da doutrina católica sobre a espiritualidade da alma humana e a natureza das suas operações. Desde o princípio que aceitamos esta verdade como base do presente estudo.

5 — Dando, portanto, como provado que a alma é uma substância espiritual, e que as operações que pròpriamente lhe pertencem, isto é, o entendimento e a vontade são operações espirituais, e visto que aquilo que é espiritual não depende da matéria nem pode ser transferido de um lugar para outro, como sucede com os corpos, temos de rejeitar, como contrário à natureza intrínseca da alma, qualquer sistema que procure a explicação dos fenómenos espíritas, ou na propagação local do pensamento, ou na projecção da vontade.

6 — Voltamos a dizer que o que estamos presentemente a investigar é se a alma humana pode usar de alguma substância material da natureza dum fluido magnético, que emane dos nervos e se torne, sob o impulso da vontade, o instrumento para a produção dessas manifestações psicológicas, fisiológicas ou mecânicas, que são o efeito das práticas espíritas.

§ III — *A hipótese de um fluido magnético.*

1 — A hipótese de um fluido magnético, actuando como um meio de comunicação intelectual entre vários indivíduos, recebeu recentemente grande aceitação por parte dos cientistas. No entanto, esta teoria é explicada por eles de diversas maneiras. Uns afirmam a existência de um fluido nevrótico e magnético, que emana do cérebro e se propaga na direcção da pessoa para quem a atenção está voltada.

A esta teoria se pode reportar a hipótese de Baron von Reichenbach, atribuindo a uma substância muito subtil, que ele chamou *öd* e supõe ser dotada de especiais qualidades sensitivas, o poder de nos pôr em comunicação directa com os outros homens.

Sustentam outros que partículas extremamente diminutas do nosso cérebro são projectadas com grande rapidez do cérebro do transmissor até o do receptor. Outros ainda advogam a formação e projecção de ondas cerebrais, não inteiramente diferentes das ondas hertezianas, que, tendo o seu ponto de partida nas células cerebrais do transmissor e terminando nas do receptor, são meios de despertar pensamentos correspondentes na mente desse receptor.

2 — Todas as teorias, contudo, têm um aspecto comum: afirmam que, como pelo comando da vontade o nosso cérebro e outros órgãos do corpo são postos em movimento, assim também pelo exercício do mesmo poder uma substância extremamente subtil, mas muito poderosa, intrìnsecamente ligada ao nosso corpo, é posta em movimento, e é capaz de receber e comunicar, à sua vontade, qualquer pensamento da nossa mente que se possa imprimir sobre essa substância.

3 — Estas ondas mentais explicam — conforme dizem — as comunicações anormais que se realizam entre pessoas colocadas a distância ou que ocupam até a mesma casa e a mesma sala, e asseveram ainda que tal processo, ainda em embrião, com o decorrer do tempo e quando a ciência tiver mais amplo conhecimento desse misterioso elemento, se desenvolverá a ponto de se tornar um sistema ordenado de comunicação entre duas mentes.

Como prova da possibilidade de tal teoria, apelam os seus defensores para a telegrafia sem fios, na qual as ondas hertezianas são meios de transmissão de mensagens, mesmo à maior distância, através da substância etérea que atravessa os corpos mais duros e mais compactos.

Ora, que devemos pensar acerca desta explicação dos fenómenos de que nos estamos ocupando?

4 — Em primeiro lugar, é necessário frisar aqui mais uma vez que, se a substância que se supõe ser receptora das impressões mentais deve ser considerada como estranha ao nosso corpo, é evidente que tal teoria se não pode admitir, pois já provamos que a nossa vontade é impotente para usar, por uma forma directa, da matéria que se encontre fora do nosso próprio ser. Esta hipótese, portanto, é sòmente admissível sob a condição de que matéria considerada como o *substractum* dessas ondas mentais esteja intrínseca e vitalmente ligada com a nossa própria substância e tenha origem em nós, de tal maneira que, radiando do nosso centro cerebral, nenhuma distância, por maior que seja, possa fazer com que ela deixe de fazer parte dessa nossa substância; numa palavra — deve ser considerada como uma extensão da nossa própria personalidade.

Nessas condições, nenhuma objecção haveria a fazer a tal teoria; não havia razão para que a nossa vontade não tivesse o poder de actuar sobre tal matéria, se ela existisse,

visto que a vontade pode produzir modificações no cérebro e mover os membros do corpo.

5 — A ciência, como é bem sabido, ocupou-se durante algum tempo, com a maior atenção e interesse, desta teoria das ondas mentais, mas as conclusões a que chegou não foram de molde a dar a tal teoria uma posição científica definida, visto que todos os resultados das investigações recentes se referem a fenómenos meramente físicos, tais como o calor, luz e electricidade, forças estas às quais as ondas mentais, de que nos estamos ocupando, não podem estar ligadas.

No entanto, nada há que nos impeça de imaginarmos a possibilidade da existência de tal substância, pois não há razão para que, se Deus assim o tivesse disposto desde o princípio, não existisse no nosso corpo, além de outros elementos que nós conhecemos, uma substância extremamente subtil que, posta em movimento pela acção da vontade, produzisse várias mudanças e modificações nos elementos que a rodeiam e que essa acção se fizesse sentir a distância.

Mas não se trata de saber o que Deus poderia ter feito, mas sim o que realmente Ele fez: não importa conhecer o que a nossa natureza podia ser, mas sim o que ela realmente é. Ora, a evidência obriga-nos a declarar que não temos argumento para concluir que possuímos tal matéria ou substância que, emanando do cérebro, possa estar à disposição da nossa vontade e, uma vez posta em movimento por ela, possa transmitir os nossos pensamentos a pessoas que se encontrem afastadas de nós.

6 — Mas suponhamos, por um momento, que tal substância existe. A primeira questão é saber a que ordem pertenceriam os fenómenos aos quais tal substância desse origem, isto é, se os deveríamos considerar como fenómenos intelectuais, ou meramente físicos ou mecânicos. Por outros

termos: essas ondas materiais poderiam receber a impressão das nossas ideias e transmiti-las a uma pessoa distante? Esta é a primeira questão que temos a considerar. A segunda questão diz respeito aos fenómenos de natureza puramente física ou mecânica.

7 — Em primeiro lugar, é evidente que, se este fluido imaginário ou substância vai transmitir os nossos pensamentos a uma pessoa distante, de forma que essa pessoa os possa receber, tal fluido teria de obedecer à nossa vontade, tomar a direcção que se pretendesse e atingir o termo desejado. Ora, aqui está a nossa primeira grande dificuldade. Para que tudo isso se realizasse, seria necessário que esse fluido fosse uma extensão de nós próprios, uma substância animada pela nossa alma, visto que a vontade é impotente, pelo que respeita à matéria exterior, e até hoje não se descobriu ainda qualquer substância que, sob a acção da vontade, emanasse do nosso corpo.

Mas, supondo mesmo que tal fluido fizesse parte da nossa substância, de forma que pudéssemos exercer uma acção directa sobre ele, como exercemos sobre as mãos ou sobre os pés, outra questão se apresentava: seria tal fluido capaz de receber as impressões dos nossos pensamentos, pelo menos da mesma forma por que o cérebro as recebe?

8 — Como já afirmámos, esta substância etérea podia, estritamente falando, actuar como o cérebro, isto é, receber impressões sensíveis correspondentes aos nossos pensamentos, contanto que permanecesse unida a nós e fosse animada pela nossa alma, porque a matéria inorgânica não pode servir como órgão de sensação. Por isso, as supostas imagens recebidas por essa substância etérea não poderiam ser meios de pensamento, senão enquanto estivessem em contacto com a nossa alma. Consideradas em si, tais imagens são simples modificações físicas da matéria e apenas se tornam um princípio de conhecimento quando o sujeito, a quem per-

tencem, as interpreta. Essas imagens seriam, portanto, um meio do conhecimento só no sujeito e para o sujeito a quem pertenciam. Seria o que aconteceria, se a nossa alma, em vez de fazer uso do órgão cerebral, usasse um fluido magnético para idêntico fim.

Por aqui se verifica quantos postulados esta teoria das vibrações mentais exige para, mesmo assim, estar longe de ser aceitável; primeiramente, uma extensão vital da nossa matéria cerebral; em segundo lugar, a recepção e conservação, nessa matéria, de imagens sensíveis; finalmente, o poder da vontade para projectar esta matéria em qualquer direcção desejada.

9 — Responderemos até aqui à questão, pelo que diz respeito a essa matéria etérea que se supõe ser o veículo do pensamento, por parte do indivíduo donde ela dimana. Mas, para que pudesse haver uma real comunicação intelectual entre duas pessoas colocadas a certa distância uma da outra, era necessário que esse fluido, posto em movimento pelo primeiro cérebro, entrasse realmente em contacto com o cérebro da pessoa com quem nós desejássemos comunicar intelectualmente. Ora, por que forma devemos supor que os pensamentos do primeiro cérebro iriam imprimir-se sobre o segundo? Esses pensamentos ou imagens são evidentemente os do primeiro cérebro. Ora, é possível que o segundo cérebro, suposto que esteja em contacto com a substância emanada do primeiro, apreenda essas imagens de forma a conhecer o que a primeira pessoa está pensando?

10 — Não podemos admitir tal possibilidade. Como essas imagens mentais são imagens vitais, são princípios de conhecimento ùnicamente para a pessoa em cujo cérebro foram originadas. O fluido cerebral podia talvez excitar outra pessoa, mas as imagens que ele transportasse consigo ficariam a ser um mistério para essa pessoa, pela simples razão de que o conhecimento não se comunica pela transfe-

rência mental de imagens de uma pessoa para outra, mas pelo facto de que um ser inteligente exerce em si mesmo o poder inato de formar imagens; a aquisição do conhecimento e a concentração de espírito sobre ele são acções vitais inteiramente pessoais.

11 — Tudo, portanto, o que se poderia dizer acerca desse suposto fluido mental em vibração é que ele seria capaz de efectuar uma espécie de excitação na mente do receptor, duma maneira vaga e geral, sem que de forma alguma o pudesse obrigar a pensar nisto ou naquilo. Essa matéria etérea nada mais poderia fazer do que aquilo que fazem os agentes físicos à nossa volta. Frio e calor, luz e trevas, sons de natureza indefinida são outros tantos agentes que podem excitar-nos a alguma reflexão geral, como essa substância o poderia fazer, mas sem nos obrigar a fixar o nosso pensamento em qualquer objecto particular.

Para que estas ondas magnéticas, emanando do cérebro, pudessem produzir um pensamento correspondente ou uma impressão em outro cérebro, seria necessário que elas actuassem por uma forma convencional e de harmonia com um acordo anteriormente feito, exactamente como a escrita actua, como um sinal convencional, entre dois amigos afastados um do outro. Não há, contudo, qualquer acordo neste sentido, nem os defensores desta teoria apresentam algum.

12 — A teoria das ondas, inadmissível como um facto comprovado, não pode racionalmente sustentar-se mesmo como uma hipótese, e não pode por isso fornecer uma explicação plausível das comunicações directas e invisíveis que se realizam por meio do espiritismo e de outras práticas semelhantes, e, em certos casos, entre pessoas que estão a grande distância uma da outra. É uma teoria que assenta sobre hipóteses e suposições, e que cai por terra, quando cuidadosamente examinada.

13 — Que devemos dizer acerca dos efeitos fisiológicos e mecânicos que alguns espíritas atribuem a uma mera energia da vontade? Podemos considerar a hipótese do fluido nevrótico-vibratório como suficiente para explicar os fenómenos do movimento local nos corpos naturais, a insensibilidade total ou parcial nos homens ou nos animais e os estados cataléptico e hipnótico em pessoas influenciadas pelo operador telepático-telestesíaco?

Em primeiro lugar, notemos que os agentes materiais, por mais subtis e activos que sejam, nunca actuam instantâneamente. A sua energia está sujeita às leis fixas do tempo e do espaço. Por isso, podemos medir com extrema precisão o tempo empregado na propagação da luz ou da electricidade, assim como podemos determinar a quantidade de energia despendida por estes agentes naturais ou necessária para a produção dos seus efeitos específicos.

Mas, nos fenómenos que se supõe serem devidos à acção deste fluido, não se pode registar uma extensão de tempo definida entre o momento em que a vontade emitiu a sua ordem e o momento em que se produziu o efeito desejado; tão-pouco é possível determinar a distância a que o fenómeno se pode produzir ou a proporção exacta entre a causa e o efeito.

14 — Mas o que precisamos de frisar particularmente aqui é que, admitindo mesmo que tal fluido emana do nosso cérebro ou está ligado a ele de maneira a poder ser o receptor de uma série de vibrações etéreas sob a acção da vontade, tais efeitos deviam ser duma natureza definida e determinável, exactamente como sucede com as propriedades e operações dos corpos naturais, que estão contidas dentro de certos limites e são reguladas por leis fixas. Têm de se realizar constantemente, não por capricho ou intermitentemente, mas ordenadamente e com aquela regularidade com que os efeitos de outros agentes naturais são pro-

duzidos. O bem conhecido poder magnético, por exemplo, está sujeito a leis invariáveis, e os seus efeitos realizam-se de acordo com uma ordem fixa.

Os fenómenos telepáticos, pelo contrário, não se efectuam senão sob determinadas condições convencionais e com um consentimento implícito ou explícito, quando se trata de certas práticas misteriosas. E, quando se efectuam, é por forma tão irregular e tão inconstante, que bem parece que são devidos, não à actuação de um fluido natural ou de vibrações também naturais, mas antes à actuação de inteligências ocultas, que trabalham de acordo com um plano totalmente independente da vontade do operador.

15 — Devemos, portanto, repetir aqui o que já dissemos, isto é, embora a ciência possa registar algumas modificações corpóreas acidentais como consequência de certa forma de actividade cerebral, tais como o calor e o frio, o suor e os calafrios, tais modificações são de carácter puramente material e inteiramente inadequadas para originar qualquer sistema de vibrações ondulatórias, como é costume invocar para explicar os extraordinários fenómenos de telepatia ou telestesia.

16 — Mesmo que a existência da citada substância *ódica* ou fluido magnético que, como dissemos, é invocada como causa de fenómenos telepáticos, se pudesse provar, devíamo-nos sempre lembrar de que essas emanações corpóreas, fossem elas quais fossem, teriam um carácter material, e não podiam servir como explicação satisfatória dos fenómenos telepáticos que se verificam por intermédio do espiritismo.

Se, no caso de alguns médiuns, certa espécie de fluido foi vista emanar de muitos dos nervos capilares que estão espalhados por toda a superfície do corpo, devemos ter presente na nossa mente que não está acima do poder dos espíritos puros produzir tal fenómeno, para que assim façam

nascer a impressão de que aquilo que é, na realidade, uma ocorrência extraordinária causada pela sua energia pessoal, se deve apenas à acção de causas naturais.

§ VI — *A insuficiência dos modernos sistemas científicos para explicar os fenómenos de telepatia.*

1 — Pelo que dissemos até aqui, conclui-se que os fenómenos telepáticos não podem ser devidos directamente à vontade humana, nem podem ser originados por ela sob a acção de qualquer fluido *ódico* ou magnético ou de qualquer outra substância que actue por ordem da vontade.

O que dissemos refere-se do mesmo modo a outras teorias semelhantes recentemente inventadas para explicar estes mesmos fenómenos, tais como, por exemplo, o sistema de uma força astral ou o da exteriorização de uma força motora. Tais teorias estão mergulhadas num mistério quase tão obscuro como aqueles próprios problemas para a solução dos quais foram inventadas.

2 — É um processo muito fácil, mas muito superficial e anticientífico, introduzir como um *deus ex machina* uma força misteriosa destinada a originar todos esses fenómenos que causam a nossa admiração. Como podemos nós acreditar, por exemplo, que uma mulher inculta, desprovida de todos os conhecimentos de ciências físicas, actuando como médium, seja capaz de produzir, a uma grande distância, imagens de faces e corpos humanos nas mais variadas atitudes, e possa ainda transmitir as mais extraordinárias informações e excitar as mais vívidas impressões? A que classe de seres podia pertencer uma força que, por um lado, não ultrapassa na sua natureza a ordem material e, por outro, é capaz de produzir tão surpreendentes efeitos espirituais?

Notemos também que estes efeitos são produzidos não só quando esta força é posta em acção pelo médium, mas

também quando nem esta pessoa nem a outra são sabedoras da presença de tal força, visto que os fenómenos telepáticos muitas vezes ocorrem sùbitamente, sem que ninguém tenha tempo de observar, por parte de qualquer pessoa, a preparação desta misteriosa força psíquico-magnética.

3 — Se, portanto, desejarmos determinar a causa real dos fenómenos telepáticos, temos de recorrer a outro agente que não seja essa força cega e física — a um agente de ordem superior à matéria. Aqui devemos declarar, no entanto, que muitos fenómenos que o povo considera telepáticos são, na realidade, inteiramente naturais. Do facto de que muitas vezes dois amigos, que estão ansiosos por se ver, casualmente se encontram na rua, infere-se que isto aconteceu porque um deles, por um forte impulso da vontade — impulso esse do qual é talvez inteiramente desconhecedor — projectou até ao outro um certo fluido magnético que o determinou a passar por aquele lugar.

Tal asserção é contraditada pelo facto de que, se fosse assim, um encontro desta natureza realizar-se-ia todas as vezes que dois amigos expressassem igual desejo, visto que as forças da natureza são constantes e regulares. Em vez disso, raras vezes se dão encontros desta natureza e, quando se dão, causam admiração a ambas as partes. Portanto, as ocorrências desta natureza não pertencem pròpriamente à telepatia; estão debaixo da acção da Divina Providência, que regula e ordena mesmo os casos mais fortuitos para os seus mais altos fins.

4 — O mesmo se pode dizer de certos pressentimentos que, sùbitamente, tomam posse das nossas almas e, por vezes, tão fortemente que chegam a torturar-nos — pressentimentos esses que, com grande admiração nossa, os factos vêm confirmar. Pode, por exemplo, acontecer que um pai, sem qualquer motivo aparente, se sinta sùbitamente preocupado com o destino dum filho ausente e, passado pouco

tempo, receba uma carta a dizer que ele morreu, talvez no próprio momento em que o pai sentiu aquela ansiedade.

Ora, isto prova que há motivo suficiente para recorrer a uma força oculta, que actuou como transmissora de tal notícia?

5 — Respondemos negativamente. Nem mesmo aqui podemos invocar a eficiência de um fluido magnético.

O facto de um pai estar constantemente desejando o bem-estar dum filho é uma coisa inteiramente natural. É também natural que esta solicitude assuma ocasionalmente um carácter de extrema ansiedade, especialmente se ele souber que o filho está doente ou anda exposto a grande perigo. Mas, geralmente falando, estes sentimentos de solicitude paternal não têm relação com casos de desgraça que possam estar acontecendo ao filho, e isto é tão verdade que muitas vezes o próprio pai é o primeiro a não ligar importância aos seus injustificáveis receios. Se *por vezes*, acontece que a morte do filho coincide com o pressentimento do pai, tal facto é apenas um dos muitos extraordinários casos que acontecem nesta vida, aparentemente casuais, mas que, na realidade, são regulados por ordem da Divina Providência.

Se alguma relação há a determinar entre o pressentimento e a realização do facto, é necessário procurar uma causa proporcionada, que não pode ser qualquer espécie de fluido cego, mas sim um agente dotado de inteligência e vontade, cuja mediação é precisamente a causa, ou do citado pressentimento, ou de outros efeitos telepáticos de que nos estamos ocupando.

6 — Quem, portanto, podem estes agentes ser, senão as substâncias angélicas, que têm um conhecimento perfeito dos acontecimentos deste mundo, e que possuem, devido ao seu misterioso poder sobre os elementos da matéria, e até sobre os sentidos do homem, meio de comunicar o conhecimento ou a visão desses acontecimentos a pessoas coloca-

das a distância, quer elas estejam a dormir, quer estejam acordadas?

Ora, como os anjos podem produzir todos os fenómenos, mesmo os mais estranhos, que se verificam diàriamente nas sessões espíritas, assim podem também tornar visíveis aos nossos olhos ou à nossa imaginação, sem qualquer dificuldade, a sorte dos nossos amigos ou parentes ausentes, e podem pôr-nos em contacto com acontecimentos dos quais, por outra forma, não teríamos conhecimento.

7 — Mas outra questão surge: são os bons ou os maus anjos, os autores destes fenómenos?

À primeira vista, pareceria mais racional que esses fenómenos fossem atribuídos aos anjos bons, porque estas manifestações não têm, aparentemente, vestígios de imoralidade, e parece ser bom o seu fim. Que mal pode haver em que a morte ou a desgraça de um parente, ou de um amigo ausente, me seja dada a conhecer, ou em eu concluir, de meros sinais inteligíveis, que em qualquer parte do globo se deu um terramoto ou se desencadeou uma tempestade? Além disso, estas manifestações ocorrem ocasionalmente, sem que tenha havido um prévio entendimento com os poderes das trevas e sem a presença de um médium que possa, por um pacto pelo menos implícito, ter caído na posse do demónio.

8 — Não obstante tudo isso, devemos sustentar que as manifestações telepáticas têm de ser imputadas, não aos anjos bons, mas aos anjos maus. De facto, os bons anjos nunca trabalham, como já dissemos, senão por ordem de Deus, e as suas manifestações são verdadeiros milagres, que não se produzem senão em casos extraordinários, como consequência de uma insistente prece e como testemunho de santidade e mérito por parte de certas pessoas. Ora, estas comunicações telepáticas verificam-se, em vez disso, em cir-

cunstâncias que não são muito de molde a justificar uma intervenção de Deus, como no caso dos milagres.

De facto, tais manifestações, em vez de serem acompanhadas por aquela seriedade e dignidade que distinguem as obras de Deus, trazem consigo a marca da leviandade e da desordem. Trata-se, quase sempre, de indivíduos de pouca ou de nenhuma religião, e cujo carácter moral não está acima de toda a suspeita. Além disso, estas comunicações efectuam-se sem qualquer invocação a Deus, e quando as próprias pessoas interessadas pensam menos nelas. Finalmente, não há em tais comunicações vestígios daquele fim de bondade, piedade e virtude sobrenatural que distinguem as obras divinas.

9 — Poderá interessar ao leitor que narremos aqui uma ocorrência telepática que, a ser verdadeira, podia ser considerada como a mais típica deste género. Refere-se a Napoleão e foi largamente espalhada pela imprensa, por ocasião do seu centenário. Como se sabe, Napoleão morreu em Santa Helena, em 5 de Maio de 1821, às seis horas da tarde, com cinquenta e um anos e alguns meses. Conta-se que no mesmo dia um furacão destruiu as poucas árvores que havia na ilha, e o salgueiro, a cuja sombra o Imperador costumava descansar, foi arrancado pela violência do vento. Mas a circunstância mais maravilhosa que acompanhou esta morte é a relatada por Cavaliere Colonna, camarista de Maria Letizia — conhecida como «Madame Mère» — a mãe do Imperador, então residente em Roma, no diário que ele ditou à Signora de Sartrouville:

«Em 5 de Maio de 1821, um indivíduo de aspecto nobre apresentou-se no palácio de Bonaparte, na Piazza di Venezia e pediu insistentemente para falar à mãe de Napoleão. O porteiro perguntou-lhe se tinha alguma audiência marcada, sem o que não podia ser recebido. Respondeu ele que não tinha qualquer audiência marcada, mas que lhe era

absolutamente necessário falar com Maria Letizia. E, pondo de lado toda a etiqueta, dirigiu-se para o quarto de *Madame*, dizendo ao pajem, que lhe perguntou o nome, que só o declararia a Sua Alteza.

Impressionada com esta insistência, Letizia deu ordem para que o estrangeiro fosse admitido à sua presença. Nesta ocasião estava ela acompanhada por Cavaliere Colonna e pela Signorina Mellini, sua dama de companhia. O recém-chegado declarou que queria falar a Sua Alteza sem testemunhas.

Letizia mandou sair as pessoas que estavam com ela e ficou só com o estranho visitante que, sem mais delongas, lhe disse: «No momento em que vos estou a falar, Napoleão deixou de sofrer: agora é feliz». Tendo proferido apenas estas palavras, fez uma profunda vénia e retirou-se. Todas as pesquisas feitas em Roma e nos arredores para obter informações deste estranho visitante foram infrutíferas».

10 — Não há dúvida de que tão estranha história inspira uma séria desconfiança. Embora muitas vezes Maria Letizia aludisse a esta misteriosa visita, não seria temerário ver neste acontecimento mais o resultado de uma ilusão pessoal do que um facto real. Impressionada como ela estava continuamente com o pensamento do seu infortunado filho, devia recusar-se a acreditar que ele tivesse morrido, preferindo viver na esperança de que o havia de encontrar novamente, feliz e glorioso.

Seja como for, como pode tão estranho acontecimento ser explicado pela telepatia? Houve intervenção de qualquer fluido magnético? Mas tal explicação é ainda mais misteriosa do que o acontecimento que se pretende explicar. Foi essa mensagem transmitida por um anjo bom? Mas, como podemos supor que um enviado de Deus, não invocado, pudesse anunciar, em tão estranhas circunstâncias, que

Napoleão estava livre de todos os sofrimentos e entrara no reino da felicidade? A que felicidade se faz aqui referência? Na verdade, não há felicidade além-túmulo senão a que gozam os bem-aventurados; portanto, Napoleão devia ter sido imediatamente admitido na presença de Deus. Ora, nem mesmo quando se trata de Santos, canonizados pela Igreja, há notícia de semelhantes mensagens. Como pode, portanto, este fenómeno, admitindo a sua autenticidade, ser explicado, senão recorrendo à intervenção do anjo das trevas, cujas manifestações são tão irregulares e anormais que sempre podem induzir o homem a erros e enganos?

Esta é exactamente a conclusão a que chegamos. Os fenómenos telepáticos ou telestésicos, que ultrapassam as forças da natureza que nos são conhecidas, devem ser considerados como efeitos de certos agentes espirituais de natureza corrupta que, por este meio, procuram causar confusão e perturbações nos indivíduos, na família e na sociedade em geral, com o fim de mais fàcilmente pescarem nas águas turvas.

11 — Não se deve objectar que as citadas manifestações telepáticas nada contêm de anormal. É sempre um mal em si e uma verdadeira anormalidade receber, ou mesmo esperar, qualquer comunicação respeitante a factos ocultos, por um meio não conforme com a ordem estabelecida pela natureza, ou por meios não designados expressamente por Deus. Tal processo leva à suspeita duma intervenção diabólica, desde que a irregularidade e a mutabilidade são as características das obras dos anjos rebeldes.

Isto torna-se ainda mais manifesto, quando reflectimos na ausência de qualquer fim útil nas manifestações telepáticas que ordinàriamente nos são narradas. Na maior parte dos casos, as pessoas a quem tais manifestações são feitas não têm sentimentos alguns religiosos, nem tais comunicações as levam a oferecer as suas orações por aqueles cujos

infortúnios lhes foram comunicados por tão estranha maneira. O único resultado de tais manifestações consiste em estimular ou alimentar uma curiosidade mórbida. Deixam no espirito um vago sentimento de desassossego, e fazem com que as pessoas encarem a vida por uma forma diferente daquela que lhes é ensinada pela Igreja e até então observada pelas pessoas cristãs, no que se refere às nossas relações com os ausentes ou ao meio de comunicar com eles.

12 — Alguns autores, com o fim de afastarem a instrumentalidade de espiritos intermediários nos fenómenos de telepatia e telestesia, admitem, como facto provado, as comunicações inter-mentais de indivíduos afastados uns dos outros. «Não sabemos, dizem eles, como essa transmissão de pensamento de uma mente para outra ou de uma alma para outra é realizada, sem a intervenção de qualquer agente físico: se é feita de cérebro para cérebro, por meio de vibrações do éter, se de alma para alma sem qualquer intermediário físico, ou ainda se é feita pela exteriorização de uma *força psíquica*. Ignoramos qual o processo que provoca a transmissão por parte do agente e a recepção por parte do receptor. O que sabemos é que o agente procurou transmitir a ideia e que ela foi transmitida».

Seguramente, quem raciocina desta maneira mostra que não quer saber, nem qual é a verdadeira natureza do pensamento, nem qual é a maneira como nós comunicamos intelectualmente com os outros homens nesta vida. Qualquer pessoa versada em filosofia católica sabe que coisa frívola é falar da projecção do pensamento e da vontade por meio de qualquer força psíquica ou de outra, e como tal suposição é contrária à própria essência da alma racional e do pensamento. Por isso, a tentativa para afastar, com uma simples penada, a acção dos anjos nessa comunicação directa, que se realiza em espiritismo entre a mente dum homem e

a mente de outro, é um método demasiadamente arbitrário, para não dizer pueril.

13 — É preciso, portanto, ter o máximo cuidado em não atribuir ao efeito de um misterioso fluido magnético ou à intervenção dos anjos bons estas manifestações telepáticas, que, com a aparição de personagens estranhos, com vozes ou sons sensíveis, ou com imagens sùbitamente formadas no ar ou num espelho, anunciam qualquer acontecimento que se supõe ter sucedido a grande distância, e do qual a pessoa a quem ele é anunciado não podia ter conhecimento por outra forma. Se tal cuidado é preciso, quando se trata de acontecimentos passados ou presentes, muito mais o será quando se tratar de comunicações relativas a uma ocorrência futura, como, por exemplo, a notícia da morte próxima de algum parente ou amigo. Tanto a razão como a fé nos ensinam que as contingências futuras — isto é, coisas não dependentes de causas necessárias — são conhecidas apenas por Deus e, portanto, tais notícias são puras invenções de um cérebro exaltado ou conjecturas dos espíritos malignos que, tendo conhecimento de muitas circunstâncias particulares que nos são desconhecidas, podem supor o que está para acontecer num futuro próximo, e procedem como se tivessem um conhecimento seguro de tais acontecimentos.

§ V — *Comparação entre as mensagens telepáticas e as comunicações feitas à alma por Deus.*

1 — Do que dissemos depreende-se que devemos olhar com a maior suspeita a origem das comunicações que nos forem feitas por meio da telepatia. Isto, contudo, não deve aplicar-se de forma alguma às manifestações com que a bondade de Deus se digne honrar e confortar os seus fiéis servos de tempos a tempos, e das quais lemos autênticos

exemplos, tanto na Sagrada Escritura como nas vidas dos Santos. Deus, sendo a verdade perfeita e conhecendo todas as coisas passadas, presentes e futuras, tem a liberdade de transmitir esse conhecimento a quem Ele deseje, substituindo pelos anjos os meios vulgares de informação, visto que eles são os seus ministros. No entanto, ao proceder assim, Ele observa uma ordem maravilhosa, de forma a deixar claramente conhecer que nada há de comum entre as suas manifestações e os caprichosos métodos que caracterizam os fenómenos de telepatia.

2 — Em primeiro lugar, estas revelações divinas não são feitas a toda a gente. Geralmente falando, são feitas apenas a pessoas de uma extraordinária santidade de vida, que, pelas suas virtudes, estão colocadas acima da craveira vulgar dos homens, e são, na verdade, os amigos de Deus. Pelo contrário, os receptores das comunicações telepáticas ou de uma vida licenciosa. No entanto, parece que os misteriosos agentes dessas comunicações escolhem de preferência homens ou mulheres de moral duvidosa, com pouca ou nenhuma fé.

3 — Outro ponto de grande diferença entre as comunicações vindas de Deus e as obtidas por telepatia é o que resulta da natureza de tais comunicações. Enquanto a informação proveniente de telepatia traz a marca de um puro naturalismo, e não abre a mente às verdades da fé nem o coração a um maior amor a Deus, fonte de todo o bem, as revelações feitas por Deus aos seus servos, por outro lado, têm um carácter sobrenatural. Elas elevam a alma acima das coisas deste mundo, confortam o coração, comunicam ao homem nova força, ajudando-o a prosseguir corajosamente no caminho da virtude. Por isso, assim como as primeiras manifestações são desprovidas de toda a utilidade prática, as segundas têm um fim bem determinado, que é o de todas

as obras divinas, ou seja a recompensa da vida eterna na posse do Reino de Deus.

4 — Finalmente, se considerarmos a maneira como estas duas espécies de manifestações se efectuam, veremos que, enquanto as comunicações telepáticas se apresentam rodeadas de estranhas e incompreensíveis circunstâncias, que causam confusão no espírito e perturbam a sua paz, as revelações divinas são sempre acompanhadas por tal seriedade, dignidade e santidade, que todas trazem a marca do Espírito Santo, que, segundo diz a Sagrada Escritura, nos governa com a maior reverência (1). Portanto, quem quer que se encontre em presença de tais revelações, não poderá deixar de exclamar: «Aqui está o dedo de Deus» (2).

5 — Deus é verdadeiramente maravilhoso nas comunicações com que favorece os seus Santos, quando os faz partilhar dos seus segredos, como se eles fossem os seus maiores amigos. Assim, a Ana Maria Taigi, uma simples e pobre mulher católica, ùltimamente elevada pela Igreja às honras do altar, concedeu Ele o conhecimento de muitas coisas secretas, passadas, presentes e futuras, que lhe foram mostradas num sol radiante, sempre a brilhar diante dos seus olhos. Este é um dom pertencente àquela classe de favores sobrenaturais conhecidos pelo nome de *gratiae gratis datae*, dos quais S. Paulo fala demoradamente na primeira Epístola aos Coríntios, e que ele designa sob os nomes de fé, sabedoria, conhecimento, discernimento de espíritos e interpretação das palavras, dons estes que pertencem todos à profecia e que são possuídos, não como dons permanentes, mas como cintilações da luz sobrenatural, impressa por uma forma transitória pelo Espírito Santo naquele que é favorecido como tais dádivas.

---

(1) *Sabedoria*, XII, 18.
(2) *Êxodo*, VIII, 19.

6 — Menção deve também aqui ser feita do dom das línguas, chamado *Glossolalia*, com o qual Deus algumas vezes favorece os seus Santos, como aconteceu com os Apóstolos no Pentecostes. Este dom, contudo, é de uma natureza especial, visto que pode ser possuído de forma permanente, isto é, como um dote constante, de tal maneira que a pessoa que o possui o pode usar quando e como lhe agrade, conforme disse S. Paulo: «Graças dou ao meu Deus, porque falo todas as línguas que vós falais» (¹).

A razão desta diferença consiste no facto de que os outros dons concedidos gratuitamente, *gratiae gratis datae*, e acima mencionados, tais como a profecia, o discernimento de espíritos chamado também pesquisa dos corações, e outros semelhantes, abarcam uma infinita soma de conhecimentos e não podem, portanto, ser possuídos por uma simples criatura, nesta vida, por uma forma perfeita e permanente. Mas o dom das línguas refere-se apenas a um conhecimento particular — isto é, à linguagem humana — e por isso pode ser possuído perfeita e permanentemente nesta vida (²).

Podemos, portanto, concluir com o Cardial Newman que o dom das línguas «pela sua natureza, era, quando uma vez possuído, como um talento vulgar e não precisava de nova influência divina para poder ser exercido» (³).

7 — Devemos observar, contudo, que este dom não é igual em todos aqueles que o recebem, nem abrange, necessàriamente, todas as línguas do mundo. É, portanto, mais ou menos amplo, de acordo com o grau de dádiva divina, sendo concedido na medida do fim a que é destinado. Esta é a razão por que S. Francisco Xavier, embora favorecido por Deus, como sabemos, com o conhecimento de muitos dialectos orientais, quando chegava a uma nova região, cuja

(¹) Cor., XIV, 18.
(²) S. Tomás, *Quaest.*, CLXXVI, Art. 2.
(³) *Two Essays on Mirecles*, p. 36, nota K.

língua era desconhecida, tinha de a estudar com o maior cuidado.

8 — Por muitas razões o demónio foi chamado pelos Padres da Igreja o macaco de Deus. Na realidade, o seu fim é fazer guerra à obra de Cristo e arruinar as almas. Mas ele procura atingir o seu fim por meio do espiritismo, do hipnotismo e da telepatia, práticas estas com que pretende imitar a obra de Deus. Assim consegue maravilhosos efeitos, que chegam a ter uma grande semelhança com os milagres, e pretende também dar a conhecer as coisas ocultas, como fizeram os profetas. Todas estas suas obras têm, no entanto, um ponto vulnerável, pelo que se conhece a fraqueza do anjo das trevas, e todas elas são caracterizadas pelo espírito de fraude e engano que o anima. Por este motivo, só aqueles que voltam as costas à luz da verdade erguida bem alto pela Igreja Católica é que se deixam miseràvelmente envolver nas suas redes.

9 — O exercício da iniquidade, começado pelo demónio desde o princípio do mundo, será, nos seus últimos dias, completado pelo Anticristo que, inspirado pelo blasfemo inimigo da raça humana e ajudado pelos homens perversos e hereges, há-de chamar em seu auxílio, sob a aparência de nunca ouvidos prodígios, todos os ardis da sua fraudulenta arte, com o fim de arrastar os próprios eleitos, se o puder conseguir, para o erro e para a perdição. O espiritismo, e todas as práticas que a ele se assemelham, pertencem a esta diabólica arte, na qual os anjos caídos, usando do seu conhecimento e do poder que possuem sobre a natureza, procuram imitar os prodígios divinos, para procederem como Deus e serem adorados como Ele. Mas «Nosso Senhor matá-lo-á com o sopro da sua boca e destruí-lo-á com o resplendor da sua vinda» (1).

(1) II *Tess.*, II, 8.

CONCLUSÃO

1 — Das várias considerações apresentadas nas precedentes páginas concluir-se-á qual é o último fim das práticas espíritas, e qual é o objecto que os anjos maus têm em vista, ao operarem tão notáveis fenómenos e ao personificarem as almas dos mortos.

Dissemos que o pecado dos anjos caídos constituiu na ambição de atingirem o seu último fim pelas próprias forças, sem a ajuda da divina graça, e é exactamente este mesmo rumo que orienta as práticas espíritas.

2 — Os fenómenos, demonstrando como demonstram, a existência de um mundo espiritual, vêm, por outro lado, confirmar a verdade filosófica e teológica respeitante à imortalidade da alma, e dão assim o golpe de misericórdia no materialismo.

Esta concessão não é feita, por parte dos anjos maus sem uma compensação adequada, visto que eles se servem

dela como um meio para obtenção dos seus próprios fins. E esses fins são, na realidade, mais favorecidos pela afirmação de que o homem pode alcançar um estado de beatitude final pelas suas próprias forças e sem a ajuda da graça sobrenatural, que lhe foi oferecida por intermédio da Incarnação.

3 — Não podemos deixar de afirmar mais uma vez que a imortalidade da alma humana pode ser estabelecida, com suficiente evidência, pelo raciocínio natural do intelecto humano.

Aquilo que as explícitas declarações e os admiráveis fenómenos do espiritismo pretendem demonstrar, com relação à sobrevivência da alma depois da morte, está, de facto, de harmonia com a voz da natureza e da razão. Mas, fazendo esta única e verdadeira afirmação respeitante à imortalidade da alma, os espíritos malignos conseguem muitas vezes ganhar crédito para muitas outras asserções falsas, principalmente pelo que respeita à obtenção da felicidade final e ao estado da alma depois da morte. O facto de que esses agentes ocultos admitem a imortalidade da alma arrasta as pessoas incautas e crédulas à aceitação de outras afirmações falsas.

É preciso notar também que essas mesmas afirmações constituem, inteira ou parcialmente, a síntese das doutrinas de alguns escritores modernos que resolveram afastar-se do ensino tradicional da Igreja. Nunca será demais repetir que, enquanto a influência dos espíritos malignos se exerce abertamente sobre as almas simples pela manifestação de prodigiosas ocorrências, essa mesma influência actua, por uma forma mais subtil e apurada, sobre a mente desses escritores de nomeada, instigando-os à promulgação de um novo credo. Em ambos os casos o fim a atingir é a destruição do Cristianismo.

4 — Por todas estas razões se tornará evidente aos espíritos imparciais que o espiritismo, sob a aparência de promover o bem intelectual e físico do homem, é na realidade, um meio eficaz de o arrastar para longe de Deus e do caminho que a Ele conduz, que é a Santa Igreja.

Como meio de comunicação com as substâncias puras intelectuais, o espiritismo existiu em todos os tempos. É apenas na forma que alguma mudança tem havido. Pelo que respeita a essa forma, parece estar numa relação muito directa com o movimento da ciência contemporânea, e não há dúvida de que é essa circunstância que dá aos fenómenos espíritas tão vasta e particular atracção.

5 — É muito natural que, em vista das extraordinárias descobertas feitas nos últimos tempos no campo da física, da mecânica e da química, o homem se tenha deixado fascinar por todos os fenómenos a que essas descobertas se referem, e veja nelas as mais ricas e transcendentes promessas. Ora, imitando e ultrapassando mesmo os efeitos dos agentes naturais, as substâncias espirituais podem ocultar a sua actuação e ganhar assim grande preponderância sobre o homem, induzindo-o, sob a pretensão de promover o avanço das ciências, a entregar-se a essas ilícitas práticas.

6 — Isto torna-se muito mais fácil numa época em que o estudo da alma humana e das suas faculdades, assim como o estudo da natureza angélica e do mundo espiritual em geral, são tão profunda e universalmente desprezados.

Insistimos, portanto, em que é só pelo estudo dos princípios da filosofia católica e das deduções que de tais princípios derivam, que se pode determinar o verdadeiro carácter do espiritismo e de práticas semelhantes. Os outros sistemas de filosofia, por muito plausíveis que nos pareçam, serão inadequados para tal fim.

Quando olhamos para a subversão da ordem natural derivada das práticas espíritas, quando vemos os terríveis estragos que essas práticas produzem nas almas dos homens, quando consideramos os perigos a que elas expõem a sociedade, não podemos deixar de formular um desfavorável juízo sobre a moralidade de tais práticas.

7 — É, por outro lado, uma circunstância significativa o facto de que, apesar de tudo quanto se possa dizer a favor de tais fenómenos, a Teologia Católica continua hoje a julgar que é completamente impossível congraçar-se com essas práticas, como sempre o julgou nos tempos idos. Sejam quais forem as pretensões que tenha o espiritismo moderno, a Teologia considera-o como a continuação da revolta de Satanás, com o fim de arrastar as almas para uma ruína irreparável. E é preciso que nos lembremos de que muitos cientistas eminentes se têm feito eco da voz da Igreja e, conhecedores da natureza e tendência dessas práticas, têm demonstrado a sua perniciosa influência, e têm posto os homens de sobreaviso contra os perigos físicos e morais que elas acarretam.

8 — Temos esperança de que a nossa voz seja ouvida e de que todos os cristãos, homens e mulheres, feitos à imagem e semelhança de Deus, e remidos pelo precioso Sangue de Cristo, hão-de evitar cair nas mãos do inimigo declarado de Deus e da humanidade.

Aquele que procura a verdade pode encontrá-la no livro da natureza e na Revelação, e não precisa de recorrer aos espíritos enganadores.

9 — Se desejamos favores temporais e espirituais, temos na nossa frente um caminho aberto: recorramos à humilde oração, de harmonia com a lei e a vontade do Todo-Poderoso. Se ansiamos pela felicidade, temos o penhor da glória futura na promessa da visão de Deus, face a face.

Mas o cumprimento dessa promessa está dependente de uma condição: a prática das boas obras na observância da lei divina:

«*Instrui-me no caminho das tuas justificações e eu exercitar-me-ei nas tuas maravilhas*» (1).

FIM

(1) *Salm.* CXVIII, 27.

SINOPSE

INTRODUÇÃO

1 O espiritismo nos tempos antigos e modernos.
2 Diferença entre o espiritismo antigo e o moderno.
3 O *mesmerismo* e o *swedenborgianismo* como precursores do moderno espiritismo.
4 Impulso dado ao espiritismo pelas experiências da familia americana Fox.
5 Várias formas de ocultismo.
6 Fim do presente estudo.
7 Realidade dos fenómenos espiritas.
8 Ordem a seguir neste estudo.
9 Limites dentro dos quais tencionamos tratar este assunto.
10 Terminologia a empregar.
11 A filosofia e a teologia católicas como fontes de informação, quanto à natureza e operações do mundo invisivel.
12 Sumário.

PRIMEIRA PARTE

O MUNDO ANGÉLICO

1 Uma dupla hipótese sobre a causa dos fenómenos espiritas.
2 Fim do presente estudo: verificar se existem seres espirituais distintos das almas dos mortos e qual é o seu conhecimento e poder.

I

EXISTÊNCIA E NATUREZA DOS ESPÍRITOS PUROS

1 Questão proposta: se existem espíritos puros diferentes das almas dos mortos.
2 Ordem a seguir neste capítulo.

§ I — *Harmonia entre o mundo visível e o mundo invisível.*

1 A crença das pessoas não é fundamento suficiente para estabelecer com certeza a existência dos espíritos puros.
2 No entanto, a harmonia do Universo dispõe-nos a aceitar esta verdade.
3 Esta verdade deduz-se também da observação das nossas faculdades intelectuais.
4 A existência de espíritos puros é conhecida, com certeza absoluta, por intermédio da Revelação.

§ II — *Os fenómenos espíritas não são prova suficiente da existência dos espíritos puros.*

1 Os fenómenos espíritas podem, absolutamente falando, ser causados por agentes diferentes dos espíritos puros.
2 Fenómenos espíritas com um carácter imoral e prejudicial.
3 A causa proporcionada de tais fenómenos não pode ser conhecida, com certeza, sòmente com auxílio da razão.

§ III — *Prova adequada da existência dos espíritos puros.*

1 O ensino da Igreja Católica pelo que respeita à existência de espíritos puros.
2 O ensino da Escritura Sagrada.
3 Estes espíritos são especialmente distintos das nossas almas.

§ IV — *Distinção específica entre os espíritos puros e as almas dos homens.*

1 Opinião dos origenistas.
2 Esta opinião é sustentada hoje pelos mais acreditados espíritas.
3 A alma humana não pode ser transformada num espírito puro.

§ V — *Natureza dos espíritos.*

1 Como é difícil conhecer o que é um espírito puro.
2 Um espírito puro é um ser inteligente, isento de toda a matéria.
3 Isto é significado pela palavra espírito.
4 Um espírito puro é também chamado um intelecto ou inteligência.
5 Pròpriamente é chamado Anjo.
6 Distinção entre o Anjo e Deus.

2

O CONHECIMENTO ANGÉLICO

1 Objecto do presente inquérito.
2 Dificuldade em resolver este problema.
3 Falamos aqui sòmente do conhecimento natural dos anjos.

§ I — *Natureza e extensão do conhecimento angélico.*

1 Como é difícil para nós formar uma ideia exacta do conhecimento angélico.
2 Diferença entre a mente humana e a mente angélica.
3 Três esferas concêntricas.

§ II — *Como os anjos entram na posse do conhecimento.*

1 Um anjo, desde o primeiro momento da sua existência, entra na posse do seu conhecimento natural completo.
2 A alma humana, por outro lado, vai desenvolvendo gradualmente o seu conhecimento.
3 Na mente angélica não há desenvolvimento gradual.
4 Dupla luz intelectual nas criaturas racionais: subjectiva e objectiva.
5 Espécies ou imagens angélicas.
6 Que espécie de aumento se pode admitir no conhecimento angélico, isto é, com referência a contingências futuras ou aos pensamentos secretos.

§ III — *Como o conhecimento de um anjo difere do conhecimento de outro anjo.*

1 Diferença entre duas inteligências angélicas.
2 Num anjo superior as espécies ou imagens são mais universais.

3 Mostra-se isto por meio de uma comparação.
4 As criaturas superiores partilham da perfeição divina numa medida maior do que as inferiores.

§ IV — *Iluminação angélica.*

1 Verdades de ordem sobrenatural.
2 Diferenças do conhecimento nos anjos.
3 O que se compreende por iluminação angélica.
4 Como as inteligências superiores iluminam as inferiores.
5 Modo como se realiza a iluminação.
6 Um anjo inferior nunca pode iluminar um superior.
7 Os anjos maus são excluidos desta iluminação.

§ V — *Objectos compreendidos no conhecimento angélico.*

1 O conhecimento natural dum anjo ultrapassa, incomensurávelmente, o nosso conhecimento natural.
2 Esse conhecimento não é imperfeito como o nosso.
3 Exemplos apropriados.
4 Diferenças entre o conhecimento natural dos anjos e o nosso.

§ VI — *Os anjos não conhecem os acontecimentos futuros nem os pensamentos secretos.*

1 Os acontecimentos futuros só podem ser revelados por Deus e os pensamentos secretos só podem ser conhecidos por Deus e pela pessoa a quem eles pertencem.
2 Os anjos podem predizer acontecimentos futuros dependentes das leis físicas.
3 Os acontecimentos dependentes da vontade livre de Deus ou da criatura são naturalmente desconhecidos pelos anjos.
4 Como os acontecimentos futuros naturais escapam ao conhecimento angélico.
5 Asserções categóricas respeitantes aos acontecimentos futuros de uma natureza livre são, naqueles que fazem tais asserções, sinais de um carácter imoral.
6 É só por meio da Revelação que um anjo pode conhecer os acontecimentos futuros dependentes da nossa livre vontade, assim como os nossos pensamentos secretos.

§ VII — *Maneira como nós comunicamos com os espíritos puros.*

1 O que é necessário para que se possam fazer nesta vida as nossas comunicações intelectuais.
2 Como os anjos comunicam entre si.
3 Como nós podemos comunicar com os anjos.
4 Os nossos pensamentos não podem ser manifestados a um anjo contra a nossa vontade, a não ser que o próprio Deus os manifeste.
5 Um anjo não pode conhecer os pensamentos de outro contra a vontade deste último.
6 Os anjos não podem conhecer o estado moral das nossas almas.
7 Como pode ser vasto o campo do conhecimento angélico.
8 As manifestações intelectuais que se efectuam por intermédio do espiritismo só podem ter os anjos como agentes.

3

O PODER DOS ANJOS NO UNIVERSO

1 Importância deste assunto.
2 Ordem que temos de seguir neste inquérito.
3 Os anjos são instrumentos de Deus no governo do mundo.

§ I — *O poder dos anjos sobre a matéria corpórea.*

1 As coisas inferiores são reguladas pelas superiores.
2 O principal fim da criação dos anjos é a glória de Deus; o fim secundário é o governo do mundo.
3 Opinião daqueles que sustentam que a produção dos elementos materiais é devida à acção de agentes imateriais que formam a grande alma do mundo.
4 Pampsiquismo de Kant.
5 A matéria recebeu de Deus as suas qualidades.
6 Selecção natural e luta pela vida.
7 A acção de Deus, causa primeira da vida e do movimento no mundo.
8 O poder dos anjos sobre a matéria com respeito às derrogações das leis físicas.
9 O ensino da Igreja a este respeito.
10 O poder dos anjos sobre a matéria foi-lhes dado para maior glória de Deus.

§ II — *Diferença entre as várias obras de Deus no Universo.*

1 Mudanças formais na ordem natural.
2 Mudanças formais na ordem sobrenatural.
3 A mudança chamada transubstanciação.
4 Criação da matéria.
5 A obra da Redenção.
6 A obra da Incarnação.
7 Maravilhas do poder de Deus no Universo.
8 Quais, entre estas obras, podem ser realizadas pelos anjos.

§ III — *Se os anjos podem incarnar, inculcar bondade ou maldade ao homem, criar matéria, transubstanciar qualquer criatura ou operar milagres.*

1 Um anjo não pode assumir hipostàticamente qualquer natureza, seja ela qual for.
2 Um anjo não pode inculcar bondade ou malícia ao homem.
3 Um anjo não pode criar matéria.
4 Um anjo não pode transformar uma coisa noutra.
5 Um anjo não pode operar mudanças miraculosas.
6 O poder dos anjos está limitado às mudanças de ordem natural, embora eles não as possam realizar todas.

§ IV — *Se os anjos podem, por meio de movimento local, alterar os corpos ou deslocá-los de um lugar para outro.*

1 Distinção entre mudanças intrínsecas, quer substanciais quer acidentais, e mudanças extrínsecas ou locais.
2 Um anjo não tem qualquer semelhança natural com a matéria.
3 Por isso não pode, por uma forma directa, mudar intrinsecamente a matéria, quer substancial quer acidentalmente.
4 Um anjo pode mover os corpos localmente.
5 Fundamento para este poder.
6 Um anjo pode, por meio do movimento local dos corpos, causar consideráveis mudanças intrínsecas na matéria.
7 O poder de mover os corpos varia nos diversos anjos.

§ V — *Como se pode dizer que um anjo está em determinado lugar.*

1 Um anjo está localizado pela aplicação do seu poder e da sua energia a um determinado corpo.

2 Um anjo não pode estar, ao mesmo tempo, em vários lugares.
3 Dois anjos não podem estar no mesmo lugar.
4 Fenómenos de obsessão e possessão.

§ VI — *Extensão do poder angélico sobre a matéria.*

1 Um anjo pode causar tantas mudanças intrínsecas na matéria quantas possam ser produzidas pelo movimento local dos corpos.
2 Extensão do poder angélico na produção de efeitos que se operem neste mundo.
3 Um anjo não tem poder para inverter a ordem da natureza.
4 Fenómenos extraordinários que podem ser produzidos pelo poder angélico.

§ VII — *Se os anjos podem assumir corpos vivos.*

1 Um anjo pode formar um corpo semelhante ao de uma pessoa viva.
2 Razão deste poder.
3 Como um anjo pode realizar as diversas funções da vida no corpo que assumiu.
4 A acção de comer praticada por um anjo que assumiu um corpo é apenas aparente.
5 Diferença entre esta acção nos anjos e em Nosso Senhor Jesus Cristo depois da Ressurreição.

§ VIII — *Extensão do poder angélico sobre o homem.*

1 Duplo aspecto sob o qual o homem pode ser considerado.
2 Poder dum anjo sobre o corpo do homem.
3 Diferença entre as obras dum anjo bom e as dum anjo mau.
4 Fenómenos de obsessão.
5 Se um anjo tem poder sobre as faculdades sensitivas e intelectuais do homem.
6 Um anjo pode influenciar os nossos sentidos quer internos quer externos.
7 Os anjos conhecem perfeitamento todos os elementos do nosso corpo.
8 Limite do poder angélico, pelo que respeita aos nossos sentidos.
9 Fenómenos de telepatia e clarividência.
10 Extensão do poder angélico sob a nossa natureza sensitiva.

11 Como um anjo pode iluminar o nosso intelecto.
12 Só Deus pode mover eficazmente a nossa vontade.
13 Como pode um anjo actuar sobre a nossa vontade.
14 A bondade de Deus ao encarregar os anjos bons da nossa guarda.

§ IX — *Como os anjos podem ser ajudados ou impedidos por pessoas e coisas na produção dos seus efeitos.*

1 Preferência que os espíritos manifestam por certas pessoas e coisas.
2 Razão de tais preferências.
3 Palavras de Santo Agostinho a este respeito.
4 De que forma podem os espíritos, nas suas manifestações, ser impedidos por determinadas criaturas.
5 Como o poder do demónio pode ser impedido por determinadas criaturas.
6 Como David acalmava, com a música, a perturbação que o demónio causava em Saúl.
7 Um anjo pode operar milagres?

§ X — *Limites do poder angélico.*

1 Os anjos não podem alterar a ordem da natureza, isto é, não podem operar milagres de primeira categoria.
2 Os anjos não podem também operar milagres de segunda categoria.
3 Os anjos podem produzir efeitos semelhantes a milagres de terceira categoria.
4 Quando é que as operações angélicas são milagres.
5 Um anjo pode actuar, ou como ministro de Deus, ou por iniciativa própria.
6 Diferença entre bons e maus anjos.
7 Devemos ter cuidado na distinção entre milagres e ocorrências naturais.

§ XI — *A compenetração de corpos.*

1 Deus pode fazer com que dois corpos estejam no mesmo lugar.
2 Um anjo não pode fazer com que dois corpos estejam no mesmo lugar ao mesmo tempo.
3 Condições requeridas para que dois corpos possam ocupar o mesmo lugar.
4 Em que consiste a causa formal da distinção numérica entre dois corpos.

5 Para que dois corpos possam ocupar o mesmo lugar, é necessário, primeiramente, que a relação das dimensões externas do corpo com as do espaço correspondente possam ser suspensas e, em segundo lugar, que o princípio de distinção de um corpo do outro, que deriva naturalmente da referida relação, seja suprido por outra causa.
6 Só Deus pode produzir estes efeitos.
7 Os anjos não podem produzir esses efeitos.
8 Um anjo só pode reduzir um corpo a minúsculas partículas e, assim, fazê-lo passar através dos mais pequenos orifícios.
9 Solução de uma dificuldade: se um anjo pode evitar que a água dum rio continue a correr, por que não pode operar a compenetração de corpos?
10 Em que caso devemos considerar como obra de Deus o facto de a água ter sido privada da sua fluidez.
11 Na produção das obras da natureza e da graça, Deus procura sempre, tanto quanto possível, obrar por intermédio de causas segundas.

§ XII — *Como os fenómenos espíritas podem ser explicados pela intervenção angélica.*

1 Nós não podemos ter uma ideia exacta da extensão do poder angélico.
2 Os fenómenos espíritas podem todos ser atribuídos ao poder dos anjos.
3 Exemplos de fenómenos físicos, mecânicos, fisiológicos e psicológicos que podem ser atribuídos ao poder angélico.
4 Fenómenos psicológicos atribuídos aos anjos.
5 Como as curas diabólicas têm a aparência de milagres.
6 Devemos investigar agora se as manifestações espíritas não só podem, mas devem ser atribuídas aos anjos maus.

SEGUNDA PARTE

A ALMA HUMANA DEPOIS DA MORTE

1 Os fenómenos espíritas atribuídos pelos modernos escritores às almas dos que morreram.
2 Igual opinião esteve em voga nos séculos passados.

3 Como é necessário fazer um inquérito sobre o estado e as operações das almas dos que morreram.

I

ESTADO DA ALMA SEPARADA DO CORPO

1 A alma humana é uma substância espiritual.
2 A hipótese respeitante ao perispírito ou corpo astral é insustentável.
3 Licença poética ao representar as almas dos mortos como unidas a corpos aéreos.
4 Engenhoso processo usado por Dante para explicar esta união.
5 Ordem que deve ser seguida no presente estudo.
6 A força da expressão: *alma separada do corpo.*
7 Em que sentido usamos a expressão: *fenómenos espíritas.*

§ I — *Sobrevivência da alma humana depois da morte.*

1 A alma humana é uma substância espiritual e, por isso, incompleta.
2 As almas dos animais, embora simples, são corruptíveis.
3 Há, no homem, um desejo de imortalidade.
4 O nosso propósito é falar da alma separada do corpo, independentemente da ordem sobrenatural.
5 Necessidade de investigar por que maneira a personalidade humana sobrevive depois da morte.

§ II — *Como a personalidade humana subsiste depois da morte.*

1 Diferença entre individualidade e personalidade.
2 Uma pessoa é um ser completo em si e distinto dos outros.
3 A personalidade humana, depois da morte, permanece.
4 Diferença entre a alma humana e as substâncias angélicas a este respeito.
5 A relação de cada alma com o seu próprio corpo é a causa da diferença entre uma alma e outra.
6 A alma separada do corpo não tem a perfeição da sua natureza.
7 Não pode haver em nós uma dupla personalidade.
8 O *Ego* da presente vida conserva-se na vida futura, embora modificado.

9 Há em cada homem apenas uma personalidade destinada a viver para sempre.

§ III — *Analogia entre a bilocação dos Santos e a hipótese de uma personalidade subconsciente ou subliminal.*

1 Teoria inventada nos últimos tempos relativa a uma personalidade subconsciente ou subliminal.
2 Esta teoria nada tem de comum com a bilocação dos Santos.
3 Também nada tem com a presença de Jesus Cristo no Sacramento da Eucaristia.
4 Se a suposta manifestação do *Ego* subliminal tem qualquer relação com a bilocação dos Santos.
5 A chamada personalidade inconsciente subliminal é o efeito da acção de alguns espíritos.
6 A hipótese da personalidade subconsciente não pode ser admitida no sentido dos modernos espíritas.
7 Absurdo da hipótese de uma personalidade subconsciente depois da morte.

§ IV — *Fundamento do erro respeitante à personalidade subconsciente.*

1 Qual é o fundamento do erro citado.
2 O fundamento está na identificação da personalidade humana com a consciência.
3 É falso dizer que a personalidade é constituída pela consciência.
4 Qual é o papel próprio da consciência.
5 Não pode haver em nós duas personalidades.
6 A alma, depois da morte, não pode perder a consciência do seu próprio ser.
7 A teoria do desdobramento do espírito não se pode admitir.

§ V — *Metempsicose.*

1 Que queremos significar com a metempsicose?
2 A metempsicose considerada nos tempos antigos e nos tempos modernos.
3 A teoria da metempsicose é contrária à voz da consciência e ao ensino da filosofia cristã.
4 A alma humana não pode informar senão o seu próprio corpo.
5 Importância de um completo conhecimento da alma humana.

2

O CONHECIMENTO DA ALMA SEPARADA DO CORPO

1 Necessidade de saber por que processo chegamos ao conhecimento de alguma coisa durante esta vida.
2 Outros pontos a esclarecer.
3 Consideramos agora a alma separada do corpo sòmente à luz da razão.

§ I — *Como podemos adquirir o conhecimento na vida presente.*

1 A alma humana adquire o conhecimento gradualmente.
2 Como a alma humana faz uso das imagens sensíveis para chegar ao conhecimento da verdade.
3 O conhecimento intelectual é muito superior ao conhecimento sensitivo.

§ II — *Natureza do conhecimento da alma depois da morte.*

1 Depois da morte, a alma obterá o conhecimento graças ao influxo das imagens espirituais que receberá de Deus, sem ter necessidade de imagens materiais.
2 A alma compreender-se-á a si própria e em si verá a Deus.
3 Aparente superioridade deste conhecimento intuitivo sobre o conhecimento que adquirimos em vida.

§ III — *Comparação entre o nosso conhecimento nesta vida e depois da morte.*

1 O significado da presente questão.
2 A alma humana, depois da morte, não terá tão claro conhecimento dos objectos individuais como tem nesta vida.
3 Exemplificação da doutrina precedente.
4 *As espécies inteligíveis* infundidas por Deus na alma separada do corpo, embora de mais larga extensão do que as adquiridas durante a vida, carecem, no entanto, de clareza, pelo que respeita aos objectos individuais.

5 A alma, depois da morte, está colocada debaixo da influência directa da luz divina.
6 A alma, depois da morte, carece de precisão e clareza.

§ IV — *Objectos particulares que a alma conhece no estado de separação.*

1 A alma humana, no estado de separação, conhece alguns objectos particulares.
2 Ela vê-se a si e em si vê os atributos de Deus.
3 A alma separada do corpo lembra-se daquilo que aprendeu durante a vida.
4 Maneira como a alma separada do corpo conhece Deus, os anjos e as outras almas separadas dos corpos.
5 A alma separada do corpo não conhece, pelo seu poder natural, todas as outras almas.
6 A alma separada do corpo conhece o lugar do seu destino.
7 A alma separada do corpo pode receber revelações especiais.
8 As almas separadas dos corpos podem comunicar entre si.
9 Várias fontes de conhecimento das almas separadas dos corpos.
10 A alma separada do corpo não conhece as vicissitudes deste mundo.
11 A visão de Deus no Céu para os bem-aventurados.
12 O conhecimento da alma separada do corpo é inferior ao dos anjos.
13 A alma separada do corpo não conhece os pensamentos secretos nem certos acontecimentos futuros.
14 A alma separada do corpo conhece as coisas da Terra devido às imagens impressas sobre ela por Deus.
15 Uma objecção a favor do espiritismo, sugerida por esta doutrina.
16 Resposta a essa objecção.

§ V — *Se as manifestações espíritas podem ser atribuídas às almas separadas dos corpos.*

1 Muitas manifestações espíritas ultrapassam o conhecimento que é natural às almas separadas dos corpos.
2 A manifestação de acontecimentos distantes, chamada clarividência está para além do poder das almas separadas dos corpos.
3 Questões que têm de ser resolvidas para averiguar se as almas separadas dos corpos podem ou não comunicar os seus pensamentos aos vivos.

§ VI — *Podem as almas separadas dos corpos comunicar entre si? Como se realiza isso?*

1 As almas separadas dos corpos comunicam entre si fazendo convergir os seus pensamentos sobre as almas com quem querem comunicar.
2 A distância local não constitui impedimento para essa comunicação.
3 A conversação espiritual entabulada entre duas almas separadas dos corpos é conhecida apenas por elas e por Deus.

§ VII — *Como podemos nós comunicar os nossos pensamentos aos outros homens na presente vida.*

1 Meios de conversação na presente vida.
2 Se o homem pode conversar com o seu semelhante sem o uso da linguagem ou de quaisquer outros sinais.
3 Teoria da telepatia.

§ VIII — *A alma separada do corpo pode comunicar-nos os seus pensamentos?*

1 Limites da discussão.
2 A alma separada do corpo não pode, pelo seu poder próprio, iluminar-nos ou instruir-nos.
3 Inferioridade da alma humana em comparação com a dos anjos.
4 Apresentação de uma nova questão.

§ IX — *Podemos nós, por meio de sinais sensíveis externos, manifestar às almas separadas dos corpos os nossos pensamentos?*

1 As almas separadas dos corpos não conhecem, *naturalmente*, os sinais sensíveis e convencionais empregados pelos homens.
2 A natureza de uma ordem superior compreende, na sua simplicidade, as diversas qualidades contidas nas distintas naturezas de uma ordem de seres inferiores.
3 Maneira como nós adquirimos o conhecimento dos objectos individuais durante a vida.
4 Exemplificação da anterior doutrina.

5 Dupla forma como se chega à aquisição do conhecimento nesta vida.
6 Uma alma separada do corpo não tem meios de conhecer os objectos individuais.

§ X — *Poderemos manifestar mentalmente os nossos pensamentos às almas separadas dos corpos?*

1 Nós não podemos, mentalmente, manifestar os nossos pensamentos às almas separadas dos corpos.
2 Como os anjos são capazes de conhecer os nossos mais intimos pensamentos.
3 A alma separada do corpo não pode conhecer as modificações cerebrais que se realizam em nós.
4 A maneira como conversa a alma separada do corpo não tem nada de comum com a que ela usava quando estava unida ao corpo.

3

PODERES DAS ALMAS SEPARADAS DOS CORPOS

1 Extensão do poder angélico sobre os elementos da matéria.
2 Se uma alma separada do corpo é dotada de igual poder.

§ I — *Se as almas separadas dos corpos têm qualquer poder sobre os elementos da matéria.*

1 Diferença entre a alma separada do corpo e um anjo.
2 A alma separada do corpo não tem poder sobre os elementos da matéria.
3 A nossa alma *move* apenas aquela matéria que ela informa.
4 A alma separada do corpo tem, com respeito aos elementos da matéria, apenas o modo de operação que tinha quando estava unida ao corpo.
5 A alma separada do corpo não possui, pela sua natureza, a faculdade de se mover.
6 Como se opera a localização de uma alma separada do corpo.
7 A localização de uma alma separada do corpo, de acordo com o conceito filosófico.

8 Razão por que os pagãos faziam libações sobre as cinzas dos seus mortos.

§ II — *Responde-se a algumas objecções.*

1 O ensino de S. Tomás está de harmonia com o da Igreja, pelo que respeita à ilegitimidade do espiritismo.
2 Primeira objecção: *A faculdade motora*, desde que tem uma acção intransigente, pode actuar sem um órgão.
3 Resposta a esta objecção.
4 A nossa *faculdade motora* é comandada pela vontade, mas esta ordem é executada pelo órgão motor.
5 Resposta à dificuldade respeitante a *uma força de energia* escondida na nossa alma.
6 Dificuldade respeitante ao governo do homem pelas almas separadas dos corpos.
7 Dificuldade originada pela propriedade de agilidade que os Santos terão depois da Ressurreição.

§ III — *Os fenômenos espíritas não podem ser atribuídos à acção das almas separadas dos corpos.*

1 Os fenómenos espíritas não podem ser atribuídos às almas separadas dos corpos como suas causas.
2 A materialização de espíritos, a telepatia e a clarividência são efeitos que ultrapassam os poderes das almas separadas dos corpos.
3 Que devemos dizer acerca das aparições de Santos?

§ IV — *Aparições de mortos.*

1 Há aparições de mortos verdadeiras.
2 Deus pode conceder às almas separadas dos corpos aquele poder que os anjos têm sobre os elementos da matéria.
3 A alma separada do corpo pode tornar-se visível pela acção dum anjo.
4 Diferença entre anjos bons e anjos maus.
5 As aparições de mortos, que se realizam por intervenção dos anjos bons, são milagres. O mesmo se não pode dizer quanto às aparições por intermédio dos anjos maus.

6 Para sabermos se as aparições de mortos são ou não são milagres, precisamos de saber a que espécie de espíritos devem as mesmas aparições ser imputadas.

§ V — *Várias espécies de aparições de mortos.*

1 As aparições de almas santas realizam-se por intermédio dos anjos bons; as aparições de almas de réprobos, por intervenção dos anjos maus.
2 A aparição das almas dos justos, que são realizadas por intervenção dos anjos bons, são verdadeiros milagres.
3 Do facto de que um anjo mau afirma por vezes que traz à cena qualquer personalidade particular não podemos deduzir que a alma dessa pessoa seja condenada.
4 Um caso em que o demónio representa, por sua iniciativa, a alma dum condenado.
5 As aparições de almas de réprobos que são realizadas por intermédio dos anjos maus, mas por ordem de Deus, são milagres.
6 Os demónios são os ministros de Deus para a aplicação de castigos.
7 Todas as aparições de mortos que tiverem sido autenticadas são milagres.

§ VI — *As manifestações espíritas não são milagres.*

1 Uma das características dos milagres é a sua ocorrência não frequente.
2 As circunstâncias em que as manifestações espíritas se realizam provam que não são obra de Deus.
3 Comparação entre as circunstâncias que acompanham os verdadeiros milagres e os que acompanham as práticas espíritas.
4 A certeza e a regularidade com que as manifestações espíritas se realizam e a imoralidade que a maior parte das vezes as acompanha provam que elas não são obra de Deus.
5 As manifestações espíritas realizam-se, não por ordem de Deus, mas com sua permissão.
6 Os fenómenos espíritas ultrapassam o poder natural das almas e devem ser atribuídos às substâncias puramente espirituais.
7 A questão proposta é esta: a que classe de anjos devem estas manifestações ser atribuídas?
8 Distinção entre os resultados obtidos nas práticas espíritas e os obtidos nas investigações científicas.

TERCEIRA PARTE

OS FENÓMENOS ESPÍRITAS PERANTE OS SERES ANGÉLICOS E PERANTE A SACRATÍSSIMA PESSOA DE JESUS CRISTO

1 Os fenómenos espiritas têm de ser atribuidos a uma causa que não pode ser a alma separada do corpo, nem um fluido magnético, nem Deus.

I

NATUREZA DAS PRATICAS ESPÍRITAS

1 Questão a considerar aqui.
2 Ordem a seguir no presente capítulo.

§ I — *Práticas semelhantes ao espiritismo.*

1 Magnetismo, hipnotismo, mesas que se movem e outras formas de superstição semelhantes ao espiritismo.
2 Por que motivo a adivinhação pelas estrelas ou essa espécie de astrologia que pretende conhecer certos acontecimentos futuros pelos astros foi condenada pela Igreja.
3 Por que motivo as práticas semelhantes ao espiritismo têm de ser condenadas.
4 Múltiplas maneiras como se realizam as práticas espiritas.
5 Várias maneiras de consentir em tais práticas.
6 Necessidade de conhecer bem as maneiras como se realizam as práticas espiritas.

§ II — *Uma classificação dos fenómenos.*

1 Fenómenos de ordem intelectual ou psicológica.
2 Fenómenos de ordem fisiológica.
3 O que se deve entender por transposição dos sentidos.
4 Diferença entre o poder de falar linguas desconhecidas sob a influência dos espiritos e o dom das linguas.
5 Fenómenos mecânicos.
6 Utilidade desta classificação.

7 Esta classificação não é estritamente lógica.
8 Como as manifestações espíritas andam muitas vezes entremeadas com fraudes.
9 Necessidade de estabelecer a distinção entre os fenómenos falsos e os fenómenos verdadeiros.

§ III — *O poder da imaginação.*

1 Muitos fenómenos espíritas não excedem as forças da natureza.
2 Extraordinárias manifestações que podem ser originadas pela nossa imaginação ou pelo nosso sistema nervoso.
3 O cérebro, órgão central da imaginação.
4 Os fenómenos causados pela imaginação são de extensão limitada.
5 Efeitos próprios da natureza vegetativa ou animal produzidos pela imaginação.
6 Os próprios animais estão sujeitos à influência da sua imaginação.
7 O poder da imaginação durante o tempo em que o indivíduo está acordado.
8 O poder da imaginação durante as horas de sono.
9 A imaginação não pode actuar a não ser sobre a pessoa a quem ela pertence.
10 Encantamento devido à imaginação.
11 Necessidade de distinguir os fenómenos espíritas daqueles que podem ser o efeito de uma modificação cerebral.
12 Os fenómenos de histeria.
13 O exame que a Igreja instituiu para os processos de beatificação daqueles Servos de Deus que foram favorecidos durante a vida com manifestações extraordinárias.
14 O que a imaginação pode fazer.

§ IV — *As nossas relações com o mundo invisível.*

1 As tentativas para entrar em comunicação com o mundo invisível, por meios naturais, são ilícitas.
2 Nós podemos pedir a Deus a graça de entrarmos em comunicação com o nosso Anjo da Guarda.
3 O homem pode chegar ao conhecimento de coisas invisíveis por meio dos sentidos.
4 Não devemos tentar entrar em comunicação com os espíritos puros, por meios mecânicos ou por outros semelhantes.
5 As práticas espíritas são proibidas, mesmo para efeito de investigações científicas.

§ V — *Defeitos morais inerentes às práticas espiritas.*

1 Motivo que geralmente influencia os que se dedicam às práticas espiritas.
2 Baixo carácter moral dos espiritos que se manifestam nas sessões.
3 As práticas espiritas não trazem vantagens ao homem; pelo contrário, são perigosas para o corpo e para a alma.
4 O desejo de entrar em comunicação com os espiritos do outro mundo é ilegitimo.
5 Nas manifestações espiritas nenhuma distinção se faz entre uma vida santa e uma vida perversa, entre a recompensa eterna e o eterno castigo.
6 A séria decepção a que o homem é arrastado pelas comunicações espiritas.

§ VI — *O alheamento do livre arbítrio no espiritismo.*

1 A passividade mental é uma condição necessária para tirar resultado das práticas espiritas.
2 Uma forte oposição da vontade é bastante para impedir as manifestações espiritas.
3 As práticas espiritas enfraquecem a força de vontade do homem.
4 O livre arbitrio, que é o maior bem que Deus concedeu ao homem, só pode ser submetido a Deus.
5 O alheamento do livre arbitrio nas práticas espiritas é ilegal.
6 O facto de uma pessoa se entregar a práticas espiritas é, não só perigoso, como também condenável.

§ VII — *A presença do médium nas práticas espiritas.*

1 Papel do médium nas práticas espiritas.
2 Há quem diga que o médium fornece os elementos para materialização dos espiritos.
3 Carácter moral do médium.
4 A alma humana não pode, senão por um milagre, comunicar directamente com as almas dos que morreram.
5 As inteligências angélicas podem actuar como médiuns.
6 A intervenção dos anjos está sujeita à ordem de Deus.
7 As comunicações com os mortos, quando feitas por ordem de Deus, são milagres.
8 As comunicações espiritas são devidas aos anjos maus.
9 Um médium, por causa da sua ligação com o demónio, pode obter

comunicação de coisas que, doutra maneira, não podiam ser conhecidas.

§ VIII — *A materialização dos espíritos.*

1 Natureza desta questão.
2 Os demónios podem abstrair certa substância cerebral ou astral do corpo do médium.
3 Os demónios podem, com permissão de Deus, actuar directamente sobre os elementos do corpo humano.
4 Um anjo, para aparecer visìvelmente, não tem, necessàriamente, de ir buscar os elementos ao corpo humano.
5 Duas formas de materialização.
6 Diferença entre as acções de comer e beber praticadas real e aparentemente.
7 Os espíritos materializados não comem nem bebem realmente, pois praticam estas acções apenas aparentemente.
8 A diminuição do peso no corpo de um médium.
9 Uma dupla hipótese repudiada.
10 Os elementos de um corpo vivo não são necessários para explicar a materialização dos espíritos.
11 A falsidade das declarações espíritas pelo que respeita ao seu modo de operar.

§ IX — *A natureza do médium considerada em relação com o carácter moral das práticas espíritas.*

1 Efeitos deletérios causados ao médium pelas práticas espíritas.
2 Por que motivo os espíritos pretendem a presença e a acção de um médium.
3 Ensino de S. Tomás a este respeito.
4 Desdobramento do médium.
5 A presença do médium implica que aqueles que assistem a estas práticas implìcitamente consentem em tudo quanto nelas se passa.
6 A acção do médium é uma paródia da acção do sacerdote na administração dos sacramentos.
7 A presença de um médium de grande sensibilidade facilita a intercomunicação do homem com os espíritos.
8 Um médium está arriscado a tornar-se um possesso do demónio.
9 A presença de um médium confirma a ilegalidade das práticas espíritas.
10 Maneira como a Santa Igreja condena os magos e feiticeiras.

§ X — *Saúl e a feiticeira de Endor.*

1 Como Saúl procurou entrar em comunicação com a alma de Samuel.
2 A aparição de Samuel não foi o efeito dos encantamentos da feiticeira.
3 Enquanto o demónio está a ser consultado, Deus pode, por intermédio dos seus ministros, dar a conhecer a verdade.
4 É possível que não fosse a alma de Samuel, mas um demónio, quem falou em seu nome.
5 A acção de Saúl condenada pela Sagrada Escritura.
6 O aviso da Bíblia.

§ XI — *Critérios erróneos no estudo do espiritismo.*

1 A cega aceitação de ditos e factos não autenticados.
2 O repúdio dos princípios da teologia no estudo dos fenómenos espíritas.
3 Deduções falsas do facto de que as leis da natureza não nos são perfeitamente conhecidas.
4 Como é errada a suposição de que a personalidade humana se pode dividir.
5 Consequência deste erro que diz respeito à pessoa de Nosso Senhor.
6 Errada opinião de um autor pelo que respeita à alma e às suas operações.

§ XII — *A séria admoestação da Igreja com respeito às práticas espíritas.*

1 Aversão da Igreja pelo espiritismo.
2 Um decreto da Igreja com relação às práticas espíritas.
3 Errada interpretação desse decreto.

2

DIVERSAS CLASSES DE SERES ANGÉLICOS

1 Classe de seres espirituais aos quais devem ser imputadas as práticas espíritas.

2 Distinção que existe entre os anjos.
3 Fim desta questão.

§ I — *Estado em que os anjos foram criados no princípio.*

1 A criação dos anjos.
2 Todos os anjos foram criados em estado de graça.
3 Os anjos consentiram todos em receber a graça.
4 Alguns anjos revoltaram-se contra Deus.

§ II — *A grande revolta no Céu.*

1 Em que consiste a revolta dos anjos.
2 Eles desejavam gozar a perfeita felicidade, mas não pela maneira ordenada por Deus.
3 Lúcifer, o chefe da rebelião.
4 Muitos anjos rebeldes andam a tentar o homem.

§ III — *Os anjos bons e os anjos maus.*

1 Os anjos caídos estão irrevogàvelmente obstinados no mal.
2 Razão desta obstinação.
3 Os anjos caídos, na sua rebelião, causaram a perversão das suas faculdades naturais.
4 Sorte final dos anjos que se revoltaram.

§ IV — *A condição final dos anjos caídos.*

1 Os demónios estão excluídos da influência das maravilhosas operações da graça.
2 A divindade de Jesus Cristo e a sua missão são mistérios incompreensíveis para os demónios.
3 Eles ignoram a eleição e a predestinação dos filhos de Deus.
4 Satanás tenta, por todos os meios possíveis, arrastar as almas dos homens para a perdição.
5 Por que permite Deus que os anjos tentem os homens.
6 O ódio e a inveja cegam os intelectos dos demónios.
7 Cada parte do Universo contribui para a felicidade do todo.
8 Os demónios estão sujeitos ao domínio dos anjos bons.
9 Maneira como o demónio ataca e tenta o homem.
10 O poder de Satanás é limitado por Deus.
11 Palavras de um piedoso autor.

3

QUE JUIZO DEVEMOS FORMAR SOBRE A IMORALIDADE DOS FENÓMENOS ESPIRITAS

1 Sentido da presente questão.
2 Ordem a seguir neste capítulo.
3 Em que consiste o credo espirita?
4 Dificuldades inerentes a este problema.

§ I — *Os fenómenos espiritas têm de ser atribuídos à acção dos maus anjos.*

1 Deus não pode ser a causa imediata dos fenómenos espiritas.
2 Também os anjos bons não podem ser a causa desses fenómenos.
3 As almas dos mortos não podem, igualmente, ser a causa desses fenómenos.
4 Esses fenómenos são obra dos espíritos malignos.
5 Testemunho de Tertuliano com respeito aos fenómenos espiritas.
6 Razão por que Deus permite tão grave mal.
7 Os anjos maus colocam-nos, realmente, em comunicação com as almas dos que morreram?

§ II — *Os anjos actuam como mediadores entre nós e as almas dos que morreram.*

1 Os anjos bons não podem ser os mediadores do homem nas práticas espiritas.
2 Falando de um modo geral, os anjos caídos não podem ser meios de comunicação entre nós e as almas dos que morreram.
3 Neste caso, o anjo assumiria o papel de um representante das almas separadas dos corpos.
4 Tratando-se dos anjos bons, tal comunicação seria um milagre.
5 Podem os demónios representar, desta maneira, algumas almas separadas dos corpos?

§ III — *O destino final da alma humana.*

1 Condição da alma na hora da morte.
2 A alma humana, libertada do corpo, pode estar no Céu, no Purgatório ou no Inferno.
3 A alma do Purgatório está salva.

4 Os anjos bons, enquanto dura a sua missão, não estão no Céu, mas na Terra.
5 Em que sentido se pode dizer que os demónios que estão na Terra estão também no Inferno.
6 Como as almas estão nos lugares que lhes foram destinados.
7 As almas dos mortos não podem, naturalmente falando, visitar a Terra.

§ IV — *Os anjos caídos não podem representar as almas dos Santos.*

1 É impossível aos espíritos caídos actuar como mediadores das almas que se encontram no Céu ou no Purgatório.
2 As almas do Purgatório pertencem à sociedade dos Santos.
3 Como acontece que, por vezes, os espíritos malignos pretendem representar as almas dos homens que tiveram uma santa vida.
4 Eles podem afirmar isso para enganar o homem.
5 Tais actos são uma injustiça para as pessoas santas que os anjos maus dizem representar.
6 Deus não pode permitir que as almas dos seus amigos sejam representadas pelos seus inimigos declarados, os demónios.
7 Os demónios, contudo, algumas vezes expressam a verdade.
8 Um soneto composto pelo demónio em honra de Maria Imaculada.
9 Obras de arte realizadas pelo demónio para conseguir os seus fins.

§ V — *Se os espíritos malignos podem representar as almas dos condenados.*

1 Sentido da presente questão.
2 Os anjos caídos podem manifestar-nos os pensamentos das almas dos condenados.
3 Pelas manifestações espíritas nós não podemos ficar certos de que as pessoas a quem essas manifestações se referem estejam, de facto, ali representadas.
4 Apresentação de uma dupla questão.
5 Falando em absoluto, os demónios podem representar as almas dos condenados.
6 Nunca podemos ter a certeza da verdade de tais manifestações.
7 A dificuldade proveniente da prece do rico a Abraão está resolvida.
8 A afirmação de que o espiritismo nos coloca em comunicação com as almas dos mortos é uma fraude por parte dos demónios.

9 É possivel a uma alma condenada, por ordem de Deus, manifestar o seu estado aos vivos.
10 Tais miraculosas aparições não podem realizar-se nas sessões espiritas por intervenção de um médium.
11 As manifestações espiritas não são outra coisa senão fraudes e enganos.

§ VI — *Ilegitimidade das práticas espiritas.*

1 Pelo facto de se supor que determinada alma apareceu numa sessão espirita não se deve concluir que ela esteja condenada.
2 Quaisquer verdades formuladas numa sessão espirita têm apenas por fim apresentar tais práticas como legitimas.
3 Palavras de Shakespeare.
4 Nós não podemos saber se uma pessoa foi realmente condenada, seja qual for a vida que ela tiver levado.
5 Nunca devemos recorrer aos espiritos malignos.

§ VII — *O espiritismo procura introduzir uma nova religião*

1 O espiritismo afirma que nós podemos ser felizes na outra vida, sem Cristo e sem a sua Igreja.
2 Artigos fundamentais do moderno credo espirita.
3 Alguns dos principais espiritistas modernos.
4 Impulso dado ao espiritismo pelo *Raymond* de Sir Oliver Lodge.
5 Sir Arthur Conan Doyle.
6 O último credo espirita respeitante à obra de Nosso Senhor Jesus Cristo.
7 Conceito que o novo credo forma de Deus e de Cristo.
8 O homem e o seu destino segundo o espiritismo.
9 Ensino do espiritismo sobre o céu e o inferno.

§ VIII — *Princípios essenciais da filosofia espirita.*

1 O governo do mundo.
2 Deus, o *Ego* do Universo.
3 A evolução — lei do Universo.
4 A alma é imortal.
5 Que espécie de escola é a vida sobre a terra.
6 Solidariedade entre todos os espiritos.
7 Como estão os espiritos dispostos no espaço.
8 Deus, lei suprema do Universo.

9 Como se realiza a educação da alma.
10 Como as doutrinas espiritas concordam com as dos modernistas.

§ IX — *Realidade objectiva das manifestações diabólicas.*

1 Extrema necessidade de conhecer a realidade objectiva das manifestações diabólicas.
2 *Esprits forts* que negam a realidade dos fenómenos espiritas ou obsessões diabólicas.
3 Cautela sàbiamente aconselhada pela Igreja.
4 A realidade das obsessões diabólicas.
5 O demónio pode atormentar o homem de dois modos: externa e internamente.
6 Fenómenos de obsessão diabólica.
7 Fenómenos de possessão diabólica.
8 A diferença entre a obsessão e a possessão é sòmente um grau.
9 Estes fenómenos são independentes da boa moral das pessoas.
10 As pessoas santas são, por vezes, atormentadas pelo demónio.
11 Os exorcismos da Igreja podem incidir sobre não católicos.
12 O demónio está tão activo hoje como estava no tempo passado.
13 Juizo de um autor moderno acerca de duas classes de escritores.

4

A ARROJADA AFIRMAÇÃO DAQUELES QUE PRETENDEM QUE NOSSO SENHOR FOI UM MÉDIUM DA MAIS ELEVADA CATEGORIA

1 Alguns espiritas não hesitam em apresentar Nosso Senhor como um perfeito médium.
2 Por este modo pretendiam eles explicar os milagres e a doutrina de Jesus.
3 Tal asserção está em desacordo com o ensino do Evangelho.

§ I — *Diferença entre as obras de Jesus e os fenómenos espiritas.*

1 Cristo realizava as suas obras sem qualquer aparato espirita.
2 Cristo fazia os seus milagres no meio de amigos e de inimigos, igualmente.
3 As obras de Nosso Senhor têm uma marca singular de simplicidade, de dignidade e de desinteresse.

4 Os milagres realizados por Jesus não O deixavam em condições físicas mais fracas.
5 A Transfiguração de Cristo não foi um acto espírita.

§ II — *Diferença entre a doutrina de Cristo e as supostas revelações do espiritismo.*

1 Frivolidade das mensagens espíritas; sabedoria do ensino de Cristo.
2 A honestidade é uma das características dos sermões de Jesus; a fraude e o engano são as características das declarações espíritas.

§ III — *As práticas espíritas combatidas por Cristo.*

1 Cristo nunca ensinou que se devia recorrer a tais práticas.
2 Jesus Cristo frequentes vezes expulsou os demónios do corpo de possessos.
3 Jesus confirmou a proibição feita na Velha Lei de comunicar com os mortos.

§ IV — *A imensa distância entre os milagres de Jesus e as práticas espíritas.*

1 A grande diferença que há entre as obras maravilhosas de Jesus e os fenómenos espíritas.
2 É falso e sumamente injurioso para Cristo considerá-lO como um espírita.
3 As práticas espíritas têm de ser evitadas.

5

EXORCISMOS

1 Tirania dos demónios sobre os condenados.
2 Trabalho do Salvador para libertar o homem da tirania do demónio.
3 Fim deste capítulo.

§ I — *Exorcismos entre os judeus.*

1 Jesus Cristo reconheceu na Sinagoga o poder de expulsar os demónios.

2 Testemunho tirado dos Actos dos Apóstolos.
3 Superstições misturadas com exorcismo dos Judeus.
4 Ensino de S. Tomás de Aquino a tal respeito.

§ II — *Exorcismos cristãos.*

1 A ordem de exorcista.
2 Esta ordem foi instituida pela Igreja.
3 Poder dos primeiros cristãos sobre os demónios.
4 Esse poder era exercido também a favor dos pagãos.
5 Poder dos Santos para expulsar os demónios.
6 Exorcismos da Igreja.

§ III — *Relação entre exorcismos e milagres.*

1 Libertar um homem do demónio, por parte de pessoas santas, é um verdadeiro milagre.
2 Ordem a seguir nesta parte.

QUARTA PARTE

HIPNOTISMO E TELEPATIA

1 Fim do presente capitulo.
2 Falta de precisão e distinção nos fenómenos do ocultismo.
3 Ordem a seguir nesta parte.

I

HIPNOTISMO

1 O fim da presente discussão é determinar em que consiste o hipnotismo e qual é a moralidade das práticas espiritas.
2 Diferença entre fenómenos hipnóticos semelhantes ao espiritismo; hipnoterapia e factos sobrenaturais aparentemente similares aos fenómenos hipnóticos.
3 Sonhos proféticos.
4 Efeitos maravilhosos dos sonhos naturais.

§ I — *Natureza do hipnotismo.*

1 Definição de hipnotismo.
2 Diferença entre sono hipnótico e sono natural.
3 Alheamento do livre arbítrio no hipnotismo.

§ II — *Efeitos do hipnotismo.*

1 Efeitos comuns ao sono hipnótico e às várias formas de sono artificial.
2 Influência hipnótica a distância.
3 Suspensão da vontade e da sensibilidade no sono hipnótico.

§ III — *É lícito recorrer ao hipnotismo?*

1 Práticas hipnóticas realizadas com má intenção não podem justificar-se.
2 O abuso, e não o uso, do hipnotismo e do magnetismo é condenável.
3 Nem sempre é possível determinar com exactidão onde acaba o uso e onde começa o abuso.
4 É lícito provocar o sono artificial para obter a insensibilidade durante uma operação cirúrgica.
5 É lícito recorrer ao hipnotismo, como a outros remédios medicinais, se o fim e os meios usados são bons.

§ IV — *O alheamento da vontade no hipnotismo.*

1 O alheamento da vontade é uma condição, por parte do hipnotizado, para se realizarem certos fenómenos hipnóticos.
2 A resistência da vontade por parte da pessoa hipnotizada é um obstáculo à produção de certos fenómenos.
3 A liberdade é o mais precioso atributo do homem.
4 O alheamento da vontade pode dar origem a práticas desordenadas e imorais.
5 As coisas que pertencem à nossa saúde física não dependem da vontade.
6 Maneira como a sugestão pode restaurar a saúde.

7 Tais coisas pertencem à ciência médica e não devem ser confundidas com verdadeiros milagres.
8 Fim dos estudos hipnóticos.
9 Alguns efeitos que a nossa imaginação é incapaz de produzir.
10 Quando o hipnotismo é lícito e quando o não é.

§ V — *O voto de obediência.*

1 Uma objecção: o voto de obediência feito pelos religiosos implica uma renúncia do livre arbítrio.
2 Isto é ordenado para um alto fim, especialmente para obter a vida eterna.
3 Com o voto de obediência, um religioso não alheia a sua vontade, senão de harmonia com as regras da sua ordem.
4 Um religioso é sempre livre nas suas acções e o seu voto não o priva de mérito.
5 Diferença entre profissão religiosa e alheamento da vontade em hipnotismo.
6 O demónio, macaco de Deus.

§ VI — *Uso e abuso do hipnotismo.*

1 A condenação do espiritismo estende-se a tudo quanto é condenável no hipnotismo.
2 O hipnotismo, correctamente compreendido, tem um efeito terapêutico.
3 Quando o hipnotismo é ilícito.
4 Perigos do sono hipnótico.
5 Juízo acerca dos efeitos terapêuticos do hipnotismo.

§ VII — *Curas devidas ao hipnotismo.*

1 Necessidade de distinguir as curas devidas ao hipnotismo dos verdadeiros milagres.
2 Cuidado com que a Igreja se pronuncia sobre a autenticidade dos milagres.
3 Nos nossos tempos operam-se curas maravilhosas.
4 Comparação entre curas devidas ao hipnotismo e curas miraculosas.
5 As curas devidas ao hipnotismo servem para pôr em relevo a grandeza dos milagres.

§ VIII — *Afinidade do hipnotismo com o espiritismo.*

1 Diferença entre os efeitos produzidos pelo hipnotismo e os produzidos pelo espiritismo.
2 Os fenómenos naturais do hipnotismo.
3 Fenómenos hipnóticos devidos a uma causa preternatural.
4 Muitos fenómenos hipnóticos são devidos à acção de substâncias espirituais.
5 Essas substâncias espirituais são os anjos caídos que pretendem assim enganar e enredar o homem.
6 Quando o hipnotismo se torna uma prática ilícita.

2

TELEPATIA OU TELESTESIA

1 Significação de telepatia.
2 Telestesia.
3 Grande número de factos telepáticos.
4 Nem todos eles merecem crédito.
5 Ordem a seguir ao tratar este assunto.
6 Necessidade de recorrer à Teologia Católica sobre este assunto.

§ I — *Hipótese do subconsciente ou personalidade subliminal.*

1 Significado deste subconsciente ou personalidade subliminal.
2 Palavras de G. Raupert sobre esta questão.
3 Significado do presente inquérito.
4 A personalidade não admite divisão.
5 Nós não temos conhecimento de tal personalidade interior.
6 A imaginária personalidade subliminal dos espíritas não pode ser um meio de comunicação entre diversas mentes.
7 A personalidade teria de ser, ao mesmo tempo, material e imaterial.
8 Relação entre a matéria e o pensamento humano.

§ II — *Teoria das vibrações mentais.*

1 Fundamento desta teoria.
2 A nossa vontade não possui poder directo sobre a matéria que lhe é estranha.

3 Apresentação de uma dificuldade.
4 As operações da alma são espirituais.
5 A transmissão do pensamento e a projecção da vontade num sentido material não se podem admitir.
6 Significado da presente questão.

§ III — *A hipótese de um fluido magnético.*

1 Diversas teorias inventadas para explicar a intercomunicação de pensamentos.
2 O que essas teorias têm de comum.
3 Ondas mentais como supostos meios de comunicação entre os indivíduos.
4 A substância material que se supõe ser o meio de transmitir comunicações mentais deve fazer parte do nosso corpo.
5 Resultados incertos desta teoria.
6 Dúvidas a resolver.
7 Primeira suposição: esse fluido deve ser vital.
8 Deve, além disso, ser capaz de receber e projectar as impressões da nossa mente.
9 Se as imagens do nosso cérebro se podem imprimir sobre outro.
10 As imagens cerebrais não o são transferidas de indivíduo para indivíduo.
11 As vibrações deste suposto fluido seria suficiente para provocar determinados pensamentos.
12 Futilidade da hipótese das ondas mentais.
13 O que se deve pensar acerca de certos fenómenos fisiológicos e mecânicos que alguns espíritas dizem ser produzidos pela telepatia.
14 Natureza errada e anormal de manifestações telepáticas.
15 Natureza problemática da substância *ódica*.
16 A substância que o corpo humano exala nada tem de comum com a hipótese do fluido nevrótico.

§ IV — *Insuficiência dos modernos sistemas espíritas para explicar os fenómenos de telepatia.*

1 Os sistemas propostos pela ciência moderna para explicar os fenómenos de telepatia são arbitrários e insuficientes.
2 O poder invocado pelos espíritas é incapaz de produzir os efeitos de telepatia.

3 Muitos factos são falsamente enumerados entre os fenómenos de telepatia.
4 Pressentimentos de desgraças que muitas vezes coincidem com os factos reais.
5 Tais pressentimentos não são devidos a telepatia.
6 Os fenómenos de telepatia explicados pela mediação de substâncias espirituais.
7 A que classe de anjos devem ser atribuidos os fenómenos de telepatia.
8 As manifestações telepáticas não podem ser atribuidas aos anjos bons; devem ser obra dos espiritos malignos.
9 Estranho fenómeno que se diz ter sucedido no tempo de Napoleão.
10 Como este fenómeno tem de ser explicado.
11 Os verdadeiros fenómenos telepáticos têm de ser atribuidos aos anjos maus.
12 As comunicações telepáticas carecem de resultados salutares.
13 Como é fútil a teoria das comunicações directas inter-mentais.
14 De forma alguma podem certos acontecimentos futuros ser reconhecidos por meio da telepatia.

§ V — *Comparação entre as mensagens telepáticas e as comunicações feitas por Deus à alma.*

1 A moralidade duvidosa das mensagens telepáticas não deve de forma alguma enganar-nos quanto à realidade das comunicações divinas.
2 Como Deus se manifesta directamente aos seus servos.
3 A maligna natureza das comunicações telepáticas em oposição com a natureza das manifestações feitas por Deus.
4 Diversas formas como estas duas espécies de comunicações se podem realizar.
5 O dom das graças *gratis datae* concedidas aos Santos.
6 O dom das linguas ou *glossolalia*.
7 Este dom é possuido como qualquer talento vulgar e permanente.
8 O demónio, macaco de Deus.
9 Os seus esforços para enganar os homens.

CONCLUSÃO

1 Fim a que tendem as práticas espíritas.
2 O espiritismo pretende negar a necessidade da graça de Deus.
3 A imortalidade da alma humana pode ser suficientemente provada à luz da razão.
4 O espiritismo arrasta o homem para longe de Deus.
5 As substâncias espirituais malignas acobertam os seus actos com descobertas científicas.
6 O verdadeiro carácter do espiritismo só pode ser conhecido à luz da filosofia católica.
7 Mal causado à alma pelo espiritismo.
8 O espiritismo é a continuação da revolta de Satanás.
9 Aquele que procura a verdade não deve recorrer ao espiritismo.
10 Não há felicidade temporal nem espiritual fora da lei de Deus.